





Caro leitor,

Caso deseje adquirir este livro em versão **física/impressa**, pode-se comprá-lo neste link:
<http://clubedeautores.com.br/book/2412--DiPresto>

Esta versão e-book, embora seja de distribuição gratuita, está registrado na **Biblioteca Nacional** e tem seus direitos autorais devidamente protegidos.

Qualquer violação do conteúdo desta obra constitui crime. Só é permitida a postagem de trechos da mesma em sites de qualquer espécie – bem como em demais veículos de mídia – com a prévia autorização do autor.

Este arquivo pode ser compartilhado livremente (somente em formato **pdf**) e **sem custo**. Portanto, para fins de legitimação, deixam-se registrados os seguintes endereços oficiais, criados e gerenciados pelo autor:

Site Oficial: www.dipresto.com.br E-mail: dipresto@dipresto.com.br Profile original: http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=11203698258597873534 Comunidade original: http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?rl=cpp&cmm=85266557

DiPresto e a Ilha Fantasma

...

4ª Edição: 04/07/2009

Ilustração: Rosinaldo José Lajes

www.rjlajes.com.br

*Para meu grande amigo
Vinícius Passos, autor da notável filosofia:
“Duvidar do amanhã para que, se o amanhã
é a continuação do trabalho de hoje?”*

S U M Á R I O

Prólogo. O Sumiço de Darteus DiPresto	4
1. Valfrido DiPresto	12
2. Mar de Fogo	22
3. Um Sobrevivente	36
4. Pudim	54
5. A Ilha Mãe	71
6. Grandes Surpresas	84
7. Os Clandestinos	104
8. DiPresto e o Primódora	120
9. A Ameaça Pirata	134
10. O Espião do Alaúde	148
11. Dedos Alquimagos	162
12. Surpresas na Escuridão	178
13. Na Corrente Traíçoeira	194
14. A Ilha Fantasma	213
15. Sombras	226
16. Mistério na Floresta	241
17. O Habitante Secreto	256
18. Zental DiÁdora	270
19. O Labirinto Alquimago	279
20. Na Praia Sudoeste	294
21. Os Invasores	308
22. O Alquimago Traidor	325
23. A Melodia Secreta	339
24. A Última Cilada	358
25. O Último Adeus	369

Prólogo:

O SUMIÇO DE DARTEUS DiPRESTO

A última coisa de que Darteus precisava era ficar lembrando dos pés de seu já falecido avô... Eram grossos, e seu enrugamento natural costumava ser agravado pelas longas incursões do velhote nas águas salgadas do mar. Alguma comunidade bizarra de criaturas devia viver entre aqueles dedos, e havia ainda aquelas manchas esverdeadas cuja origem nem o mais sábio dos estudiosos da Natura decifraria...

Darteus precisava tirar aquela imagem nauseante da cabeça. Era a primeira noite de sua viagem de volta para casa, só que nem o mais sofisticado dos navios da Guarda dos Mares era à prova de enjôos. Já tinha ouvido os marujos falarem de todos os tipos de aprimoramentos: pintura à prova de fogo, cascos hiper-resistentes... Mas dormitórios à prova de balanço, nunca.

Para ele, bem que a água podia ser menos líquida. Tentou imaginar um grande oceano gelatinoso, e a visão do navio a deslizar por ele, de forma bem retilínea, pareceu distrair seu estômago por alguns instantes.

Sentiu seu pequeno quarto tombar para o lado. A madeira do navio soltou outro rangido longo e grave. Era mesmo idêntico ao ronco de seu avô... Pronto! Lá vinham os pés enrugados outra vez... Revirou-se na cama e enxugou o suor da testa, gemendo um xingamento.

Estava quase conseguindo solidificar o oceano de novo, quando ouviu batidas afoitas na porta do quarto:

— DiPresto! Darteus DiPresto, abra a porta, por favor! — chamava uma voz rouca e muito agitada.

— Pode entrar — falou Darteus, sem mover um mísero músculo.

A maçaneta foi sacudida várias vezes. Estava trancada.

— Abra a porta, DiPresto! — reclamou a voz, parecendo querer evitar falar alto.

Darteus soltou um gemido de tristeza. Sentou-se na cama, um pouco tonto, botou os óculos e zigue-zagueou até a porta. Virou calmamente a chave, mas assim que terminou, um velho atropelou a entrada com tanto vigor e pressa que quase derrubou Darteus.

Era Celet, o navegador. DiPresto só o havia conhecido quando embarcaram na manhã daquele mesmo dia, e seu estado de ansiedade não parecia nada corriqueiro.

— Feche a porta, rápido! — ordenou Celet.

— Abra a porta... feche a porta... — resmungou Darteus. — É melhor se decidir.

— Feche logo, vamos!

Darteus obedeceu, e caminhou lento e trôpego de volta para a cama. Celet andava de um lado para o outro, sem tirar os olhos dele.

— Desculpe a perturbação, mas preciso deixá-lo a par de tudo, antes que seja tarde.

— Tarde já é, Celet. Tão tarde que até os morcegos já devem ter ido dormir — brincou Darteus, mas arrependeu-se da piada ao imaginar os bichos de cabeça para baixo. Enjoado, espalhou-se todo de bruços na cama.

— Este navio está condenado! — falou Celet, firme e sério. — Será atacado a qualquer momento, e você pode morrer.

Darteus deu um suspiro sonhador:

— Ah... como seria bom morrer um pouquinho... — sua voz saiu abafada, já que ele estava de cara contra o travesseiro.

— Isto não é piada, homem! — irritou-se o velho. — Você corre perigo! Será que não está me entendendo?

Darteus virou a cabeça, olhou Celet com as sobrancelhas franzidas, e sentou-se na cama, de frente para ele.

— Olha, Celet, eu pensei que o rum fosse proibido nos navios da Guarda.

Celet avançou sobre ele e agarrou-o pela camisa.

— Já vi que você é muito bom pra piadas, DiPresto. Ouvi dizer que é muito talentoso, e que quase venceu o Encontro de Bardos, mas ouça bem: se ainda quiser ter a cabeça pra criar, e os braços pra tocar, é melhor me dar ouvidos.

— Você... só pode estar brincando... — falou Darteus, ainda incrédulo.

— Não tenho mais idade nem tempo pra isso, bardo. Adoraria ser bom com anedotas, mas... — o rosto dele ganhou uma ponta quase imperceptível de tristeza. — Acho que só sirvo mesmo pra navegar e seguir ordens.

— Mas então... por que estamos parados aqui? — Darteus agitou-se, visivelmente preocupado. Levantou da cama e correu até a vigia. Depois de observar a escuridão do mar, voltou-se para Celet. — Temos que dar algum alarme!

— Fique quieto, DiPresto! — rosnou Celet, de indicador aos lábios. Pegou Darteus pelo braço e sentou-o na cama. — Não é simples assim. Alguém desta tripulação entregou detalhes da nossa rota aos piratas. Se eu der o alarme, corro perigo e...

— Espere aí, Celet — interrompeu o bardo, cada vez mais confuso. — Piratas? Isso não faz o menor sentido. Que eu saiba eles são saqueadores! Por que alguém estaria tentando entregar aos piratas um navio lotado de garrafas vazias?

Celet apurou-se, com um brilho fulgurante nos olhos. Aproximou seu rosto enrugado de Darteus e falou em voz baixa e enigmática:

— Eu também acharia muito estranho, muito estranho mesmo... Mas sabe, DiPresto, eu já naveguei muito mais do que qualquer indivíduo de Polímagus. Já naveguei tanto, em tantos navios, que me tornei uma espécie de fantasma com o qual todos se acostumaram. — Celet fez uma pausa, e seus olhos entristeceram.

— Ninguém se importa de conversar assuntos importantes sem ter certeza de que o velho Celet não está ouvindo e... posso arriscar um bom palpite sobre o que este navio carrega de tão... valioso.

Celet disse aquilo bem devagar, encarando Darteus com uma seriedade brutal. De início o bardo abriu a boca para falar, mas de repente ele pareceu compreender alguma coisa, e um frio começou a brotar-lhe no estômago. O que aquele navio carregaria de tão valioso?... Seu rosto empalideceu.

Celet suspirou satisfeito, e quase sorriu ao ver aquela expressão em Darteus. Bateu amigavelmente em seu joelho e levantou, dirigindo-se apressado até a porta.

— Suponho que a conversa já tenha sido suficiente por enquanto. Eu descí um bote a estibordo, sem ninguém saber. Vou dar uma olhada no convés e vigiar o timoneiro. Fique aqui um minuto, depois vá escondido até o bote e me espere. Cairemos fora desse navio condenado, e remaremos até um local seguro. Você é jovem e talentoso, DiPresto. Ainda tem muito pela frente, e eu tenho muito o que descobrir disso tudo. Está bem assim?

Darteus levou alguns segundos para erguer o rosto.

— Sim... está bem — respondeu enfim, e Celet deixou o quarto.

Darteus estava perplexo. Assim que a porta se fechou, acendeu um lampião, jogou-se rapidamente ao chão e puxou para si a bagagem que estava embaixo da cama. Respirava rápido. Precisava verificar aquilo outra vez. Onde estava?...

Espalhou o conteúdo de sua velha trouxa de viagem na cama, revirou tudo, e verificou os bolsos das calças e camisas, até paralisar-se. Ali estava: o papel dobrado que antes havia soado apenas como um apanhado de palavras paranóicas. Darteus reviveu, num lampejo de memória, as circunstâncias em que aquele bilhete havia chegado às suas mãos. Viu-se no porto pela manhã, prestes a partir de volta para casa. Um garotinho vem correndo em sua direção,

pergunta-lhe o nome, entrega o papel e sai correndo para misturar-se ao movimento. Desdobrou o bilhete e correu os olhos pela escrita apressada:

*“Violaram minhas anotações
As suspeitas se confirmam
Grande perigo
Encontre-me no lugar secreto
Faremos a viagem final
Não confie em ninguém
Z.”*

Darteus engoliu seco. Seria apenas coincidência? Primeiro o bilhete, e logo em seguida um velhote bisbilhoteiro aparece, cheio de más notícias, querendo salvar sua vida. Não estava conseguindo organizar os fatos na mente. Tudo soava como um monte de suposições, mas havia algo muito concreto em que ele podia confiar: o medo... Dava para sentir e respirar um odor de mau presságio.

Olhou para a cama forrada com seus pertences. Não precisaria daquilo tudo, somente... Olhou para seu alaúde, guardado numa capa marrom surrada, recostado à parede. Alçou-o nas costas e foi até a porta.

Abriu-a lentamente e observou com cuidado os dois extremos do pequenino corredor: vazio. Estava num dos andares da traseira do navio, onde havia uma série de minúsculos alojamentos. Saiu o mais silencioso que pôde até a escadaria. Tentou, mas foi impossível não ranger alguns degraus. Ouviu passos vindos do convés. Rapidamente venceu os poucos metros restantes, e tentou esconder-se atrás de dois barris ao lado da entrada da popa.

Celet surgiu com um lampião em mãos, e parecia não estar reconhecendo quem estava ali.

— Nodin, é você? Vem vindo uma tempestade, Nodin! — avisou, em voz alta e rouca. — Veja só que ventania!

— Não, Celet. É Darteus.

O velho aproximou-se mais depressa, e iluminou Darteus com o lampião.

— Não precisa ficar aí escondido — criticou, baixando a voz. — Está tudo em ordem. Vamos, eu... — interrompeu a fala, observando o rosto do bardo com ares de reprovação. — Mas que cara é essa, DiPresto? Nunca vi um frangalho desses nem no espelho!

— Nada, Celet — gaguejou Darteus, tentando calcular as palavras. — É que o mar me deixa muito enjoado.

— Ora, mas... — ouviu-se um barulho de porta batendo dentro da popa, e Celet ficou agitado. — Essa não... Vem vindo alguém! Vá, DiPresto, vá para o bote e me espere.

Celet entrou rapidamente, e pareceu entabular animado diálogo com alguém.

Darteus correu os olhos por todo o convés. Bem à frente, próximo à proa, toda a construção que compreendia a casa do leme e a sala de estratégia estava acesa, mas não havia ninguém à vista. Era sua deixa. Correu para a direita do navio, debruçou-se na amurada e viu o bote balançando lá embaixo, ainda preso pelas amarras. Desceu até ele pela escada de cordas e acomodou-se, de coração disparado.

Os fatos insistiam em ecoar-lhe dentro da cabeça repetidamente. Não estava nada tranqüilo, e então percebeu que aquela sensação não era apenas o perigo natural que pressentia. Havia algo naquilo tudo que não se encaixava. O que seria?... Celet ainda não tinha aparecido. Darteus, então, teve um choque... Será que Celet abandonaria daquele jeito um navio que estava, supostamente, prestes a ser atacado? Será que ele, um navegador tão experiente, deixaria uma porção de marujos inocentes à mercê, só por causa de um ou dois traidores? Não... aquilo estava errado. Não sabia o que Celet pretendia, levando-o embora no bote, mas uma idéia o atingiu:

— Com mil refrões — sussurrou consigo. — Posso apostar que não há ataque algum!

Em meio à confusão de idéias e a excitação daquele diálogo com Celet, nem havia reparado no absurdo de seu comportamento.

— Ele só pode estar mentindo... Preciso ir embora daqui.

Desfez as amarras do bote, agarrou os remos e botou os braços para trabalhar. Não tirava os olhos do alto, torcendo para que Celet não aparecesse tão cedo.

Já tinha se afastado bastante, quando pôde ver a figura do velho surgindo por cima da amurada. Ele não estava fazendo gesto algum para Darteus, mas não se podia definir-lhe a expressão do rosto. Ficou ali por alguns instantes, e desapareceu.

Darteus remou com avidez, até que do navio nada mais restava além de uma pequenina mancha de luz ao longe. Recolheu os remos, soltando um gemido de cansaço. Precisava decidir seu destino, mas era difícil. Quase que instintivamente, pegou seu alaúde e o retirou da capa. Dedilhar as cordas costumava ajudá-lo a pensar melhor.

— Não, talvez não seja necessário — murmurou o bardo, pensando em voz alta. — Talvez eu esteja exagerando. Talvez... Zental esteja exagerando.

Um estampido abafado pela distância chegou aos ouvidos de Darteus. Depois outro, e mais outro. Eram canhões. Darteus, tomado de espanto, largou o alaúde, e forçou os olhos na direção do navio. Percebeu clarões que iam e vinham de lá, manchando a escuridão com luzes de fogo e fumaça. Não podia acreditar no que estava vendo. Logo, uma luminosidade amarelada tornou-se permanente e crescente. Em questão de minutos, o navio em que ele estivera converteu-se numa gigantesca tocha flutuante. À pouca distância dele, um outro navio assustador cintilava intacto.

Darteus sentiu-se fora da realidade. Não podia acreditar no que seus olhos estavam vendo. Se aquilo tinha alguma relação com ele, então precisava tomar providências drásticas. Precisava sumir, para que o segredo sumisse com ele.

Foi então que percebeu a dolorosa verdade: não podia ir para casa. Não podia arriscar chamar qualquer atenção, principalmente para seu filho...

1

VALFRIDO DiPRESTO

— DiPresto, venha cá, pirralho! — gritava Topac em meio à baderna. — Toque “Bufão-Bufão” pra mim, vamos! — Sentado numa das muitas mesas da única taverna existente na Ilha Cipreste, a “Rufu-Rufião”, Topac já quase desabava da cadeira, de tão bêbado. Tinha acabado de perder mais uma rodada no carteado, e queria expressar seu desapontamento “homenageando” seus oponentes com a performance de Valfrido para “Bufão-Bufão”.

Valfrido procurou em volta com olhos curiosos. Era um garoto de imaginação fértil, do tipo que podia olhar para as nuvens e morrer de inveja delas, ou olhar para os velhotes e enxergar árvores ambulantes. Mas ali, na taverna, olhava para homens embriagados e enxergava homens embriagados.

Correu um tanto desajeitado até Topac, carregando seu pobre alaúde. Tentava parecer animado e prestativo, mas ser chamado de pirralho aos quinze anos de idade era, para ele, como chamar um matusalém de “meu jovem”.

— O que disse? — perguntou Valfrido, confuso com a algazarra do lugar.

— Toque “Bufão-Bufão”! — repetiu Topac, tão alto que soltou cuspidelas contra o jovem bardo.

— É uma ótima pedida, Topac! — berrou um dos ocupantes da mesa, tossindo de tanto rir.

— Mas já é a quinta vez que pede essa! — reclamou Valfrido.

— Eu paro de pedir quando ganhar uma partida! Tome aqui um dóra! — falou Topac, estendendo uma moeda ao garoto. — Agora quero ouvir bem alto! — Ergueu animadamente sua caneca, sendo imitado por todos na taverna.

Valfrido, um tanto entediado, guardou o pagamento, posicionou o alaúde e lançou com força o primeiro acorde ao ar:

— *Bufão, bufão! Quantas cartas tem na mão??*

Quantas mãos têm ocultas, Bufão??

A voz do jovem bardo ressoava firme e clara, mas conforme a platéia começava a cantar também, a canção foi tornando-se uma tragédia de berros e grunhidos desafinados:

— *Corte as mangas! Quantas mangas!*

E as vitórias cessarão!

Façam desta a nova lei!

Viva, Rufu-Rufião!

Valfrido, de repente, parou de tocar, mas a barulheira era tão grande que ninguém percebeu de imediato que o alaúde estava mudo.

Uma corda tinha arrebentado. Valfrido baixou a cabeça, desconsolado, e as canecas desceram às mesas sob murmúrios de desaprovação. Era uma afronta... tamanho descapricho à música que fez vigorar a principal lei daquela taverna: era proibido jogar cartas usando mangas.

— De novo... é sempre isso — disseram alguns. — Se fosse com Darteus...

Valfrido olhou em volta, enraivecido e magoado.

— Oras, bebam pra esquecer! — foi-se indo embora aos silvos. — É só pra isso que servem! Seu bêbados!

— Não... julgue pela... aparência!... — resmungou um dos ébrios, quase debruçado no balcão. — Nós temos zentimentos!...

Quando o bardo atravessava emburrado a porta da Rufu-Rufião, alguém tocou-lhe o ombro.

— Ei, DiPresto!

Ele se virou, deparando com um homem barbudo e aprumado. Era Bolfat, o responsável pela fábrica de rum da ilha. Ele aparentemente estava tendo alguma conversa séria com outros sujeitos do lado de fora.

— Preciso que dê um recado à sua mãe — ele disse, sisudo mas gentil. — Peça a ela que vá à fábrica pela manhã, sim?

— Mas é o descanso dela! — respondeu Valfrido, indignado.

— Sim, meu rapaz, fique calmo... Só percebi uma coisa estranha por lá hoje, e preciso verificar com os trabalhadores. Não vai demorar.

— Está bem, eu aviso — respondeu o garoto, indo embora.

— E, DiPresto!... — falou Bolfat, chamando-lhe novamente a atenção. — Eu sinto muito...

A noite já estava avançada. Valfrido, caminhando a passos de tartaruga pela rua principal da ilha, não tinha ânimo de voltar pra casa naquele momento. Não estava nem um pouco interessado em desapontar a mãe, trazendo consigo uma quantia ainda mais mísera que a de costume. Se bem que podia visualizar com perfeição aquele rosto a sorrir, e suas palavras de conforto: “Não desanime, Frido. Tem se esforçado tanto, e é isso que importa”. Tinha razão.

Olhou em volta, notando a humildade dos casebres. Belíssimos apesar da privação de luxo. Na pequena Ilha Cipreste, assim como em muitas outras do Mar Polímagus, a pobreza realmente não era algo com que se preocupar, afinal, ninguém morreria de fome.

Mas era terrível... pensou consigo. Nem adquirir cordas de qualidade menos duvidosa ele poderia se as coisas continuassem assim. Seria obrigado a recorrer ao artesão Louter, o que francamente era um desperdício de suas parcas economias, como pôde comprovar naquela noite. Pensou que, apesar de Louter ser considerado o faz-tudo da ilha, ele sabia um monte de coisas mas não era realmente bom em nada.

Baixou os olhos para seu alaúde: estava bem velho. Mais essa ainda! Teve vontade de lançá-lo longe, mais precisamente na porta da oficina do Louter, por onde passava naquele exato instante. Engoliu seus ímpetos, e caminhou mais depressa.

Atravessou toda a rua principal e foi contornando a lateral do último casebre, onde havia a trilha que descia até a praia. Uma voz aguda e esganiçada o assustou:

— Valfrido!

O garoto virou-se, e viu uma figura velha, rechonchuda e extremamente excitada que apareceu na janela da cabana.

— Olá, dona Bromélia! — respondeu ele, de coração disparado, rezando pra que ela não o enviasse à coleta de alguma planta ou erva pela milésima vez em uma semana.

— Por que está zanzando por aí a essa hora da noite?

— É que eu estava...

— Você não é nenhum vagabundo pra ficar passeando no escuro! Eu vou contar pra sua mãe, e você verá só uma coisa!

— Mas ela já...

— E vou contar também que você tem andado com a menina DiLumis por aí! Oh! — Bromélia deu um suspiro de decepção. — Se o avô dela descobrir que a pobre netinha está de conversa com um vagabundo como você...!

Valfrido balançou a cabeça, esfregando o rosto. Já estava acostumado àquele azedume de dona Bromélia, mas o ruim é que sabia exatamente o rumo que o papo tomaria. E como sempre, não demorou nada:

— Venha cá, venha! — ela acenou insistentemente. — Não está ocupado, está? Oh, não! — exclamou, olhando para o alaúde. — Quebrou-se outra vez!

— É, mas eu...

— Então não vai se ocupar na taverna, pelo menos por hoje, certo?

Valfrido fez que não com a cabeça, desistindo de blasfemar mais pelo seu péssimo dia.

— Que bom! Foram os bons espíritos que guiaram você até mim!

A principal atividade dos bons espíritos de Bromélia era guiarem Valfrido até ela, coincidentemente nos momentos em que a velha precisava de algum favor.

Ela continuou, num tom sofrido e lamentoso:

— Minha saúde voltou a me dar problemas, sabe? Oh!... minhas vistas embaralham, e que perigo! Imagine se eu levar um tombo com as tonturas que sofro! Meus ossos, pobrezinhos, virariam farinha! Farinha! Você sabe o que é farinha?

Ele fez que sim, adivinhando e repetindo mentalmente a próxima frase da velha enquanto ela falava:

— Pois então, meu querido... Felizmente descobri uma receita infalível! Infalível! Você sabe o que é infalível?

— Sim, infalível é quando não falha — respondeu Valfrido, com voz monótona.

— Isso, isso! Pois então, Fridinho, o que sua mãe tem plantado ultimamente no jardim?

Valfrido coçou a cabeça, gaguejando enquanto tentava arrumar alguma desculpa.

— Bem, é que... na verdade... O jardim está com uma praga! — respondeu, fingindo desapontamento. — Minha mãe, coitada, está se virando do avesso para salvá-lo.

— Oh, não! — Bromélia ficou boquiaberta. — Isso é horrível! Terei de encomendar alguma coisa, então. Vai levar semanas! Será que viverei até lá?

— Sinto muito. Sabe, eu ficaria feliz se pudesse ajudar, mas...

— Oh! Que bom menino! Claro que pode me ajudar! Pode apanhar ali na praia algumas conchas bem graúdas? Bote todas aqui, tome! — deu-lhe, alegremente, um velho saco de pano. — Assim eu vou adiantando a receita enquanto os outros ingredientes não chegam.

— Está bem, dona Bromélia... Eu vou tentar.

— Vá, meu querido! Deixe-as aqui na janela quando voltar!

Valfrido virou-se, e mal deu três passos, ouviu outra exclamação da velha:

— E não se atreva a me espionar! Nem você, nem aquele seu amigo caolho!

Valfrido esbugalhou os olhos:

— Claro que não, dona Bromélia. Por que eu iria...?

— Bom mesmo! Não gosto de vagabundos que bisbilhotam os outros! — resmungando sem parar, Bromélia fechou a janela, e ainda podia-se ouvi-la falando sozinha: — Ai, ai... pragas no jardim! Isso é horrível! Você sabe o que é horrível?

DiPresto sabia exatamente o que “horrível” significava.

Desceu a trilha toda imitando os trejeitos e frases da velha, com caretas irritadas, até entrar na areia. A lua mostrava-se por completo naquela noite, iluminando a praia de modo que não serviria como desculpa para abandonar sua “missão”. Estendeu o saco marrom e sentou-se sobre ele, empunhando seu alaúde. Dedilhou alguns acordes, desafinados: a corda arrebitada havia arruinado a harmonia do instrumento. Não fazia mal. Era exatamente assim que Valfrido se sentia: desafinado.

Suspirou, percebendo-se tão ou mais azedo que dona Bromélia. Levantou-se e pegou o saco. Precisava tentar arranjar pelo menos algumas boas conchas. Não podia deixar Bromélia na mão. Apesar de estranha e mal vista por muitos, não era má pessoa. Solitária talvez. Além do mais, havia um fato do qual nunca se esqueceria, ocorrido quando tinha dez para onze anos...

Nessa época, seu grande amigo Sorfidis Murtod, um ano mais velho, fez uma viagem para a Ilha Mãe. Valfrido não se lembrava bem do motivo... algum evento de capitães, talvez. Mas jamais pôde esquecer de como as coisas ficaram estranhas quando Sorfidis voltou, semanas depois. Valfrido foi recepcionar o amigo na praia, mas o pai dele, o grande capitão Fantod Murtod, e alguns amigos, pareciam tentar escondê-lo. Levaram Sorfidis direto para o

casebre, e dona Bromélia foi chamada para lá. Valfrido não tinha idéia do que pudesse estar acontecendo. E eis que, um belo dia, Sorfidis simplesmente voltou a dar as caras, usando um tapa-olho. Nunca comentou com detalhes o que havia ocorrido. Disse apenas que um certo “incidente” havia ferido seu olho esquerdo, e que Bromélia tinha ajudado para que as conseqüências não fossem piores. Mesmo assim, Valfrido percebia que, dentre todos na pequena Ilha Cipreste, Sorfidis era o que mais temia aquela velha.

Moral da história: a pobre dona Bromélia tinha boa mão para curar pessoas. O problema é que ela passava quase todo o tempo tentando curar a si mesma. E para tal, vivia servindo-se do jardim de Perla, mutilando as plantas e o coração da pobre mãe de Valfrido.

Perla DiPresto trabalhava quase o dia todo na fábrica de rum, um emprego importante e bem visto por qualquer boêmio ciprestino, já que a Ilha Cipreste era a principal fornecedora da bebida em todo do Mar Polímagus. Tudo graças a um alquimago¹ engenheiro que projetou reservatórios eficientes e bem portentosos. Mesmo de longe podia-se ver os enormes tanques erguendo-se acima da mata, no meio da ilha. Era uma visão até poética para os apreciadores da bebida.

Mas a despeito de qualquer grandiosidade ou importância, o pagamento era baixíssimo. Mas Perla DiPresto sempre teve tendência por conformar-se facilmente com a maioria das coisas. “Temos tantas belezas com as quais nos preocupar...”, dizia sempre, esfregando as delicadas mãos, acocorada ao seu querido jardim.

Valfrido caminhava ao longo da praia, unindo a tarefa à oportunidade de um passeio espremedor. Em dois quartos de hora já estava quase para vencer toda a extensão sul da ilha, quando viu uma figura ao longe. A claridade irregular o impedia de identificar com certeza sua identidade. Foi aproximando-se atento, e não demorou a descobrir seu amigo Sorfidis Murtod em pé na água, que batia-lhe nos joelhos. Tinha o semblante sério e os olhos fechados na direção da

imensidão oceânica. Valfrido sorriu sem chamá-lo, mas levou um pequeno susto quando percebeu que ele estava sem o tapa-olho.

Embora fosse, a princípio, bastante incomum ouvir falar de um rapaz de dezesseis anos que usava tapa-olho e andava sempre equipado feito um legítimo marujo, o tempo tratou de tornar aquele acessório algo dominante e especial na imagem de Sorfidis: um jovem misterioso, austero e atiçador de curiosidades. O tapa-olho já era como uma parte de seu ser, quase como se ele tivesse nascido daquele jeito. Não era para menos: além de ser filho de um dos capitães mais notáveis da Guarda dos Mares, sua personalidade era um puro reflexo das almas aventureiras. Tanto que se alguém precisasse descrever Sorfidis, bastaria dizer que sua primeira grande pergunta sobre a vida não foi “de onde vêm os bebês?”, mas sim “de onde vêm os piratas?”.

Agora lá estava ele, inerte como uma rocha esculpida e deixada ao acaso. Por debaixo do luar, Sorfidis tinha a face contornada por um feixe esbranquiçado, e era como se envelhecesse muitos anos, não em idade, mas em alma e sabedoria. Parecia estar provando uma profunda paz, como se imaginasse estar navegando livre pela imensidão. Era impressionante, naquela situação, sua semelhança com o capitão Murtod.

Inseguro do que fazer, Valfrido apenas o observou por um ou dois minutos, preferindo ser percebido a interromper o que o amigo estava fazendo, fosse lá o que fosse. Por fim, acabou tocando-lhe o ombro de leve:

— Capitão?

Sorfidis despertou de sobressalto e, ao notar o amigo, botou rapidamente o tapa-olho, tomado de embaraço.

— Frido! O que faz aqui?

Ele ergueu o saco de pano.

— Adivinhe...

Sorfidis torceu as sobrancelhas.

— Puxa... a essa hora? Alguém tem que deter aquela velha.

— Por que ela só pede favores a mim? — resmungou Valfrido, enquanto começaram a caminhar lado a lado.

— Isso não é verdade. Uma vez ela me pediu um favor.

— É mesmo? Qual foi?

— Que procurasse você pra lhe pedir um favor.

Valfrido deu-lhe um empurrão no ombro, e após mais algumas piadas sobre dona Bromélia, foram sentar-se nas rochas. Observaram as ondas quebrando insistentes contra a margem pedregosa da ilha.

— Você por acaso vem aqui toda noite? — perguntou Valfrido. — É algum tipo de superstição marítima?

— Não... Venho às vezes, quando meu pai está navegando.

— Você parece preocupado. Não devia ter chegado um navio hoje? É o de Fantod? Estranho... é bem raro algum navio atrasar assim.

— Na verdade não. Hoje deveria chegar um tal de capitão Lurrone. Pelo que sei ele não costuma fazer essa rota, mas ouvi dizer que é candidato nas eleições para Primódora². O navio de meu pai chega amanhã. — Sordidis deu uma olhadela para Valfrido, temendo as possíveis conseqüências emocionais que assuntos paternos pudessem trazer a ele. Resolveu mudar de assunto: — Mas e você? Não devia estar na taverna?

— Meu alaúde me deixou na mão outra vez. Acho que o pessoal da Rufu-Rufião não anda gostando muito de mim.

— Se quer atrair o afeto deles, que tal uma fantasia de garrafa?

Valfrido soltou um resmungo e esfregou o rosto, parecendo incomodado.

— Não sei o que é pior, capitão... Imaginar-me fantasiado de garrafa, ou ter certeza de que, ironicamente, a idéia iria funcionar muito bem.

Um silêncio divertido instalou-se entre os dois. Até que Valfrido pareceu chatear-se outra vez:

— Sabe, esse é exatamente o problema. Se não fosse para ajudar minha mãe com uns míseros dóras, eu não iria lá quase toda noite, ficar tocando pra um monte de beberrões que não estão interessados em ouvir.

Sorfidis virou o rosto para trás, na direção da fábrica, e observou os reservatórios.

— É... Um dia o rum ainda acaba com essa ilha.

Outra onda explodiu contra as rochas. Valfrido deu de ombros, tentando conformar-se:

— Meu pai agüentou tanto tempo... Acho que não custa nada eu me esforçar um pouco. — Ele fez uma pausa, e então deu um sorriso leve e triste: — Sabe, eu nunca entendi por que um bardo tão incrível como ele veio viver numa ilha pequena como essa. Mas de uns tempos para cá comecei a perceber que ele sempre quis ir embora, para um lugar maior. Acho que, de certo modo, conseguiu.

— Não fale assim, Frido! — repreendeu Sorfidis. — Lembra do que meu pai disse quando voltou da última viagem? Sopraram o alarme pouco antes do navio ser atacado, deram por falta de um dos botes, e o único civil a bordo, que era Darteus, tinha sumido. Dois sobreviventes confirmaram. Entende? Ele pode muito bem estar vivo!

— Mas é disso mesmo que estou falando, capitão. Já faz dois meses. — Valfrido encarou profundamente o amigo. — Se ele está vivo, por que ainda não deu nenhum sinal?

2

MAR DE FOGO

Valfrido entrou e trancou a porta do casebre onde morava. O interior da casa estava escuro e amarelado pelos fachos tímidos do lampião. Moveu-se com cuidado para não acordar a mãe, mas logo ouviu-se o ranger de uma porta.

— Frido? — a silhueta sonolenta de Perla surgiu no cômodo. — Veio cedo... O que houve?

O garoto ergueu o alaúde ingrato. Botou-o sobre a mesa e sentou-se apoiando os cotovelos.

— Não adianta, mãe. Se continuar assim não vai ter como eu te ajudar direito.

Perla sentou-se perto dele, penalizada.

— Não diga isso, meu filho. Eu já acho má idéia você se ocupar naquele lugar. Mas se é lá que você pode fazer seu dom valer por enquanto, já é uma benção para mim, mesmo que não traga sequer uma moeda.

Perla de certa forma temia, naquele momento, que seus olhos dissessem tudo o que ela estava pensando... sobre como as coisas ficaram difíceis desde o desaparecimento de Darteus, e sobre isso significar a perda de grande parte da luz que seu filho trazia sempre. Ela sentia que Valfrido havia se tornado um pássaro molhado, que sentia o corpo pesado demais para alçar vôo. E além de tudo, o que a entristecia ainda mais, era o fato dele abdicar de sua preciosa juventude lutando para não poluir-se de um ambiente tão desagradável como a Rufu-Rufião.

— Frido, hoje na fábrica estavam comentando sobre tudo o que os garotos estão aprendendo com o mestre Folgus. Seria tão bom para você juntar-se a eles, mas tem que dormir parte do dia por causa da taverna. — Ela tomou as

mãos do filho com olhar suplicante e a voz suave. — Por que não deixa isso, filho? Logo seu pai voltará e...

— E se ele não voltar, mãe?

Um silêncio pesado instaurou-se no ar. Valfrido continuou:

— Já falamos sobre isso. Eu não vou deixar você lidar sozinha com tudo.

Perla suspirou longamente, igual a todas as outras vezes em que tentara dissuadi-lo da idéia. Tomou o alaúde do filho e analisou-o com pesar.

— Se ao menos eu soubesse onde seu pai guarda o alaúde dele, você poderia usá-lo.

Valfrido inclinou-se de repente e sacudiu o indicador na direção de Perla, como quem acaba de fazer uma descoberta.

— Arrá! Ele o levou pro Encontro de Bardos, e você sabe disso. Fale a verdade, mãe... ele tem mesmo outro alaúde, não tem?

— É verdade — admitiu Perla, após alguma hesitação. — Se significa tanto para você, acho que não faz sentido manter segredo.

Valfrido encarou-a com expectativa. Perla falou com a cabeça meio baixa, torcendo um pequeno fiapo de pano entre os dedos:

— Eu sempre soube. Ele apareceu com outro alaúde há quase um ano. Não queria que ninguém visse. Nem mesmo eu e você. Disse que era uma raridade, e que só o estava guardando por um tempo.

— Foi quando ele voltou da Ilha da Prole, não foi? — concluiu Valfrido, visivelmente interessado. — Bem que eu percebi uma bagagem a mais...

— Sim, mas... eu conheço cada cantinho dessa casa, filho, e garanto que não sei onde ele escondeu esse alaúde. Sinto muito, mas não sei. — Ela baixou mais a cabeça e suspirou. — Não sei onde ele está...

Perla estava esforçando-se por não chorar, e Valfrido sabia que não era por causa do alaúde. As notícias em Polímagus tinham a velocidade dos navios, e mesmo quando estes chegavam, nada traziam de satisfatório. Ao que tudo

indicava, havia grandes chances de Darteus estar vivo, e por isso mesmo aquela ausência de sinais tornava-se ainda mais angustiante.

Perla não conseguiu segurar. Levantou-se e virou de costas para o filho, tentando esconder as lágrimas.

Valfrido comoveu-se, e hesitou por alguns instantes, mas se aproximou dela e acariciou suas costas.

— O que foi, mãe? — perguntou ele. Estava confuso sobre o que dizer, e embora adivinhasse a razão daquela tristeza, por algum motivo suas palavras insistiam em desviar-se. — Não tem problema. Eu dou um jeito no meu alaúde, e tudo ficará bem.

Perla balançou negativamente a cabeça por alguns instantes.

— Não é isso, Frido. — Ficou então de frente para o filho. Seus olhos tentavam fixar-se nos dele, mas ficavam escapando para o chão. — É que eu fico tão exausta pensando, que às vezes... eu preferia saber que ele morreu, só para poder ter a chance de, ao menos, viver em paz. — Ela pareceu envergonhada de si mesma. — É algo horrível pra se dizer, eu sei.

— Não, mãe... Não se sinta mal. Eu também penso isso às vezes. Não quer dizer que não nos importamos. Sabemos disso.

Perla enxugou o rosto com os dedos, e respirou querendo recompor-se. Sorriu para Valfrido:

— Olhe só para você, Frido. De repente meu filho fala como um homem. E quer saber? Se me ajudar é o que você deseja, então vamos procurar aquele alaúde.

— É sério? — surpreendeu-se o garoto.

— Sim, Frido. Logo pela manhã, viraremos a casa toda do avesso se for preciso.

Valfrido animou-se de imediato, mas de repente sua expressão murchou:

— Ah, não, mãe... esqueci de dizer. Bolfat precisa que você vá à fábrica logo cedo.

— Ir à fábrica? Mas ele disse por quê?

— Não. Só disse que tinha percebido alguma coisa estranha e precisava verificar.

— Oh, o que será que houve? — suspirou Perla, chateada. — Parecia grave?

— Não sei, ele só falou...

— Pois eu não vou — disse ela com um sorriso. — Ele que resolva. Amanhã é meu descanso e eu quero passar um tempo com meu filho.

— Olha, mãe, é claro que eu quero que me ajude, mas não é melhor você ir? Bolfat pode não gostar. Não precisamos de mais confusão.

— Tem certeza, Frido? Por mim o dia pode ser todo para nós.

— Acho que tenho. Além do mais, ele disse que era coisa rápida. Eu espero você voltar, está bem?

Perla observou Valfrido por alguns instantes, e percebendo que o filho estava resoluto, balançou de leve a cabeça:

— Você cresceu mesmo... Está igualzinho a seu pai. — E com um longo beijo na testa do filho, retirou-se a passos leves e tranquilos.

Valfrido fechou a porta do seu pequeníssimo quarto e correu olhos em volta. Sua mãe havia mudado os móveis de posição, deixando a cama logo abaixo da janela, como sempre fazia em épocas mais quentes. Além dela, havia apenas um miúdo guarda-roupas.

Deitou-se na cama, largou o lampião no chão e ficou a projetar sombras na parede com as mãos. Chegou a perder um pouco a noção do tempo enquanto tentava formar um navio: as velas estavam sendo um problema aparentemente sem solução. Estava quase desistindo quando ouviu batidas em sua janela. Quando a abriu, lá estava sua amiga Elen DiLumis.

Ela recebeu Valfrido com um sorriso aberto, porém preocupado.

— Oi... oi, Frido — cumprimentou a menina, com seu costumeiro jeito silencioso e tranquilo.

Elen DiLumis tinha a pele bem mais clara do que a média para as ilhas menores, e seus traços eram todos suaves e precisos, exatamente como seus gestos. Ela nasceu na Ilha Vigia, o menor pedaço de terra habitado de Polímagus, que na verdade só era habitado por localizar-se num ponto bem estratégico do imenso arquipélago, ideal para vigiar o limite noroeste daqueles mares. Seus pais eram observadores na Ilha Vigia, mas conforme Elen foi crescendo, começaram a pensar que uma ilha tão minúscula, praticamente sem juventude, não faria bem para ela. Quando então seu avô Oton DiLumis foi convidado a assumir o farol da Ilha Cipreste, eles resolveram que era uma boa oportunidade para Elen viver num lugar um pouco mais movimentado. Ela adaptou-se bem, apesar de uma natural timidez, e tudo isso a fazia diferir bastante das outras pessoas da Cipreste. Sua personalidade simples e encantadora a aproximava muito de Valfrido, e seus olhos pequenos e argutos sob aquele semblante de águia, marca típica dos DiLumis, a aproximavam da alma navegante de Sorfidis. Assim, não demorou muito para que os três criassem grandes laços.

— Olá! — cumprimentou Valfrido, visivelmente surpreso. — O que faz acordada a essa hora?

— Você foi à taverna hoje, não foi? Meu avô estava lá?

— Seu avô? Não me lembro de tê-lo visto por lá alguma vez. Ele não está no farol? Pensei que vigiasse todas as noites.

— É, ele vigia, mas não está lá. E também não desceu em casa, então pensei em vir aqui perguntar.

Aquele receio de Elen era preocupante. Oton DiLumis jamais desapareceria sem dar notícias. Mesmo assim Valfrido tentou acalmá-la:

— Olha só, o farol está apagado. Você viu se tinha algum defeito?

— Nem reparei.

— Então... vai ver aconteceu alguma coisa e ele foi até a oficina do Louter — afirmou, lembrando-se de que o farol estava aceso quando encontrou Sordidis na praia. — Se quiser podemos ir até lá.

— É verdade — animou—se Elen. — Eu vou então, mas não precisa vir comigo. Você deve estar cansado da taverna e...

Valfrido já saltava pela janela:

— Deixa disso. Ultimamente aquele lugar só tem cansado minha paciência.

Os dois caminharam em silêncio até a oficina do Louter, rezando pra que as previsões se confirmassem, e logo ao longe puderam avistar uma luminescência que saía pelas frestas do galpão.

Ao chegarem diante da porta, notaram um absoluto silêncio dentro da oficina. Valfrido deu quatro batidas na madeira.

— Senhor Louter! — chamou ele, não muito alto. Após alguns instantes de espera, repetiu as batidas e o chamado, com maior intensidade. — Senhor Louter, está aí?

Nenhuma resposta. Elen estava ficando cada vez mais preocupada.

— Frido, e agora? Acho que ele...

Valfrido interrompeu-a com o indicador aos lábios, pedindo silêncio. Aproximou seus hábeis ouvidos da porta, e parecia estar captando algo lá dentro.

— Estou ouvindo alguma coisa — murmurou, franzindo as sobrancelhas. — Parece que...

A porta abriu-se com uma violência tremenda, e Louter agarrou Valfrido pela camisa, enquanto Elen caía sentada com o susto.

— Peguei, espião imundo! — berrou o homem, com sua voz grave e rouca.

Mas ele logo notou seu engano e largou Valfrido, que ficou lá duro e desgrenhado.

— DiPresto?! O que faz aqui, meu rapaz?

Valfrido gaguejou um pouco, de modo que Elen, levantando-se, tomou a frente:

— Desculpe vir a estas horas, senhor Louter, mas não encontro meu avô, e pensamos que ele pudesse estar aqui.

— Aqui? Oh, não, não... o que o mestre DiLumis estaria fazendo aqui? O lugar dele é no farol!

— Pois é — Valfrido ajeitou a camisa. — Acontece que no farol ele não está, veja.

Ele apontou o farol, mas via-se apenas a sutil silhueta negra da torre, onde o olhar de Louter fixou-se intrigado. Cofiou o gigantesco bigode, balançando a cabeça.

— Mas veja só... tão distraído eu estava que nem reparei nisso! — baixou os olhos severos para Valfrido. — Escute bem, garoto! Leve Elen pra sua casa e fique alerta. Tem algo muito esquisito acontecendo por aqui. Primeiro vejo um estranho zanzando pelo vilarejo, e agora essa história esquisita do farol e do sumiço de Oton — voltou-se para Elen. — Não se preocupe, minha jovem, vou carregar meu mosquete, chamar alguns daqueles beberrões da Rufião e fazer uma busca!

Louter foi bem efusivo e decidido. Tanto que nem deu tempo de os dois o questionarem quanto ao “estranho zanzando pelo vilarejo”. Como o ordenado, rumaram apressados em direção ao casebre dos DiPresto.

— Sente-se, Elen. Fique tranqüila — disse Valfrido, enquanto trancava a porta. — Está com fome?

— Não, obrigado — respondeu a menina, com um suspiro melancólico, acomodando-se numa cadeira lentamente, como se estivesse muito cansada.

Valfrido, por sua vez, tão logo virou a chave, já abriu a pequenina vigia da porta e passou a observar a rua com um misto de curiosidade e nervosismo.

— Você acredita no que o Louter disse sobre um estranho? Parece tão absurdo. Se um estranho perigoso estivesse na ilha todos saberiam. A não ser que ele se escondesse na floresta. Você não acha?

— Ah... o Louter vive encontrando “estranhos” em toda parte — respondeu Elen, no meio de um grande bocejo.

— Bom, isso é verdade. Deve ter saudades de quando trabalhava na Guarda. Mesmo assim, nunca o vi tão agitado, você não acha? — Valfrido esperou, saboreou o silêncio, e esbugalhou os olhos ao perceber um vulto do lado oposto da ruazinha. Alarme falso: apenas o embriagado Topac, que passou cambaleando e cantando trechos de “Bufão-Bufão”. — Sabe, Elen, talvez o Louter tenha mesmo se enganado. Talvez ele tenha visto alguém da taverna, ou até mesmo o Sorfidis. Eu não contei que o encontrei na praia hoje, contei? — esperou, sem resposta. — Elen? — ele afastou os olhos da vigia e virou-se para a garota. Ela tinha adormecido profundamente à mesa, com a cabeça sobre os braços. Valfrido observou-a por um instante, mas achou melhor não acordá-la. Disse um “boa noite” quase mudo, e retirou-se para seu quarto, desejando que Louter não demorasse a bater-lhe à porta, de preferência com um grande sorriso a escancarar-lhe o bigode e Oton a tiracolo.

* * *

Valfrido acordou com estranhos e assustadores ruídos vindos da rua. A claridade da manhã ofuscou sua visão, mas ele não esperou nem dois segundos para correr até o cômodo principal. Não havia ninguém.

Correu para vasculhar os outros cômodos: todos vazios. Sua mãe provavelmente já devia ter ido à fábrica, mas e Elen? Teria ido com ela? A gritaria chamou novamente sua atenção, e ele lançou-se à vigia da porta.

Quando viu o que se passava a poucos metros de seu casebre, sentiu seu corpo todo gelar.

Tomados de desespero, amigos e vizinhos pareciam estar sendo ameaçados e escoltados para o centro da ilha por um bando de homens maltrapidos, porém muito bem armados de mosquetes e espadas. “Piratas”, foi a única palavra que veio à mente assustada de Valfrido.

Alguns poucos corpos estavam estendidos ali no chão, mas a julgar pelo que se ouvia, qualquer morador que tentasse resistir ou debandar era impiedosamente sacrificado. Um terror invadiu Valfrido. Um terror que ele jamais havia provado na vida. Pensou em sua mãe, e a idéia de que ela provavelmente estava no meio daquele tumulto quase o paralisou.

Ao constatar que os assassinos estavam invadindo os casebres, ele correu trêmulo e desorientado até seu quarto. Pensou em sair pela janela, já que esta parecia levar ao lado oposto da horda. Logo antes de entrar, porém, pôde perceber que a janela estava recebendo pancadas, e logo cederia. Em desespero, deu alguns passos para trás. Precisava pensar, e rápido, pois em questão de segundos a casa estaria invadida. Lembrou-se de que seu pai guardava uma espada, bem como outras poucas tranqueiras, numa pequenina despensa por baixo do assoalho. Correu até o centro do cômodo e puxou para longe o grande tapete de palha redondo. Revelou-se no assoalho uma pequenina alça de metal. Puxou-a com força, olhou na direção do quarto e da porta, deitou-se sobre o compartimento e revirou as coisas em busca da arma. Um ruído de madeira se rompendo o fez tremer: seu quarto estava aberto.

Foi então que reparou bem no tamanho daquele depósito. Podia jurar que caberia ali dentro. Sem pensar duas vezes, entrou, agarrou o tapete e puxou-o por cima de si. Deitou-se encolhido lá dentro e fechou o pequeno alçapão.

A escuridão total só durou até seus olhos se adaptarem e ele conseguir enxergar fracamente através da pouquíssima claridade que entrava pelas finas frestas do assoalho além do tapete. Apesar da posição incômoda, a excitação e

o medo lhe davam preocupações maiores: o perigo de ser encontrado. Na medida do possível ia tateando aquele monte de caixas e objetos velhos em busca da espada. Sentiu algo ligeiramente viscoso ao esticar bem o braço esquerdo, e reparou que a estrutura da despensa estava bem úmida e apodrecida. Ia desejar que nenhum inseto ou bicho venenoso viesse rastejar sobre ele, mas ouviu pesados passos, que saíram de seu quarto e caminharam até sua direção. Ficou imóvel e aguçou os ouvidos.

Outro pirata entrou pela porta principal, e andou ao encontro do primeiro.

— Achou alguma coisa? — perguntou ele, com uma voz áspera e fina, ao pirata que invadiu pelo quarto.

— Acabei de entrar! — respondeu o outro. — Mas esse lugar é uma miséria! Não tem nada de valor!

— Tem razão! — o primeiro deu alguns passos na direção da mesa. — Ei! Veja só! Um alaúde! Mas como é velho!

— Será esta a casa daquele bardo?

A voz fina gargalhou:

— Pode ser! Mas que sorte!... Vamos ver se matamos dois tubarões com um só arpão!

Valfrido engoliu seco, ouvindo os dois simplesmente revirarem a casa toda. O que estariam procurando? A que bardo estavam se referindo? Ele? Seu pai? Algum bardo qualquer que caçou dos piratas? Sons de gavetas ao chão, pratos e vidros quebrando se misturaram a risadas tão fortes que chegaram a estremecer seus ouvidos.

Voltaram para perto do tapete que cobria o alçapão. Havia uma estante com vários papeis, alguns objetos e livros, que rapidamente foram lançados ao acaso. E por fim, para desespero de Valfrido, os piratas tombaram a estante, que caiu com ruído quase ensurdecador exatamente sobre o alçapão e boa parte do assoalho. Pedacos e farpas de madeira caíram-lhe na face, e a poeira suja começou a dificultar sua respiração. Tinha vontade de tossir, mas o instinto de

sobrevivência foi mais forte. Buscou forças para ficar imóvel o máximo de tempo que pudesse.

— Ei! Pro inferno com isso! — falou de repente a voz fina. — É melhor a gente ir logo embora daqui! Se aparecer algum navio da Guarda o imbecil do Zaper bota tudo pelos ares antes da hora, sem piscar! E a gente que se dane!

— É verdade! — O outro pareceu preocupar-se. — Vamos dar o fora daqui!

Valfrido concentrou sua atenção no gargalhar dos piratas, que logo foi se afastando até perder-se no som caótico da rua. Do que estariam falando? Não conseguia pensar direito. Não conseguia raciocinar.

Não quis sair de lá naquele momento, mas tossiu com força, sentido um alívio restaurador. Seus movimentos bruscos fizeram alguns objetos escorregarem e se afastarem dele. Estranhou aquilo, pois aparentemente o espaço parecia ter aumentado de repente. Ao virar a cabeça, viu que o impacto da estante fez ruir uma parte da madeira apodrecida da despensa, revelando o que parecia ser um compartimento extra. Ia voltar seus olhos para o alto, a fim de tentar erguer o alçapão, mas um estranho estojo, guardado dentro do novo compartimento, chamou misteriosamente toda a sua atenção. Era como se uma repentina hipnose atraísse seus olhos para aquele objeto. Arrastou-se e esticou o braço, puxando-o para si. Sem saber exatamente por que, sentindo uma pontada fria no estômago, abriu-o.

Seus olhos brilharam e sua mente esvaziou-se: lá estava, diante dele, o mais belo alaúde que Valfrido tinha visto em toda a vida. Em madeira avermelhada, lisa e pura, era quase como um espelho. Cada detalhe e peça pareciam esculpidos com incompreensível perfeição. As cordas, seja lá do que fossem feitas, resplandeciam um estranho azul prateado, que cintilava magicamente ao toque dos míseros facho de luz que entravam pelo assoalho.

Aquele transe durou quase um minuto inteiro, quando um estampido alto e distante se fez ouvir, seguido de um assovio extremamente veloz, que cortou o ar e pareceu atravessar o céu da ilha. Parecia um tiro de canhão.

Nesse instante, Valfrido teve noção de que precisava sair dali o mais rápido possível. Fechou o estojo do alaúde, que era fino, leve e ligeiramente flexível. Forçou a tampa da despensa para cima e ergueu-se com alguma dificuldade. Olhou pela porta arrombada: ainda havia gente correndo. Decidiu então arriscar novamente a janela de seu quarto. Vestindo a alça do estojo e acomodando-o às costas, correu até ela, e constatando segurança, saltou para fora, fugindo velozmente na direção da mata densa.

Tinha em mente um caminho alternativo até a fábrica. Instintivamente, então, virou o rosto para leste buscando avistar os grandes reservatórios, no exato instante em que outro estampido veio de longe, o assovio cortou o ar, e então o inacreditável aconteceu... Um dos gigantescos tanques de rum explodiu, todos os outros explodiram em seguida, despejando um monstruoso mar de chamas em tudo à volta.

Valfrido, sem tirar os olhos da tragédia, abraçou-se ao estojo e desmoronou sentado ao chão. Ele ouviu gritos e vozes de piratas vindo em sua direção e foi obrigado a levantar-se em nova fuga.

Enquanto corria a esmo pela mata, as únicas imagens que lhe vinham à mente eram de seus pais e amigos. Os piratas estavam se aproximando. Valfrido arriscou-se mais, sem esquivas e cálculos, cortou-se e arranhou-se por todo o corpo, mas nada sentiu, nada além da mais completa solidão... Olhou para trás. Viu uma incrível quantidade de fumaça em toda parte, e uma claridade crescente invadia a floresta num gigantesco jorro incandescente que se aproximava cada vez mais. O ruído grave do fogo era aterrorizante e surreal. Valfrido tropeçou numa traiçoeira raiz de árvore. A queda foi inesperada, e sua cabeça chocou-se com uma pedra. A tontura sobrepujou a dor, mas ele levantou-se sentindo a

testa umedecer, e continuou em largas e rápidas passadas, mesmo com tudo agora parecendo um estranho sonho.

Cambaleou quando atingiu a praia. Avistou vários botes vazios na areia, e bem fundo no mar havia um navio. A vista de Valfrido estava cada vez mais manchada, turva, mas aquela parecia ser uma embarcação da Guarda dos Mares. Precisava pedir ajuda.

A onda de chamas parecia muito próxima. Ele correu até um dos botes, que balançava entre a areia e a água rasa, jogou o estojo dentro e empurrou a pequena embarcação com todas as suas forças. Aos poucos foi escorregando-a para águas mais profundas. Lançou-se então a bordo e posicionou os remos, mas suas energias haviam se esgotado. Cada remada lhe custava um passo à beira da exaustão.

Pensou novamente no pai, na mãe e nos amigos. A agonia espremia seu coração, mas quando já estava sentindo-se quase inconsciente, largou tudo e puxou o estojo contra si.

Deixou o corpo ruir ao acaso. Disse adeus.

A luz do céu azul apagou-se.

* * *

Uma voz ecoou pelo imponente navio, vindo do alto do mastro principal:

— Capitão! Vejo algo estranho acontecendo! — gritou Rataguet, a observar por um monóculo, debruçado à borda do cesto da gávea.

— Não me diga que são piratas, Rataguet! Ou lavará o convés todo! — berrou Tuglas Lurrone, com voz retumbante.

— Temo que sim, capitão! — respondeu o navegador, extremamente preocupado. — Vejo muito ao longe, mas parece que ancoraram um navio a nordeste da Cipreste.

Lurrone, aturdido, posicionou seu monóculo e pôs-se a observar na direção da ilha:

— Não vejo tiros de canhão, mas vejo botes deste lado! — Lurrone tirou do bolso um golfídeo, espécie de apito prateado em forma de caracol, e pôs-se a soprar num dos bocais com força. A nota clara e imponente penetrou a distância. Em poucos segundos vários marinheiros subiram ao convés. — Carreguem os mosquetes e desembainhem as espadas! Vamos descer os botes e combater uma possível invasão pirata! Rápido, ou faço todos navegarem de saias por dez rotas!

Todos debandaram para aprontar seus equipamentos. Rataguet desceu do cesto e correu até Lurrone, que observava a ilha com ar intrigado.

— Capitão, está pensando o mesmo que eu?

— Se fala do motivo que nos atrasou um dia inteiro... — respondeu, em tom enigmático.

Não puderam mais formular qualquer frase. Ouvindo ecos de um estampido e uma explosão, seus olhos contemplaram um espetáculo apavorante. Tiveram de erguer seus monóculos outra vez para poderem acreditar, mas era exatamente aquilo: os tanques da Ilha Cipreste haviam explodido, e todo o líquido flamejava de forma sobrenatural, parecendo dominar a ilha numa incrível velocidade.

Rataguet virou o rosto para Tuglas Lurrone, mas tudo o que viu na expressão do capitão foi um silencioso terror.

3

UM SOBREVIVENTE

Valfrido abriu os olhos, mas por alguns instantes só o que viu foi um monte de borões coloridos. Pensou estar sonhando, em sua cama, e não quis acordar.

— Jade, é melhor não abusar da sorte! — disse uma voz anasalada e desconhecida. — Seu pai não é burro e vai perceber!

— E se ele tiver seqüelas? — reclamou outra, feminina, jovem e cheia de vida. — Esses curativos aí não servem pra nada! Vigie a porta enquanto eu aplico.

Valfrido viu então um dos borões aproximar-se, e ao sentir um horrível odor azedo de ervas, não teve outra reação senão erguer-se bruscamente, esbarrando em algo e fazendo uma mistura fétida voar até a parede.

— Ei! — gritou Jade. — Isso deu trabalho!

O homem que vigiava a porta virou-se e correu até ali com desespero nos olhos.

— Oh, não! Veja só essa sujeira!

Valfrido tentou ficar de pé, mas logo desabou ao chão, tamanha era sua tontura. O homem foi ao socorro dele, erguendo-o de volta para o leito, e então o fedor das ervas foi superado por um fedor de peixe.

— Sem movimentos bruscos, rapazinho! Você passou por maus bocados e precisa de repouso!

— Quem são vocês? — perguntou Valfrido, olhando em volta.

— Somos tripulantes do navio de Tuglas Lurrone, capitão da Guarda dos Mares. Esta é Jade Lurrone, filha do capitão, e eu sou Múrcius, cozinheiro de bordo! — estendeu a mão, e Valfrido apertou-a, percebendo então que o odor de peixe vinha dele. A palavra “cozinheiro” o fez compreender aquele avental

branco encardido que ele usava. Múrcius tinha um pescoço muito comprido e rosto magro. Sua imagem, apesar de qualquer desvantagem higiênica, inspirava certa simpatia.

Virou o rosto para Jade. Era uma menina miúda, mas aparentava ter a mesma idade de Valfrido. Seus cabelos negros escapavam em longos cachinhos por debaixo de uma bandana vermelha que lhe cobria a testa. Vestia uma singela camisa sem mangas, completada por um colete escuro e leve, exatamente o contrário de suas calças, que apesar de lhe caírem bem, traziam um estranho excesso de cordões e bolsos, parecendo-se muito com a que Louter usava de vez em quando para pendurar seu monte de quinquilharias. Mas o que mais chamou a atenção de Valfrido foram os olhos dela, incrivelmente verdes e vivos.

Jade tentava recuperar um pouco da gosma que grudara na parede, e então levantou-se e avançou em Valfrido.

— Pronto. Agora fique quieto e não desperdice meu tempo.

— O que é isso? — gaguejou ele.

— Você vai ver só. — Jade apertou o pano contra a testa do garoto, onde havia um grande hematoma.

A ferida doeu e o tonteou a ponto dele não conseguir conter um gemido sussurrado. Mas aos poucos foi sentindo a cabeça impregnar-se de um agradável frescor. Sentiu-se mais leve, sem aquele estranho peso na cabeça. Abriu os olhos novamente. Jade estava muito perto e ele viu um pequenino pingente que ela usava no pescoço. Pôde perceber nele um símbolo peculiar: um círculo limpo envolto por quatro pequeninos desenhos, representando água, fogo, terra e ar. Aquilo estava lhe transmitindo uma sensação estranha. Parecia ter visto algo similar em outro lugar... Logo lembrou-se: no estojo do alaúde que encontrou quando esteve escondido dos piratas. Afastou repentinamente a garota de si e olhou em volta, bastante agitado.

— Onde... onde está o meu alaúde?

— Calma, garoto. Está embaixo da cama. Mas fique deitado! — brigou Múrcius, agachando-se. — Deixe que eu pego!

Ainda que conhecessem a gravidade da situação, foi uma visão esquisita para Jade e Múrcius a reação de Valfrido ao botar as mãos naquele estojo e acomodar-se na cama com ele. O garoto pareceu mergulhar num misto de alívio e tristeza. Sem ter consciência clara do fato, Valfrido via naquilo uma espécie de último pedaço de algo que havia partido para sempre.

Uma voz masculina, sonora e imponente, gritou do lado de fora:

— Mantenham o rumo, vou descer e já volto!

Jade e Múrcius trocaram um olhar assustado.

— Seu pai está descendo, e agora?

— Vá lá fora e o distraia! — respondeu Jade. — Só preciso de tempo pra esconder esse pano e o cheiro! Não é muito.

Múrcius não pensou duas vezes, e em um segundo já estava fora do quarto. Jade lançou o pano esverdeado debaixo da cama, meteu os dedos num mini coldre em seu cinto e soprou em volta o que parecia ser um pó avermelhado. Em seguida, estalou os dedos no ar e num instante todo o pó vaporizou-se e sumiu. O odor horrível daquela mistura verde de ervas, bem como o do cozinheiro, desapareceram então por completo.

A garota virou-se para Valfrido, achando que precisaria explicar a ele o que acabara de fazer, mas ele não parecia estar nem um pouco impressionado, ou mesmo interessado no que se passara. Seus olhos continuavam fixos no estojo do alaúde.

Jade tinha boa noção do que ele podia estar sentindo, e queria muito fazer algo para ajudar aquele estranho, mas não sabia o que, nem como. Na verdade era muito mais fácil para ela contagiar-se das angústias alheias do que tentar resolvê-las...

A porta abriu de repente, e a figura que invadiu o quarto chegava a ofuscar todo o resto com sua presença. Valfrido ergueu a cabeça, e viu um homem que

quase não cabia dentro daquele cômodo. Devia ter um metro e noventa de altura e o vigor de um touro. Vestia, perfeitamente apurcado, o uniforme de capitão da Guarda dos Mares.

— O rapazote acordou. Isso é muito bom! — disse ele com uma simpatia austera, pousando seus olhos fundos e verdes em Valfrido. Fez menção de continuar, mas deteve-se ali e começou a farejar o ar.

Jade não tirava os olhos do homem, e parecia cada vez mais tensa.

— Jade... — falou ele, de um jeito monótono e sem encarar a menina. — E o cheiro?

Ela tentou manter a naturalidade:

— Mas... que cheiro, pai? Não estou sentindo nada.

— Nem eu. — O rosto do capitão estava forçadamente rígido, como se ele fizesse força para não explodir. — E... se não me engano, Múrcius saiu daqui não faz nem um minuto.

— Pai, eu só...

— Deixe-me a sós com o menino, filha. Já não basta tudo o que aconteceu, e você ainda traz essa maldição para cá? Depois conversamos. Agora vá.

Ela obedeceu, após uma olhadela tristonha na direção de Valfrido. Caminhou devagar e fechou a porta.

O homem ficou ali parado por alguns segundos, e parecia analisar profundamente a expressão de Valfrido.

— Sou o capitão Tuglas Lurrone, e você está num navio da Guarda dos Mares. — Puxou uma cadeira e sentou-se próximo à cama. — Qual é seu nome, jovem?

— Valfrido DiPresto — respondeu ele, com a voz quase presa na garganta.

— Qual a sua idade, DiPresto? Onde mora?

Valfrido franziu as sobrancelhas, mas vendo a assustadora seriedade de Lurrone, respondeu:

— Tenho... quinze anos, e moro na Ilha Cipreste. Mas...

— Ótimo! Sua cabeça parece estar em ordem! — Lurrone pareceu mais aliviado. Fez uma pausa, e inclinou-se mais para perto. — Deve lembrar-se, então, do que aconteceu na ilha, correto? Você foi encontrado desfalecido dentro de um bote. Teve muita sorte de escapar, garoto, muita sorte. — O pesar em sua voz fez Valfrido sentir um frio no estômago.

Um silêncio pesado vigorou no quarto. Valfrido queria perguntar algo, mas faltava-lhe coragem.

— Sei o que deve estar pensando — disse o capitão. — Sinto muito... mesmo com um posto como o meu, de tantas responsabilidades, há situações em que não me sinto preparado para... — Lurrone esfregava a mão no joelho, procurando palavras.

— O que quer dizer, capitão Lurrone? — perguntou Valfrido, sem gostar daquela conversa fiada.

— Bem, DiPresto... acho que você tem todo o direito de saber que... não encontramos nenhum outro sobrevivente.

Quem visse Valfrido naquele instante, não perceberia seu corpo reagir àquelas palavras. Mas sua alma, seu espírito, passou a provar o gosto terrível de uma verdade que ele até o momento estivera tentando esconder de si mesmo. Lurrone continuou:

— Nós avistamos um navio pirata ancorado perto da Cipreste, e nos preparamos para combater. Descemos os botes, mas... foi totalmente impossível sequer chegar perto da praia. — Lurrone olhava para o nada, lembrando-se das imagens surreais daquele fogo terrível consumindo absolutamente tudo. Pôs a mão no ombro de Valfrido. Sabia que seria impossível evitar o sofrimento daquele garoto no momento, mas sabia que podia dar tempo ao tempo. — Acredito que prefira ficar sozinho por agora, certo? Saiba que está entre amigos,

DiPresto, e pode contar conosco. Qualquer coisa de que precise, não hesite em pedir.

Tuglas Lurrone levantou-se pesadamente, e caminhou até a porta, mas logo antes de fechá-la, virou-se para Valfrido uma última vez:

— A grandeza de um indivíduo, meu jovem, está nele ser o melhor que puder, mesmo que o destino o afaste de tudo o que ele tem.

O capitão saiu, deixando o quarto aparentemente mais escuro e menor, quase do tamanho de uma gaiola.

* * *

Valfrido, pelo resto do dia, sequer levantou-se da cama, e recusou qualquer alimentação oferecida, fosse por Múrcius ou Jade. Sentia-se deprimido e sem forças. Lembranças de seus pais e amigos iam aos poucos incinerando a imagem que tinha de si mesmo, mas o processo parecia não ter fim: sempre havia um modo de piorar seu estado, sempre havia mais algum detalhe pelo qual culpar-se.

Ao cair da noite, a escuridão fez tudo a sua volta desaparecer, exceto um leve reflexo azulado da lapóia³, que batia no mar e atravessava a vigia do quarto.

Valfrido mexeu-se devagar, sentindo cada centímetro de seu corpo. Pegou o estojo do alaúde nos braços e, quase arrastando-se como um condenado, saiu do quarto em completo silêncio. Subiu passo por passo até o convés. Uma brisa trouxe-lhe o odor sutil do mar. Logo à frente, vinha distraidamente em sua direção um homem magro e alto. Estava fechando um caderninho nas mãos, quando notou Valfrido e parou, dando-lhe um olhar surpreso.

— Ora, como vai... Valfrido, não é? Como se sente?

O garoto baixou a cabeça, sem responder, e o homem se aproximou mais.

— Sou Rataguet, o navegador, às suas ordens. Sei todos os caminhos que as estrelas nos dão, todas as peças que o mar nos prega, todas as trilhas secretas das ilhas... — olhou para o alto e suspirou. — Quem me dera saber

também o atalho para o coração das damas... — riu e deu um tapinha no braço de Valfrido, mas ele claramente não estava com espírito para piadas. Rataguet conteve-se, adotando uma postura mais empática.

— Precisa de alguma coisa? Está com fome? Sede? Precisa jogar um pouco de conversa fora?

— Não, obrigado... — respondeu Valfrido, com voz baixa e rouca. — Só quero tomar um pouco de ar.

— Pois bem, o navio está a seu dispor. É minha hora de descansar, mas meu lugar é quase sempre lá em cima — apontou o alto do mastro. — Se precisar de mim... — deu outro tapinha no braço do garoto, sorriu amigavelmente e atravessou a porta da popa.

Valfrido observou-o por alguns instantes, respirou fundo e subiu as escadas para a traseira do navio. Olhou em volta. Estava então sozinho, ao som do ranger da madeira e da pulsação do autorremo⁴ contra as águas. Estava decidido... não sentia qualquer receio.

Caminhou até a amurada, e lentamente ficou de pé sobre ela. Olhou para baixo, contemplando seu destino em um turbilhão escuro de espuma. Fechou os olhos, abraçou o estojo, e preparou-se para saltar...

Quando respirou fundo pela última vez, seus hábeis ouvidos distinguiram um ruído muito sutil atrás de si. Por instinto, ou talvez por susto, Valfrido virou-se para olhar.

Jade estava ali parada a três metros dele. Trazia numa das mãos um pequenino embrulho, e na outra um biscoito de nozes mordido. Estava paralisada, e encarava Valfrido com incrível espanto.

Jade sabia o que ele estava fazendo ali, e Valfrido percebeu logo que ela sabia. Mas a hesitação mútua permanecia segundo após segundo...

A menina então, perdida na busca da palavra perfeita, da solução que não vinha, nada pôde fazer senão estender o biscoito para ele.

A mente de Valfrido virou do avesso. Aquele gesto tão natural, tão simples, puxou seus pensamentos de volta para aquele lugar... aquele navio... aquela noite. Ele moveu o braço aos poucos, até finalmente esticá-lo, e Jade caminhou mais alguns passos para que ele alcançasse sua mão. Valfrido pegou o biscoito devagar, mas os braços dos dois continuaram esticados por mais alguns segundos. Ele vagorosamente desceu da amurada e sentou-se no assoalho, sem olhar para o biscoito ou para Jade.

O autorremo pulsava, a brisa soprou seus cabelos contra seus rostos incertos. Jade sentou-se perto dele, também muito devagar, como se aquele instante fosse frágil feito uma folha seca.

Valfrido analisou então o biscoito de nozes. Jade deu um suspiro:

— É... não foi mesmo um dia bom.

Mais silêncio. Jade abraçou os joelhos e continuou:

— Mas Rataguet disse que amanhã vai ter sol com nuvens brancas.

Valfrido virou o rosto para ela.

— Obrigado por... me ajudar com isso — ele indicou o ferimento na testa, que já quase nem se via.

— Não foi nada...

Mais silêncio, outro golpe de brisa.

— Por que seu pai falou... daquele jeito com você? Ele é sempre assim?

— Não, não é! — respondeu Jade, com emotiva ênfase. — Ele... é muito bom comigo! — Ela virou-se de frente para Valfrido, e de repente sua expressão pareceu entristecer-se um pouco mais. — É só que ele... detesta alquimagia.

— Mas por quê? — perguntou Valfrido, mais por curiosidade que por contrariedade, já que ele próprio não sabia muito sobre alquimagia. Só chegou a ver dois ou três alquimagos de verdade em toda a vida, e mesmo assim eles nada fizeram de muito extraordinário.

— Não sei bem... — Jade baixou a cabeça. — Quando minha mãe morreu, ele ficou muito abalado, fez coisas estranhas... Foi há quatro anos, e agora ele está bem. Exceto quando me pega fazendo algum efeito.

— Mas... isso não faz sentido.

— Talvez não... — ela desviou o olhar dele, e mirou as estrelas. — Mas eu acho que... qualquer um pode fazer coisas sem sentido, quando perde alguém que ama.

Valfrido olhou-a com admiração, e uma certa vergonha. Por alguma razão, percebeu-se mais leve. Quase sem pensar, levou o biscoito de nozes à boca, mas antes que mordesse, Jade o impediu.

— Ei... melhor não comer esse. Eu o arruinei sem querer quando vi você. — Ela tomou o biscoito da mão dele e mostrou as manchas de bolor, brancas como nuvens.

Valfrido quase sorriu:

— Sol e nuvens brancas amanhã... Vamos ver então...

* * *

Valfrido ainda tinha muitas feridas a cicatrizar, mas já no dia seguinte da navegação, parecia querer demonstrar melhores ânimos.

Em conversas com Rataguet, Lurrone, Múrcius e Jade, ficou sabendo de muitas coisas interessantes, não só sobre a vida no mar e a rotina da Guarda. Pôde também pôr-se a par das táticas de Jade para estudar alquimagia escondida do pai. Quanto a isso, Múrcius era vital, já que freqüentemente era ele quem trazia livros e possíveis ingredientes de que ela necessitasse para alguma pesquisa ou prática. Livros e ingredientes estes que ela sabia muito bem como esconder caso Tuglas Lurrone fizesse uma de suas freqüentes inspeções surpresa.

No terceiro dia de navegação, lá estava Lurrone à mesa de refeições, com toda a tripulação, quando Valfrido decidiu juntar-se a todos para o almoço, pela primeira vez.

— Mas vejam só! — exclamou Lurrone. — Que bom vê-lo junto a nós, DiPresto! Sente-se e coma, vamos!

Ele obedeceu com certa timidez, enquanto alguns sorriam e outros apenas olhavam.

— Você ouviu o que estávamos comentando? — perguntou Rataguet. — Hoje à noite chegaremos à Ilha Bélica.

— Quanto mais rápido, melhor — disse um dos marinheiros, enfiando uma colherada de ensopado na boca.

— E o que farão lá? — perguntou Valfrido.

— Temos que reportar o que ocorreu na Ilha Cipreste, meu jovem — disse o capitão, e todos ficaram muito sérios. — O grantimão Nordago precisa saber, para que tomemos providências imediatas contra esses piratas.

— Maldita escória do mar... — praguejou Múrcius, enchendo o prato de Valfrido. — Tome, é ensopado de galinha dourada. Está ótimo!

A princípio, Valfrido duvidou que alguém tão anti-higiênico pudesse cozinhar algo bom. Estava quase sem fome, mas o cheiro estava ótimo, e provando uma temerosa colherada, pôde constatar que nunca comera um ensopado tão delicioso. Após seu gesto de aprovação, todos na mesa comemoraram de repente, fazendo-o quase engasgar de susto.

— Viva! — riu Rataguet. — Todos duvidam, todos.

— Está vendo só, DiPresto? — falou Lurrone. — Não é saudável poder saborear um bom frango?

O garoto estranhou o tom com que o capitão dizia aquilo, e achou ainda mais estranho quando Jade respirou fundo e balançou a cabeça, parecendo irritada.

— Se dependesse dos alquimagos — continuava Lurrone —, nós só comeríamos plantas o dia todo! Mas eles são espertos, é claro... Não exageram em suas intromissões na Lei para não ficarem mal-vistos. Eu sei bem... — ele deu uma risada leve e irônica, e a mesa ficou calada.

Após mais alguns minutos de refeição silenciosa, Valfrido reabriu a conversa, tentando desfazer os ecos do assunto anterior:

— De onde vêm esses tais piratas de que sempre ouvi falar?

— Bom, alguns deles são criminosos condenados que conseguem fugir e unir-se a piratas — respondeu o capitão.

— Sim... mas e os piratas, quem são?

Todos os outros entreolharam-se de modo estranho, e Lurrone tomou a palavra novamente:

— Ninguém sabe ao certo, temos de admitir. Mas tudo leva a crer que... — uma pausa, alguns pigarros aqui e ali — devem ser de terras distantes.

— Eu não acredito, capitão — disse um marinheiro, com olhos esbugalhados e vidrados em Valfrido. — Está tudo no Livro da Natura! A Natura fez Polímagus para o homem habitar em paz. Aquele que tenta sair, acaba possuído pelo Mal!

— Então... — Jade meteu-se na conversa, parecendo zangada. — Os piratas são homens que tentaram sair de Polímagus, é isso?

— Sim, é claro! — respondeu o marinheiro. — É o castigo por desobedecerem a Natura.

— Castigo para quem? — retrucou a menina. — Para os piratas ou para as pessoas inocentes que eles...

Um barulho interrompeu Jade e chamou a atenção de todos. Na janela atrás de Lurrone, pousou um belo papagaio, que de imediato abriu o bico e grasnou com incrível eloquência:

— *Quem inventou o chulé e as melecas? Ninguém me questione... foi o capitãããoo Burrone!*

Lurrone, tomado de susto e raiva, cuspiu um pouco de ensopado, sacou sua espada e partiu para cima do pobre bichinho. Jade, desesperada, tentou contê-lo, e o capitão errou o alvo, arrancando uma lasca do batente.

— Maldito animal! — berrava ele, brandindo o punho cerrado no ar e observando o papagaio voar para longe. — Parece estar sempre à espreita! Estamos várias horas distantes da próxima ilha! Nenhum papagaio consegue voar tamanha distância, e só pra flamejar meus nervos! Aposto que ele se esconde aqui no navio, só pode ser!

— Calma, pai! Que absurdo... — disse Jade, claramente chocada. — Deve haver tantas ilhotas por perto... não seja tão paranóico. Vamos sentar e comer?

— Perdi a fome! Vou para os meus aposentos descansar, e depois realizarei buscas por todo o navio. Sim... essa ave me paga... Ela é o amaldiçoado que anda lhe ensinando essas coisas!

Valfrido observou, pasmo, aquele homem indo embora como um touro martelado nos miolos. Olhou toda a mesa, e o que viu foi uma grande mistura de rostos constrangidos e alguns risinhos.

* * *

— Ilha Bélica à vista! — berrou Rataguet, de dentro do cesto da gávea.

Logo o convés foi tomado por todos que estavam no navio, e em seus rostos estampou-se a satisfação corriqueira que atingia a qualquer marinheiro que avistasse terra firme.

Valfrido subiu por último, muito pouco animado, mas quando enxergou aquele farol ao longe, girando um belo facho azul em torno de si, sentiu uma pontada de alívio e segurança.

A noite já cobria inteiramente o céu, mas conforme o navio se aproximava da Ilha Bélica, a luz do farol dava uma impressão menos ofuscada da imponência daquela terra. Valfrido viu três, talvez quatro grandes montanhas; e muitos focos de luz, fracos àquela distância, deitavam-se aos pés da ilha:

lembrou-se então de que ela era uma das únicas que tinha um porto adequado a navios.

— Já veio aqui alguma vez? — perguntou Jade, ao lado de Valfrido.

— Não. Eu já naveguei algumas vezes, mas nunca tão longe da Cipreste — afirmou ele, um pouco envergonhado de sua falta de aventuras.

— O quê? Acha isso longe? Como pode?! — Jade parecia muito incrédula, e aquilo envergonhou Valfrido. — Mas então acho que vai gostar de sua primeira grande viagem... A Ilha Bélica é um ótimo lugar.

— Bem, eu sei que ela tem uma das melhores tavernas que existem — disse ele, tentando amenizar sua imagem de novato.

— Disso eu não tenho como saber. Quer dizer, é o que falam por aí, mas nunca entrei numa taverna. — Ela riu: — E meu pai... nem sei o que faria se eu entrasse numa.

— Ah, pois eu sim já entrei numa taverna. Afinal, sou um bardo.

— É mesmo! E como é? — Jade abriu bem os olhos.

— Algum dia eu lhe contarei... — disse Valfrido, dando tapinhas de consolo no ombro dela, e sorrindo por ter virado o jogo. Recebeu em troca um tremendo rosto carrancudo. As reclamações soariam, mas Rataguet novamente se fez ouvir do alto:

— Capitão, vamos atracar no porto em alguns minutos, mas estou vendo algo muito estranho!

— Espero que não sejam problemas! — disse Lurrone, por entre os atentos marinheiros. — O que está vendo?

— É pequeno! — berrou Rataguet. — Está se aproximando... Oh, sim! É um papagaio!

Todos caíram na gargalhada. O capitão reagiu de imediato:

— Pois que preparem um canhão para eu atingir o alvo! E desça daí, Rataguet, pois vou usar sua cabeça como bala!

Capitão Lurrone foi o primeiro a descer do navio, sob o olhar curioso dos guardas do porto. Aparentemente, a presença dele naquela ilha era muito inesperada, tanto que pareciam pressentir algo grave.

— Preciso falar com o grantimão Nordago urgentemente — disse ele aos guardas. Em seguida virou-se para sua tripulação: — Vocês, descansem como quiserem, pois talvez eu demore a voltar. DiPresto, preciso que venha comigo.

Meio a contragosto, o garoto botou o alaúde às costas e desceu para junto do capitão. Sabia que, como único sobrevivente do horrível ataque, tinha por obrigação informar tudo o que fosse necessário, mas muito lhe doía continuar cutucando aquela enorme ferida.

Acompanhou então Lurrone e mais dois guardas através do porto, até uma grande rua de areia extremamente grossa, aberta por entre a densa mata. Era uma subida um pouco mais desgastante do que a trilha que Valfrido estava habituado a fazer em sua ilha, mas logo contornaram uma imensa rocha e chegaram ao vilarejo.

Os olhos do garoto lampejaram: havia o triplo de casebres em relação à Cipreste, talvez mais, e cada um deles era maior e mais firme do que qualquer moradia que ele já tivesse visto. Um movimento constante predominava nas ruas, bem como sons de gente conversando por todos os lados. Deixou-se levar pelos encantos daquele lugar, e nem se deu conta do tempo que se passou até o momento em que pararam diante de um grande e sólido casarão.

— Entrem, vou anunciá-los a Nordago — convidou um dos guardas, abrindo a porta dupla da entrada.

Logo ao dar os primeiros passos adentro, Valfrido notou várias similaridades entre aquela construção e a moradia do grantimão da Ilha Cipreste. A decoração do salão principal era extremamente formal: assentos dispostos para reuniões formais, mesinhas formais, e nada de quadros retratando familiares... apenas imagens de símbolos governamentais e personalidades célebres.

DiPresto e Lurrone foram convidados a ocuparem um aconchegante assento de dois lugares, o que aceitaram de bom grado. Mas o alívio às quatro pernas durou pouquíssimo: levantaram-se rapidamente quando o grantimão Nordago deu o ar de sua graça no salão. Parecia preocupadíssimo.

— Capitão Tuglas Lurrone, que bom vê-lo! — cumprimentou ele, logo antes de um abraço repleto de efusivos tapões nas costas, e para tal Lurrone curvou-se ligeiramente, pois o outro era bem mais baixo, bem mais careca, e rechonchudo como uma foca. Na verdade, em tudo Nordago lembrava uma foca...

— Mas minha presença aqui é um mau sinal, correto, Gran-Nordago?

— Realmente, eu esperava vê-lo de novo só daqui a duas ou três semanas! Mas... — lançou um olhar curioso para o rapazinho magro e tímido que estava ali de pé. — Posso saber quem é seu jovem amigo, capitão?

— Oh, sim! Este é Valfrido DiPresto, um bardo que veio conosco da Ilha Cipreste.

Os dois apertaram as mãos longamente. Nordago parecia admirado:

— DiPresto... DiPresto... — murmurou pensativo. — Seja bem-vindo! Então é um bardo? Que ótimo... sou fascinado por alaúdes e... — estendeu a mão para tocar o estojo, mas Valfrido afastou-o ligeiramente de seu alcance, num gesto instintivo de proteção. Trocaram então alguns olhares constrangidos, e Nordago voltou-se para Lurrone:

— Bem, sentem-se, sentem-se...! E acabe com minha curiosidade antes que ela me renda um colapso, meu bom capitão! O que o traz à ilha tão cedo?

Os três acomodaram-se, e Tuglas suspirou profundamente antes de começar.

— Houve uma tragédia horrível na Ilha Cipreste, gran-Nordago. Ela foi invadida por piratas e... está completamente destruída, bem como... seus habitantes. — Fez uma pausa, durante a qual estampou-se um espanto incrédulo no rosto do grantimão.

— O quê? Capitão, tem certeza do que está me dizendo?

— Sim... sei que parece absurdo, mas é verdade. Chegamos à Ilha Cipreste com um carregamento. Logo ao longe avistamos um navio pirata ancorado, e estava bem disfarçado.

— Um navio pirata? — perguntou Nordago, com os olhos brilhando. — Apenas um?

— Realmente entendo o que o senhor quer dizer, mas não foram exatamente os piratas que causaram tamanho estrago. Na verdade os reservatórios de rum haviam explodido, e quase toda a ilha estava em chamas. O fogo espalhava-se de uma maneira... fora do comum.

Valfrido baixou a cabeça, sendo novamente incomodado por suas lembranças. Os reservatórios... a fábrica... sua mãe... Elen... Sorfidis... todos tragados injustamente por um triste destino. E ele restou no mundo para sofrer de culpa. Um aperto em seu peito começou a ficar mais forte, e ele teve receio de chorar diante daquelas duas imponentes autoridades. Respirou bem fundo, guerreando internamente pelo controle de suas emoções. O grantimão levantou-se, passando as duas mãos por toda a careca, e juntando-as na nuca. Caminhou até o retrato do primódora, suspirando baixíssimas exclamações de indignação.

— Piratas... não faz sentido! Por que explodiriam os reservatórios? O rum da Ilha Cipreste é a única razão que me vem à mente para justificar uma invasão dessas!

— Não sei se realmente foram os piratas que fizeram isso, mas pode ter sido um acidente — sugeriu Lurrone. — Um tiro perdido de mosquete, e tudo vai pelos ares. Provavelmente um tiro de canhão, mas...

— Foi um canhão, eu ouvi! — falou DiPresto, estreando sua voz naquela discussão. Os outros dois olharam intrigados para ele.

— Ouviu? Ouviu o quê? Pode ter se enganado, no meio de tanta confusão... — O grantimão conteve repentinamente as próprias palavras. Deu-se conta de que Lurrone havia apresentado aquele garoto como sendo um

ciprestino. — Oh, meu jovem!... Não... não há necessidade de torturá-lo com essa discussão. Deve ter sofrido maus bocados... É melhor deixar que nós da Guarda tomemos as providências necessárias, afinal, esta é nossa obrigação!

— Muito me doía a idéia de trazê-lo aqui — disse Lurrone —, mas pensei que o relato dele poderia ser imprescindível diante da gravidade do fato. Mas também acho injusto continuar importunando esta alma tão jovem com conflitos tão sujos.

— Sim, concordo plenamente! — Nordago aproximou-se de Valfrido, e pousou-lhe a mão no ombro. — Não precisa ficar aqui se não quiser, valente DiPresto. Vá descansar. Quer que eu chame um guarda para acompanhá-lo de volta ao navio?

— Não, obrigado — disse Valfrido, levantando-se aliviado. — Eu... acho que vou dar uma volta e conhecer a ilha.

— Sim! Faça isso! E tome — Nordago virou na palma da mão um saquinho de moedas. Segurou-as com firmeza, e seus olhos expressaram imensa tristeza. Um tanto reticente, estendeu os dóras para o garoto. — Isto não é nada, absolutamente nada. Mas se ajudá-lo em alguma coisa, já é um começo.

Valfrido pensou em negar, mas isto certamente desencadearia uma aborrecida discussão que ele não estava disposto a enfrentar. Agradeceu, olhando para a própria mão cheia, bastante embaraçado. Despediu-se dos dois, e já ia saindo quando Lurrone dirigiu-se a ele novamente:

— Não demore a voltar para o navio, Valfrido. Vou para lá assim que terminar esta conversa.

O garoto virou-se pesaroso para ele:

— Obrigado, capitão, agradeço muito. Mas... seu navio não é minha casa.

Quando a porta dupla fechou-se novamente, capitão e grantimão entreolharam-se. Lurrone deu um ligeiríssimo sorriso, pois havia compreendido que aquelas palavras do bardo não tinham soado como rebeldia. Confiava na

força de Valfrido, e sentiu que aquilo podia ter sido um lampejo de sua recuperação.

4

PUDIM

Valfrido saiu da morada do grantimão, mas não caminhou para a direita e muito menos para a esquerda. Em vez disso sentou-se num dos degraus que subiam para o casarão. Tentava encontrar soluções para sua própria existência. Não podia depender de capitães, e muito menos ficar enfurnado dentro de um navio. Era um bardo, e sua natureza não permitiria traições. Sentiu falta da Rufu-Rufião, e daquelas pessoas que mal conhecia, mas que tanto pareciam gente de complexidade poética quando sentavam-se por horas diante uns dos outros para descarregarem suas mágoas.

Não... não tinha saudades da Rufu-Rufião, tinha saudades de tocar, de fazer com música aquilo que com palavras era impossível... mover instantaneamente as emoções de qualquer pessoa com melodias. Melodias que traziam à tona a essência mais profunda dos sentimentos humanos, e deixavam-se então compreender, finalmente. Teve vontade de sentir outra vez um alaúde em seus dedos, e não se conteve. Botou o estojo no colo, e abriu-o com cuidado. Seu coração sentiu-se como na primeira vez que viu aquele instrumento único. Apossou-se dele lentamente, posicionou-se e experimentou alguns acordes.

Foi então que seu deslumbramento aumentou ainda mais: a afinação estava perfeita; as cordas, seguras e maleáveis, quase contornavam-lhe os dedos harmoniosamente, obedecendo com exatidão a ambas as mãos. E o som, claro, brilhante, indescritível e incomparável, parecia vibrar suavemente junto ao peito do rapaz. Transbordou em Valfrido, então, uma excitação estranha, nostálgica, intensa como jamais provara... Pegou-se tocando uma canção antiquíssima, das primeiras que seu pai havia lhe ensinado, quando Valfrido tinha apenas três ou quatro anos de idade. Parou, envolvendo-se na lembrança.

Sorriu um contentamento tranqüilo, guardou o alaúde no estojo, lançou-o às costas e levantou-se para caminhar.

A noite ali não era tão escura quanto as noites da Cipreste, já que havia alguns pequenos postes com lapóias aqui e ali. Aos poucos, quando estava no que acreditou ser a região central da Ilha Bélica, foi reparando em algumas poucas figuras mal-encaradas por quem ia passando. Algumas escondiam-se nas sombras de becos como se fossem bichos à espreita de algo. Isso assustou Valfrido um pouco, e o fez caminhar para uma região do grande vilarejo que parecia ser mais iluminada e movimentada. Mal deu alguns passos, ouviu um bater de asas beco afora, e após pousar sobre um barril abandonado no canto da rua onde Valfrido estava, o papagaio recitou:

— *Papo de menos e rum na mão! Passe uma moeda, querido mandrião!*

O garoto franziu as sobrancelhas, e teve quase certeza de que era o mesmo papagaio que havia enfurecido Tuglas Lurrone com sua aparição no navio. Caminhou para perto dele, espantado por ser a primeira vez que um animal lhe pedia dinheiro.

— Olá... — Valfrido olhou em volta, envergonhado por tentar conversar com o bicho. — Você é um papagaio bem corajoso. Tem nome?

— *Papo de menos e rum na...!*

— Está bem, está bem! — interrompeu Valfrido, sorrindo e procurando suas moedas. — Quem o ensinou a falar assim?

— Pudim! Venha cá agora ou... — Jade calou-se ao notar Valfrido junto do papagaio. Ficou constrangida quando o rapaz, estendendo um dóra ao pássaro, virou-se para ela. — Ei, não dê isso a ele! — gritou de repente, quando Pudim pegou a moeda com o bico e saiu voando para longe.

— Jade? Você conhece esse papagaio? — perguntou Valfrido.

— Claro que conheço... Ele é meu.

— É seu? Puxa... quando seu pai souber... Por acaso é você que ensina ele a caçar daquele jeito?

— Claro que não! E meu pai não vai ficar sabendo. A não ser que alguém conte a ele! — Jade preparou seu olhar mais intimidador.

— Bom... sou ótimo em guardar segredos — disse Valfrido, coçando a nuca. — Mas então, quer que eu ajude a procurá-lo?

— Não adianta. Graças a você, Pudim deve ter ido à taverna gastar aquela moeda.

— Mais essa... Vai me dizer que seu animal de estimação pede esmolas para comprar rum?!

— Só pra você ter uma idéia, não fui eu quem o batizou de Pudim. Seu nome completo era Pudim de Rum, e foi dado por um bando de bêbados na Ilha Mãe!

Valfrido ia rir, mas logo manteve a seriedade, já que a garota não parecia interessada em gracinhas.

— Preciso encontrá-lo depressa — continuou Jade. — Aposto que meu pai vai partir ainda esta noite, e Pudim com certeza não sairá da taverna enquanto não amanhecer!

— Por mil refrões... É um legítimo boêmio. Eu sinto muito.

Jade teve um estalo:

— Você é bardo. Você pode ir à taverna! A Cerebreta fica aqui perto! Pudim com certeza deve ter ido pra lá!

Valfrido coçou de novo a nuca.

— Não sei não, Jade... Pode não ser uma boa idéia.

— Seu dóra, sua responsabilidade.

Valfrido teve de resignar-se e ir andando. Seu medo não era a taverna, mas sim uma possível bardalha.

Jade acenou de longe, sorrindo esperançosa:

— Espero você no navio!

Não foi difícil encontrar a Cerebreta, considerada uma das melhores tavernas de toda Polímagus. Sua fachada gigantesca era iluminada por duas pequeninas lapóias de foco direcionado ao belíssimo letreiro de madeira. Mais abaixo, em frente à porta fechada, postava-se imóvel um homem tão barbudo e tão cabeludo que só se via de seu rosto um par de olhos extremamente vazios.

Valfrido caminhou até o estranho, julgando ser ele o guardião da Cerebreta.

— Boa noite! — cumprimentou o garoto, gentilmente. — Posso entrar?

— Não sei — respondeu a figura, com voz grossa e anasalada.

Valfrido esperou alguma resposta mais concreta, alguma explicação, mas aquele silêncio o deixou ainda mais confuso.

— Pois então, tem alguém que sabe se eu posso entrar ou não?

— Pode ser... você sabe?

— Claro que não. Que tal perguntar ao taverneiro?

— O taverneiro não sabe.

— Mas, o que...? — Valfrido gaguejava, tão indignado que nem sabia o que dizer. Ergueu o olhar para o letreiro, “Cerebreta”... maneta, pernetta, cerebreta... Ele finalmente compreendeu. — Bom, então vou lá dentro saber se posso entrar.

Fez menção de passar, mas o homem barrou sua trajetória com o braço.

— Ei! Não sei não... mas acho que... Acho que... talvez você seja muito jovem!

— Sim, eu sei. Acontece que sou um bardo, veja — mostrou-lhe o estojo.

— E bardos, mesmo jovens, podem entrar em tavernas se for para tocar, você não sabia?

— Não sabia... — O guardião fez cara de espanto. — Mas então, para entrar, vai ter de provar que é um bardo.

— Tudo bem, o que quer exatamente? — disse Valfrido, abrindo o estojo.

— Não sei. O que um bardo faz?

Valfrido esfregou a testa, tentando ser paciente.

— Um bardo toca alaúde para divertir os outros! O senhor nunca viu um bardo antes?

— Ah! Sim... — ele sorriu. — Já temos um bardo aqui. Sei não... acho que não precisamos de outro.

— Eu já imaginava. Mas fique tranqüilo, é apenas uma visita rápida. — Posicionou o alaúde e preparou-se para tocar. — Bem, amigo, peça algo especial para eu lhe oferecer como prova e resolver este impasse.

O guardião levou o dedo ao queixo, pensando e pensando. Estava fingindo escolher uma dentre várias canções especiais, mas não conhecia nenhuma canção especial. Na verdade, não conhecia canção alguma. Enfim, teve uma idéia para parecer menos burro. Seu rosto iluminou-se:

— Já sei! Toque... a canção secreta dos... dos bardos, isso mesmo!

Valfrido murchou cada linha da expressão de alegria que estava em seu rosto, em seguida contorceu as sobrancelhas e coçou os cabelos bagunçados. Por mil refrões! Será que existia mesmo uma canção dos bardos tão secreta assim que nem ele próprio conhecia? Ou seria apenas uma invenção daquele idiota?

— Que calúnia!... — respondeu o garoto, fingindo indignação. — A Canção Secreta dos Bardos só deve ser conhecida entre os bardos! Portanto, não pense que eu seria bobo o bastante para executá-la diante de você!

— Oh... bem... pois... — o homem confundiu-se todo. — Muito bem! Era... era exatamente o que eu esperava ouvir! Pode entrar, jovem bardo!

Valfrido ficou eufórico. Não sabia o que encontraria lá dentro, mas respirou fundo e abriu a porta.

O som caótico de conversas, canecas batendo, vozes cantando e acordes de alaúde dominaram-no por completo. Estava deslumbrado com o tamanho daquele lugar: o dobro, talvez o triplo da Rufu-Rufião, e como estava cheio... Diversos homens e mulheres amontoavam-se em cada mesa redonda; e onde

cabiam seis, sentavam-se oito, nove, até dez pessoas. O balcão, menos abarrotado, era para os solitários.

Correu os olhos por toda a Cerebreta, sem dar ainda qualquer passo adiante. Bem ao fundo, no canto esquerdo da taverna, avistou Pudim, pousado à borda de uma grande caneca sobre a mesa, da qual bebericava de quando em quando.

Sem querer chamar a atenção, Valfrido guardou rapidamente o alaúde, botou o estojo às costas e caminhou com cuidado entre as mesas e cadeiras, tentando não esbarrar com muita força em ninguém.

— *Papo de menos e rum na mão! Passe uma moeda, querido mandrião!*
— cantava Pudim, junto de um homem e uma mulher que riam bastante.

— Ah, Pudim! — reclamou a mulher, com voz exageradamente doce. — Precisa aprender a cantar outra coisa, senão vamos enjoar de você rapidinho!

— Concordo! — disse o homem, mostrando um sorriso banguela e estendendo a Pudim um dóra. — Aprenda a cantar outra coisa, ou então este aqui será o último!

Valfrido já estava bem próximo deles, e ia abrir a boca para falar algo, quando de repente surgiu ali um homem magrelo, de ar simpático e divertido, todo vestido com roupas de rendas verdes e lilases. Saltou diante da mesa onde estava Pudim, cheio de sorrisos e poses estranhas. Mas o que mais chocou Valfrido foi o alaúde que ele trazia consigo. Lá estava o bardo da Cerebreta, Matusian DiMontenes em carne e osso, um dos melhores de que ouvira falar. Valfrido entrou em pânico, e com olhos vidrados naquela figura contagiante, ajeitou seu estojo mais para o centro de suas costas, visando a ocultá-lo melhor. Definitivamente, a simples idéia de provocar uma bardalha contra aquele indivíduo gelava-lhe os ossos.

— Pois o que vejo com estes olhos?! — declamou Matusian, com voz melodiosa e de beleza estridente. — Dando a um mero penado o que deve ser doado, como agrado em gratidão, sempre após uma canção!

Muitos que estavam em volta riram e vaiaram o velho banguela que, envergonhado, recuou a moeda que daria a Pudim e estendeu-a para Matusian.

— *Papo furado!* — grasnou a ave, dando um curto vôo sobre os dedos do velho e tomando à força sua esmola com o bico.

Mais que depressa, várias mãos lançaram-se indignadas ao encalço de Pudim, mas todas foram falhando, até que ele foi pousar no ombro do embasbacado Valfrido.

— Ei, você! — gritou o banguela. — Não o deixe escapar com meu dóra!

— Sim! — repetiu Matusian. — Não o deixe escapar com *meu* dóra! — Mas ele calou-se de repente, e pareceu reparar no garoto. — Oh!... esqueça o penado, meu bom homem! Veja só! Temos um jovem bardo aqui conosco!

Valfrido engoliu seco, sob o olhar fulminante de DiMontenes. Todos ficaram em silêncio, voltados para Valfrido com curiosidade.

— Não, eu... não sou bardo. É que...

— Ora! — interrompeu Matusian. — Um rapazote como você só poderia entrar aqui se fosse bardo, e ainda mente carregando um alaúde! Vamos lá! Honre seu talento, não me faça perder tempo!

— BARDALHA! — urraram todos na taverna, fazendo grande algazarra.

Valfrido virava a cabeça de um lado a outro, observando aqueles rostos impiedosos que imploravam por um desafio. Desejou que fosse apenas um sonho, mas sabia que não era. Virou-se para Matusian, e pousou os olhos no alaúde que ele empunhava... era belíssimo, esverdeado e cheio de entalhes florestais. Nada comum. Mas um fato o animou um pouco: não era mais belo, e com certeza não soava tão único quanto o que ele próprio carregava. Teve um lampejo de resignação, afinal, não tinha qualquer objetivo de tomar o território de Matusian, sendo que uma derrota, ainda mais para aquela figura, não seria de modo algum um trauma na vida de um aprendiz como ele.

Seu semblante tornou-se firme e convicto, e para delírio de todos na Cerebreta, sacou seu alaúde, sem sequer importar-se com Pudim, que ainda

estava pousado em seu ombro com o dóra ao bico. Posicionou-se, buscando concentrar-se, e aguardou o primeiro ataque do adversário, que observava com espanto o seu instrumento.

DiMontenes, então, disparou seu alaúde num acorde alegre, para acentuar bem sua curiosidade cômica em relação a Valfrido. Soou as cordas uma vez a cada início de frase:

— *Um jovem estranho com grande temor*
Carrega consigo tamanho valor
Que é fruto de roubo, em minha suspeita
Pois é um gatuno e nada respeita!

O público riu e aplaudiu, voltando-se em seguida para DiPresto, que dedilhava o mesmo acorde, seguindo o protocolo da continuidade. Mas logo aproveitou a sonoridade incrível de seu alaúde e saltou para um acorde sombrio, dando tom trágico à sua recitação:

— *Meus méritos provo com simples essência*
Sem roupas de rendas, beirando indecência
Sem poses que invejam aos sapos e rãs
Sou bardo real e de mente sã!

Algumas gargalhadas soaram, provavelmente vindas dos que não iam com a cara de DiMontenes e dos que realmente o achavam parecido com um sapo, vestido daquele jeito. Mas fugindo habilidosamente do impacto daquela rodada, ele contornou a harmonia, voltou para o acorde inicial e enfeitou-o com alguns impressionantes floreios. Veio seu contra-ataque:

— *Bardo se acha, mas bardo não é*
Ainda é jovem, fedelho até
Desista do que não pode enfrentar
Ou umas palmadas terá que levar!

Disse a última frase pausando seu alaúde e imitando uma voz fina de mãe rabugenta, o que levou o público ao puro deleite. Mas não foi a torcida que

atrapalhou a concentração de DiPresto, mas sim um pecado mortal numa bardalha: deixar-se levar pelas provocações, e aqueles versos tocaram-lhe fundo na ferida. Pensando rápido, resolveu utilizar-se do mesmo recurso de Matusian, e executou também alguns floreios para ganhar tempo. Acentuou a força do ritmo, e saltou a harmonia para um acorde solene, dando a Valfrido uma aura de sábio:

— *Subestime a juventude e a derrota chega breve
Nunca mais a esquecerá, até que a morte o leve
Seu pavor de perder para um jovem como eu
Já se estampa em seus olhos neste meu belo apogeu!*

Muitos aplausos coroaram a recitação de DiPresto. E a algazarra continuaria, não fosse pela expressão de imenso desdém que DiMontenes lançava para seu oponente. Expressão esta que deixou a todos curiosos pelo que ele teria em mente. Continuava o acorde instaurado pelo garoto, e foi variando-o com suavidade até criar novamente uma aura de comicidade:

— *Pobrezinho do menino, dominado por delírios
Com tais versos, tão baratos, vem manchar os meus domínios
É assim que sempre fez, sujou tudo o que tocou
Volte aos braços da mamãe, a coitada que o criou!*

As risadas vieram poderosas, de todos os lados, e a concentração de DiPresto esvaiu-se por completo. A tática de DiMontenes havia sido óbvia: aproveitar-se do desconforto que o teor daqueles versos causaram no jovem bardo. E agora toda a Cerebreta vibrava em favor de DiMontenes, tanto que DiPresto não esforçou-se por manter-se na disputa. Suspirou, balançando a cabeça e relaxando os braços. Sua derrota estava anunciada.

Alguns instantes depois, o público silenciou e Matusian parou de curvar-se seguidamente em agradecimento:

— Obrigado, obrigado... Foi um desafio curto, porém delicioso! Vocês são maravilhosos!

— Parabéns, DiMontenes — disse Valfrido. — Foi uma honra, e pude sentir na pele as razões de sua grande fama.

— Obrigado! — respondeu Matusian, com uma ligeira mesura. — Você é um jovem adorável, e... detentor de um belo instrumento! Qual seu nome, afinal?

— Valfrido DiPresto, filho de Darteus DiPresto — disse ele com orgulho. Em seguida sorriu, puxou a moeda que estava no bico de Pudim, ainda em seu ombro, e lançou-a bem alto na direção de Matusian. — E acho que isto é seu.

Todos na Cerebreta acompanharam a trajetória do dóra voador, dando a Valfrido a oportunidade perfeita para agarrar Pudim com firmeza e trancá-lo dentro de seu estojo. O papagaio deu um grito esganiçado, mas nem teve tempo de reagir.

Matusian capturou a moeda com um enorme sorriso:

— Pois bem, DiPresto, que a Natura o salve!

— Obrigado — respondeu Valfrido, sorrindo por ao menos ter cumprido seu prometido, e ansioso por chegar logo ao lado de fora para não matar o papagaio sufocado.

A corrida de volta para o navio foi ansiosa e cansativa. De tempos em tempos Valfrido abria ligeiramente o estojo para renovar a respiração de Pudim, que sacudia-se e reclamava sempre que sentia o frescor do ar entrando.

O porto estava tranqüilo. O único que se podia ver era Rataguet, sentado à proa a escrever calmamente no caderninho. Valfrido subiu para o navio com um pouco de dificuldade, já que não pôde guardar o alaúde dentro do estojo, o que lhe ocupava as duas mãos. Rezava para que o capitão ainda não tivesse chegado, e a aparente tranqüilidade do lugar parecia confirmar o fato.

— Salve, DiPresto! — gritou Rataguet, acenando. — Belo alaúde!

O rapaz ofegava tanto que nem conseguiu responder. Apenas sorriu, acenou de volta e foi descer os degraus da popa até o dormitório de Jade.

Cumprimentou um ou outro marinheiro que encontrou pelo caminho, e finalmente bateu à porta.

— Jade? Está aí?

Ouviu então rápidos passos lá dentro, e a porta se abriu. Jade estava com os olhos flamejando de ansiedade. Olhou Valfrido de cima a baixo.

— Conseguiu?

Ele ergueu o estojo, constrangido.

— Está aqui. É que não pensei em outra maneira melhor. Aconteceu tanta coisa...

Jade puxou Valfrido com força para dentro do quarto e trancou a porta.

— Oh, não! Coitadinho! — Ela botou o estojo em cima da cama e abriu-o com extrema pressa. Pudim saltou para fora aos gritos, esticando as asas, e começou a correr de um lado para o outro pelo colchão.

— *Seqüestrador! Gatuno impiedoso! Pudim quase morreu! Corre, Jade! Mandrião seqüestrador! Vai seqüestrar o navio e virar pirata com todos dentro!*

A garota, ajoelhada diante de Pudim, implorava pra que ele fizesse silêncio, enquanto Valfrido beliscava-se para ter certeza de que não sonhava. Era só impressão ou aquele bicho estava reclamando bem demais para um papagaio?...

— Silêncio, Pudim! Por favor! — implorava Jade.

— Ele... está... falando! — gaguejou Valfrido, boquiaberto.

— Ora, é claro!... — disse Jade, tentando disfarçar. — Pois não é isso que os papagaios fazem?

— Desse jeito aí não!

— Ora, ele... ele é esperto, só isso!

Jade finalmente conseguiu segurar o bico da ave.

— Ele... ele está falando!

— *Pudim fala! Pudim canta! E o mandrião seqüestra!* — praguejou o bicho, livrando-se das mãos da menina. — *Pudim confia e se dá mal, sempre assim! Salve Pudim, Jade!*

— Calma, Pudim. Ele não seqüestrou você. Veja, está de volta, em casa. Eu pedi a ele que buscasse você.

— Ele está falando!

— Sim, sim... ele fala, está bem? — admitiu Jade. — Mas é um tanto lerdo para perceber as coisas.

— *Pudim é lerdo, mandrião! Pudim está em casa.*

— Como é possível? — Valfrido coçava a cabeça. — Não me diga que...

— Exatamente... alquimagia — disse ela, orgulhosa. — Eu mesma fiz o efeito.

— Isso é incrível... Eu nunca vi animais assim antes. Quer dizer, você me disse que era uma iniciante, então esse tipo de coisa deve ser fácil.

Ela ergueu-se e sentou na cama, com uma expressão de embaraço em seu rosto.

— É que... é proibido pelo Círculo Alquimago criar efeitos para animais e pessoas. Dizem que desequilibra a Natura.

Valfrido sorriu, e agachou-se diante de Pudim.

— Pois eu não vejo nada de errado nisso — comentou. — Claro... se todos fizessem o mesmo, acho que seria um caos. Mas ninguém precisa ficar sabendo de você, certo, Pudim?

— *Se contar para alguém, Pudim morde seu dedo!* — ameaçou, fazendo Valfrido e Jade darem uma gostosa risada.

Após alguns instantes, Jade pousou os olhos no alaúde de Valfrido, parecendo extremamente admirada.

— Puxa... é lindo! Com certeza é alquimago. Posso ver?

— Claro. — Passou o instrumento para as mãos dela. — Era de meu pai. E deve ser alquimago mesmo, pelo cuidado com que estava escondido.

— Ah, dá pra saber por um monte de coisas — disse a garota, com uma pitada de desdém. — O som, por exemplo, veja... — Deu uma fraquíssima batida com o indicador na caixa acústica, o que ressoou com imponência suave por todo o quarto, e fez vibrar as cordas numa intensidade que foi crescendo ligeiramente.

Valfrido ficou impressionado com aquela ressonância.

— Não entendo nada de alaúdes — continuou ela —, mas duvido que os comuns soem dessa maneira. Não dilata, é à prova de água, sol... E olhe! — apontou para a extremidade superior do braço. — Tem a marca do artesão! Eu já vi esta em algum lugar...

Nem deu tempo de Valfrido olhar direito o que Jade apontava: ela levantou-se como um furacão, abriu seu guarda-roupas e passou a revirar um monte de tranqueiras. Depois de uma boa bagunça, triunfou com um pequeno livro marrom nas mãos.

— Achei! “Marcas Alquimagas”. — Passou a folheá-lo avidamente.

Valfrido ficou a pensar o que teria a ver a marca do artesão com marcas alquimagas. Afinal, pelo que sabia, alaúdes oficiais eram apenas modificados por alquimagos depois de prontos, e mesmo assim, a assinatura era sempre do artesão e não do alquimago. A não ser que...

— Veja, Valfrido! — gritou ela, mostrando-lhe uma página.

O garoto pegou o livro e olhou com atenção. Lá estava uma figura idêntica à assinatura de seu alaúde, e abaixo estava escrito um nome: “*Zental DiÁdora, alquimago artesão*”. Seu queixo foi abaixo, e ele voltou-se mais uma vez para seu alaúde, com olhos ainda mais brilhantes. Por um momento duvidou que aquilo pudesse ter lógica, mas não havia engano que justificasse aquela assinatura no instrumento, de modo que deveria ser verdade: Valfrido herdara um alaúde totalmente confeccionado por um alquimago.

— Zental DiÁdora era membro do Círculo Alquimago! — explicou Jade, tão ou mais admirada que Valfrido. — Foi ele quem inventou a lapóia e um monte de outras coisas!

— *Zental DiÁdora morreu! Pobre mandrião!* — grasnou Pudim, chamando a atenção de Valfrido.

— Morreu?... Morreu como?

— *DiÁdora tão velho, tão velho, que morreu de tudo ao mesmo tempo!*

Jade irritou-se:

— Pare de repetir essas bobagens, Pudim! — Olhou séria para Valfrido: — Na verdade ele morreu no mar há uns dois meses. O navio em que estava foi atacado a caminho da Ilha da Prole.

— Não entendo — murmurou o garoto, distraído noutra idéia. — Por que um alquimago confeccionaria um alaúde para meu pai? Quer dizer, ele sempre foi um ótimo bardo, mas estava longe de ser famoso. Talvez tenha sido algum presente de agradecimento ou coisa parecida.

— Presente caro demais, não? — ironizou a garota. — Se você soubesse o trabalho que dá criar um objeto desses... A energia mental que se gasta é incrível. E sem contar que Zental já devia estar nas últimas. Não... — ela encolheu os olhos. — Esse instrumento foi feito com algum propósito muito, muito especial. Duvido que Zental arriscaria assim a própria saúde, talvez até a vida, só para confeccionar um presente. Veja só essa perfeição...

Valfrido também olhou para o alaúde, repousado sobre a cama, e percebeu que “agradecimento” não era uma palavra que viria à mente de alguém que contemplasse aquela obra-prima. Parecia óbvio que significava muito mais. Significava, no mínimo, a vida de um dos maiores alquimagos de Polímagus.

A vida de Zental... Aquilo estava martelando a mente de Valfrido, e ele não entendia por quê. De repente, quase deu um pulo:

— Quando foi que Zental morreu?! — perguntou com espanto.

— Há uns dois meses, por quê?

— Meu pai... ele... desapareceu há dois meses!

O queixo de Jade caiu, e por alguns instantes nenhum deles conseguiu formular qualquer frase.

— Como foi que seu pai desapareceu?

— Eu não sei... não sei direito. O navio em que ele estava foi atacado.

— Foi o mesmo navio?! — Jade quase gritou.

— Não, não pode ser. Você disse que Zental morreu a caminho da Ilha da Prole. Meu pai estava indo para casa.

— É isso mesmo!... — Jade franziu as sobrancelhas. — Foram dois ataques. Eu me lembro. A tripulação toda ficou chocada. Quase não se ouvia mais falar em piratas, e então, de repente, dois navios foram emboscados e destruídos!

Valfrido engoliu seco, virando-se um pouco para o lado, como que fugindo do olhar da menina. Aquilo tudo parecia estar ficando grande demais, e estava começando a assustá-lo.

— Você não percebe, Valfrido? — Ela aproximou-se. — Não pode ser coincidência. Os dois partem da Ilha Mãe no mesmo dia... vários navios partem de lá também, mas apenas dois são atacados: exatamente aqueles que levam Zental DiÁdora e seu pai!

Valfrido foi degustando cada uma daquelas palavras, mas continuava imóvel. Depois de alguma reticência, falou devagar:

— Tem mais uma coisa... — virou o rosto para Jade. — Alguns sobreviventes disseram que... meu pai tinha sumido antes do ataque, junto com um dos botes.

Os olhos dela brilharam.

— Mas isso é... incrível! Ele deve estar vivo!

Valfrido não compartilhou do ânimo de Jade, porque já havia sentido aquela esperança antes. Esperança esta que consumiu-se pouco a pouco nos infindáveis dias de incerteza.

— Eu duvido que esteja — ele lamentou.

— Por quê? Por que diz isso?

— O navio foi atacado a apenas um dia de distância da Ilha Mãe. Se meu pai estivesse vivo, eu já teria notícias dele.

Jade refletiu por alguns instantes, e disse num tom enigmático:

— Eu não pensaria por esse lado... Quer dizer, não sei nada sobre seu pai, e mesmo assim tenho certeza de que ele jamais deixaria você sem notícias. A não ser que... houvesse um bom motivo.

Valfrido franziu as sobrancelhas:

— Acha então que ele... fugiu? Meu pai poderia...

— *Seqüestro, mandrião!* — atravessou Pudim.

— Fuga ou seqüestro, uma coisa é certa... — Jade empertigou-se toda: — Se você mesmo disse que seu pai não era alguém de fama, então para ser seqüestrado ou estar fugindo, teria de ter ou saber alguma coisa muito importante. Entende o que quero dizer?

Valfrido olhou novamente para o alaúde, que parecia ficar cada vez mais misterioso e belo. Balançou a cabeça, soltando um suspiro resignado.

— Não, não faz sentido... Encontrei o alaúde em casa, quer dizer... se ele tivesse algo a ver com isso tudo, meu pai já teria aparecido. A não ser que esteja mesmo morto.

Jade ia retrucar irritada, mas batidas soaram na porta do quarto, e os dois viraram-se assustados.

— Jade? Está aí? Seu pai chegou! — Era a voz de Múrcius, e eles deram um curto suspiro de alívio.

Após Pudim ser devidamente acomodado em seu esconderijo — um buraco oculto no guarda-roupas, que levava ao porão — Valfrido e Jade subiram com o cozinheiro até o convés. Lá estava Lurrone, bastante sério, junto de Rataguet e os marinheiros. O capitão lançou um olhar curioso para Valfrido, já que não esperava vê-lo no navio, mas nada disse a respeito.

— Bravos amigos — anunciou Lurrone —, vamos partir o mais rápido possível para a Ilha Mãe!

Valfrido e Jade trocaram um significativo olhar quando ouviram aquele nome. Lurrone continuava:

— Neste momento não há aqui na Ilha Bélica capitães e autoridades suficientes para que alguma decisão concreta seja tomada.

Todos fizeram gestos afirmativos. Múrcius avisou que o navio estava abastecido. Lurrone ordenou a partida, fazendo todos tomarem seus respectivos postos. Em seguida, aproximou-se dos garotos:

— Sei que gostaria de ficar na ilha, jovem DiPresto, mas sugiro veementemente que parta conosco. A Ilha Mãe tem muito mais a lhe oferecer, sem dúvidas.

— Como assim, ficar na ilha? — murmurou Jade, encarando Valfrido com espanto.

Sem contestar a razão de Tuglas Lurrone, o rapaz aceitou de bom grado o convite.

O autorremo fez-se ouvir contra as águas, e enquanto Valfrido percebia a Ilha Bélica perdendo-se de vista, uma ansiedade pelo destino incerto crescia em sua alma. Não era exatamente a expectativa de conhecer a maior ilha de todas, nem o leve renascer que fluiu-lhe no corpo quando empunhou novamente um alaúde contra uma platéia e contra um dos melhores bardos do Mar Polímagus. Na verdade, o que fazia o íntimo de Valfrido borbulhar era o fato de estar a caminho da última ilha onde, sabidamente, pisaram Zental DiÁdora e seu pai.

5

A ILHA MÃE

Para Valfrido, ter de passar mais alguns dias confinado entre os limites do navio não era causa de angústias extras. Quem viveu a vida toda fechado numa ilha minúscula como a Cipreste podia passar por aquilo com tranquilidade.

Ainda que carregado de certa tensão, o humor do jovem bardo andava um pouco melhor na nova viagem, o que possibilitou uma boa aproximação entre ele e o capitão Lurrone. Além do mais, Valfrido sentia pelo mistério do alaúde um grande medo, e na tentativa de evitar diálogos mais exclusivos com Jade — o que certamente levaria àquele incômodo assunto, graças ao obsessivo interesse que a ela parecia demonstrar — o bardo buscava dividir mais seu tempo entre Lurrone e alguns outros marujos.

Mas suas conversas mais interessantes davam-se mesmo era com o capitão. Numa delas descobriu que Lurrone era realmente candidato na eleição para primódora. Achou aquilo um tanto esquisito. Ainda que o capitão lhe transmitisse uma imagem austera, de grande respeito, não o imaginava como primódora, sentado em algum canto tomando decisões sobre Polímagus... Ainda assim, Lurrone falava com grande gosto sobre o assunto:

— Sabe, DiPresto, eu amo o mar!... Mas depois que os piratas reapareceram, comecei a pensar que o povo precisa de um capitão tanto quanto um navio precisa de um capitão! — Ele deu de ombros. — Sei que isto parece um belo discurso, mas não estou sendo poético. Esses ataques terríveis podem ser só o começo, e imagino que será vital para Polímagus ter um primódora que entenda a realidade das águas!

Valfrido percebia grande sinceridade nas intenções de Lurrone, mas captou também uma nuvem de preocupação em seu semblante. Isto ficou mais

evidente para o bardo quando Lurrone comentou sobre a cobrança que já vinha sofrendo da população quanto aos piratas:

— ... E olhe que a Guarda costuma ser bem discreta nesses assuntos, para não causar nenhum pânico! Só que isto me bota em desvantagem frente a alguns candidatos. Jean Gitot, por exemplo... — Ele quase fez uma careta de nojo ao pronunciar aquele nome. — Só o que esse alquimago faz é ficar zanzando de ilha em ilha, pesquisando essas baboseiras, enquanto a Guarda leva toda a responsabilidade nas costas! Se os piratas atacarem mais, não é de Gitot que irão cobrar milagres!

Levando em conta o grande asco de Lurrone por alquimagia, Valfrido logo compreendeu o que o capitão dizia, por detrás daquele argumento justo e político: ele temia que Gitot usasse seu possível fracasso com os piratas para humilhá-lo na frente de todo o povo de Polímagus.

Enfim, ver que todos tinham seus problemas ao menos fez Valfrido esquecer um pouco dos próprios. Graças também, é claro, ao fato de estar evitando Jade ao máximo. Valfrido achava que toda aproximação dela terminaria numa discussão sobre o alaúde, pelo menos nos momentos em que estivesse mais isolado. Mas o que ele não sabia era que Jade insistia no assunto não só porque lhe interessava, mas também porque o assunto a havia aproximado, enfim, de alguém que ela sentia poder fazer parte de seu próprio universo. E ela estava começando a se ressentir daquele inexplicável afastamento.

Se tudo corresse como o esperado, seriam quatro dias de navegação, e Valfrido passou boa parte deles tocando música para os marujos. Logo tornou-se uma das principais distrações do navio. Ficou impressionado com a capacidade que o som de seu alaúde tinha para tocar facilmente as emoções das pessoas. Era como se aquele timbre singular potencializasse o efeito das melodias, e Valfrido não raro via-se diante das mais constrangedoras situações... principalmente a de marujos chorando-lhe nos ombros a desabafarem suas mágoas.

— *Snif!*... Que linda música...! Eu fui casado, sabe — confidenciou Múrcius, assoando o nariz no avental feito corneta. — Ela me deixou! Disse que eu era... *snif!*... disse que eu era sério demais!

Noutro dia, Rataguet teve sua vez:

— Puxa... *snif!*... É a melhor canção que já ouvi...! Sabe, eu nunca contei para ninguém o que escrevo! Mas para você eu conto, porque sei que vai guardar segredo... — e cochichou no ouvido de Valfrido, como se revelasse a idéia mais brilhante do mundo: — São memórias sobre a vida no mar!

— Fantástico, senhor Rataguet!... — dizia o jovem bardo, fingindo espanto. — Guardarei segredo, afinal, não queremos que alguém roube sua idéia.

Uma vez tentou tocar para Pudim, mas a única reação do bicho foi pedir rum e moedas.

E falando em Pudim, só o que ele fazia o dia todo — escondido no porão ou no quarto de Jade — era ficar inventando frases nada gentis para surpreender o capitão Lurrone e arrasar com os nervos do pobre homem. Naquela viagem em especial, Jade fez um esforço extra para impedir Pudim de arriscar-se em travessuras, sob o perigo de ser descoberto, depenado e utilizado como a primeira experiência culinária do capitão.

Corria o terceiro dia de navegação. O mar estava tranquilo e o céu alaranjava-se com o fim da tarde.

Tuglas Lurrone dividia a borda da popa com a filha, quando ela fez uma pergunta que pareceu estar guardada há dias:

— Pai, quando partimos da Ilha Bélica, o senhor disse algo sobre Valfrido não querer ir conosco. É verdade?

— Sim — respondeu o capitão com naturalidade. — Ele pareceu deixar bem claro que não ficaria conosco.

— Mas nós não podemos deixá-lo fazer isso! Ele perdeu os pais e amigos... está sozinho. Não podemos largá-lo assim.

O capitão sorriu e afagou os cabelos de Jade:

— Minha filha, você e seu coração de ouro... Seria ótimo tê-lo conosco, e entendo que deve estar feliz por ter alguém de sua idade sempre por perto, mas... o rapaz é um bardo, e deve seguir o caminho dele. Do contrário, seria como aprisionar uma gaivota: com o tempo ele definharia, até perecer.

Jade baixou a cabeça. Apesar de estar rendida ao argumento do pai, não pôde evitar que uma ponta de inveja lhe viesse espetar o peito. Será que um dia teria a mesma chance, de ver-se livre para buscar seu próprio caminho? No momento aquilo parecia muito distante, e pior... Jade sentia que tudo estava na iminência de voltar a ser como sempre fora.

— Acho que o senhor tem razão — ela disse enfim. — É só que ele parece estar indo tão bem aqui conosco. Não viu como ele diverte a todos?

— Sim, isso é notável! A tripulação tem andado mais animada.

— Pois então!

— ... E mais distraída também! — completou Lurrone, apurando-se seriamente. — As coisas vão ficar mais tensas, minha filha, e nós todos temos que estar atentos! Nada de musiquinhas para rir, chorar ou dormir. Ficar alertas. Este é o lema!

Após beijar o rosto da filha, ele saiu andando para a casa do leme a repetir sua última frase.

Jade suspirou, fechando o rosto e apoiando os cotovelos sobre a amurada.

* * *

— Ilha Mãe à vista! — berrou Rataguet do alto do mastro, a observar a distância pelo monóculo.

Todos amontoaram-se na proa para ver.

— Capitão! — chamou Rataguet. — Estou vendo algo estranho, muito estranho!

— Sem delongas, homem! Diga o que é!

— Não sei! Se eu soubesse, não seria estranho!

Soaram risadas dos marinheiros, e o capitão bufou:

— Pois desça aqui agora, e vou lhe mostrar o barulho estranho que faz um nariz contra o convés!

Lá estava a maior de todas as ilhas, bem no centro de Polímagus. O coração de Valfrido batia rápido, parecendo querer saltar pela boca. Nunca vira antes tamanha paisagem... Conforme se aproximavam, a ilha parecia dominar toda a linha do horizonte.

O sol irradiava ao meio do dia, e coloria de verde vivo as montanhas, e de brilho esbranquiçado as estruturas do enorme porto. Mesmo ao longe, era possível avistar grandes manchas de variados tons acinzentados, que pareciam ser conjuntos gigantescos de casebres e outras construções, distribuídas em regiões bem altas da ilha.

Logo que aportaram, vários guardas, marinheiros, e alguns curiosos aproximaram-se do navio. Quando Lurrone surgiu para descer a escada, os guardas e marinheiros sorriram, e os curiosos aplaudiram com alegria. Pelo menos naquela ilha a popularidade do capitão parecia estar em alta. Ele cumprimentou várias pessoas, embora estivesse um tanto sério demais por causa do motivo de sua aparição.

Os tripulantes foram descendo, inclusive Valfrido e Jade. Todos juntaram-se em volta de Lurrone para receberem instruções.

— Bem — começou ele —, preciso de Rataguet e Malaquias comigo para uma reunião com o primódora. Múrcius, verifique o abastecimento do navio com Jade.

Múrcius ia dizer algo, mas Lurrone apontou as vestes da filha:

— E não deixe ela engordar esses bolsos com esquisitices.

O cozinheiro fez continência, e Jade cruzou os braços.

— Os outros, percorram todo o porto, e dêem aos capitães o recado que pedi.

— Quer que eu chame carrolas, capitão Lurrone? — perguntou um dos guardas do porto, sentindo a urgência da situação.

— Seria ótimo. Não podemos perder tempo. E Valfrido... — Lurrone virou-se para o garoto, que estava distraído a olhar em volta.

— Sim?

— Venha conosco até a região central, e lá poderá arranjar hospedaria temporária. Ah! E tome... — tirou do bolso o que parecia ser um mapa. — Esta terra é realmente grande. Perder-se nela é mais fácil do que se pensa.

Aparentemente a hora das despedidas havia chegado. Valfrido foi cumprimentando um a um os marinheiros.

— Espero vê-lo de novo o quanto antes, Valfrido — disse Múrcius, balançando-lhe a mão com força. — Foi um prazer ter sua presença em nosso navio.

— Também espero vê-los em breve. Mas principalmente por causa das refeições do melhor cozinheiro de Polímagus.

Múrcius ficou encabulado. Valfrido parou então diante de Jade, que esboçou um sorriso tristonho, e murmurou:

— Jade, acho que nunca lhe agradei pelo... biscoito.

— Ah, não foi nada.

Houve um instante de silêncio, e ela acrescentou, num tom de confiança:

— Olha, você pode vir mais tarde para conversarmos. Eu andei pensando e até anotei uns tópicos...

— Jade... — Valfrido interrompeu, um tanto embaraçado. — Eu só quero seguir em frente, está bem? Vamos esquecer isso.

Ele baixou os olhos, receoso, e não pôde notar a profunda decepção que Jade tentou esconder.

Separaram-se quando as carrolas chegaram. Cada uma delas comportava duas pessoas, e Valfrido sentou-se com o capitão Lurrone, deixando Rataguet e Malaquias juntos na outra.

O percurso se fazia longo, mas nada que cansasse os túbaros — aqueles homens que mais pareciam montanhas de músculos. Lurrone ia apontando e explicando a Valfrido tudo o que era possível sobre as diversas ruas por onde passavam. Mas, aparentemente, a tristeza da despedida havia sobrepujado qualquer fascinação que a Ilha Mãe pudesse causar nele. Aquele amontoado de casas grandes e complexas, as multidões que agrupavam-se em volta de pontos comerciais, crianças correndo, risadas, cantorias, ruídos diversos... tudo parecia atravessar Valfrido sem tocá-lo.

— ... Ouviu bem, DiPresto? — perguntou Lurrone, um pouco mais alto.

— Oh!... Como disse?

— Eu estava falando sobre a diferença desta ilha para as outras! Preste atenção! Não pense que as pessoas daqui são como as ciprestinas, ou mesmo as belicais. Não... aqui não se deve esperar caridades ou gentilezas de ninguém. A vida nesta ilha é agitada e corrida. Todos competem! Seja pela melhor compra, a melhor venda, o melhor quilo de peixe... A grandeza deste lugar obriga todos a passarem por cima uns dos outros às vezes. Mas não desanime! — Bateu-lhe no ombro. — Há oportunidades perfeitas aqui para gente talentosa como você! Do contrário eu jamais o teria trazido para este fosso de tubarões!

Valfrido encarou Lurrone com sobrancelhas contorcidas, afinal não sabia se ele estava tentando animá-lo ou deixá-lo com mais medo. Afastou rapidamente este pensamento, pois a intenção parecia bem clara: o capitão respeitava e apoiava a decisão de Valfrido sobre virar-se sozinho, mas estava chateado por ter que deixá-lo de maneira tão abrupta em virtude das urgências que tinha a cumprir.

As carrolas pararam quase no centro de um enorme pátio a céu aberto, ladeado por construções comerciais. O local estava especialmente repleto de pessoas espalhadas pelos estabelecimentos, muito embora houvesse ali um estranho e respeitoso silêncio.

— Lá está a morada do primódora — disse Lurrone com admiração, apontando um prédio belíssimo, arredondado, em cujo centro erguia-se uma torre alta e fina; e em seu topo, fincava-se uma grande esfera, que àquela distância parecia lisa feito uma pérola. — Rataguet, Malaquias e eu vamos notificá-lo e pedir aconselhamento. Eu sugiro que você vá à Saltelha Central. É uma hospedaria, e fica naquela rua ali, está vendo? Tem bom preço, é confortável, e ouça bem: o cliente sempre manda! Portanto veja lá o que vai dizer!

Valfrido fez que sim, mesmo sem entender direito.

Desceram das carrolas e pagaram os túbaros. Hora de mais despedidas... Lurrone abraçou Valfrido longamente, ainda lançando sobre ele mais e mais aconselhamentos.

— Sim, capitão, pode deixar. Agradeço muito por tudo o que fez por mim. Espero recompensá-lo algum dia.

— Esqueça isso, rapaz! Este é o nosso trabalho, e digo mais: nós é que lhe devemos, por todos os momentos agradáveis que nos proporcionou com sua música. Aliás, não acho que tardaremos a nos encontrar novamente. Fique em paz, DiPresto!

— Obrigado, capitão.

Valfrido dirigiu-se então até Rataguet e Malaquias.

— Muita sorte em seu caminho, meu jovem! — desejou Rataguet, apertando-lhe a mão.

— Ao senhor também. E se algum dia encontrar o atalho para o coração das damas, me procure imediatamente, eu quero saber.

— Oras, Rataguet já foi incomodá-lo com suas lamúrias — riu o timoneiro Malaquias.

Os três trocavam palavras animadas, até que um velhote transeunte reclamou da barulheira e eles tiveram de calar-se.

— Bem, amigo — suspirou Malaquias —, não sei se vamos partir daqui tão depressa, então é bem possível que nos vejamos por aí. Se quiser, apareça para tocar esta noite na Prosana Negra. É uma ótima taverna, e fica aqui perto. Estarei lá se não viajarmos.

Valfrido aceitou a idéia. Embora preferisse não ter que enfurnar-se em tavernas, precisava urgentemente arranjar uma forma de ganhar seu sustento. Para tanto, rezava e esperava que o bardo da tal Prosana Negra não fosse tão sagaz e famoso quanto Matusian, e que o público não fosse tão mão-fechada quanto o da Rufu-Rufião.

Sentiu uma excitação estranha quando separou-se definitivamente dos três e caminhou em direção à Saltelha Central. Embora a insegurança pesasse sobre suas costas, sabia que teria com quem contar no caso de emergências.

Caminhou alguns minutos pela rua que Lurrone indicara. A porta larga e dupla da Saltelha Central estava totalmente aberta, expondo, mesmo a quem vinha a certa distância, boa parte do interior da recepção: um balcão pequeno à esquerda, em arco; e à direita, uma escadaria que subia ao andar superior em duas etapas. Entre tudo, na parede, havia um grande retrato do primódora, bem parecido com o que estava na morada do grantimão Nordago.

Valfrido foi entrando lentamente, e só viu que havia alguém na recepção quando aproximou-se bem do balcão. Uma mulher baixinha e levemente rechonchuda estava acorada a remexer papeladas nas prateleiras inferiores, e chocou a cabeça miúda contra uma delas quando tentou levantar-se ao chamado do freguês.

— Oh, desculpe! — lamentou o garoto, apavorado. — Não quis assustá-la. É que...

— Claro, claro! — a mulher levantou-se, um pouco despenteada pela pancada, mas sorrindo. — Está tudo bem. Em que posso ajudá-lo?

— Preciso de um quarto, por favor.

— Pois sim! Tem preferências? Vista, mobília...?

— Não sei — Valfrido coçou a cabeça.

— Ótimo! Indeciso. Vai gostar do número três! — ela agachou-se novamente, remexeu montes de coisas, e ergueu-se com uma folha de papel e uma chave. — Escreva aqui seu nome e função, por favor.

— Sim, mas quanto custa?

— Apenas oito dóras por noite! O mais barato pelo melhor conforto!

Ele pensou um pouco. Oito dóras era quase tudo o que conseguia por noite na Rufu-Rufião, mas lembrou-se de todo o palavrório de Lurrone sobre a “grande terra das oportunidades”, e resolveu aceitar.

Pegou o lápis e escreveu: *Valfrido DiPresto - Bardo*. Pegou a chave, agradeceu, e ia subir as escadas quando voltou-se novamente para a recepcionista:

— Por favor, senhora...

— Oh, não, pode me chamar de Saltelha! — sorriu a mulher.

— Claro, dona Saltelha. Eu queria saber... pelo baixo preço do quarto, creio que as refeições não estão incluídas, certo?

— Ora, veja só! — ela riu. — Como quiser, DiPresto! Para você as refeições não estarão incluídas! Aqui o freguês tem sempre razão!

Confuso, mas se achando um tremendo burro, ele nem teve o que dizer. Bem que Lurrone o avisara...

Ao abrir a porta do quarto número três, Valfrido sentiu-se num sonho dos bem esquisitos. Era um cômodo pequeno, mas espaçoso, e cada uma das quatro paredes estava totalmente forrada com o desenho de uma paisagem distinta: à frente, o mar ao pôr-do-sol; à esquerda, densa floresta; à direita, noite estrelada; e quando entrou por completo e virou-se para a parede

correspondente à porta, levou um pequeno susto: uma réplica quase perfeita da recepção da hospedaria, com a própria dona Saltelha a sorrir para quem estivesse olhando.

A primeira coisa que fez, então, foi arrastar o guarda-roupas vazio de modo a tapar aquela figura, que com certeza tornaria-se irritante a ponto de deixá-lo maluco.

Foi até a janela, e botou a cabeça para fora: só um pequeno pedaço azul do céu e a alta fileira de construções do lado oposto da rua. “Bela paisagem”, pensou com ironia. Voltou-se para dentro e decidiu então lavar-se e tentar dormir um pouco, pois teria uma noite cansativa pela frente...

Valfrido perdeu a noção do quanto havia dormido, no momento em que sentia estranhas beliscadas em sua orelha, bem como um resmungo de som extremamente característico.

— Ei, Pudim, o que faz aqui? — bocejou o garoto, sentando-se e esfregando a orelha mordida.

— *Visita e convite, mandrião!* — subiu-lhe pelo joelho. — *A taverna espera Pudim com rum na mesa! Vamos!*

— Ah, não vou levá-lo comigo, Pudim, não adianta insistir! Quer deixar Jade desesperada outra vez?

— *Jade está lendo, não vai notar! Vamos!*

— E por acaso acha que ela vai ler a noite toda?

— *Jade lê a noite toda!*

Valfrido bufou, impaciente. Olhou para a janela e constatou que já havia anoitecido.

— O problema não é esse! — botou Pudim sobre a cama e levantou-se para lavar o rosto. — Se o navio tiver que partir, você vai perdê-lo e... — estacou de repente. — Ei, como soube que eu estava aqui?

Pudim voou para cima do guarda-roupas, como se fosse para ele um palco:

— *Se uma moeda no bico cabe, Pudim conta tudo que sabe!*

— Não me venha com seu papo furado — desdenhou Valfrido. — Ele não funciona mais comigo.

— *Não! Pudim é pequeno para esconder e rápido para voar! Sabe muitas coisas!*

— E além de falante e boêmio, ainda é um espião fofoqueiro? Tome cuidado, Pudim. Há muita gente que não gosta nada de ser espionada. Torceriam seu pescoço assim! — fez um gesto brusco com o punho fechado, e Pudim deu três passinhos para trás de susto.

— *Mentira! Ninguém liga pro inofensivo Pudim! Até gostam! Eles gostam!*

— Pois eu ainda acho perigoso. — Valfrido terminou de vestiu-se, e estava pondo o alaúde às costas. — Mas fazer o quê? Você é tão teimoso... Pra desobedecer qualquer ordem, basta lhe darem uma.

— *É que nunca pedem do jeito certo... Do jeito certo, entende, mandrião?*
— voou para o ombro dele.

— Entendo, entendo... — respondeu, com ironia. — O fato é que estou na miséria e não posso me desfazer de nenhum dóra assim por qualquer bobagem. Vamos, Pudim, faça-me um favor... Volte para Jade, e dê um recado a ela por mim.

— *Se mandrião está pobre, Pudim faz favor!*

— Ótimo. Diga que se o navio não partir até amanhã eu irei visitá-la, está bem?

— *Está bem. Pudim vai!* — e impulsionando-se com um pequeno salto, bateu asas através da janela, desaparecendo por detrás das construções.

Valfrido bolou aquele recado de um modo muito casual, meio sem perceber que o tinha feito por, no fundo, não se sentir bem pelo modo como vinha tratando a menina.

Assim que sentiu-se pronto, abriu a porta de seu quarto e desceu a escadaria até a recepção. Lá estava dona Saltelha, remexendo prateleiras como sempre. Sem levantar-se ou virar a cabeça, ela cumprimentou o garoto, que após devolver a saudação perguntou a ela como chegar à Prosana Negra.

— Não é jovem demais para ir a tavernas? — perguntou a mulher, desconfiada.

— Sim, mas é que sou bardo e...

— Oh! — Saltelha levantou-se de susto e meteu a cabeça na prateleira outra vez. — Vai desafiar Gral Falset?!

— Bom... sim, não tem outro jeito.

A recepcionista tomou-se de ansiedade:

— Que pena! Eu adoraria assistir! Mas não posso deixar a hospedaria! — ela suspirou conformada: — Ah, fazer o que, não é? Boa sorte!

Valfrido agradeceu, e partiu assim que lhe foi indicado o caminho. Pelo trajeto, ia concentrando-se, movendo os dedos e controlando a respiração como Darteus lhe havia ensinado. Aos poucos ia sentindo-se menos tenso, e cada vez mais próximo daquele estado de que seu pai tanto falava... o estado da mente onde tudo era possível, onde as palavras certas vinham, junto a notas e ritmos.

Caminhou por cerca de quinze minutos em completo transe, e as pessoas por quem passava viam um mero vulto errante e indiferente a tudo, do qual talvez nem se lembrariam assim que sumisse de suas vistas.

6

GRANDES SURPRESAS

A fachada da Prosana Negra era lindíssima. O grande portal de entrada parecia ser um mero encaixe em uma peça única: gigantesca e entalhada na forma de cabeça de tubarão vista por baixo, como se brotasse do chão para trucidar uma vítima.

DiPresto caminhou com segurança até o guardião, um homem grande e forte, provavelmente túbaro. Vestia longos mantos e capuz, com os braços à mostra, revelando marcas em relevo que pareciam ser diversas cicatrizes. A voz dele soou como o rugir de uma fera:

— O que veio fazer aqui, fedelho?

— Vim desafiar o bardo da casa — respondeu DiPresto, sem poder enxergar o rosto do guardião, que soltou uma sonora gargalhada.

— Um moleque como você? Desafiar Gral Falset? — desdenhou. — Não o deixarei entrar, a não ser que prove valor que renda a Falset bom desafio, e ao público boa diversão!

DiPresto, sem delongas, baixou o estojo, abriu-o e empunhou seu alaúde. Com perfeição milimétrica e voz limpa como o correr de um riacho, interpretou uma canção das mais famosas e difíceis que conhecia.

Ao longo de sua execução, alguns curiosos foram juntando-se às portas da Prosana, dominados pela beleza sobrenatural daqueles sons que esculpiam a tão conhecida canção, e já quase enchiam a rua quando o último dedilhar pôs fim à performance.

Soaram aplausos calorosos, e DiPresto virou-se assustado, pois tão absorto estava que nem notou a aglomeração atrás de si.

— Vai ter bardalha! Acho que sim! — comentavam alguns. — Vamos assistir!

— Por hoje está livre de nossos dentes, rapaz! — disse o guardião, abrindo o portal para DiPresto. — A Prosana o saúda!

Atmosfera densa e escuridão vencida em pequenas porções pelas micro-lapóias sobre o centro de cada mesa: a Prosana estava lotada, mas algazarra não era uma palavra que definiria o que DiPresto estava vendo. Diversas vozes conversavam, barulhos de canecas contra a madeira e umas contra as outras não chegavam nem perto do que era comum. Uma melodia bela parecia vir de todas as partes. DiPresto olhou para o alto e contemplou o escuríssimo teto abobadado em madeira fluorescente: acústica alquimaga...

Muitos olhavam DiPresto com curiosidade enquanto ele passava por entre as mesas, mas não foram além de meros comentários sussurrados. A maioria, na verdade, ficava em completo silêncio, apenas aguardando ansiosa pelas conseqüências da invasão.

Gral Falset foi aparecendo para DiPresto conforme o garoto aproximava-se do fundo da taverna. A iluminação irregular escondia muitos detalhes do bardo da casa, mas enxergava-se um homem extremamente alto — mais do que Lurrone — e bastante magro, vestido de maneira leve, distinta e sombreando-se com um grande chapéu de larga aba. Dedilhando seu instrumento, Gral Falset caminhava bem lentamente pela área dos fundos, distribuindo a todas as direções as notas de uma peça instrumental que DiPresto desconhecia.

Ao notar a figura do garoto, a encará-lo seriamente com o estojo em mãos, Falset emudeceu suas cordas aos poucos, até calar a melodia por completo.

— Um desafio... — disse ele, por fim, com voz que soava como um sopro de vento. — E desfavorável, quem diria?

— Desfavorável a você, presumo — respondeu DiPresto, concentrado e absorvido pelo ambiente azulado. Todos estavam vidrados na dupla de bardos,

que estava frente-a-frente, separada apenas por três ou quatro metros. Um silêncio absurdo reinou na Prosana.

— Desfavorável a quem de óbvia incapacidade se mostra — recitou Falset — tremendo tanto o corpo que até ressoa...

— Ainda falando de sua pessoa? — retrucou DiPresto. — Tamanho ego, tamanha queda...

— Fala muito e pouco faz.

— Típico do incapaz.

— Rebelde, mero fedelho, que...

— ... Diante de um espelho, falso, que de tolo inventa, não conhece a própria imagem...

— ... Estará só de passagem, jovem cego à verdade! — Falset fez uma pose dramática. — Tome logo o alaúde, que seus olhos...

— ... Mas que olhos, se os seus não posso ver? — abriu o estojo. — Mas em muito pouco tempo, deixarão de se esconder!

Dito e feito, ao sacar finalmente seu alaúde, DiPresto conseguiu esbugalhar a todos os olhares que a ele estavam voltados. Comentários diversos surgiram, de espanto e admiração. Gral Falset permaneceu quase imóvel, mas um par de brilhos intensos puderam ser vistos por detrás da escuridão da aba de seu chapéu. Mas em poucos instantes, quando o silêncio voltou a reinar, iniciou sua recitação, em acompanhamento lento e melancólico:

— *Segue às vias de um desastre*

A empreitada de um menino

Inocente nas palavras

Mas esperto ladrãozinho!

Palmas e assovios. DiPresto, embora concentrado, perguntou-se em pensamento até quando iam achar que seu instrumento era roubado! Logo ateve-se à harmonia proposta por Falset, mas incorporou a ela uma intensidade crescente:

— *Como é fácil divagar*
Em palavras e gracejos
Todos querem desafio!
Não se iluda com desejos!

A firmeza e coragem na voz de DiPresto, bem como a beleza dos sons de seu alaúde, renderam-lhe alguns aplausos, mas ainda tímidos. Falset, animado por sentir-se ainda com o público ao seu lado, fez seu contra-ataque, numa intensidade um pouco maior que a do desafiante:

— *A Prosana, tão fiel*
Sabe bem do meu valor
Então hoje sou carrasco
E meus versos serão dor!

A empolgação de Falset foi arrasadora. Assovios e aplausos soaram por quase dez segundos: tempo suficiente para um bardo considerar-se derrotado; mas Valfrido, mantendo sua expressão serena e o instrumento emanando seu acompanhamento, conseguiu arrancar a chance de mais uma rodada. Improvisou algumas melodias sobre a harmonia, querendo aproveitar ao menos sua vantagem sonora sobre Falset. Foi então que algo aconteceu que arrancou admiração de todos: DiPresto, em vez de recitar sua estrofe, cantou-a, utilizando um pequeno tema que surgira em sua improvisação:

— *Carrasco parece em figura*
Mas nada em seus versos eu vejo
O medo que tem de um menino
É claro qual raio em lampejo!

A musicalidade daquela estrofe cativou o público que, captando-a com perfeição, coroou o garoto com risadas e aplausos empolgados. Não pôde calcular o quanto aquilo tinha abalado Falset, visto que a iluminação tornava-o uma sombra coberta de escuras manchas amarelas e roxas. Em sua vez, o

desafiado preferiu apenas dedilhar a harmonia com mais intensidade, ao invés de tentar ganhar tempo com improvisos, o que fez seu público ficar curioso:

— *O que tenho a temer?*
Que respondam meus amigos
Pois conhecem minha fama
Que já vem de tempo antigo!

Se fosse em qualquer outra taverna que Valfrido conhecia, já se sentiria vitorioso. Mas a Prosana era um lugar bem diferente, intimista, obscuro. E lá os freqüentadores pareciam não gostar de disputas chulas e baratas. Pensando nisso, DiPresto ficou ligeiramente confuso sobre como prosseguir. Diversas frases, palavras e temas vinham-lhe num turbilhão à mente, mas ele estava com medo tomar um rumo inadequado. Veio sua vigorosa recitação:

— *Antiguidade, qualidade incerta*
Fragilidade na idade afeta
A sanidade dos pobres seres
Pois que o novo, lugar mereça!

Suas últimas frases foram em tom profético, e os aplausos, embora destituídos de intensidade conclusiva, tinham um tom de admiração e apoio. Gral Falset não demorou nada para dar seu contra-ataque, parecendo decidido:

— *Se ofende a benção da idade,*
Se agride aos sábios velhos
Quem se atreve a tal injúria
Nem um grão de pão merece!

Valfrido sentiu uma pontada. Havia caído na armadilha de Falset, cujos últimos versos já deveriam estar planejados. Os assovios e aplausos puseram qualquer dúvida abaixo. Duraram mais de vinte segundos, e DiPresto suspirou, relaxando os braços. O bardo da casa vencera.

— Qual seu nome, jovem? — perguntou Gral Falset, aproximando-se.

— Valfrido DiPresto, filho de Darteus DiPresto — respondeu, estendendo-lhe a mão em cumprimento.

Houve alguns estranhos murmúrios pela Prosana.

— Oh... — admirou-se o bardo, apertando sua mão longamente. — Seu talento muito me espanta, e a todos, estou certo.

— Mas não se compara ao seu, senhor Falset — disse o garoto, com um sorriso humilde. — Vou me retirar. A Cipreste o saúda.

— E nós saudamos a você!

De estojo às costas, e situação de volta ao normal, Valfrido caminhava em direção à porta da taverna, e conforme ia passando pelas mesas, seus ocupantes dirigiam-lhe gentis cumprimentos e palavras de apoio.

— Ei, filho de Darteus! — chamou um velhinho magrinho, miúdo, e quase sem barba, que estava sentado sozinho numa das mesas. — Logo vi que era filho de Darteus...

Valfrido franziu as sobrancelhas, olhou em volta e aproximou-se.

— O senhor conhece meu pai? — voltou a olhar em volta. Sentia-se pouco à vontade de permanecer ali após sua derrota. Mas ouvir o nome do pai fez seu coração disparar.

— Sim... ah, Darteus...! — tomou um gole da grande caneca, deixando algumas gotas escorrerem-lhe pela barba cinzenta; depois, falou baixo: — Um grande amigo meu, o Darteus... Sempre conversamos por horas e horas. Bem... pelo menos sempre que ele vinha para a ilha.

— Senhor, eu... gostaria muito de conversar mais — disse DiPresto, bastante agitado. — Não quer ir lá pra fora? Eu não posso ficar aqui. Fui derrotado.

— Não, não — desdenhou o velho. — Relaxe. Aqui você é bem-vindo. Esses mandriões gostaram de você... é muito corajoso, e ótimo bardo! — depois confidenciou: — Ninguém vai puni-lo por ficar mais um tempinho conosco.

— Obrigado — sorriu Valfrido. — Qual é seu nome?

— Ah! — apertaram-se as mãos. — Me chame de Fredic. É um prazer conhecer o filho de Darteus. Sente-se um pouco, vamos! Quer rum?

— Não, obrigado! Minha presença em tavernas é meramente profissional.

Fredic forçou os olhos, encarando Valfrido com curiosidade:

— Puxa, é um rapazote ainda! Ah, com minhas vistas ruins e esse seu palavreado enfeitado... — outro gole. — Seu pai não fala muito de você, digo... ele fala, mas nunca o descreve como se fosse... fosse... um ser humano, entende? Quando menciona o filho, é como se descrevesse um espírito, um... um... ímpeto, entende?

Valfrido sacudiu a cabeça, mas estava confuso demais para responder com palavras. O velhinho provavelmente não sabia do desaparecimento de seu amigo, pelo modo como falava. Fredic continuou:

— Ele viaja para cá sempre que pode. Aliás... — agitou-se. — Se você está aqui, ele... oras, ele veio com você? Darteus está na ilha outra vez?

— Não, senhor Fredic, ele... — Valfrido gaguejava, pois realmente não estava nem um pouco interessado em fazer papel de arauto das más notícias.

— Oh, que pena! Deve estar bem ocupado com suas tarefas importantes! — deu uma risada.

— Na verdade, bem...

— Eu adoro as canções que ele faz. Não é muito de mostrar para as pessoas, mas para mim ele nunca deixou de executar obra alguma.

Houve um momento de silêncio entre os dois. Fredic parecia sonhador, e logo continuou a falar:

— Sabe, eu trabalho no escritório do porto há décadas. Sempre metido entre papéis, registros... Quando você passa muito tempo fazendo alguma coisa, as pessoas esquecem que você é gente. É mesmo... As pessoas só se aproximam de mim para trazer papéis. Mas seu pai era diferente. Ele vinha até mim trazer música! Você... — inclinou-se para o garoto, com olhar de súplica — é filho dele... deve conhecer as canções de seu pai, não? Não pode tocar

algumas para mim? Num outro lugar, é claro. — Depois sussurrou: — Às vezes esse Falset me dá nos nervos. Sempre com as mesmas coisas, sempre.

— Seria um prazer tocá-las para o senhor. — Valfrido deu um sorriso comovido, e deixou sua mente voltar ao passado. — Eu estava sempre de ouvidos nele. Conheço coisas que ninguém nunca ouviu. Era realmente tímido para suas próprias obras, e quando tocava...

— Tocava? Ele tocava? Mas... não me diga que ele não toca mais!? Sofreu pois Darteus algum acidente nas mãos?

Valfrido ia responder, mas uma série de ruídos de canecas ao chão e rum derramado chamaram a atenção de boa parte das pessoas por perto. Era outro velhote, que nem a três metros dali, imprudente, havia esbarrado com força numa das mesas, cujos ocupantes começaram a esbravejar. Sem dar atenção a nada, o desastrado rumou porta afora.

— Ah! — bufou Fredic. — Deixa ele pra lá. É Celet. Ficou meio maluco de tanto navegar, é o que dizem. Vive feito rato assustado: ninguém sabe quando aparecerá, e ninguém sabe onde vai se enfiar.

— Bem... — Valfrido voltou-se novamente para Fredic, receoso ainda. — Meu pai não sofreu nada nas mãos.

— Que bom! Faz um mês que não o vejo, e já sinto falta de suas músicas.

— É que ele... — o rapaz ia dizendo, mas estacou de repente, e seu coração quase saltou pela boca. Fredic dava uma longa golada em sua caneca, e nem viu Valfrido ofegar de olhos esbugalhados. — O que... o que o senhor disse?

— Como? Oh, sim... que bom que seu pai ainda tem as mãos! — ergueu a caneca, sorridente.

— Não é isso. — Valfrido tremia. — Há quanto tempo disse que não o vê? Um mês?

— Sim! — Fredic ficou pensativo. — Cinco semanas, talvez... Veio me perguntar sobre um navio que sairia naquela noite. — Soltou uma leve risada. —

Minha memória às vezes é péssima, mas eu lembro bem disso porque levei um tremendo susto! Ele tinha partido para casa no navio que foi atacado, mas foi um alívio ver que estava inteiro! Aliás, não foi o único. Celet também estava a bordo, e sobreviveu! Marujo de sorte!

— C-Celet?! — repetiu Valfrido, respirando rápido.

— Sim! O velhote desastrado que saiu agora pouco. Ele... ei, garoto! — levou um susto quando Valfrido levantou-se e disparou porta afora feito bala de canhão. — Aonde vai?!

Em poucos segundos Valfrido atingiu a rua. Olhou várias vezes para os dois lados, perscrutando cada uma das figuras que por ali passavam. Para onde o tal Celet teria ido? Escolheu uma direção e correu. Questionava os passantes a respeito de Celet, mas nada recebia de útil. Mudou a direção, uma e outra vez... Não adiantaria. Caminhou exausto e sem rumo até encontrar um canto isolado, onde largou-se como um barril vazio. Se estivesse numa ilha pequena, seria fácil, mas na Ilha Mãe...

Colocou as mãos sobre a cabeça, protestando por cada dúvida que eclodia em impiedosas sensações de desespero. A confusão que rodopiava em seus pensamentos e a frustração de achar-se sem qualquer resposta transbordaram em palavras frias, que em poucos segundos já se uniam a gestos incômodos e irritados.

Após algum tempo imerso nas sombras, Valfrido suspirou, abriu os olhos, e assustou-se com dois pares de pernas, postadas bem diante dele. Ergueu a cabeça e viu dois homens estranhos, que o olhavam com seriedade.

— Problemas, rapazinho? — disse o mais alto deles, de cabeleira e barba ruivas, voz grave e rouca. — Levante daí... nós te ajudamos.

— É, nós te levamos pra casa — reforçou o outro, baixo e careca, abrindo um sorriso esquisito que despertou em Valfrido um imenso receio.

— Não, tudo bem... — disse ele, levantando-se, e percebendo que os dois eram maiores do que pensava. — Eu me arranjo sozinho, obrigado.

Já ia andando para a parte iluminada da rua, quando o mais alto colocou-se na frente dele.

— Calma, qual é a pressa? — disse ele, com jeito irônico. — Não se nega uma gentileza dessas!

— Obrigado, mas já disse que não preciso de ajuda. — Tentou novamente sair andando, mas para seu desespero, o homem à sua frente segurou-o violentamente pelo braço, e enquanto fazia força para livrar-se dele, sentiu um pano pressionar-se contra seu nariz e boca. Uma terrível sensação de sufocamento dominou-lhe o corpo, mas não durou mais que dois segundos... e ele nada mais sentiu.

* * *

Já havia anoitecido há muito tempo. Lurrone, Malaquias, Rataguet e mais três capitães ainda estavam reunidos com Donadaran Tortulo, o primódora.

Sentados à grande mesa da sala de reuniões, já tinham repassado, debruçados sobre uma gigantesca carta náutica, todas as rotas e rotinas dos navios da Guarda.

— Percebem? O sistema é perfeito! — disse Rataguet, quando todos relaxaram às cadeiras. — Como eu disse, a falha ocorreu com o nosso atraso.

— Aí é que está — falou Lurrone. — Acham que foi coincidência? Pouco antes de partirmos, surge um defeito no autorremo, nos atrasamos um dia inteiro, e quando chegamos à Cipreste, nos deparamos com tamanho desastre!

— Acha que foi algo planejado, é isso? É isso? Ah, eu sabia! — exclamou o capitão Vintage, tremulando suas bochechas gordas. — Também penso assim, mas estava esperando você dizer! Ah, se estava!

— Estava esperando, não é? Por quê? — perguntou irritado o capitão Fulermo, com sua cara de coruja. — Desistiu de dar seus “palpites”?

— É! Desisti! — respondeu Vintage, em tom acalorado. — Desisti sim, porque você fica reclamando e reclamando, é sempre assim! A gente dá um palpite e você fica reclamando e tagarelando em nossas orelhas!

Fulermo riu:

— Ah!... você não deve então prestar atenção às asneiras que diz o tempo todo, não é?

— Senhores! — protestou o primódora, calando a todos de imediato. — Nosso assunto aqui é de outra ordem, portanto vamos tratar dele apenas.

Todos fizeram gestos afirmativos com a cabeça em respeito a Tortulo, cuja imagem já despertaria admiração mesmo sem um título como aquele: alto, forte, de pele bem negra e com uma paz nos olhos e nos gestos que freqüentemente servia de inspiração para pintores, escultores e bardos de Polímagus. Mesmo muito velho, perto dos noventa anos, parecia ainda guardar dentro de si uma grande força vital.

— Capitão Tomos, ainda não se pronunciou sobre o atraso, por favor — pediu gentilmente.

— Bem, nobres amigos... — pigarreou Tomos, que sempre falava como se estivesse dando um discurso. Sua boca era coberta pelo denso bigode, unido em curva às costeletas, de modo que só se sabia que era ele o falante porque o queixo se mexia. — A mim parece lógico que sejam grandes as chances de ter sido uma sabotagem planejada. Sem dúvida! Mas há um porém! — levantou o indicador, numa pausa dramática. — A comunicação. Estrategicamente, os piratas precisavam ter certeza de que um atraso substancial ocorreria.

— Muito bem colocado, Tomos — concordou Tortulo.

— Entendo... — disse Malaquias, pensativo. — Realmente não há como as notícias de uma sabotagem bem sucedida darem, a tempo, o aval a um ataque tão distante.

— Teoricamente há — discordou Lurrone, com uma expressão muito grave. Fez uma pausa, como que calculando as palavras. — Se um navio saiu daqui com a notícia, teve um dia de vantagem sobre mim.

Todos entreolharam-se aturdidos, pois perceberam imediatamente o que aquilo significava.

— Mas, capitão Lurrone... — falou Tomos, gesticulando devagar com a mão e tentando manter a pompa. — Caso não tenha percebido, tal idéia só se torna viável se concordarmos que um navio da Guarda levou a tal... notícia.

Houve murmúrios de todos os lados. Até que Vintage se impôs:

— Eu não ia dizer, porque tem quem não gosta nem de mencionar esse tipo de coisa, mas esses piratas malditos não têm qualquer moral. Eles devem usar pássaros alquimagos!

— Oh! Que degradante, homem! — reclamou Fulermo, com careta de nojo. — Acho que não vamos descobrir nunca como eles planejaram tudo isso, ou por quê! De que adianta ficarmos aqui teorizando? Por mim, organizávamos uma frota e partíamos para os limites de Polímagus com pólvora e chumbo!

Todos ficaram boquiabertos, exceto o primódora, que baixou ligeiramente a cabeça, e Lurrone, que parecia perdido em pensamentos.

— Deixemos os mares do além para as Leis da Natura! — pronunciou Tortulo, firmemente, e todos se calaram. — Se o crime vem causar o caos, não devemos nos rebaixar a tal nível e fazer de nós merecedores do desprezo que os piratas recebem! Eles têm sido mais espertos do que nós, que somos tão garbosos de nossa justiça, fidelidade e organização que julgamos perfeita. Precisamos proteger nossos amigos, nosso povo, e não enfraquecer nossas defesas para correr atrás destes pobres desgraçados.

— Tem toda razão, senhor Tortulo — disse Lurrone, com seriedade. — Estou aberto a seus conselhos, e por isso vim até aqui.

O primódora respirou fundo, parecendo exausto, e levantou-se, encarando a todos:

— Como disse nosso amigo e capitão Fulermo, talvez nunca descubramos como tudo isso aconteceu exatamente. Mas não é isso o que importa, pois o que podemos tirar de toda essa tragédia é que, certamente, há uma grande rede pirata infiltrada e organizada em Polímagus. Navios, pássaros alquimagos... não importa o meio! Eles estão entre nós, e precisamos nos organizar para dismantelar estas ervas daninhas que estão crescendo em nossos jardins. Estou cansado... — sentou-se novamente, respirando fundo. — Naturalmente, subirei ao globo para anunciar a tragédia da Cipreste ao povo. Mas que nossos planos não saiam daqui por enquanto. Planos estes que discutiremos amanhã cedo.

Todos concordaram, a olhar com orgulho e admiração para Donadaran Tortulo. Levantaram-se e foram saindo, até que o primódora fez um sinal furtivo a Lurrone para que ficasse na sala.

— Sim, primódora? — disse o marujo quando ficaram a sós.

— Capitão Tuglas Lurrone, espero que não tome isto como intromissão ou ousadia de minha parte.

— De maneira alguma, senhor — embarçou-se o capitão.

O primódora caminhou lentamente de um lado para o outro, com as mãos para trás. Enfim, encarou Lurrone com suavidade.

— Fiquei muito satisfeito quando recebi, junto a tantos indivíduos... duvidosos... a sua candidatura a primódora.

Lurrone estava aprumado, firme, e pôde-se perceber um leve sorriso de satisfação brotando-lhe nos lábios.

— Infelizmente, algo deixou-me intrigado — continuou Tortulo, fazendo a alegria do capitão começar a murchar. — Todos os candidatos enviaram a mim seus naturais pedidos de dispensa parcial de encargos para atividades de campanha. Todos menos o senhor.

— Bem, primódora... Estamos sempre navegando, e isto me dá oportunidade de visitar muitas ilhas. Além do mais, não acho adequado desfalcar a Guarda num momento tão perigoso.

Tortulo fez um gesto afirmativo com a cabeça, embora seu olhar parecesse perdido em outras idéias.

— Ainda assim, duvido que, sem a dispensa, tenha tido o devido tempo para reunir-se com as comissões e os grantimãos. — Calou-se por alguns instantes, e arrematou sem qualquer receio: — O senhor é um homem do mar, capitão Lurrone. E para os homens do mar eu recomendaria o mar. — Um silêncio pesado vigorou na sala por alguns segundos. Tortulo continuou: — Mas você tem um coração poderoso, capitão Lurrone, e um homem de coração poderoso pode ser o que ele quiser. Isto se ele tiver a... devida motivação.

Lurrone aprumou-se mais:

— Compreendo, primódora. E afirmo que não me candidataria se não desejasse a Polímagus toda a justiça, fraternidade e progresso que nosso povo merece.

— Sim, é isto que todos esperamos — aprovou o primódora, mas logo pigarreou, parecendo calcular as palavras. — Quando estas idéias não lhe forem somente importantes, mas sim primordiais, então estará pronto para o cargo.

— Senhor Tortulo, eu...

— Por favor, perdoe-me a intromissão — interrompeu o primódora. — Imagino quanto deve ter se tornado desesperador viajar com a própria filha a bordo quando os ataques piratas voltaram. Acho plenamente justo querer sua segurança, e ao mesmo tempo sua companhia, digamos, em terra firme.

Tortulo aproximou-se de Lurrone, que estava duro feito pedra, e pôs-lhe as mãos sobre os largos ombros.

— Mas não o estou criticando, capitão, não mesmo. Estou enaltecendo a força do amor que sente, e lhe dizendo que se for capaz de desejar para cada

indivíduo de Polímagus o mesmo que deseja para sua filha, então será o melhor primódora que já existiu.

Lurrone encarava aquele homem com grande espanto, e nada conseguiu oferecer como resposta além de um ligeiro gesto afirmativo com a cabeça.

— Bem, capitão Tuglas Lurrone, boa sorte em sua campanha. Nos veremos pela manhã — disse, encaminhando-se para a porta. Antes de despedir-se, no entanto, pareceu lembrar-se subitamente de algo: — Oh!... E traga aqui o sobrevivente.

* * *

Valfrido acordou aos poucos, e conforme foi tomando noção de si, uma incômoda sensação dominou gradativamente seu corpo: parecia estar amordaçado, sentado ao chão, com as mãos e pernas amarradas. Sua cabeça latejava de dor, e ele sentia diversos formigamentos.

Organizando as idéias, reconheceu os dois homens que o abordaram perto da Prosana. Estavam sentados a uma pequena mesa redonda, colocada quase ao centro de um cômodo um pouco maior do que seu quarto na Saltelha. Não tinha certeza, mas parecia ser uma cabana bem simples, velha, e estava bastante escura. Com certeza ainda era noite, e o que se via era o que o lampião sobre a mesa iluminava.

Os dois estranhos estavam acomodados frente-a-frente, conversando distraidamente enquanto mexiam em algo que estava diante deles. Valfrido tentou focar a vista para identificar o que era, e teve um choque quando conseguiu ver: seu alaúde, desprotegido, manejado imprudentemente por um par de bandidos.

Mexeu-se com dificuldade, resmungando palavras sob a mordaça.

— Ei, Bengal! — exclamou o ruivo alto, com sua voz de trovão. — O garoto acordou, veja!

— Teve bons sonhos, bardo? — zombou Bengal, o careca mirrado, e virou-se para o amigo. — Espero que aquele troço não tenha deixado ele desparafusado, Balinês! Ia sobrar pra gente!

— Não tem problema! — respondeu o outro. — Eu toco no lugar dele!

Mais resmungos de Valfrido. O grandalhão Balinês pegou o alaúde, dirigiu-se para perto dele e, desajeitadamente, começou a soar as cordas a esmo, desempenhando uma performance cômica e desafinada de uma canção aparentemente improvisada:

— *Eu sou Balinês, e este é Bengal!*

Sorrateiros como gatos e... e...

Bengal, que acompanhava o ritmo com alegres palmas, parou e deu uma luz:

— Bonitos como os gatos! — gargalhou sozinho feito um maluco.

— Não, burro! Tem que rimar! — esbravejou Balinês, pensativo. Mas a impaciência prevaleceu e ele tirou a mordaca de Valfrido.

— O que querem comigo? — falou o garoto, respirando forte.

— Você é bardo! Faça uma canção sobre nós! — pediu Balinês. — E tem que ter adjetivos de gato, como... sorrateiros... ágeis...

— Inteligentes! — sugeriu Bengal.

— Tudo... tudo isso por uma canção? — falou Valfrido, aparvalhado.

Os dois bandidos entreolharam-se, e em imediatamente desataram a rir:

— Ouviu essa, Balinês? Ele acha que é só pra fazer uma canção!

— Oh, pobre rapaz! Está leso! Não, não... a canção é só uma coisinha pra ir distraindo a todos nós enquanto esperamos.

— Esperamos... o quê? — gaguejou Valfrido, de olhos esbugalhados.

Balinês caminhou de volta para a mesa, com um enorme sorriso:

— Você vai ver, vai ver... — sentou-se, e depositou o alaúde de volta no estojo com bastante cuidado. — Pode ser que demore um pouco, então se você se comportar, talvez o desamarremos e...

Enquanto ele falava, Valfrido notou um movimento sutil e estranho na janela, que ficava logo à direita da porta da cabana. Prestando melhor atenção, quase pulou de susto: era Jade, olhando para ele desesperada, e fazendo-lhe um estranho sinal com o polegar e o indicador sobre o nariz.

Valfrido ficou olhando aquilo por algum tempo, sem fazer qualquer gesto, temendo que os dois raptos notassem a garota. E ela, parecendo impaciente, sumiu.

Neste ponto Valfrido nem estava dando ouvidos à dupla de tagarelas. Pensava, na verdade, no porquê de Jade não ir atrás de ajuda em vez ficar fazendo estranhas mímicas. Mas estas ele compreendeu assim que viu uma sutil névoa esbranquiçada começar a se infiltrar por debaixo da porta: prender a respiração.

Ele temeu que fosse um gesto por demais atrevido de sua amiga, mas a substância espalhava-se rapidamente e desaparecia no ar. Sem demorar nem um minuto, Balinês e Bengal simplesmente despencaram como dois bonecos abandonados de repente por seus ventríloquos. Mas Valfrido ainda não deu-se o direito de comemorar, pois amarrado como estava, rezava para que Jade tivesse um plano pronto e rápido para que ele não morresse sem ar ou tivesse que respirar aquela coisa.

Uma pedra enorme atravessou com força a janela, estilhaçando os vidros e despedaçando a madeira. Pudim então entrou em ação, invadindo a cabana, voando até a porta e usando o bico para livrá-la da precária tranca.

Feito isso, Jade, com sua bandana tapando-lhe o nariz, pôde correr até Valfrido, que já estava quase azul. Percebendo a urgência da situação, ela livrou-o apenas das cordas que amarravam suas pernas.

Ao chegar do lado de fora, Valfrido inspirou tão fundo que seus pulmões pareceram ter ganho o triplo de tamanho.

— Valfrido! Está bem? — perguntou a menina, desatando-lhe as cordas das mãos.

— Eu... eu...

— *Pudim não respirou! Pudim abriu a porta!* — gritava o papagaio, voando para o ombro da dona.

— Eu sei, Pudim! Você foi ótimo! — sorriu ela, e voltou-se para Valfrido. — Como se sente? Fizeram algo com você?

— Não... estou bem... — respondeu ainda ofegante. — Obrigado... Nem sei o que aconteceria se vocês não tivessem chegado... Como souberam que eu estava aqui?

— *Pudim seguiu mandrião a noite toda!* — grasnou o bicho.

— Me seguiu? Eu não pedi que você que desse um recado à Jade?

— *Mandrião não pediu do jeito certo! Uuh!... Do jeito certo!*

— Tudo bem, seu papagaio avarento! — rendeu-se Valfrido, quase sorrindo. — Não fosse sua desobediência eu estaria em maus lençóis... admito.

— Quando Pudim apareceu dizendo que você estava com problemas, vim o mais rápido que pude! — contou a garota. — Minhas economias mal pagaram o túbaro!

— Túbaro? — Valfrido virou a cabeça em todas as direções. — Mas onde está?

A expressão de Jade tornou-se sombria:

— Ele... ficou lá embaixo esperando — respondeu receosa. — Disse que não subiria a Serra das Almas nem por mil dóras.

— A Serra do quê?... — assustou-se Valfrido. Ele corria os olhos em volta, assimilando pela primeira vez aquele cenário frio e escuro. Estavam numa clareira, rodeados por uma vegetação bastante lúgubre.

— *Almas penadas! Uuh!... Falam no ouvido e dão medo!*

— Ah... são besteiras que os frequentadores daqui espalham, e todos acreditam — desdenhou Jade. — Mas, Valfrido, por que esses homens pegaram você?

Ao ouviu aquela pergunta, ele automaticamente voltou-se para o interior da cabana. Pela porta aberta podia ver seu alaúde repousado sobre a mesa. Jade entendeu exatamente o que ele estava pensando, mas o receio de que o garoto a evitasse de novo emudeceu suas palavras.

Houve um silêncio breve e pesado. Valfrido, de repente, estava percebendo muito melhor o erro que havia cometido com ela. Olhou-a de frente, um tanto envergonhado.

— Eu sinto muito por... eu... — deu um suspiro. — Me desculpe.

— Desculpar, pelo quê? — disse Jade, fingindo não saber do que se tratava. Mas o brilho que tinha nos olhos, e o pequenino sorriso que desenhava-se em seus lábios trouxeram uma saborosa leveza para o momento.

— *Vamos embora! Antes que venham almas penadas!* — gritou Pudim, dando-lhes um susto.

— Ah, Pudim... — bufou a menina. — Garanto que a única coisa penada aqui, no momento, é você.

Com ou sem almas penadas, nenhum deles quis permanecer ali por mais tempo. Aquela serra não era tão inofensiva quanto a descrença em lendas a tornaria. Era um perigoso antro de criminosos de toda espécie, que povoavam a região a realizar diversas atividades ilícitas. Assim sendo, os três serpentearam a mata com cuidado e lentidão, pois Jade temia que sua subida rápida e desesperada até a cabana tivesse chamado a atenção de alguém. Ao mesmo tempo, os três comentavam sobre os temores de chegarem ao navio e deparar com um Lurrone furioso.

— Não sei se devo acompanhar você até o navio — murmurou o rapaz. — Me hospedei na Saltelha, e acho melhor ficar por lá mesmo. Não quero que seu pai suspeite de nada.

— Mas ele pode ajudar, Valfrido! E se tentarem pegar você de novo? Não podemos deixar isso como está.

— Eu não quero que ele saiba de nada — insistiu. — Já tem problemas demais com os piratas e a eleição... Deve haver outro jeito de resolver.

— Você tem ao menos alguma idéia do que aqueles crápulas queriam exatamente?

— Não me roubaram nada — comentou, apalpando sua pequena e intacta bolsa de moedas. — Acho que estavam esperando alguém.

— Muito estranho mesmo... Ah, puxa vida! — lamentou Jade. — Não deveríamos ter deixado aqueles dois lá. Devíamos ter feito alguma coisa.

— O quê? Carregá-los conosco? — ironizou Valfrido. — Muito prático.

— *Muito pesado, Jade!* — concordou Pudim.

— Não é isso... Se estavam esperando alguém, devíamos ter nos escondido para descobrir! Mas agora não adianta mais. Pelo menos podíamos ter... sei lá... feito alguma coisa, ao invés de largá-los lá para fugirem impunes.

— Impunes? E o que fez então aquela coisa que você lançou cabana adentro? — perguntou Valfrido, livrando seus cabelos de algumas folhas e insetos indesejados.

— Aquilo só causa sono temporário. Eu teria acrescentado algumas coisinhas, mas tudo foi tão inesperado, e pó de desmaio eu tenho de sobra.

Após cerca de vinte minutos seguindo pela mata, avistaram o brilho das construções, e deixando para trás a Serra das Almas sem quaisquer danos além de meros arranhões de galhos imprevistos, encontraram o temeroso túbaro, encolhido dentro da carrola.

— Por que não desceram pela trilha, garotos? — perguntou o grandalhão, depois que eles se acomodaram.

— É o caminho óbvio para encontrar fantasmas, não sabia? — respondeu Jade. — Eles ficam à beira da trilha, esperando pra saltar diante de intrusos!

O túbaro esbugalhou os olhos e deu um arranque digno de troféu esportivo. Jade e Valfrido entreolharam-se, num riso mudo. Ela cochichou:

— Uma velocidade extra não faz mal a ninguém...

7

OS CLANDESTINOS

Não fosse por uma única vigia deixada isenta de ser tapada pelos amontoados de barris e caixas de madeira, ele perderia a noção do tempo. Sentia o sol nascer, via-o se pôr, e este já tinha nascido pela terceira vez desde que escondera-se ali.

A fome lhe era saciada indevidamente, para não levantar suspeitas, já que nem mesmo navios piratas tinham ratos tão famintos a ponto de esgotarem mantimentos com tanta rapidez; e a sede, ia-se parcamente embora à base de algumas frutas.

Talvez aquilo fosse uma precaução desnecessária, pois tinha certeza de que havia pouquíssimos homens sendo mantidos por aquele estoque. Escondia-se bem quando alguém descia ao porão, e ficava a observar as quantidades mínimas de comida que eram levadas para cima. Frequentemente era um indivíduo manco quem descia: estava com um ferimento bem grave na perna. Na verdade, duvidava que algum dos piratas a bordo estivesse inteiro.

Alguns fatores-surpresa foram vitais para que tivesse conseguido chegar àquele porão, e embora não fosse uma situação das mais agradáveis, preferia animar-se por estar vivo e ter chance de escapar numa segunda oportunidade. A primeira se fora rápida e cruel: o navio da Guarda dos Mares lançou seus homens para a ilha, deixando os piratas fugirem. Isso não o incomodava, pois se estivesse na pele daquele capitão, faria o mesmo.

Por mais cruel que pudesse parecer, duvidava que alguém tivesse sobrevivido. Muitos foram mortos pelos piratas, e a outra parte só escaparia daquele inacreditável mar de chamas por um milagre.

Desembainhou sua espada e admirou a lâmina por alguns instantes, tendo algumas idéias malucas. Balançou a cabeça: não... realmente seria arriscado demais dar uma de valente e tentar atacar os piratas sozinho. Mesmo feridos e em número reduzido, eram mais bichos do que gente, capazes de uma selvageria descomunal em situações de perigo.

Sabia que, se a viagem durasse muito tempo, iria perder rapidamente a noção do perigo, dando margem a atitudes desesperadas, como era próprio de qualquer indivíduo deixado sob condições extremas. Ouviu um gemido baixo atrás de si. Embainhou a espada e caminhou até a garota, deitada sobre um arranjo macio que ele mesmo preparara.

— Como se sente? — sussurrou, agachando-se.

Ela pareceu não ouvir. Estava de olhos fechados e mexendo-se muito pouco. Ele chamou então mais algumas vezes, até que um par de olhos negros de águia abriu-se com lentidão e dificuldade.

— Eu pensei que... ia acordar e ver o teto da minha casa.

— Você parece bem melhor — comentou o rapaz, secando o suor daquele pálido rosto. — É isso o que importa.

— Pensei que fosse só um pesadelo outra vez... — disse ela, mais para si mesma que para o amigo.

— Está com fome? — ele levantou-se, com um tom forçadamente casual. — Precisa comer alguma coisa, senão vai ficar fraca.

Fazendo que não com a cabeça, a jovem ergueu-se com dificuldade, sentando-se e apoiando as costas numa grande caixa.

— Acha que ele... — tomou coragem — acha que ele se foi, como os outros?

— Não é bom ficar sem comer... pode piorar tudo.

— Pare com isso, por favor... — irritou-se ela. — Do que está tentando me poupar?

Sorfidis ficou paralisado por alguns instantes, depois virou-se e encarou Elen com certa seriedade.

— Eu sinto tanto quanto você, acredite... Mas temos que focar nossas energias em sair daqui vivos.

— Não. Não devemos fugir disso, Fidis... Seria como fingir que nada importa.

Ele suspirou profundamente, e baixou a cabeça.

— Está bem... Se quer saber, é horrível, mas acho que ele se foi também.

Um silêncio pesado vigorou naquele instante. Ambos nunca haviam enfrentado algo tão trágico em suas vidas. Elen soube da morte do avô assim que Sorfidis a abordou na ilha, e agora sua angústia voltava-se ao destino de Valfrido.

Para evitar a perda das esperanças, Sorfidis vinha tentando ocupar sua mente com planos, e seus ouvidos com os sons que os piratas faziam lá em cima. Se houvesse uma mínima brecha, uma mínima chance, teria de estar preparado para aproveitá-la. O problema era que sua amiga, deprimida e febril, parecia estar desistindo de lutar por sua sobrevivência.

— Nós nem pudemos ajudá-los... — lamentou Elen, quebrando o silêncio.

— Mal pudemos ajudar a nós mesmos. Eles estavam por toda parte.

— Podíamos ter tentado mais — retrucou a garota, em tom que parecia ser de repreensão, fazendo o amigo olhar para ela com ar indignado.

— O que acha que eu pretendia, Elen? Como eu ia prever que, de repente, seria tarde demais para tudo? — aproximou-se da amiga. — Eu teria dado a vida por Valfrido, por Oton ou por qualquer outro! E esse é o problema, Elen... a única vida que eu tenho direito a oferecer em troca de outra, é a minha própria. Só a minha...

— Eu sei que estava me protegendo! Mas eu também daria minha vida, e você sabe disso!

Sorfidis recebeu aquelas palavras como se fossem pancadas em seu peito. Virou-se de costas e levou a mão à testa, apoiando o corpo numa pilha de caixas. Uma cena então voltou-lhe à memória para torturá-lo...

Corria pelas pequeninas ruas, logo ao amanhecer, intuindo uma agitação estranha na ilha. Em determinado momento, cruzou assustado com Oton DiLumis, ferido e moribundo:

— Fuja daqui, jovem... — ofegava Oton. — Salve minha neta, por favor... Os piratas... eu... dei cobertura a eles...

— O quê? Piratas, senhor DiLumis?! O que está dizendo? — perguntou Sorfidis incrédulo.

— Dei cobertura... Ameaçaram minha Elen!... disseram que iam saquear, só isso! — Oton, com os olhos vermelhos, perdeu por um instante o fôlego. — Eles... eles vão acabar com tudo, pequeno Murtod. Salve minha neta... Salve-a e fuja o mais rápido possível!

Então o corpo de Oton DiLumis ficou mais pesado, e Sorfidis ajoelhou-se para escorá-lo. Estava morto...

Nos minutos seguintes, numa frenética correria, toparia com Elen caminhando curiosa perto da fábrica. Notou uma grande confusão instalando-se cada vez mais perto, e levou a menina DiLumis em desespero para esconder-se na floresta. Percebeu piratas arrastando ciprestinos ilha adentro. Ouviram ruídos cortando o ar, e viram os reservatórios explodirem. Em questão de segundos, boa parte da Cipreste estava em chamas. Serpentearam aos poucos por onde não havia perigo, até atingirem a praia nordeste. Sorfidis avistou pelo monóculo um navio afastando-se, e outro parado, bem próximo, que parecia abandonado. Entraram num dos botes que estavam na praia e Sorfidis remou na direção do navio. Pretendia tomá-lo, mas piratas desesperados também já estavam remando para escaparem do terrível fogo que invadia a praia. Sorfidis não teria tempo de governar o navio, nem de fugir com o bote sem que fosse notado. A única solução que os deixaria vivos e incógnitos era óbvia...

Logo que fecharam-se no porão da embarcação, Elen dava sinais de não estar bem. Por dois dias Sorfidis temeu pelo pior, já que não havia condições de oferecer à amiga uma ajuda adequada.

Felizmente — pensou o rapaz, ao despertar de suas recentes lembranças —, lá estava ela, acordada e aparentemente melhor.

— Você não entende, Elen — disse então. — Eu não podia colocá-la em perigo. Não podia...

— Como assim? Nós somos amigos, Fidis... estamos juntos nessa. Devíamos ter ido...

— Não, não, me escute — ele interrompeu, agachando-se novamente e tomando-lhe a mão. — Eu não queria que você soubesse, mas... — respirou fundo — jurei ao seu avô que protegeria você.

Elen tremeu por dentro, e Sorfidis pôde sentir. Ela parecia querer dizer algo, mas nenhuma palavra lhe saía dos lábios.

— Como você sabe, encontrei Oton quase morto pouco antes do ataque começar. Ele só teve tempo de me avisar do perigo, e me fazer prometer que tiraria você dali viva, a qualquer custo.

Elen ficou ainda mais pálida, com o olhar negro perdido no vazio.

— Ele nos salvou, Elen... me avisou do ataque, e eu soube o que fazer. Não fosse por ele, quem sabe o que nos teria acontecido?

“O mesmo que provavelmente aconteceu a Valfrido”, pensou a garota, mas continuou calada, sentindo seu espírito fraquejar ainda mais.

* * *

Elen estava provando uma vertiginosa sensação de desproteção, e ao abrir os olhos percebeu que Sorfidis a sacudia com extrema ansiedade no rosto.

— Elen, acorde, rápido — sussurrava ele.

— Fidis...? O que foi?

— Você está bem? Pode levantar?

— Acho... acho que sim, mas o que houve?

— Venha cá — pediu Sorfidis, guiando-a com cuidado até a vigia do porão. Ao chegarem, apontou a ela o horizonte, metade oceano e metade céu azul. — Dê uma olhada bem ali.

— Mas não vejo nada estranho... o quê...

— Você é uma DiLumis, e tem os olhos da linhagem. Acho que vi algo bem ao longe. Tentei me certificar, mas não ando enxergando bem e já me esforcei demais — ele disse, esfregando o olho bom.

A garota botou o monóculo contra a vigia e fixou a visão na linha do horizonte. Sem qualquer esforço, quando estava prestes a desmentir a intuição do amigo, percebeu um ponto tão minúsculo e tão distante que fundia-se intermitente nas ondulações do oceano.

— Ei... tem algo ao longe — afirmou Elen.

— Eu sabia! É o que eu estou pensando?

Elen então finalmente forçou sua vista, fixando-a naquele mínimo ponto, e mais que depressa ele ganhou definição, distinguindo-se mais facilmente da água. Percebeu que aquilo mostrava dois tons de cores, esbranquiçado acima e acinzentado abaixo.

— Posso jurar que é um navio — arriscou, virando-se para o amigo, que respirava certo contentamento. — Mas e se for pirata? Está muito longe, e não dá pra ter certeza.

— Não... duvido muito que seja. Não acho que estamos distantes o bastante de Polímagus, mesmo rumando para norte.

Elen ia servir o intuitivo Sorfidis de mais um bocado de pessimismo, mas preferiu confiar no amigo, pois apesar de jovem ele às vezes parecia entender mais de navegação do que muitos capitães na ativa.

— Está se aproximando — disse Elen, após outra olhada.

— Está bem, está bem... — o rapaz andava de um lado para o outro. — Acho que não há muito o que fazer por enquanto, a não ser esperar.

E foi o que fizeram, mas sem com isso abandonarem o decorrer da situação. Elen vigiava a aproximação da embarcação, e Sorfidis ocupava-se de ouvir a movimentação dos piratas lá em cima.

Após quase uma hora inteira, o navio ao longe já mostrava-se suspeito de ter sido detectado pelo inimigo, e logo, uma certa tensão crescente pôde ser percebida vagando pelo ar. Elen deu uma espiadela no amigo, que tinha o rosto voltado para o teto:

— Estão se movimentando rápido. Estão preparando alguma coisa — disse ele. — Deve ser mesmo um navio da Guarda.

— E se afundarem a gente?

— Só se... Oh, não! — espantou-se Sorfidis, de repente.

— O que foi?

— Virão buscar pólvora! — respondeu ele, apontando a pilha de pequenos barris logo atrás da cama que fora improvisada para Elen. — Me ajude a botar isso de volta!

Desesperados, os dois desfizeram tudo sem dificuldades. Ouviram passos rápidos e pesados aproximando-se do alçapão. Numa atitude de completo instinto, saltaram por cima de amontoado de caixas e agacharam-se atrás dele, temendo até mesmo suas próprias respirações.

Um pirata grandalhão, barbado e bastante maltrapido entrou no porão. Foi até a pilha de barris de pólvora, tomou um em cada braço e, estacando de repente, começou a fungar com força, a olhar curioso ao redor de si. Em instantes estava caminhando na direção do esconderijo de Sorfidis e Elen, a provar o ar abafado com suas enormes e peludas narinas.

Sorfidis estava levando lentamente a mão até sua espada, à medida em que o pirata se aproximava. Elen tremia e apertava o braço do amigo. Já sentiam o fedor do homem, e Sorfidis estava prestes a saltar sobre ele, quando uma voz vinda do alçapão chamou a atenção do grandalhão:

— Ei! Anda logo com essa pólvora!

— Já vai! — respondeu o pirata, virando-se e caminhando de volta para cima. — Mas que desgraça! Os ratos já estão cheirando melhor do que nós!

Quando ouviram o alçapão fechar-se outra vez, os dois sentiram um alívio indescritível, mas não podiam perder tempo calculando a sorte que tiveram. Precisavam ficar alertas aos detalhes de tudo.

— Vamos olhar pela vigia! — disse Sorfidis, ajudando Elen a se levantar. — Preciso saber se vão atacar ou dar um aviso primeiro.

— E que diferença isso faz? De qualquer modo haverá tiros!

— Não se eu responder o código — discordou ele, tirando do bolso um pequeno golfídeo.

— Mas, Fidis, os piratas não vão ouvir?

— Vão, mas acredito que um navio da Guarda a se aproximar é para eles uma preocupação bem maior. Já devem estar posicionados na artilharia. Além do mais, não há outro jeito de evitarmos canhões contra nós.

— E se nós fizéssemos algum outro sinal? — sugeriu ela, pensando que a idéia do amigo serviria mesmo é para torná-los reféns.

— Não vão nos ver — discordou ele, puxando-a até a vigia e apontando o navio. — Estão virando a bombordo, para nos pegarem de frente e evitar nossos disparos. E se estes piratas não forem tão burros, vão fazer a mesma manobra.

Elen gemeu de decepção, o rosto colado ao vidro.

— Ainda estão longe para soar o golfídeo, mas não vão demorar — continuou Sorfidis.

— Tem certeza de que é a única possibilidade que temos?

— É isso ou a morte certa. A artilharia da Guarda faria desse navio um cardume de farelos.

Apoiando as costas na parede, claramente assustada, Elen sentou-se no assoalho.

— E eu posso tentar arcar com tudo sozinho — acrescentou Sordidis gravemente, sem tirar os olhos do mar —, enquanto você se esconde, ou... — estendeu a mão à garota — podemos sair juntos dessa.

Elen encarou o amigo com uma tristeza que, gradativamente, foi transformando-se em coragem. Aceitou a mão dele, e logo estava de pé, oferecendo ao jovem Murtod aquele brilho em seus pequenos olhos. Os olhos de água que ele tanto admirava.

Sordidis teve certa dificuldade para abrir a vigia, a fim de poder ouvir com mais clareza os sons que vinham de fora, e teve de usar a espada como alavanca pra desemperrá-la.

Após seu sucesso resultar num ruído por demais escandaloso, os dois temeram que alguém pudesse descer outra vez, mas não houve tempo sequer para darem o primeiro passo em direção a qualquer esconderijo: chegou até a dupla um som sutil e distante, uma nota firme e contínua como o assvio do vento.

Sordidis paralisou-se:

— É o golfédeo... pergunta três... — balbuciava ele, parecendo revirar a própria mente. — Resposta... resposta um.

Mais que depressa, levou o primeiro bucal inferior de seu golfédeo entre os lábios e soprou com força, botando quase todo o rosto para fora da vigia.

Enquanto o som durava, Elen foi sendo fisgada por um receio que quase a fez puxar o amigo de volta para dentro, mas ao invés disso apenas esperou que ele terminasse.

— Fidis... você deu a resposta certa? — perguntou a garota, enfim.

— Sim, claro.

— Mas assim eles não irão embora? — questionou, com certa indignação.
— Vão achar que o navio é da Guarda, e que está tudo bem!

— Sei que parece loucura... — disse ele, impassível. — Mas é a única resposta que pode nos salvar.

Elen fez uma cara incrédula. Sorfidis começaria uma explicação, não fosse a violência tremenda com que o alçapão abriu-se. Os dois viraram seus rostos ao mesmo tempo na direção do pirata furioso que ali surgiu, empunhando ameaçadoramente uma larga espada.

— Quem está aí?! — berrou ele. — Mostre a cara, espertalhão!

O autorremo trabalhava à toda, o navio balançava, e o porão estava um tanto escuro. Assim, a desorientação inicial do pirata deu aos garotos tempo de escalarem uma grande pilha de tranqueiras, de onde ficaram a observar os movimentos lentos do homem na direção da vigia.

Sorfidis pediu silêncio a Elen com o indicador aos lábios e posicionou os pés cuidadosamente no corpo de um pesado caixote, aguardando o momento certo. Quando percebeu o pirata logo abaixo, empurrou com toda a força que pôde. O peso era grande, o que atrasou a barulhenta queda, dando tempo do homem perceber a armadilha e esquivar-se de olhos esbugalhados. Sorfidis pensou rápido, e saltou sobre o pirata a brandir sua espada, sem querer dar tempo ao inimigo de se recuperar do susto. Atacou-o com um golpe na altura do pescoço, mas o adversário defendeu-se com primor, revelando grandes reflexos. Desataram então numa sucessão tensa de ataques e esquivas, com o choque das lâminas a ressoarem pelo porão.

Elen tentava pensar em algum modo de auxiliar Sorfidis, mas não conseguia organizar as idéias. Ao ver o amigo sofrer um corte na altura das costelas, sentiu seu espírito abandonar a razão, e saltou em fúria sobre o pirata.

— Elen, não! — gritou Sorfidis, com a mão sobre o ferimento e a espada em posição. Avançou sem temores para cima do inimigo, mas só pôde assistir à garota sendo lançada contra o assoalho. Sentiu o sangue subir-lhe à face numa chama de ódio. Investiu como um tubarão sobre o homem, que inicialmente foi obrigado a dar alguns passos para trás a defender-se de tão inesperada ira.

Atacado brutalmente, o pirata sentiu alguns golpes vazarem sua defesa, causando-lhe cortes nas mãos e braços. Sua espada foi ganhando minúsculos dentes, e quando sentiu suas costas contra a parede, teve noção de que não estava lidando com um jovem meramente coroadado pela sorte da raiva. Defendeu mais três golpes de Sorfidis, e aproveitou o quarto, precipitado, para agarrar o braço do garoto, e utilizar sua vantagem física.

Ainda que tentasse desvencilhar-se, Sorfidis estava fraco, e logo seu corpo não mais obedeceu a suas vontades. Teve o braço torcido, sua espada voou entre as tralhas, e ele recebeu um soco certeiro no rosto que o tirou definitivamente de combate. Antes de sentir sua consciência definhando por completo, olhou para o corpo desfalecido de Elen, mas não teve tempo para desculpar-se, por não ter conseguido cumprir a promessa feita a Oton DiLumis...

* * *

A escuridão transformou-se num avermelhado incômodo sobre a vista de Elen. Seu rosto estava quente, e um brilho ofuscante a impediu de abrir os olhos de imediato.

Quando o fez, percebeu-se caída ao pé do mastro principal. Vozes gritavam frases à sua volta, algumas bem perto, e outras bem distantes. Uma delas chamou-lhe a atenção em determinado momento: era Sorfidis, que amarrado e sendo segurado por um pirata corpulento, olhava para ela, e chamava seu nome.

— Elen... Elen, você está bem? — murmurava ele, sofrendo puxões repreensivos de seu algoz.

Ela apoiou-se no mastro e colocou-se de pé, tomando perfeita noção do que se passava. Soube então o porquê dela e Sorfidis aparentemente não estarem sendo o centro das atenções naquele momento. O navio da Guarda mostrava sua opulência a menos de trinta metros deles, e mesmo de corpo fraquejado e atenção turva, os olhos sagazes da garota não a enganaram quanto

ao homem que postava-se à ponta da proa distante: aprumado em seu uniforme da Guarda, de longos cabelos negros e presos, o rosto bronzeado e expressivo, os olhos ligeiramente puxados, lá estava o capitão Fantod Murtod, à frente de seus fiéis marinheiros. De semblante severo, alvejava os piratas com voz firme:

— Já tiveram a chance que não mereciam, escravos desgraçados! Desistam de suas ações desesperadas, pois sabem que nada conseguirão!

— Você não assusta como pensa, Murtod! — respondeu o rechonchudo líder bucaneiro, caminhando na direção da amurada. — Acha que pode conseguir o que quer, não é? Está se fazendo de idiota, ou faz jus à sua fama e já descobriu que nós temos algo importante aqui? — Terminou com uma gargalhada estarrecedora, imitada por todos os poucos piratas a bordo.

Sorfidis e Elen sentiram um calafrio. Ambos não conseguiam tirar os olhos de Fantod, mas apenas o filho compreendia bem o que estava se passando na mente do pai. Certamente seu velho estava lutando por dentro para não deixar escapar qualquer grão de emoção, que com certeza poria abaixo o bom andamento daquela situação tão delicada.

— Ninguém aqui é estúpido, homem! — disse o capitão da Guarda. — Nem nós, nem vocês! É tudo simples: vocês querem ir embora, e nós queremos os garotos a salvo! Como resolvemos isso?

— Qual a pressa, Murtod? — perguntou o líder pirata. — Seu filho está bem, veja! — Aproximou-se de Sorfidis, cutucando-lhe o ferimento de espada e arrancando-lhe um gemido de dor. — É valente e forte! Pode agüentar uma... agradável conversa!

Elen correu até o amigo, mas foi barrada por um dos piratas.

— Deixa ele em paz! — implorava ela, debatendo-se.

— Não tem conversa e vocês sabem! — vociferou Fantod. — Entreguem os garotos e nós seguimos nossos rumos em paz! Têm minha palavra!

Nova gargalhada dos inimigos, e o chefe asqueroso adiantou-se outra vez:

— A palavra de Fantod Murtod! — riu. — Ela não vale nada sem uma pistola em sua testa, ou uma lâmina em seu pescoço!

— Pois lhe garanto, pirata desgraçado! — respondeu Murtod. — Quer que despejemos nossa pólvora e nossas balas ao mar para que tenha certeza?

— Seria um episódio emocionante e inspirador para os bardos, só que a mim mais parece um delírio de capitão desesperado! — gargalhou o líder.

O capitão Murtod ficou em silêncio por um instante. Observou a bainha vazia do filho aprisionado. Onde estaria a espada? Correu os olhos por cada um dos piratas inimigos, observando-lhes os pertences, e por fim anunciou:

— Entendo bem, homens! Se é a única solução que querem...! Ofereço-me em troca dos prisioneiros!

Houve um ligeiro tumulto entre os marinheiros da Guarda, que pareceram aterrorizados com a sugestão.

— Levem-me com vocês se isso os fará mudar de idéia! — continuou o capitão. — Acredito que seria esta uma grande glória para os seus!

Os piratas quase lamberam os beijos ao vislumbre de tamanha conquista: levarem consigo o famoso e temido capitão Fantod Murtod era mais do que poderiam sonhar. Ainda assim, o chefe inimigo parecia prudente:

— Com certeza seria uma glória das maiores! — respondeu ele, com um sorriso torto e podre. — Mas me diga, capitão... Como pretende provar que não haverá truques sujos nesta adorável proposta?

— Creio que esta pergunta cabe a mim, caro assaltante traiçoeiro e covarde! — respondeu Fantod, e depois virou-se para seus próprios tripulantes, falando em voz bem alta: — Escutem, bravos marinheiros! Preparem um bote para mim, pois irei só e desarmado ao navio inimigo! Os reféns usarão o mesmo bote para chegarem até vocês sãos e salvos, e quando isso acontecer, dêem a volta e partam, sem disparos e sem perseguição! Conto com a honra e obediência de todos! Entenderam?

Os marinheiros entreolharam-se aturdidos, e a contragosto, fizeram gestos afirmativos. O capitão voltou-se para os piratas.

— Assim faremos? — perguntou ele.

— Estou de acordo! — disse o líder pirata, cofiando a barriga. — Mas se houver qualquer truque...

— Se houver qualquer truque — interrompeu Murtod firmemente, de olhos flamejando —, então os canhões decidirão nosso destino!

Enquanto Fantod não teve uma arma pirata apontando-lhe à queimadura, nenhum dos garotos foi deixado para descer ao bote da Guarda.

Elen não dizia qualquer palavra, pensando nas coisas horríveis que poderiam acontecer ao pai de Sorfidis.

O filho parecia uma estátua de mármore, e qualquer um que olhasse para ele ficaria em dúvida: estaria mais chocado que sua amiga, ou via no rosto do pai uma esperança estranha, na qual confiava com a típica naturalidade dos Murtod?

Desceram à pequenina embarcação, sozinhos, mas Sorfidis hesitou em remar.

— Vá, meu filho! — ordenou Fantod. — Vejo vocês em breve, eu prometo!

Os bucaneiros riram bastante, e levaram o prisioneiro para longe das vistas de todos.

O rapaz respirou fundo, baixou a cabeça por um instante, e finalmente fez o bote deslizar na direção do navio da Guarda.

— Você está bem, Fidis? — murmurou Elen, sentada ao lado dele.

— Estou... não se preocupe comigo — sua voz parecia uma brisa cansada. — Meu pai nunca mentiu, e nunca vai mentir. A verdade para mim é esta, e mesmo que quisesse, não poderia jogá-la para o alto.

— Mas você... não sente um pouco de medo? — perguntou ela, receosa de insistir no assunto.

— Claro que sim — disse Sorfidis, virando o rosto sério para Elen. — Mas já me ensinaram que... o medo é só um presságio, avisando que estamos prestes a fazer algo grande.

Os olhos de Elen perderam-se na escuridão de seus próprios pensamentos. Segundos depois ela fitou o amigo:

— Quem lhe disse isso?

— O homem que acabou de salvar as nossas vidas.

Os garotos subiram a bordo sob olhos entristecidos e preocupados. Sorfidis foi quem recebeu um maior número de palavras de apoio e tapinhas no ombro, sendo rapidamente encaminhado para o devido socorro.

A jovem DiLumis, agradecendo gentilmente o cantil que lhe foi oferecido, preferiu sentar-se por alguns instantes contra a amurada.

— Venha conosco, pequena. Precisa de cuidados — sugeriu um marinheiro, inclinado diante dela.

— Obrigado... — respondeu, após um refrescante gole d'água. — Só quero respirar um pouco.

— Pois respire tranqüila, está a salvo agora.

— Mas por esse preço...? — lamentou. — Será que temos o direito de ficar tranqüilos?

— É difícil, todos nós sentimos muito. Mas eu penso da seguinte forma, como todos os meus companheiros... — encarou-a com seriedade. — Eu faria exatamente o mesmo no lugar dele, por qualquer um.

A garota sacudiu lentamente a cabeça, ainda tristonha.

— Ah, e só para ter certeza... — continuou o marinheiro. — Foi Sorfidis quem soou o gólfideo?

— Sim.

— Eu sabia! — exclamou ele. — Por sorte o rapaz é astucioso e percebeu.

— Percebeu o quê?

— Que se respondesse de forma errada ao código, mesmo de propósito, vocês estariam é boiando nesse instante.

— Não entendo... — suspirou Elen. — Não seria estranho de qualquer forma?

— Estranho seria um bando de piratas acertando o código, como ocorreu... Um erro só nos faria perguntar de onde eles tiraram um golídeo, e em seguida acenderíamos toda a artilharia.

Elen sorriu pesarosa.

— Se eu tivesse um grão da coragem e inteligência dele... tudo seria mais fácil — disse ela, observando o amigo aparecer e correr cambaleante na direção da amurada, seguido pelos preocupados marujos que tentavam tratar de seu ferimento. Elen notou que Sorfidis parecia ter envelhecido alguns anos, e não parecia mais um mero rapazinho. Seu semblante vivo o fazia parecer o próprio Fantod.

— Venha, pequena — convidou o marinheiro. — Venha descansar. A palavra do capitão será cumprida, e teremos uma longa viagem pela frente.

Antes porém de deixarem a amurada, Elen e Sorfidis deram uma última olhada no navio pirata. Fantod não estava mais no convés, e apenas quatro piratas lá restavam, vigiando os movimentos da Guarda. Em poucos minutos, quando o sol recostava-se ao horizonte, as duas fortalezas flutuantes afastaram-se lentamente uma da outra.

8

DIPRESTO E O PRIMÓDORA

Jade insistiu muito para que ela e Valfrido ficassem mais algum tempo juntos quando a carrola parou diante da Saltelha Central. Estava louca para discutir pormenores das milhares de hipóteses que tinha a respeito do seqüestro. Valfrido, por sua vez, tinha motivos o bastante para querê-la de volta logo ao navio, e ouvir Jade falar sem parar durante o caminho todo, mexendo-se tanto que quase derrubava Pudim do ombro, não o ajudou a mudar de idéia.

— Calma, calma... — pediu ele ao descer da carrola. — Já disse. Não quero que seu pai fique possesso por minha culpa. Isso se ele já não tiver voltado! — teve um arrepio.

— Mas você precisa fazer alguma coisa! — ela levantou-se, arrancando um resmungo impaciente do túbaro. — E se eles vierem atrás de você novamente?

— Não acho que seriam idiotas a tal ponto — disse Valfrido, mas pensou melhor e deu uma leve risada: — E se forem, só preciso de um pouco daquela coisa...

Ele falou mais por brincadeira, mas rapidamente recebeu da alquimaga um suprimimento enorme de pó sonífero.

— Tome, é tudo o que tenho. Use com cuidado. Eu vou para o navio, já que insiste tanto... — Jade voltou a acomodar-se no assento, de braços cruzados e cara emburrada. O túbaro posicionou-se para correr.

— Olhe... fique tranquila. Talvez dê tempo de conversarmos amanhã. — Valfrido caminhava junto à carrola, que começava a acelerar. — Falaremos sobre tudo com calma, certo?

Jade apenas fez um pequeno sim com a cabeça. Mas ambos sabiam a verdade: o mais provável era que, com a iminência de uma partida imediata de Lurrone, aquela podia ser a última conversa deles em muito tempo. Além do mais, apesar de sua aparente tranquilidade, o garoto estava era mesmo apavorado...

Valfrido teve cuidado para não fazer ruídos bruscos ao entrar na hospedaria, visando não causar mais danos à cabeça de Dona Saltelha, mas logo ao aproximar-se da escadaria, ouviu aquele característico som de prateleira batida seguido de um “ai!”.

— Oh, desculpe! — lamentou Valfrido. — Eu não queria...

— Puxa, rapazinho... — Saltelha levantou-se, esfregando a nuca, e tentando sorrir. — Não entre assim, a passos de felino. Pensei que fosse um ladrão!

— Me desculpe. Alguém veio me procurar?

— Não, ninguém. Quer que eu lhe sirva alguma coisa, DiPresto? Ainda temos jantar!

— Minha pobreza está maior que minha fome, dona Saltelha. — Ele tentou sorri, de olhar sereno, depois acenou e subiu para o quarto.

Tudo estava como ele havia deixado, e ao fechar a porta, a primeira coisa que fez foi largar-se na cama e fechar os olhos. Sabia que não conseguiria dormir diante de tanta ansiedade e tantos acontecimentos, mas pelo menos poderia pensar sobre tudo com mais tranquilidade.

Os fatos daquela noite estranha não paravam de rodopiar em sua mente. A taverna... o velho Fredic... Balinês e Bengal... Mal havia feito humildes planos para sua vida, e tudo vinha abaixo novamente. Só que desta vez era algo extremamente importante. Não parava de pensar em ir atrás de Darteus, mas pelo que Fredic havia dito, com certeza seu pai o buscara com intenção de viajar, mas... para onde? Não que a dúvida fosse empecilho para uma causa tão

vital, pensou Valfrido, mas o fato era que não havia para ele meios de locomover-se com tamanha liberdade por todo o Mar Polímagus, numa fatigante expedição de busca às cegas.

Os capitães todos certamente se ocupariam, em breve, de caçar navios piratas, e não teriam tempo para investigar pais desaparecidos. A própria Guarda disse que investigaria o sumiço de seu pai, mas nunca trouxeram qualquer notícia. Mesmo porque se Darteus estava fugindo, o que no momento parecia óbvio, é claro que não daria as caras a torto e a direito. E seguindo esta linha de raciocínio, o que o teria levado a aparecer para Fredic? Claro que, pelo que Valfrido ouvira do velho, Darteus precisava de uma informação, mas o estranho era que aparentemente ele não havia pedido a Fredic que guardasse segredo sobre sua aparição. Não... talvez Fredic não tivesse percebido gravidade alguma naquilo, ou talvez pensasse que Valfrido, por ser filho de Darteus, estivesse naturalmente a par de tudo.

Decidiu parar de gastar energias pensando nisso, pois fosse um fato misterioso, fosse ironia do destino, devia contentar-se por seu pai estar vivo, mesmo fugindo. Mas... fugindo de quê? Outra vez seu olhar foi atraído para o alaúde. Darteus sempre o escondera... Claro que era um instrumento que não se definiria nem por raro, já que era único, mas quantas coisas bem valiosas seu pai havia mantido fora do alcance do filho durante a vida toda? Valfrido não se lembrava de nenhuma, exceto o alaúde. E foi só botar as mãos nele, pensou o garoto, que mesmo pobre e desconhecido foi raptado por uma dupla bizarra. Balinês e Bengal poderiam, claro, querer roubar-lhe o instrumento, tão valioso, mas por que o levaram e o mantiveram aprisionado junto a eles? Seria como afanar um peixe da barraca e levar o peixeiro junto... não fazia sentido.

Preso nesta barreira, com a verdade oculta do outro lado, vagueou por diversas possibilidades absurdas por vários minutos, até ouvir batidas na porta do quarto.

— Quem é? — perguntou, sentando-se ansiosamente na cama, e procurando em volta algum objeto que pudesse servir de arma.

— Malaquias! — respondeu uma voz do outro lado.

— E Rataguet! — respondeu outra.

Valfrido deu um suspiro de alívio, vestiu de novo o sapato — não era duro o bastante mesmo... — e foi abrir a porta.

— Entrem! — convidou, dando-lhes passagem. — É ótimo vê-los!

Timoneiro e navegador caminharam quarto adentro a observar tudo em volta com curiosidade.

— É um belo aposento! — comentou Rataguet.

— Pra não dizer estranho, certo? — riu Malaquias, observando a parede com retrato da recepção. — Dá pra suspeitar o que você escondeu com o guarda-roupas!

— É... deveriam descontar isso do preço — caçoou o garoto. — Pode causar insônia.

— Eu gostei! — exclamou o navegador, de braços bem abertos diante da parede com imagem de estrelas. — Embora não seja um retrato fiel... — fez uma careta, virando-se para os outros dois.

— Veja, eu trouxe umas coisas! — foi dizendo Malaquias, remexendo dentro de um gordo saco de papel em suas mãos.

— Que nos diz de um lanche, Valfrido?

O rapaz sentiu finalmente o vazio no estômago que a cabeça cheia vinha ocultando:

— Não poderia pensar em nada melhor...

Rataguet tomou o pacote e arruinou a higiene da cama despejando sobre ela um monte de bolinhos e pães. A princípio Valfrido coçou a cabeça contrariado, pois mal tinha dinheiro para uma diária, que dirá para lençóis novos... Enfim, a fome falou mais alto.

— Fomos procurá-lo na Prosana Negra, mas você já tinha ido embora — comentou Malaquias, mastigando um pão de ostra.

— É... — suspirou Valfrido. — Fui derrotado. Aquele Falset acabou comigo quase bocejando.

Os outros dois deram uma risada, entreolhando-se.

— Não foi o que nos disseram por lá — falou Rataguet. — Logo que entramos, corriam rumores sobre Gral Falset ter pesadelos de hoje em diante. — Ele riu. — Como era mesmo, Malaquias?

— Sim, sim! — o timoneiro parecia pensativo. — DiPresto, o Mortífero! Acho que era isso...!

Valfrido parou de mastigar, sem saber se deveria achar aquilo um elogio ou uma piada.

— Estão brincando... — duvidou ele, um tanto rubro.

— É sério, rapaz! — exclamou Rataguet. — Aquele bardo quase perdeu as estribeiras com o bêbado que lhe deu esse título! Fez tanta chacota de Falset que o povo todo quase foi na onda dele!

— Gostaram de você! — reforçou o timoneiro, dando-lhe um tapa nas costas que quase o engasgou.

— Sei... gostaram tanto que deram a vitória a Falset — ironizou Valfrido. — Mas não importa. E o capitão, onde está?

— Ah! Bom você ter lembrado — disse Rataguet. — Ele voltou ao navio, e pediu para avisar que logo cedo viremos aqui buscá-lo. Você terá uma reunião com o primódora.

Valfrido sentiu um frio percorrer-lhe as entranhas.

— Eu? Com o primódora? Mas...

— É, você! Pode faltar se quiser, mas seria um tremendo desrespeito — avisou Malaquias, com naturalidade.

Rataguet concordou soltando dois grunhidos enquanto mastigava, e Valfrido ficou bastante sério. A oportunidade de encontrar-se com a maior

autoridade de Polímagus deveria ser motivo de alegria, mas na verdade o estava assustando. Donadaran Tortulo sempre havia sido, para ele, um personagem de histórias contadas por seu pai e pelo mestre da Cipreste. Sabería portar-se diante de figura tão ilustre? Aquela ansiedade extra o fez perder a fome, e ele caminhou, de expressão acuada, até a janela do quarto.

— O que foi, Valfrido? — estranhou o navegador. — Parece até que viu um fantasma!

Malaquias pigarreou para Rataguet, olhando-o com censura, e Rataguet pigarreou de volta, sem entender. Houve então um diálogo de pigarreios entre os dois, que tentavam sem sucesso entrar num acordo sobre o que estavam querendo dizer um ao outro.

— Não fique falando essas coisas de fantasmas a ele — cochichou Malaquias, em tom de repreensão. — Depois de toda aquela tragédia... veja como ficou o pobrezinho!

— Desculpe — murmurou o outro, entortando a boca na direção do timoneiro. — Essas coisas não dá pra prever...

— Algum de vocês teria uma roupa decente para me emprestar? — perguntou Valfrido, virando-se de repente para os dois.

Malaquias e Rataguet entreolharam-se, agora mais confusos.

* * *

O amanhecer na Ilha Mãe trazia não só o brilho do sol, mas também uma tremenda agitação popular. E mesmo ali perto da Saltelha Central, onde estava o grande pátio descoberto cuja regra era o silêncio respeitoso à morada do primódora, proliferava-se relativo movimento.

Valfrido dormiu algumas horas, mas só porque Rataguet e Malaquias conseguiram tranquilizá-lo um pouco quanto à reunião com o primódora.

Foi acordado por batidas fortes na porta e a voz de Tuglas Lurrone chamando-lhe o nome.

— Valfrido? Já está pronto?

O rapaz abriu a porta para o capitão, que estava junto do navegador e do timoneiro. Levou mais de quinze minutos para se aprontar, sob protestos do trio restante.

— Ora, Valfrido, você está ótimo! Já dissemos que não tem nada para temer!

— Têm certeza de que ele vai me receber assim? — perguntou Valfrido, botando o alaúde às costas e se achando um trapo no espelho. Mas em vez de uma resposta, obteve um tremendo agarrão pelo braço e foi praticamente arrastado para fora.

Fizeram o curto trajeto à pé. Ao chegarem, um guarda os esperava à porta.

— Senhores, que bom vê-los. Entrem e aguardem. Já vou anunciá-los.

Valfrido se preparou para chocar-se com a morada do primódora, mas ao entrar, nada havia que lhe enchesse os olhos. A despeito de ser um espaço amplo, limpo e agradável, tudo era bastante simples. Havia, distribuídos pelas paredes brancas, retratos de todos os grantimãos das Ilhas, além de outros que ele não conhecia. Aproximando-se de um grupo de seis quadros, dispostos num círculo em cujo centro pendurara-se um brasão com o símbolo alquimago, percebeu que havia nomes escritos. Sentiu um frio na barriga quando descobriu o nome “Zental DiÁdora” logo abaixo da imagem de um velho bastante calvo, mas de longa cabeleira branca, olhos bem fundos, pacíficos, e um nariz bastante grande. Seu rosto fino e macilento não emoldurava um sorriso, mas transmitia certo contentamento. Na base daquela moldura estava amarrada uma singela fita branca, indicando-lhe a morte. Valfrido desviou o olhar...

Perdeu-se nas outras cinco figuras, que desconhecia por completo. Eram todos bem anciões, exceto um deles, que embora mostrasse certa maturidade, não chegava nem aos pés daqueles matusaléns... Valfrido contorceu as sobrancelhas quando leu seu nome: era Jean Gitot, o adversário mais “temido”

de Lurrone nas eleições. Tinha cabelos castanhos, encaracolados e bastante espessos, sobrancelhas grossas, rosto largo e cheio, e ar um tanto cômico que Valfrido não sabia de onde vinha. Ia soltar até uma risada por dentro, mas uma voz grave e lisa, que ressoou pelo ambiente, chamou-lhe a atenção.

— Muito bom dia, amigos! — disse simpaticamente Donadaran Tortulo, descendo a escadaria até os visitantes. Cumprimentou Lurrone, Malaquias e Rataguet com gentis reverências, mas demorou-se a analisar Valfrido.

— Aí está você, meu jovem — disse ele, como se estivesse orgulhoso por vê-lo ali. — Inteiro e corajoso. Queria eu ser uma alma tão forte...

Diante daquela atitude tão agradável e inesperada, Valfrido sentiu-se um pouco mais leve. Ainda assim, ficou inseguro sobre o que dizer, pois temia que houvesse algum protocolo, ou tratamento específico que devesse dirigir a Tortulo.

— Gostaria de conversar um momento com você, DiPresto. Poderia me acompanhar até a sala de reuniões?

— Sim, claro — aceitou ele de pronto.

Tortulo virou-se para os outros:

— Fiquem à vontade enquanto o restante dos companheiros não chega, senhores. Virei chamá-los em breve.

Valfrido subiu então as escadarias atrás do primódora, e depois de atravessarem um grande corredor, chegaram à sala de reuniões.

— Sente-se, por favor — pediu Tortulo, oferecendo-lhe uma cadeira próxima à sua. — Já deve ter percebido o quanto estou impressionado com você.

— Como assim, senhor?

— Falaram-me sobre tudo o que aconteceu, é claro, e devo admitir que esperava encontrar um indivíduo arruinado, derrotado. Mas eis que vejo diante de mim um rapaz notável.

Valfrido ficou admirado com a naturalidade com que Tortulo falava. Era como se, de repente, tivesse avançado dez anos no tempo e um grande amigo estivesse diante dele para comentar fatos muito distantes.

— Na verdade, senhor, eu passei por um... período horrível de escuridão. Mas tive pessoas à minha volta que me ajudaram. — Deu um pequeno sorriso, mas a expressão que surgiu na face do primódora não foi a esperada. Tortulo tinha o rosto bastante sério.

— É ótimo que tenha se recuperado, DiPresto... — disse gravemente. — Mas tome muito cuidado. Não deve pensar que a ferida está totalmente cicatrizada, pois se não tratar disso da maneira ideal, ela se tornará sua maior fraqueza. Compreende o que quero dizer?

— Acho... que não.

— Bem — ele inclinou-se para Valfrido —, o que aconteceu com você foi algo horrível, e é perigoso achar que tudo pode ser superado de um dia para o outro. Você não deve esforçar-se para esquecer.

Valfrido fez menção de falar, mas estava um tanto assustado diante daquelas palavras.

— Não desejava preocupá-lo, DiPresto. Talvez você pense que não ouviu o que queria ouvir, mas o remédio é amargo na maioria das vezes.

— Como... como posso seguir em frente sem esquecer do que aconteceu? — perguntou Valfrido, em tom de desabafo. — Como posso superar minha culpa... minhas perdas, se eu não tentar deixar isso tudo de lado?

— Culpa? — repetiu o primódora, curioso. — Do que está falando?

— Nada... — baixou a cabeça.

— Olhe para mim, DiPresto — disse Tortulo. Sua voz, embora suave, imprimiu-se de uma incrível autoridade. — Uma reunião muito importante está sendo adiada, e o faço porque julgo vital ter esta conversa com você. Agora, se quiser tornar minha decisão inútil, continue se escondendo. Do contrário, por favor, explique-me o que acabou de dizer.

Valfrido ficou paralisado por alguns segundos. Sentiu um aperto terrível na garganta, e seus olhos se inundaram. Algumas palavras tentaram sair de seus lábios, até que ele finalmente conseguiu:

— Eu a matei... Eu... — sua respiração ficou descompassada. — Ela não precisava ir... Não queria ir à fábrica mas eu... eu pedi que ela fosse...! Eu...

Tortulo observou-o por alguns instantes. Estava comovido, ainda que seu semblante mantivesse a gravidade.

— Você não matou ninguém, DiPresto.

— Mas o senhor não sabe...

— Sim, eu sei — interrompeu o primódora, tomando o rosto de Valfrido entre as mãos e encarando-o profundamente. — Você não matou ninguém, e a prova está aqui, bem diante de mim. Você não é um pirata, você não é o fogo, você não é a maldade, e não tem o direito de reivindicar para si o controle de todo o destino. Não... pode apenas ser o mestre de seu próprio, e por mais que afete tudo a seu redor, jamais poderá ser o senhor de toda a história.

Valfrido parecia digerir aquelas palavras, e conforme o fazia, sua respiração tornava-se cada vez mais tranqüila. Tortulo conduziu-o até uma das paredes da sala, e ambos pararam diante de uma gigantesca e impressionante pintura. Valfrido jamais havia visto coisa igual... Parecia ser um mapa completo de Polímagus, retratando todas as ilhas. Notou primeiro, maior de todas e ao centro, a Ilha Mãe. Em seguida, seus olhos subiram até a pequenina Ilha Cipreste, parecendo perdida no limite nordeste do mapa.

— Jovem DiPresto, preste atenção no que vou dizer. Não tenho a arrebatadora inspiração dos artistas, nem a incrível força dos túbaros... não tenho a visão dos observadores, nem o gênio dos mestres, e tampouco a potência criadora dos alquimagos. Sou um homem medíocre, e exatamente por isso, por não ter dons tão belos que talvez me fizessem ocupar-me somente de mim mesmo, é que eu tenha sido capaz estar à frente de Polímagus. Entende o que quero dizer?

— Acho... que sim, primódora. Mas por que está me dizendo isso?

— Porque é a única coisa que pode salvá-lo de si mesmo, DiPresto. — Fez uma pausa. — Talvez para mim, um homem sem grandes dons, tenha sido mais fácil aprender a priorizar as necessidades de todo um povo. Mas você, meu jovem, tem uma dádiva. Possui o que todos os contemplados possuem, mas pode fazer o que quase nenhum deles faz...

— O que, senhor? O que eu posso fazer?

Tortulo pôs-se bem de frente para o imenso mapa, e abriu lenta e suavemente os braços:

— Espalhar seu espírito, DiPresto. Despedaçar sua alma, e uní-la ao todo. Este é o verdadeiro poder, a única coisa que o tornará forte o bastante para cicatrizar toda e qualquer ferida.

Valfrido olhava fixamente para o mapa com o semblante pensativo. Tortulo bateu-lhe ao ombro.

— Pense bastante nisso. Parece confuso agora, mas logo entenderá.

Batidas na porta romperam aquela atmosfera. A cabeça do guarda apareceu sala adentro:

— Desculpe interrompê-los. primódora, todos já chegaram e estão aguardando.

— Obrigado. Peça para que subam... — disse Tortulo, depois voltou-se para Valfrido: — Pode ficar aqui conosco se quiser, DiPresto.

Lá estavam, sentados à mesa, Donadaran Tortulo, capitão Lurrone, Valfrido, Malaquias, Rataguet, e mais alguns indivíduos que o garoto desconhecia: capitão Vintage, capitão Quirmili, capitão Tomos e vários outros marujos. Todos cumprimentaram o rapazinho com olhares curiosos.

Tortulo proferiu algumas formalidades introdutórias, repassando detalhes do último encontro ali realizado.

— Bem, creio que o capitão Fulermo teve de partir, não? — perguntou.

— Sim! Tinha uma rota para cumprir — respondeu Vintage, aparentemente feliz com o fato.

— Muito bem, este é um dos pontos principais do plano que proponho a todos — disse o Prímódora. — É claro que não temos aqui conosco um número adequado de autoridades, mas isso demandaria certo tempo, e precisamos pensar rápido. Assim, o que for decidido aqui hoje é absolutamente secreto, será levado em decreto escrito aos grantimãos, e que eles nos forneçam seus pareceres, bem como cada capitão da Guarda dos Mares. De acordo?

Todos fizeram gestos afirmativos com a cabeça.

— Minha sugestão é bem simples — continuou Tortulo. — Como Rataguet sabiamente mencionou ontem, o sistema de rotas dos navios da Guarda é perfeito, de modo que é imprescindível mantê-lo funcionando assim. Coloquemos então fora de questão qualquer idéia que requisi-te a formação de frotas de exploração e caça, pois isso deixaria diversas ilhas desprotegidas.

— Quer dizer que vamos manter tudo na normalidade? — perguntou Vintage, parecendo decepcionado.

— Não, caro capitão. Minha idéia, se me permitem expô-la, consiste em vigiar principalmente o que se passa em nossas terras.

— Sim, faz sentido... — concordou Lurrone. — Nossas águas, se mantivermos tudo estável, estarão seguras. Pelo que concluímos, todos os ataques ocorridos nestes últimos meses só se explicam se admitirmos a existência de uma rede pirata infiltrada em nossa sociedade.

— Agindo por baixo do pano... — grunhiu Quirmili, contorcendo os punhos e o rosto macilento.

— Creio, com a licença da razão, que não deve ser difícil neutralizarmos essa tal rede pirata de que falam, companheiros! — exclamou Tomos, com sua habitual formalidade. — Não podem agir de maneira expansiva se nós ficarmos atentos a cada detalhe e a cada indivíduo que viaja conosco nos navios.

— Tem razão — disse Vintage. — Temos controle absoluto sobre cada embarcação que entra e sai das ilhas, conhecemos todas as rotas e rotinas... Se excluirmos a possibilidade de haver pássaros alquimagos, temos de admitir que piratas e espiões disfarçados têm viajado junto de nós o tempo todo!

Valfrido prestava atenção a tudo, calado, e viu naquele momento todos se entreolharem com um leve tremor. Parecia que, embora fizesse perfeito sentido, a possibilidade de estarem o tempo todo andando lado a lado com o inimigo os pegara como um sopro gelado em seus pescoços.

— Sendo assim — disse Malaquias, quebrando o breve silêncio —, posso estar enganado, mas parece que nosso objetivo então é ficar somente à espreita, correto? Não seria adequado planejarmos algo ativo contra essa rede?

Tortulo pigarreou, e todos voltaram-se a ele:

— É exatamente neste ponto que eu gostaria de chegar, senhores. Já disse que nossos planos devem ser secretos e furtivos, para não chamarmos a atenção dos invasores. Portanto, se formos deslocar alguém para a tarefa de, digamos, policiar as ilhas livremente, despertáramos grandes suspeitas. — Ergueu então o indicador. — A não ser que... este alguém tenha perfeitas razões para ser desincumbido de suas funções normais.

— O que quer dizer, nobre primódora? — perguntou Quirmili, com a mesma expressão confusa dos restantes.

— Sabemos que logo eu deixarei o cargo — disse Tortulo gravemente. — As eleições estão próximas, portanto eu pergunto: alguém tem estranhado, por exemplo, o fato do grantimão Calbert estar vagando livremente de ilha em ilha, deixando parte de seus encargos a um substituto?

— Naturalmente que não! — respondeu Vintage. — Pois sendo candidato, ele está em campanha, certo?

— Totalmente correto, capitão — aquiesceu Tortulo. — Desse modo, pretendo sugerir a você, capitão Lurrone — virou-se para ele —, que aceite minha proposta de tornar seu navio, e sua equipe, agentes de circulação livre.

Sei que mesmo como candidato, tem se dedicado fielmente ao seu cargo, e acho justo dar-lhe também o aval para empenhar-se em sua campanha.

— Senhor Tortulo — disse o capitão Lurrone, seriamente —, se bem entendi, está propondo que nosso navio seja um agente de livre investigação, e com o pretexto de usar minha campanha como fator de inibição de suspeitas, é isso?

— Bem, eu não diria que sua campanha seria um pretexto — retrucou o primódora. — Eu diria que estaríamos apanhando dois grandes peixes com um só anzol. Você precisa fazer sua campanha, e nós precisamos, como disse Malaquias, de alguma medida ativa contra os piratas.

Valfrido estava ainda mais absorto em si mesmo, e aparentemente poderiam abanar-lhe a mão a um palmo de seu nariz sem que ele esboçasse reações. Após ouvir aquela idéia, estava revirando algo em seus pensamentos, verificando se não era uma coisa maluca demais para ser posta em prática. Ficou em silêncio.

— Se meus companheiros concordarem, é claro que aceito com honra sua proposta, primódora — afirmou Lurrone, aprumando-se na cadeira como se tivesse recebido uma medalha.

— É claro que isto é só o início — acrescentou Tortulo —, mas só estaremos aptos a engrossar nossas estratégias conforme os capitães forem se pronunciando.

Todos pareceram achar que a idéia calhava perfeitamente, e deram sentenças positivas.

Discutiram muito pouco após aquela decisão, pois não havia muito mais a ser planejado. O sistema de rotas seria mantido, com exceção do navio de Tuglas Lurrone, e todos deveriam ficar de olhos bem abertos. Pormenores teriam de ser resolvidos conforme as outras autoridades fossem sendo postas a par de tudo.

9

A AMEAÇA PIRATA

Lurrone convidou Valfrido para dirigirem-se ao pátio no intuito de ouvirem o pronunciamento que o primódora planejava para os próximos instantes.

— Sobre o que ele vai falar? — perguntou o garoto, enquanto desciam a escadaria.

— Dará a notícia sobre a Ilha Cipreste, e lerá parte da mensagem escrita que será levada aos grantimãos e capitães.

— A parte que não é secreta, claro — completou Rataguet.

O guarda abriu a porta com polidez e despediu-se dos visitantes. Logo que saíram, puderam perceber que já havia grande aglomeração no pátio, com centenas de rostos voltados para o topo da morada do primódora.

— Vamos mais para o fundo — sugeriu Malaquias. — Não quero ficar com uma tremenda dor no pescoço.

Andaram quase até a calçada oposta, e pelo caminho Valfrido reparava nos comentários que ouvia. Aparentemente correram avisos sobre o discurso de Tortulo, mas ninguém fazia idéia sobre qual seria o assunto. Algumas pessoas, homens e mulheres, cumprimentavam Lurrone com alegria, e o capitão devolvia tudo em pomposos acenos e sorrisos bem abertos.

Alguns instantes depois de pararem e virarem para a torre, um rapaz, de vinte e poucos anos, correu ao encontro do grupo.

— Olá, capitão Lurrone! — inclinou-se respeitosamente para ele, e em seguida para os restantes. — Puxa vida! Vi os senhores saindo da morada! Por acaso sabem algo sobre o discurso? Espero que não seja nada ruim... O pessoal anda dizendo não vê tantos capitães reunidos assim desde a erupção naquela ilha maldita!

Valfrido, sem saber exatamente o motivo, teve um levíssimo choque, que fez seu coração disparar por alguns momentos.

— Do que está falando? — perguntou.

— Ora... a grande tragédia da Ilha Fantasma! — respondeu o jovem, bastante incrédulo. — Vai me dizer que nunca ouviu falar sobre isso!

Valfrido conhecia a história. Tratava-se de uma ilha perdida a extremo sudoeste de Polímagus. Contava-se que, há muitos anos, a grande montanha da ilha cuspiu tanto fogo que destruiu absolutamente tudo que nela vivia. Tomado como um aviso da Natura, o fato fez com que a ilha passasse a ser evitada pelos navegadores, até perder-se na história a ponto de, para muitos, soar apenas como uma lenda.

Lurrone não queria dar margem ao assunto, e adiantou-se com certo pesar:

— Logo todos saberão do que se trata, meu rapaz.

— Então é algo grave mesmo! — exclamou ele, com extrema excitação, e saiu em disparada, provavelmente para relatar tudo aos amigos.

— O que foi, Valfrido? Está bem? — perguntou Malaquias, notando o olhar vago do garoto.

— O quê?... Sim, estou bem. É só que...

— Vejam! Está se abrindo! — alguém da multidão gritou.

Uma barulheira ansiosa tomou conta do pátio, e todos os olhos voltaram-se para o grande globo no topo da torre, cuja metade frontal estava se abrindo na direção ocidental, revelando um grande espaço oco onde estava Donadaran Tortulo, de pé diante de uma fina haste vertical que saía da base do globo. Aplausos calorosos e respeitosos saudaram o velho líder.

— Bom dia, caros irmãos! — disse ele após um relativo silêncio, e a acústica impressionante do globo discursal fez sua voz chegar alta e clara a todos os ouvidos. — Sei que raramente esta cena acontece sem que seja por um motivo desagradável, e sinto, mas hoje não será diferente. — Fez uma pequena

pausa. O público ainda não parecia surpreso o bastante. — Venho aqui informar a todos, com muito pesar, que a essência maligna de alguns homens veio a nós, espalhar novamente seu rastro de destruição. — Houve uma torrente de murmúrios por todo o pátio. — A Ilha Cipreste, pequenina e valorosíssima terra a nordeste de Polímagus, foi completamente dizimada pela insânia e fúria intermináveis dos piratas.

Houve uma comoção geral. Os presentes pareciam não acreditar no que estavam ouvindo, e alguns caíram em prantos.

Os olhos de Valfrido estavam atentos no primódora, e ele sentiu a mão do capitão Lurrone em seu ombro. Naquele momento, o garoto percebeu sua tristeza de um modo diferente. Era como se não estivesse mais sozinho em seu sofrimento; era como se, dividida, a dor da tragédia pudesse tornar-se mais amena. Alguma coisa pareceu crescer dentro de seu peito... Talvez tivesse algo a ver com o que o primódora havia lhe dito, sobre espalhar a própria alma. Naquele instante, parecia fazer algum sentido. Tortulo continuava:

— Que as almas justas e bondosas dos irmãos que se foram sejam alvo de nosso mais profundo respeito, e nos atinjam a mente como bela e valorosa lembrança! — ele respirou fundo, tentando manter o semblante intacto. — Sei que muitos sentimentos ruins nos tocam nesse momento, mas compreendam que não serão estes sentimentos que trarão a justiça e a solução. Preciso, assim como aqueles a quem a segurança compete, do apoio sensato de todos vocês, e a certeza de que estamos tomando as melhores providências para extinguir a maldade de nossa sociedade, mas sem que ela também precise partir de nós.

Aplausos carregados de um entusiasmo obscuro coroaram a fala do primódora, que logo seguiu adiante em seu discurso.

Valfrido correu os olhos em volta, e pareceu ter avistado ao fundo a cabeça de Múrcius se movimentando por entre a platéia. Pediu licença para seus amigos e foi na direção dele. Ao aproximar-se mais, teve certeza, pois muitos se

afastavam do homem às caretas enquanto ele passava. Em poucos instantes estavam frente a frente.

— Valfrido! Que bom encontrá-lo! — disse o cozinheiro, com um sorriso inseguro. — Estava procurando por vocês. Onde estão o capitão e os outros?

— Naquela calçada — apontou. — Jade não veio com você?

— Ela ficou no mercado, ali na rua de trás. Parece que está tentando fugir do discurso... até entendo. Sugeri que ela enfiasse dois morangos nos ouvidos, pois estes globos discursais são bem eficientes! — riu um pouco, mas logo percebeu que não era hora para piadas.

— Eu também não estou muito interessado... — lamentou Valfrido, dando-lhe um tapinha no braço. — Acho que vou procurá-la.

— Ótimo! Vou me juntar ao pessoal. Nos vemos mais tarde!

Despediram-se, e Valfrido caminhou rápido até a rua que o cozinheiro indicara. A concentração de pessoas no pátio havia deixado alguns lugares praticamente vazios, tornando a procura pela amiga bem mais fácil.

Foi passando pelas diversas casas, sempre a examinar o interior de um ou outro estabelecimento. Desconhecia ainda aquela rua, bem comprida, mas não muito larga, com quase toda a calçada tomada por barracas comerciais diversas.

Mais à frente avistou um garotinho que deveria medir no máximo quatro palmos de altura. Era um tanto robusto, de cabelos loiros extremamente desgrenhados, que saltitou para fora de um estabelecimento ao longe tão excitado que parecia ter sido eletrificado por um raio.

— Vamos! Vamos! Faça uma macieira, por favor! — implorava ele aos pulos, dirigindo-se a alguém dentro do mercado.

Valfrido não deu muito mais atenção a ele, e continuou caminhando, mas quando viu Jade sair apressada para cima do pequenino, tentado desesperadamente calar-lhe a boca, não soube se ria ou se ficava preocupado.

— Vê se pára quieto, por favor! — pedia ela, constrangida. — Eu não posso fazer macieiras!

— Pode sim! Eu vi você... *mmf!* — teve a boca tapada pela mão da garota, e ficou a debater-se em vão.

— Você não viu nada! Era... era um inseto!

— Mentira! Meninas não gostam de insetos! — gritou ele, desvencilhando-se. — Desmaiam só de ver insetos, e gritam feito loucas! Você é uma alq...

— Tudo bem, tudo bem! — ela interrompeu rapidamente, agarrando-o outra vez. — Mas pare de fazer bagunça, certo?

O garotinho fez que sim com a cabeça, e lentamente foi solto. Ficou praticamente imóvel, mas conservou esbugalhados olhos para Jade, como se esperasse por algo.

— Vai dizer que arranjou outro bichinho de estimação, Jade? — ironizou Valfrido, aproximando-se.

— Oi, Valfrido! — ela cumprimentou, mas sem animar-se muito. — Não o provoque ainda mais, por favor!

O pequenino virou o rosto curioso para Valfrido, e analisou-o dos pés à cabeça.

— Você não é que nem ela! — disse, apontando o estojo do rapaz. — Você é um daqueles vagabundos! Fica fazendo barulho na porta da minha casa toda noite, e papai corre atrás de você com a vassoura!

— Vagabundo? — disse Valfrido, coçando a nuca, um tanto embaraçado. — Bom... na verdade eu não tenho mesmo trabalhado muito ultimamente.

— Bardos são vadios, meu pai diz! — insistiu o moleque, fazendo bico e cruzando os braços em desafio. — São bebedores e fazem baderna na frente das casas!

Valfrido olhou para Jade, que estava com uma cara extremamente divertida e aliviada pelo menino ter arranjado outra distração.

— Pois então — disse ela —, se eu fosse você iria correndo contar ao seu pai que achou o vagabundo que ele tanto odeia. Vai logo! Vai contar antes que ele fuja!

— Eu vou! — fez menção de correr, mas conteve-se de repente. — Faz uma macieira antes, por favor!

— Faça logo essa maldita macieira pra ele, menina! — esbravejou um barraqueiro que estava próximo. — Assim ele não fica roubando as minhas maçãs escondido! Seu ladrãozinho! Vem cá!

Valfrido e Jade esconderam o riso, e o garotinho, acuado pela raiva do barraqueiro, saiu em disparada.

— Você o conhece? — Valfrido perguntou à amiga, que respirava aliviada.

— Já o vi algumas vezes... — e então irritou-se consigo mesma. — Eu não sei por que fico com tanto medo... Não devia mesmo fazer essas coisas em público.

— Alquimagia, você diz? Que eu saiba não é nenhum crime.

— Não é, eu sei! — a garota retrucou com impaciência. — Mas é que meu pai está por perto, e se ele me vê com esses ingredientes... — ergueu diversos saquinhos cheios de hortaliças picadas e outras substâncias estranhas. — E pior ainda: se me pega fazendo efeitos...

— Ele é seu pai, Jade! Acho que em algum momento ele vai compreender sua natureza, e pegar mais leve.

— Não, você não entende... — ela suspirou, contendo o que ia dizer, entristecida e cabisbaixa. — Além de tudo ele já anda terrivelmente preocupado com sua campanha, e essa paranóia de todos o odiarem caso falhe contra os piratas.

— Verdade — concordou Valfrido, pensativo. — Cansei de ouvi-lo falar nisso na viagem pra cá. Acho que é muita pressão mesmo... E puxa! — teve um estalo. — Deve ter piorado muito hoje...

— Que quer dizer?

— O primódora... ele designou seu pai para ser uma espécie de... espião livre.

— Espião? Como assim, Valfrido? — ela cutucou o amigo, que estava completamente distraído com suas idéias, mas ele não respondeu.

Aquele instante de silêncio fez algumas palavras do discurso de Tortulo chegarem até eles:

— ... Agradeço a todos, amigos e amigas, pelos minutos de atenção e compreensão. Vão em paz...

— Ah, não... já está terminando. — Jade ergueu os olhos para o alto. — Logo eles virão me procurar para voltarmos ao navio!

— Precisa sumir com tudo isso, não é? — palpitou Valfrido, apontando os ingredientes que ela carregava.

— Urgentemente! — disse Jade com afobação, olhando em volta como se estivesse prestes a usar até um buraco de rato como esconderijo.

Valfrido tirou o alaúde do estojo:

— Põe tudo aqui dentro. Se eles aparecerem, faz de conta que eu estava tocando.

Jade não hesitou muito, e lançou suas compras estojo adentro.

— Tudo bem... se não fosse urgente eu dava outro jeito — resmungou ela, com os espertos olhos verdes a vigiar na direção do pátio.

— Afinal, o que exatamente você fez para o pirralho ficar tão animado?

Jade suspirou, um tanto contrariada:

— Olha, eu não te mostraria isso agora — confidenciou —, mas abro uma exceção porque preciso praticar. Venha!

Ela puxou-o pela mão e os dois caminharam apressados até uma rua pequenina e mais isolada. Jade então começou a experimentar o solo com os pés, e antes que o bardo pudesse perguntar se a amiga estava imitando algum galináceo, ela apanhou um pouco de terra do chão.

— Não sei se vai funcionar com essa, mas... — remexeu num bolso da calça e tirou dele algo que parecia uma semente. Com cuidado, escondeu-a dentro do punhado de terra na outra mão e estendeu diante do amigo.

Valfrido estava curioso, e fixou os olhos na mão de Jade. Sua boca foi abrindo-se admirada à medida em que uma pequenina planta verde germinava com rapidez, escapando para fora do punhado que a alquimaga segurava.

— Puxa... isso... isso... é demais! — gaguejou o garoto. — Eu nunca tinha visto uma coisa dessas!

— Até que é bem simples... aceleração de processo. Ela cresceria bem mais se a terra não estivesse tão seca! Mas definitivamente eu não conseguiria erguer uma macieira nunca!

— Ei, garotos! — gritou uma voz severa logo atrás deles.

De susto, Jade lançou fora a terra de sua mão na primeira direção que o instinto a permitiu. Ao virar-se, constatou que se tratava de um homem alto e gordo, de barba desleixada e jeitão rude.

— Algum de vocês viu meu filho por aí? — perguntou ele. — É um moleque dessa altura assim, robusto e esperto!

Jade deu uma olhadela para Valfrido que, cheio de terra espalhada no rosto e nas vestes, encarava o homem com medo e tentava sutilmente esconder o alaúde atrás de si.

Possivelmente ninguém estava percebendo, mas o capitão Tuglas Lurrone, junto a seus companheiros de navio, estava quase em desespero.

Logo ao final do discurso de Donadaran Tortulo, diversas pessoas aglomeraram-se em torno dele, implorando por atitudes heróicas contra os impiedosos piratas.

— Confiamos no senhor, capitão! — disse uma senhora, inclinando-se quase a ponto de beijar os próprios pés.

— Afunde eles todos, capitão! — berrou outra, descabelada e furiosa.

— Capitão Lurrone é nossa espada de guerra! — gritou um grupo de maltrapidos.

— Lurrone, o libertador!

Por entre a aglomeração, Múrcius, Malaquias e Rataguet sorriam satisfeitos, dando tapinhas orgulhosos no ombro do chefe.

— Sim, sim, companheiros! Tenham certeza de que tudo ao nosso alcance será feito! — respondeu Lurrone, com uma pompa que quase fez desmaiarem algumas damas que ali estavam. — Eu e minha maravilhosa equipe não beberemos do descanso enquanto a justiça não for satisfeita!

As palmas dos admiradores contagiaram até quem estava de fora, e em poucos instantes quase todo o pátio rompia em aplausos. Mas quando seu nome começou a ser gritado em coro, percebeu que era hora de partir antes que não conseguisse mais disfarçar seu incômodo. Ergueu os braços em acenos e abriu o sorriso mais largo que pôde. Foi quando percebeu, ao avistar Jade e Valfrido se aproximando, que aquela pressão poderia piorar: o garoto vinha com o alaúde à mostra, como fosse uma espada desembainhada prestes a dar em Lurrone o golpe final. Pensou em algo para pôr fim àquele comício surpresa, mas foi tarde demais:

— Vejam, um bardo! — gritou um dos presentes, e logo diversos olhos pousaram sobre Valfrido. — Cante à coragem de Lurrone!

— Sim! Toque à vitória do capitão! — gritou outra voz, que somou-se então a diversos outros pedidos.

Valfrido virava a cabeça para todos os lados, completamente assustado. Deteve-se no rosto de Lurrone, a devolver-lhe um olhar de súplica desesperada. Sem delongas, entretanto, teve certeza do que fazer...

Posicionando seu alaúde com confiança, decidiu executar uma canção que criara há algum tempo, e fazendo apenas as devidas modificações na letra, cantou com a melhor voz que conseguiu tirar da garganta:

— *De que famas, de que glórias,
Um herói real é feito?
Pode ser de mil vitórias
O orgulho em seu peito!*

*Pode ser de suas histórias,
Que de vastas e tão ricas,
Fazem ser dos olhos fixos
E ouvidos em aceito
Das palavras de aventura,
A oferenda do respeito!*

O dedilhar de interlúdio deu vazão a aplausos satisfeitos e contidos. Lurrone parecia melancolicamente resignado ao seu fardo de O Salvador, e observava a performance do garoto com expressão murcha.

DiPresto então, sem dar importância aos clamores internos do capitão, deu segmento aos próximos versos. Mudando a harmonia e aumentando a intensidade, fez o trecho da canção soar como uma vibrante revelação:

*— Os heróis reais, porém,
Digo eu em humildade,
Não são, certamente, aqueles
Que se cobrem na vaidade!
Os heróis reais são muitos,
São aqueles que na história
Lutam sempre e não desistem,
Mesmo sem ter a vitória!
Pois a glória está na trilha,
Na coragem à alma atada,
Então viva o capitão!
Ponham fé em sua jornada!*

Valfrido relaxou os braços, e a multidão aplaudiu e assoviou com calor. Pôde-se até mesmo ouvir alguns gritos de “DiPresto, o Mortífero!” vindos de um ou outro ponto do pátio, mas o garoto dava atenção a outro curioso fato: a expressão do capitão havia mudado radicalmente. Lurrone sorria para o bardo

com sinceridade e satisfação, e assim que a platéia foi silenciando, ergueu a mão e anunciou sua intenção por dizer algumas palavras:

— Agradeço esta homenagem, DiPresto! — disse ele lentamente. — Mas agradeço principalmente porque não é só uma bela homenagem, mas também uma lição valiosa para todos nós... — uma pausa, e todos estavam em silêncio e de atenção fixa. — Estes belos versos aqui exprimidos nos dizem que são dignos de glória todos aqueles que lutam por um ideal e nunca desistem, mesmo caindo, mesmo falhando, pois humanos somos, e imperfeitos somos. Mas podemos sim superar os limites de nossa humanidade se tivermos conosco a coragem e a fé, portanto eu digo novamente! Com o apoio de todos, lutaremos até o fim das nossas forças contra a maldade, e estarei lá, com ou sem vocês para sofrer as consequências de cabeça erguida!

A segurança nas palavras do capitão tocou a todos visivelmente, e foi difícil para ele, juntamente com seus amigos, deixar o pátio e voltar ao navio, pois muitos foram cumprimentá-lo e exprimir apoio. Mas desta vez, aquilo parecia não incomodá-lo mais.

Valfrido foi convidado por Lurrone para conversarem no navio, depois que a situação tranqüilizou-se, mas o bardo preferiu pagar sua conta na Saltelha, antes que a mulher pensasse que ele fugiu.

— Bem, estou pela próxima noite... — suspirou o garoto, a contar os pouquíssimos dóras que lhe restavam, quando saiu novamente da hospedaria para junto dos amigos. Depois acrescentou com ironia: — Tomara que DiPresto, o mortífero, não sofra outra derrota!

Todos deram ligeiras risadas, mas Lurrone fez uma cara intrigada, de quem estava para dizer algo, mas desistiu e apenas apressou a todos:

— Vamos, os túbaros estão prontos.

— Ei, Valfrido, não é melhor guardar o alaúde? — estranhou Múrcius. — Precisa proteger esta beleza!

Jade, que sentara junto ao bardo na carrola, deu-lhe uma furtiva cotovelada.

— Oh! Não, é que o sol... ajuda a manter a acústica! — afirmou o bardo, com um sorriso forçado.

— Então, já que está assim, aproveite e toque, oras! — concluiu Malaquias, rindo jovialmente. — Quem sabe um pouco de música não baixe o preço das carrolas!

A animação dele murchou junto com um olhar nada gentil que os túbaros lhe lançaram.

O caminho foi um tanto incômodo, banhado ao sol impiedoso da tarde. Ao chegarem no porto, perceberam que a movimentação estava ligeiramente maior que de costume.

— Olhem só! — disse Rataguet, sentado junto ao capitão. — Essa gente está maluca para ver o movimento dos navios.

— Não é de se espantar... — respondeu Lurrone, sério. — Ainda há os que não se importam com nada, e só querem mesmo é ver pólvora e balas embarcando... como se fossem fogos de estrelas⁵ rumo a algum festejo.

Calmamente, subiram todos ao navio sob olhares ansiosos dos marinheiros, que logo cercaram o capitão na sede por notícias da reunião, o que deu tempo a Valfrido para passar furtivamente às mãos de Múrcius o monte de ingredientes que escondera no estojo.

— Puxa... — murmurou o cozinheiro. — Jade caprichou desta vez. Vou guardar isso antes que Lurrone desconfie.

Jade correu para a entrada da popa, indo logo atrás de Múrcius e enchendo-lhe de preocupadas recomendações, de modo que Valfrido ficou dividido entre segui-los ou juntar-se aos marinheiros e esperar pelo capitão. Decidiu então meter-se entre o amontoado de marujos.

— ... todos bem atentos. Antes de mais nada, isto é estritamente confidencial — dizia Lurrone aos homens, num tom bastante discreto.

— Sim, senhor, só não entendo por que mantiveram as rotas — comentou um deles, em voz baixa. — Seria bom redefinir algumas delas, não seria?

— Creio que não — discordou Lurrone. — Rataguet é o mais entendido no assunto e pode dar detalhes a vocês.

— É só isso, capitão? Ficaremos alertas e... mais nada? — perguntou outro, parecendo decepcionado.

Lurrone suspirou.

— Eu ia chegar lá... — disse vagamente, depois pigarreou e continuou: — A novidade é que nós, em específico, não cumprimos mais nossas rotas. A partir de agora somos um navio de circulação livre, e a investigação será nossa principal tarefa, principalmente em terra.

Todos entreolharam-se, boquiabertos.

— Investigação? Vamos ser como... espiões da Guarda, é isso? — empolgou-se o mais baixinho dos marinheiros, parecendo orgulhoso com a idéia.

— Chamem como quiserem. Mas não será tão simples como parece — avisou Malaquias, calando os que já riam uns com os outros. — Como dissemos ontem, há piratas infiltrados, e se quisermos descobri-los, não podemos deixar claras as nossas ações e intenções.

A animação deles murchou rapidamente.

— Uau... — suspirou o baixote. — Não vai dar certo. Todos sabem que somos da Guarda. Basta chegarmos em algum lugar para sermos alvo de olhares!

— É verdade — concordou outro. — Nossa presença deixaria qualquer pirata bem atento.

Lurrone passou a mão no rosto, sentindo-se atulhado demais para agüentar outro empecilho a discutir, mas a voz de Valfrido, em tom casual, chamou-lhe a atenção:

— Se vocês fossem bardos — riu-se o garoto —, veriam a quantidade de coisas que um pouco de música e rum fazem revelar...

— Verdade — riu Malaquias. — Valfrido deve saber mais das minhas intimidades que minha pobre mãezinha, que a Natura a tenha...

Houve um burbúrio geral em tom de troça. Lurrone, a olhar sério para o garoto, decidiu não segurar mais um ímpeto que formigava em suas idéias.

— Valfrido — chamou ele, lentamente. — Posso conversar com você em particular?

10

O ESPIÃO DO ALAÚDE

— Não acredito! É sério? — exclamou Jade para Valfrido, tentando não parecer tão feliz quanto realmente estava.

Ambos conversavam no dormitório dela no navio, junto com Pudim, e Valfrido acabara de dar-lhe a notícia de que, daquele momento em diante, ele seria bardo exclusivo do capitão Tuglas Lurrone, contratado para ajudá-lo em sua campanha, e extra-oficialmente incumbido de auxiliar na espionagem.

O que Valfrido não sabia era que Lurrone já tinha essa idéia em mente há algum tempo, e o que Lurrone não sabia era que Valfrido, além de também ter pensado nisso, estava pretendendo usar a liberdade do navio para lançar-se na procura por Darteus — segredo que ele tencionava esconder até da própria sombra.

— É verdade sim, Jade — respondeu, sentado no assoalho a brincar com Pudim. — Seu pai me fez a proposta agora pouco.

— Puxa... então você vai viajar conosco, não é?

— Exatamente. Ai! — levou outra mordiscada mal calculada do papagaio. — E pelo jeito tem quem não ficou feliz com a idéia, certo, Pudim?

O bichinho ia reclamar, mas foi impedido pela dona:

— Silêncio, Pudim... — sussurrou. — Meu pai está aí do lado. Não dê ouvidos ao bobo do Valfrido.

Jade iluminou-se de repente. Levantou e correu até seu guarda-roupas. Após revirar algumas gavetas, puxou uma folha de papel amarelado e aproximou-se de Valfrido.

— Veja só... — pigarreou e começou a tentar decifrar seus próprios garranchos: — “A importância do alaúde”, “A... fuga do pai”, “As re... relações entre...”.

— Ei, ei... O que é isso? — interrompeu ele, rindo. — Não vai me dizer que são tópicos!?

— Sim — respondeu a garota, com espantosa naturalidade. — Achei que seria uma boa hora pra discutirmos isso aqui! Bom... — ajeitou-se na cama. — Eu pensei em avisar pelo menos aos guardas da ilha sobre aqueles dois bandidos, mas concluí que desistiriam de ir atrás deles assim que mencionássemos a Serra das Almas.

— Por quê? Os guardas também têm medo daquele lugar?

— Não sei. Nem pensei muito nisso, mas se até o túbaro, com todo aquele porte, ficou pálido feito uma nuvem...

— Deixa isso pra lá. Aqueles dois não me preocupam nem um pouco, Jade. Mais pareciam um belo par de idiotas...

— Você mencionou que eles estavam esperando por alguém!

— Eu apostaria meu alaúde nisso.

— Interessante você mencionar... — disse ela, consultando o papel. — Você acha mesmo que isso teve a ver com o alaúde, não acha? Eu também... Valfrido? — ela chamou o amigo, que estava novamente distraído com seus próprios pensamentos, enquanto Pudim achava que havia posto em nocaute a criatura que o garoto outrora formara com os dedos da mão. — Valfrido? O que você acha?

— Ah, desculpe... — disse ele, virando-se para Jade com uma expressão estranha no rosto. — Eu estava me lembrando de uma coisa que... aconteceu pouco antes de eu fugir da minha casa, na Cipreste.

A garota sentou-se no chão, de frente para ele e com os olhos brilhando.

— Sêrio? O quê?

— Bem, eu estava escondido... Dois piratas entraram e fizeram uma tremenda bagunça. Quebraram tudo. Foi quando... viram o alaúde que eu havia deixado sobre a mesa, não este. Era um bem velho que eu tinha desde os três anos, quando meu pai começou a me ensinar.

— E o que aconteceu então?!

— Um deles disse algo esquisito sobre o alaúde. Não me lembro exatamente o que, mas mencionaram um bardo, como se... o estivessem procurando.

Jade ficou boquiaberta:

— Isso não faz sentido para você? É a informação que faltava para sabermos do que seu pai tem fugido: dos piratas!

— Mas... não acha que é uma conclusão meio precipitada? — coçou a cabeça, encarando a alquimaga de olhos apertados. — Poderiam estar falando de um bardo qualquer.

— E por que estariam procurando por um bardo qualquer? Pra compor alguma ode ao rum?

“Pode ser”, ele pensou em responder, mas preferiu não correr o risco de levar um tabefe. No fundo, embora tivesse negado, acreditava plenamente no que Jade havia proposto. Mesmo assim, outra idéia confundiu-lhe ainda mais o pensamento:

— Jade, você pode ter razão, mas... não faz sentido. Se os piratas estivessem atrás de meu pai, ou do alaúde, não destruiriam a ilha toda daquele jeito.

— Aí é que você se engana — ela levantou o indicador. — Embora os piratas tenham provocado tudo, poucos deles conseguiram escapar! Eu ouvi meu pai falando. Ele tem certeza de que os piratas dispararam canhões contra os reservatórios antes da hora, porque viram o nosso navio chegando.

— É... é isso mesmo! — Valfrido prendeu a respiração, estranhamente aturdido. — Eu me lembro dos piratas dizendo algo assim!

— Está vendo? Tudo bem que eles são uns monstros, mas de idiotas não têm nada. Tinham tudo planejado!

Lá vinha outro detalhe deixar Valfrido mais intrigado... Mesmo assim, o episódio do alaúde em seu casebre parecera, sem dúvida, uma conveniência não planejada aos invasores. Mal refletiu sobre este aspecto, mais uma barreira ergueu-se diante dele:

— Sabe o que me ocorreu agora? — perguntou lentamente. — Nós temos associado o alaúde à fuga de meu pai como se fosse uma certeza, mas nem nos demos conta de que... quem está com ele sou eu.

— Bom... — decepcionou-se a garota. — Pode haver uma ligação indireta entre as duas coisas, afinal, você disse que o alaúde estava muito bem escondido, não?

— É... — Valfrido apoiou o queixo sobre as mãos. — Talvez seja um instrumento especial demais pra ser deixado de lado nessa história. Se o alaúde tem algum papel nisso, parece que ele não é nada sozinho.

— Como assim?

— Ora, suponhamos... meu pai foge por causa dele, deixando-o pra trás... Sou raptado por dois palermas que parecem querer o alaúde, mas não se livram de mim... Talvez ele tenha mesmo alguma função especial, como você disse, lembra? E por isso precise de alguma outra coisa.

Jade bufou, fazendo uma careta irritada para o amigo:

— Um bardo, seu bobo! É lógico! Alguém que saiba tocá-lo!

— Ah... — ele abriu bem os olhos. — Mas aí é que está. Embora seja especial, é um alaúde padrão. Qualquer bardo poderia tocá-lo normalmente. Por que, então, aqueles dois me mantiveram prisioneiro? Parece lógico que queriam a mim.

— Ou queriam saber onde está seu pai — propôs a garota, em tom levemente sinistro, e Valfrido a encarou cabisbaixo.

— Olha, Jade — disse, parecendo desanimado —, acho que não vale a pena fazermos tantas suposições assim. Pode nem ser nada disso. Às vezes nossas cabeças entendem tudo errado.

— Tudo bem! — exclamou ela, decidida. — Então vamos procurar um bom alquimago para analisar esse alaúde!

O garoto estremeceu:

— Está falando sério? Não podemos fazer isso!

— Por que não? Precisamos descobrir qual é o segredo!

— Não! De jeito nenhum! — Valfrido ficou tão aturdido que até assustou Jade. Ele tomou o instrumento nas mãos e foi saindo do quarto. — Não vou deixar ninguém botar as mãos nele!

— Mas por que tanto receio? Pode ser a chave para o mistério de seu pai!

— Não! É a única coisa que me resta dele! — Saiu, batendo a porta.

Jade sentou-se e esfregou as mãos no rosto, perguntando a si mesma por que suas conversas sempre acabavam tão mal...

* * *

Uma cama a mais no aposento de Malaquias era o novo reduto do sono de Valfrido.

Embora ele estivesse satisfeito com aquele arranjo, a noite novamente não lhe rendeu um bom descanso. Sempre havia um turbilhão de coisas sobre as quais não conseguia parar de pensar, e daquela vez o que não o deixava relaxar eram as expectativas quanto ao próximo dia. Juntamente com o capitão, havia decidido não perder tempo, e infiltrar-se o quanto antes nas tavernas da ilha em busca de pistas sobre os inimigos. E o que o deixava mais seguro na tarefa era que ninguém da tripulação iria junto, no intuito de não despertar a atenção de possíveis piratas.

Após uma série de cochilos esparsos, o dia amanheceu bastante acinzentado.

Valfrido saiu do quarto direto para o convés, e deu uma boa olhada à sua volta: o porto estava movimentado, e o oceano quase confundia-se com o céu nublado.

— Parece o perfeito anúncio de dias obscuros à frente, não? — perguntou Rataguet, saindo para o convés a espreguiçar-se.

— Tomara que a Natura também cometa seus enganos — disse Valfrido, com um sorriso sutil.

O navegador riu:

— Meu rapaz, se tivéssemos aqui um alquimago, ele lhe daria um tremendo sermão por caçoar da perfeição da Natura!

— Alquimagos!... Péssimo assunto para começarmos o dia, não? — interrompeu Lurrone, fazendo os dois levarem um tremendo susto. — Não termos estes servos do mal aqui é um sinal de sorte. Ouçam o que digo.

Valfrido ficou irritado com aquele comentário, mas preferiu ficar em silêncio. Lurrone prosseguiu:

— Vou percorrer o porto e conversar com os tripulantes dos outros navios. Querem ir comigo?

— Tenho algumas tarefas, capitão — disse Rataguet.

— Eu vou — aceitou Valfrido, vendo ali a oportunidade perfeita para tentar encontrar Fredic, já que lembrou-se dele ter dito que trabalhava por lá.

— Já pensou aonde vai esta noite? — perguntou o capitão, enquanto caminhavam até um navio mais distante que acabara de aportar.

— Ainda não — respondeu Valfrido. — Aliás, seria bom se o senhor me desse alguma sugestão, pois não conheço taverna alguma desta ilha, com exceção da Prosana Negra.

Lurrone pensou por alguns instantes.

— As da região central são as maiores e mais freqüentadas... embora não seja bom dispensar as mais periféricas. — Ele parecia em dúvida. — Bem, não

importando por qual optemos de início, é imprescindível que você seja discreto, meu jovem, para sua própria segurança.

— Pode deixar, eu...

— Não quero que fique fazendo perguntas, é suspeito e perigoso!

— Bom, sim, mas...

— E nem quero que você se aproxime de ninguém, ouviu bem? Mantenha distância!

— Capitão, mas assim...

— Nem fique ouvindo conversas! Não há coisa mais perigosa do que ser pego bisbilhotando conversas em tavernas!

Valfrido desistiu. O capitão continuou a falar:

— Tenha certeza de que só propus a tarefa a você por achar algo naturalmente acima de qualquer suspeita. — Juntou as mãos atrás do corpo e aprumou-se um pouco mais. — E é claro... não fará mal se você tocar alguma música a meu respeito de vez em quando, para a campanha.

Valfrido sorriu por fora, mas por dentro já estava a bolar refrões nada dignos a respeito de Lurrone.

— Claro, capitão, o que o senhor quiser.

— Veja — apontou Lurrone. — Aquela é a Casa do Porto, onde se cuida da parte burocrática da coisa, horários, mapas de tripulação...

— Horários? — repetiu o garoto, parecendo especialmente interessado. Foi então que teve um choque. Como pôde ser tão estúpido? Fredic disse que trabalhava lá! Com tantas informações surpreendentes, seu pai... Celet... tinha se esquecido daquilo!

Voltando à realidade, ouviu Lurrone ainda a falar:

— ... É importante que se tenha o controle do “quem e quando” neste vai e vem de navios. Podemos entrar lá na volta, já que não posso me demorar agora.

— Deixe que eu vou sozinho! — sugeriu Valfrido, agitado. — Assim não o atrapalho e nem apresso seus assuntos, que tal?

Lurrone tirou o chapéu de capitão e passou a mão na cabeleira.

— Está bem. Depois decidiremos quanto às tavernas.

Separaram-se então, e Valfrido dirigiu-se quase correndo até a Casa do Porto, que estava com suas gigantescas portas abertas. Em seu interior havia um grande balcão de parede à parede, dominado por papéis e objetos metálicos estranhos, os quais o bardo não sabia se tinham alguma utilidade ou se eram meros enfeites. Via de regra, lá estavam diversos retratos: Tortulo ao centro e vários capitães célebres; e entre eles encontravam-se Tuglas Lurrone, propositalmente mais jovial do que era, e Fantod Murtod, onde o garoto demorou-se um pouco mais, a imaginar naquele rosto um tapa-olho, que o deixaria idêntico ao amigo Sorfidis. Ia mergulhar-se em lembranças, quando a conversa agitada de um par de funcionárias atrás do balcão chamou-lhe a atenção:

— Estas mudanças de última hora me deixam maluca, Mírides! — reclamou uma delas, alta e formalmente vestida, examinando vários papéis e escrevendo rapidamente em alguns deles.

— É que Tuglas Lurrone sairá em campanha, não te disseram? — respondeu Mírides, simpática, de pele negra como a do primódora, e aparentemente mais tranqüila. — Apenas pegue a rotina dele para hoje e vamos tentar transferir a carga para outro navio.

— Apenas? — ironizou a outra. — Duvido muito que encontremos algum livre! — bufou, deixando uma pequena pilha de papéis cair. — Logo agora que precisamos de capitães contra os piratas, outro deles sai em campanha? Que besteira...

Mírides balançou a cabeça, e então pousou os olhos simpáticos em Valfrido, que postava-se timidamente à entrada.

— Posso ajudar, rapazinho?

— Oh, sim. — Ele aproximou-se. — Estou procurando por um senhor chamado Fredic. Ele trabalha aqui?

— Chegou agora pouco! — resmungou a outra mulher, mal humorada.

— Sim, ele está no depósito — continuou Mírides, abrindo um belo sorriso.

— Eu é que não vou lá chamá-lo, estou ocupada!

— Eu também estou — sussurrou Mírides para Valfrido. — Pode ir encontrá-lo, fica logo naquela porta — apontou para o fundo de um corredor.

Ele agradeceu gentilmente, e dando temerosas olhadelas para a ranzinza, passou para o outro lado do balcão e andou até a porta esverdeada do depósito, atravessando um comprido caminho escuro que cheirava a papel velho.

Após algumas batidas, uma voz lá de dentro gritou “Entre!”, e Valfrido obedeceu.

O interior daquela sala era um completo amontoado de pastas, envelopes e gigantescos móveis de ferro cuja única utilidade era comportar o que parecia ser um milhão de gavetas numeradas. A um canto, por detrás de uma coluna inteira de gavetas abertas e uma pilha enorme de papéis, surgiu a cabeça de Fredic, que analisou o garoto por um instante, antes de sorrir.

— Oh! É o jovem DiPresto, não é? Mas que surpresa!

— Olá, senhor Fredic! — acenou Valfrido, fechando a porta atrás de si. — Estou atrapalhando?

— Não, não! — deu a volta pelo monte de bagunça e aproximou-se, apertando-lhe a mão. — Procurar coisas que pensávamos não serem mais necessárias é uma rotina constante para mim aqui. Quem me dera ela fosse quebrada mais vezes por visitas tão agradáveis!

— Obrigado... E desculpe por eu sair tão de repente, aquela noite na Prosana. Eu...

— Deixe pra lá, eu entendo, entendo... — interrompeu Fredic, com gesto de desdém e esfregando a barriga. — Isso acontece às vezes. Mas se quiser, tenho uma receita de ervas ótima para os intestinos.

Valfrido contorceu as sobrancelhas, sem saber se aquilo era uma piada.

— E então? Não me diga que você veio tocar alguma coisa — ele falou ansioso, após um breve silêncio.

— Bom, sim... Não exatamente. — Estava confuso, e Fredic ficou olhando para ele com cara de expectativa. — O senhor deve se lembrar de que me falou sobre seu último encontro com meu pai.

— Claro, claro. Na Prosana, não foi? — voltou a remexer as gavetas com atenção.

— Sim, e disse que meu pai o procurou para obter informação sobre... um navio, lembra? — Valfrido chegou mais perto do velho. — Eu preciso muito saber, senhor Fredic. Que navio era esse?

— Oh, sim. Como eu disse, Darteus me procurou. — Fredic ficou com a voz lenta e o olhar um tanto desconfiado. — Ele me fez jurar que não contaria a ninguém sobre isso. Disse que era um trabalho especial. Ora essa... Ele não contou nada a você?

Uma tensão angustiante começou a dominar o corpo de Valfrido lentamente.

— Não, senhor Fredic. Já faz dois meses que não tenho notícias dele.

O velho esbugalhou os olhos.

— Por favor — insistiu Valfrido. — O senhor é o único que pode me dizer para onde ele foi.

— Mas, o que... o que está dizendo, meu jovem?

— Eu preciso saber. Meu pai perguntou sobre um navio... qual? Qual foi?

Fredic tremia. Começou a caminhar de um lado para o outro, parecendo fazer um imenso esforço para raciocinar.

— Claro, claro... — ele repetia. — Ele me disse... O navio, o navio... — quando ia continuar sua resposta, calou-se a pensar. — Não é possível...

— O que foi? — Valfrido agonizou-se.

— Eu não... não me lembro! Como pode ser? Tenho uma memória tão boa! — De repente, irritou-se: — Porcaria de memória ruim!

Valfrido passou as mãos pelos cabelos, suspirando e lamentando silenciosamente o que parecia ser uma brincadeira de mau gosto do destino.

Fredic, por sua vez, caminhou até o conjunto de gavetas ao lado oposto da sala, e começou a passar os dedos sobre suas superfícies tentando concentrar-se.

— Está tudo bem — disse ele para si mesmo. — Acho que posso resolver isso. Acho que posso.

— Como assim? — perguntou Valfrido, sentando-se desanimado sobre uma pilha de pastas velhas.

— Esse monte de gavetas guardam informações sobre a rotina do porto — explicou o velho, verificando a coluna seguinte. — Pense nisso tudo como se fosse nossa cabeça. Ela pode guardar quantidades imensas de informação, mas esquecemos boa parte delas porque não conseguimos encontrá-las depois, embora estejam lá, em algum lugar...

— Pode ser, senhor Fredic. Mas vasculhar isso tudo é impossível!

— Não, não, DiPresto... — abriu uma das gavetas. — Quando queremos lembrar de alguma coisa e não conseguimos, é porque não procuramos da maneira certa. — Começou a remexer cuidadosamente as pastas que estavam dentro. — Toda lembrança, mesmo a mais remota, tem um caminho, um trilha, que pode nos levar diretamente a ela. — Puxou uma montanha de papéis para fora. — É assim que eu consigo me organizar aqui dentro. Qualquer informação, perdida ou não, está rodeada por muitas outras coisas que vão afunilando a procura, compreende?

— Acho que sim — respondeu Valfrido, que olhava curioso os movimentos dele.

— Por exemplo — Fredic virou uma página do calhamaço —, na noite em que seu pai me procurou, era Ciclo do Fogo⁶. Quando as especiarias animais diminuem de fluxo. — Virou outra página. — Foi então uma época de várias mudanças de última hora nas rotas aqui do porto. Um navio chegou que nos deu

imensa dor de cabeça, porque... seus tripulantes não queriam redirecionar uma carga. — Virou um pequeno monte de folhas de uma só vez. — Mírides, mais paciente, escreveu então os relatos, coisa que não é sua função, e sua letra é grande e harmoniosa. — Passou o indicador de cima a baixo na folha que consultava. — E então, ao anoitecer, com o movimento baixo de navios e rotas ainda não formalizadas, os únicos navios que partiram... — virou outra página, examinou-a por um instante, balbuciando palavras, até berrar para Valfrido, com olhos em chamas: — Ilha da Prole!

* * *

— Ilha da Prole?! — gritou Jade, quase caindo da amurada traseira do navio.

— Fale baixo!... — reclamou Valfrido. — Já tive que mentir ao coitado do Fredic, para que ele guardasse segredo.

Os dois suspiraram. Valfrido de incômodo, e Jade de animação.

— Mas me diga — intrigou-se o bardo —, por que a surpresa? O que tem essa tal ilha de tão importante?

— Você não sabe? — Jade espantou-se, e após examinar se não havia ninguém por perto, sussurrou: — É a ilha dos alquimagos. É lá que se reúne o Círculo Alquimago, e para onde vão os aprendizes. Puxa vida... Será que seu pai foi mesmo para lá? Tudo leva a crer que sim.

Valfrido coçou a cabeça. Apesar de ser uma pista espetacular, ainda não dava-se o direito de comemorar:

— De que adianta sabermos disso? — lamentou. — Não temos como ir para lá. Com essa história de espionagem, e piratas...

— Bom, não é bem assim... — gaguejou Jade, excitada como nunca. — Pode ser que tudo isso tenha uma ligação, não é? Os piratas, os alquimagos... você! — ela flamejou tanto os olhos que até assustou o amigo. — Você mesmo disse que aqueles piratas estavam procurando seu pai, lembra?

— Foi só uma suposição, Jade. E de nada adianta. Como isso nos levaria à Ilha da Prole?

— Esqueceu de tudo o que conversamos sobre o alaúde?

— Está bem... — suspirou Valfrido, em tom de ironia. — Contamos ao seu pai todo esse monte de suposições, e aposto que o máximo que ele vai fazer é arranjar um jeito de destruir meu alaúde que, por um milagre, ele ainda nem desconfia de onde saiu. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — Não... de qualquer modo, acho que seu pai só iria para lá se a investigação levasse. Precisamos descobrir alguma coisa, e logo.

Jade ficou em silêncio, e virou o rosto para o oceano. Sua expressão foi tornando-se triste, conforme uma idéia que lhe atingira a mente tornava-se cada vez mais justa. Apertou os lábios, e tomou coragem para falar:

— Você pode ir atrás de seu pai, Frido — disse ela, de um jeito estranho, resignado.

— O que?

— Meu pai sabe que a Guarda esteve procurando um civil desaparecido num dos ataques. O que ele não sabe é que... este civil é seu pai. Você só precisa contar o que descobriu com esse tal Fredic, nada mais... e tenho certeza de que ele colocará você num navio para a Ilha da Prole sem pestanejar.

Por alguns instantes Valfrido não acreditou no que Jade havia dito. Sim, ela tinha razão... era perfeito! Estava prestes a agradecê-la, quando percebeu que, por dentro, não sentia felicidade. Ansiedade, talvez, mas aquilo bastava? Seria correto?

Eram os ecos das palavras do primódora martelando dentro de sua cabeça... Valfrido então soube o que fazer, e imediatamente sentiu como se um pequeno sol brotasse dentro de seu peito. Olhou Jade, quase sorrindo:

— Obrigado... — disse, e a menina piscou várias vezes a olhar o oceano. — Mas não.

— Como assim? É sua chance de...

— Não, Jade... Ou vamos juntos, ou ficamos juntos.

Ela virou-se para Valfrido, quase sem entender. Mas a parcela que havia compreendido foi o suficiente para fazer a vida voltar ao seu rosto.

11

DEDOS ALQUIMAGOS

O dia transcorreu sem quaisquer anormalidades, exceto a insistência doentia de Pudim em acompanhar Valfrido até a Taverna Móvel, que Lurrone sugerira como sendo um local bastante suspeito.

— Eu vou caminhar por aí — disse o capitão, deixando o jovem bardo em frente à taverna, logo que anoiteceu. — Assim vejo se converso um pouco com as pessoas. É preciso saber seus anseios! — acrescentou, cheio de pompa.

Valfrido acenou e desejou-lhe boa sorte. Virou-se então para o estabelecimento, de fachada extremamente comum, e andou até o guardião: um anão bastante feliz, vestido em diversas cores berrantes.

— Olá! — cumprimentou Valfrido. — Eu vim desafiar o bardo da casa.

— Bem vindo! — gritou o anão. — Até que enfim alguém resolveu desafiar Felípides! Sabe — confidenciou —, ele é uma porcaria!

— É mesmo? — disse o garoto, coçando a nuca a pensar que aquele então deveria ser o real motivo da taverna ter-lhe sido sugerida. Será que o capitão não botava fé em suas capacidades?... Após uma pausa e uma olhadela no letreiro, voltou-se novamente para o guardião: — Só uma pergunta...

— Pois não?

— Por que Taverna Móvel? Ela se mexe sozinha?

— Oh! Isso você não vai descobrir tão cedo!

— E por quê?

— Porque é jovem demais pra beber! — respondeu o pequenino, gargalhando e abrindo as portas para o garoto.

Após um sorriso divertido e uma mesura de gratidão, DiPresto pôs-se taverna adentro. Era um ambiente bem iluminado, pequeno, mas de tamanho

adequado ao movimento, constituído de uma massa de beberrões que recebeu Valfrido com olhares curiosos e brilhantes.

De onde estava, ele tinha visão geral da casa, mas não encontrava o bardo mandante em lugar algum.

— Vim desafiar o bardo da casa! — anunciou, por fim, achando que o dito cujo estivesse no banheiro. Mas eis que surge, por cima de uma mesa, após subir numa cadeira, outro anão, talvez ainda menor do que o guardião, porém bem maior do que o primeiro em entusiasmo.

— Oh, puxa! — gritou ele, com uma voz fina e vibrante, empunhando um alaúde que era quase todo o tamanho de seu corpo. — Lá vem o desafio, bater à minha porta!... — fez uma pausa dramática, na qual todos suspiraram de desânimo e levaram as mãos às testas. — Eu não desafino... e ele tem cara de torta!

Valfrido sentiu-se tão desconcertado com aquela figura que cogitou uma derrota por falta de concentração, mas a vaia geral que o pequenino recebeu veio anunciar algo totalmente inesperado.

— Dá um tempo, Felípides! — gritou uma voz.

— Já é hora de estojas o alaúde! — gritou outra.

— Tudo bem, tudo bem! — desistiu Felípides, olhando em volta, levemente irritado. — Vou ceder a casa ao rapazinho por esta noite! Mas eu volto!

Outra torrente de vaias jorrou sobre o anãozinho, que saltou habilmente ao chão e correu para a porta a lançar simpáticas beijocas em todas as direções.

Valfrido assistiu a tudo bastante confuso e curioso, mas antes que pudesse perguntar a si mesmo se poderia considerar aquilo sua primeira vitória, choveram-lhe saudações e pedidos desesperados por canções.

* * *

Jade caminhava angustiada pelo cais porto, e embora quisesse estar com Pudim ao ombro, não achou que seria prudente levá-lo consigo.

Não conseguia parar de pensar na Ilha da Prole, e em como seria maravilhoso se descobrissem algo que os levasse para lá.

A noite, coberta de nuvens, não mostrava estrelas, mas a iluminação das lapóias era bastante satisfatória a ponto dela ser reconhecida facilmente por um ou outro funcionário ou marinheiro que encontrava pelo caminho.

— Olá, pequena Lurrone! Como vai seu pai? — era o que diziam sempre.

— Muito bem, obrigada!

Após passar direto pela Casa do Porto, o movimento tornou-se quase nulo, e um dos navios, atracado num dos píers adiante, chamou sua atenção: era um pouco maior do que os padrões da Guarda, e sua cor e aparência a fizeram suspeitar que deveria ser um do novo modelo que estavam construindo na Ilha Biltermária. Curiosa, percorreu a plataforma e aproximou-se do casco. Não parecia mesmo com nada que já tivesse visto, e suas intuições alquimagas espetavam-lhe a curiosidade a respeito da composição daquele material. Sentiu o casco com as mãos. Fechou os olhos, absorvendo suas sensações. Partes de madeira e metal juntavam-se num incrível padrão de firmeza e leveza. Inevitavelmente, correndo distraída os dedos sobre aquele material frio, admirou tal nível de perfeição a ponto de desejá-lo para sua vida. Outra vez lembrou-se da Ilha da Prole, e de repente, uma idéia atingiu-a no peito como um espinho: mesmo que fossem para lá, seu pai a deixaria ir junto? Vasculhou a mente atrás de argumentos que alimentassem sua esperança, mas não conseguiu. Aquilo era terrível... Tudo que ela sempre quis, sem nada que o tornasse possível.

Após respirar fundo, abriu os olhos marejados e ergueu ligeiramente a cabeça. Levou um susto: sua mão havia manchado o casco do navio. Outra vez suas emoções exacerbadas tinham causado estragos... Mas desta vez percebeu que fora apenas uma mutação de cores que poderia corrigir.

Afastou-se um pouco para avaliar o estrago, mas o que lhe chamou a atenção não foi a mancha em si, que era bem maior do que ela esperaria causar mesmo por vontade própria, mas sim um terceiro tom escurecido que aparecia, formando perfeitamente uma letra “B”.

Olhou em volta para verificar se não havia ninguém por perto, e sentindo-se satisfatoriamente sozinha, pousou novamente a mão sobre o casco e aumentou a mancha o suficiente para encontrar mais uma letra. Correndo-a um pouco para a direita, outras foram surgindo. Quando a sentença “*BILT·X*” se formou, nada mais apareceu pelos próximos centímetros.

Jade então afastou-se um pouco e admirou aquele estranho escrito, que embora estivesse bem fosco, de maneira alguma parecia ser uma coincidência química. Sabia que algumas substâncias podiam ser usadas para causar variações múltiplas no efeito alquimago de mutação de cores. Tinha absoluta certeza de que alguém havia utilizado ali tal processo deliberadamente. A dúvida, no entanto, consistia em saber se aquelas letras eram de conhecimento dos tripulantes do navio. Não poderia ser, de maneira alguma, o nome do navio, senão aquilo não estaria ocultado. Além do mais, a Guarda batizava embarcações com os nomes de seus capitães. Talvez fosse alguma espécie de código novo, como os golfídeos... De qualquer forma, a garota conhecia ao menos o navio de seu pai, e sabia que ele até então não havia sido notificado de nada do tipo. Assim, a forma mais discreta de certificar-se do que estava havendo seria verificar o casco do navio de seu pai.

Com sua competência aumentada por uma tremenda força de vontade, conseguiu reverter a mancha de maneira satisfatória, deixando-a quase imperceptível, e em seguida caminhou apressada de volta.

Encontrou alguns dos mesmos rostos que cumprimentara na ida, e desta vez houve apenas ligeiros acenos, mas ninguém teve tempo suficiente para perguntar o que a havia deixado tão ansiosa.

Logo de longe pôde notar que a lapóia estava acesa no navio de seu pai. Imaginou então que Rataguet deveria estar escrevendo à proa, como de costume, mas não viu nisso um problema: ele com certeza estava dominado por sua distração favorita e não notaria sua presença.

Percorreu quase o píer todo a amaciar os passos, e parou diante da região do casco que julgava ser mais ou menos equivalente à do outro navio. Pôs-se então, após outra espiadela ao redor, a manchar a madeira à sua frente. Vendo apenas uma tonalidade uniformemente clareada, correu as mãos mais para cima, depois mais para baixo, e então para os lados, mas sem nada encontrar de estranho.

Temendo causar um borrão tão imenso que fosse difícilimo de reverter, pensou em desistir, mas de repente, para seu espanto, encontrou um pequeno risco escuro e curvado sob sua mão esquerda. Rapidamente, de coração disparado, foi descobrindo letras escritas quase da mesma maneira cuidadosa que na outra embarcação, mas a sentença que surgiu ali foi outra: “*BEL · DIP*”.

Jade não fazia a mínima idéia do que aquilo significava, o que não a impediu de deixar a mente invadir-se por todo tipo de idéias e temores. Teve certa dificuldade para apagar a mancha, mas assim que o fez correu feito um furacão para seu quarto.

Precisava anotar alguns tópicos...

* * *

Após algumas horas regadas à música de DiPresto, o ambiente da Taverna Móvel estava bastante tranquilo. A maioria dos presentes ou estava apreciando a performance do bardo, ou conversando entre si em lentas e baixas palavras.

DiPresto já não cantava, mas acentuava o clima do lugar com melodias suaves. Os vinte dóras que havia ganho até o momento deram-lhe um ânimo

que sobrepujou a previsível exaustão que costumava sentir àquela altura na Rufu-Rufião.

Terminada mais uma música, ele agradeceu cordialmente os moderados aplausos, e pediu licença para sentar-se por um instante. Escolheu uma cadeira que já estava cobiçando havia tempos, junto à mesa onde estava um homem que, embora estranho e solitário, transmitia certa cordialidade.

— Com licença, senhor... — falou ele à figura. — Me cederia um momento aqui por perto?

— Claro... DiPresto, não é? Fique à vontade. Meu nome é Andir — apertaram-se as mãos, e a expressão séria do homem transformou-se em sorriso por um breve tempo, revelando nele algumas rugas sofridas, mas provavelmente causadas pelo sol e não pela velhice, visto que não devia passar dos quarenta anos de idade.

— Está a par da tragédia, senhor Andir? — perguntou Valfrido, em tom baixo e casual.

— Por favor, me chame só de Andir — sorriu novamente, e o garoto aquiesceu. — A tragédia...? Deve estar falando da Ilha Cipreste. — Tomou um gole de rum.

— Isso mesmo — disse o garoto, lamentoso. — Um tremendo choque, não?

— Nem me fale, bardo. Não consegui dormir hoje, e aqui estou eu. Não gosto dessa taverna, mas enfim... era a mais próxima, e sua música me fez bem. Só é uma pena que ela não tenha levado minhas preocupações embora. Aonde iremos parar com esses piratas?

— Pois é — suspirou Valfrido. — E o pior é que há aqueles que só querem ver pólvora, e se divertem com tudo isso.

Andir, que estava cabisbaixo, ergueu bem devagar os olhos.

— Divertir? Você viu alguém rindo? Viu? — perguntou ele, um tanto severo, como se aquilo o tivesse irritado.

Valfrido agitou-se um pouco, tentando disfarçar o efeito daquele chacoalhão surpresa.

— Bem, é que... há de se admitir que existem pessoas cruéis na sociedade, não?

— Você não viu ninguém rindo, rapaz... Quando vocês jovens vão aprender a não tirar conclusões precipitadas? — Deu outro gole, inconformado.

— Ora, não há dúvidas de que caminhamos lado a lado com pessoas sem escrúpulos.

Andir sacolejou a mão, interrompendo a fala de Valfrido com desdém.

— Esqueça, DiPresto, esqueça! — disse ele. Em seguida apontou efusivamente para si mesmo e adotou voz de confiança: — Eu... eu sim vi alguns benditos rirem pelos cantos. Ah, se vi...

— Oh, você viu? E onde? — perguntou Valfrido, bastante curioso.

— Bom... — o homem olhou para os lados e baixou ainda mais voz. — Não que eu esteja afirmando, e não que esteja negando... Não que eu tenha ouvido com os próprios ouvidos, ou visto com os próprios olhos, mas...

— Mas...?

— Eu aposto... — inclinou-se mais e murmurou: — Eu aposto que tem uma meia dúzia de alquimagos que, se não estão rindo, estão ao menos sorrindo nesse instante.

— Al-Alquimagos? Só pode estar brincando...

O homem deu de ombros.

— Posso até estar errado, juvenzinho, mas não estou brincando. Essa gente usa para nós as mesmas regras e leis que usam para um animal qualquer. Ouça o que eu digo.

— Conheço alguém que pensei ser o único em Polímagus a não ir com a cara dos alquimagos — riu-se o bardo. — Mas daí a pensar que chegariam a se divertir com esse tipo de coisa...

Andir, que levava a caneca aos lábios, baixou-a de repente:

— Acha exagero, DiPresto? Pois ouça esta... — olhou para os lados outra vez. — Algum tempo atrás espalhou-se um boato pela ilha de que um alquimago do Círculo estava mantendo contato com piratas.

O bardo sentiu um frio percorrer-lhe as entranhas, e Andir continuou:

— Eu consideraria isso apenas um boato, mas ninguém apareceu para desmentir. Não é estranho?

— Mas... nem o Círculo se pronunciou? — perguntou Valfrido, de olhar vidrado em Andir.

— O boato surgiu no dia em que um certo navio chegou da Ilha da Prole, e ao que parece, os alquimagos de lá estavam olhando torto uns para os outros.

— Então o senhor acha que tudo isso é verdade mesmo?

Andir fez um gesto negativo com a cabeça enquanto bebia, depois respondeu:

— Não que eu acredite... e não que não acredite... Sinceramente eu acho que todos esses alquimagos têm podres para esconder, isso sim. Mas, seja o que for, alguma coisa existe de muito séria. Ainda mais porque a informação partiu de uma fonte confiável.

— Oh... — Valfrido remexeu-se na cadeira, interessado. — Vai me dizer que o senhor conhece quem espalhou o boato pela ilha?

— Ora, não diretamente, claro. Mas sem dúvida deve ter sido Nodin ou Celet, todos sabem... Os dois eram os únicos freqüentadores assíduos de tavernas daquela tripulação.

— Celet...? — Valfrido quase caiu da cadeira. — Acho... acho que sei de quem está falando. Eu vi esse tal Celet na Prosana Negra ainda esses dias. Me disseram que ele é meio maluco... O senhor acredita nele?

— Celet? Maluco? — Andir parecia espantado. — Ele é o melhor navegador e timoneiro que a Guarda tem, pode perguntar por aí! Já chegou a fazer três rotas seguidas de emergência. Quem lhe disse isso deve ser um tremendo invejoso, se entende o que quero dizer.

Valfrido suspirou, pensando que aquele negócio de investigação mal começara e já estava lhe dando um nó no cérebro. Malucos virando heróis... alquimagos com a moral lá embaixo... As coisas estavam de pernas pro ar, mas ao menos pensava que um desses pés poderia pisar em solo firme. Mais especificamente, o solo da Ilha da Prole.

* * *

— Eu sei que não devia, senhor capitão, pois é algo que muitos não se sentem à vontade de ouvir, mas vou dizer... Eu detesto alquimagos! — exclamou o grandalhão ruivo Balinês, de rosto comicamente murcho e olhos pesadíssimos.

— É! Eu também! Detesto esses... esses intrometidos, tão cheios de si! — acrescentou o gorducho Bengal, com o mesmo semblante do companheiro.

Os dois soltaram então mais um longo e sonoro bocejo, e pareciam fazer um esforço hercúleo para manterem-se acordados. Estavam conversando despreocupadamente com o Tuglas Lurrone, numa rua calma e pequena da ilha.

O capitão, que os abordara, pedindo desculpas por tê-los assustado tanto, não entendeu a princípio a desconfiança com que aquelas duas figuras o trataram, mas no decorrer de uma agradável conversa de candidato para povo, tudo havia se tornado expansivo e amigável. Tanto que Lurrone sentiu uma vontade imensa de dividir com eles, após aquela confissão, seu igual asco por alquimagos. Mas o bom-senso lhe disse para munir-se de cautela, e não sair espalhando seus preconceitos por aí.

— Não precisam ficar inseguros em dizer isso, amigos — respondeu apenas. — Todos somos humanos, não somos?

Balinês e Bengal entreolharam-se contentes.

— É! Nós mesmos já sofremos... — Bengal ia dizendo, mas levou um cutucão discreto do amigo — ... conhecemos gente que... — outro cutucão — temos lá nossas... — tomou um pisão furtivo no pé, que o fez perder a paciência e virar-se para Balinês. — Ei, o que há?! Eu ia dizer coisa boa!

Balinês sorriu amarelo para Lurrone, que encarava os dois de sobrancelhas franzidas.

— Vai saber, não é? — explicou o grandalhão, olhando para Bengal. — Você costuma dizer umas barbaridades nada educadas de vez em quando! Lembra-se daquela distinta senhora que quase nos matou a tapas por sua culpa?

— Ah, sim, sim... — fingiu Bengal, coçando a barriga. — Era... uma senhora bem... alta e... e tinha um bebê no colo, não?

— Exatamente! — exclamou Balinês, batendo no ombro de Bengal. — Mas isto já são detalhes que interessam só ao capitão, eu creio. Senhoras e bebês... Candidatos precisam beijar as criancinhas, não é?

Lurrone ia responder, mas Bengal adiantou-se:

— Deveria procurar esta senhora, capitão!

— Deve ser tarde, Bengal! Precisamos ir!

— Com certeza, Balinês! Até, capitão Lurrone!

Os dois se retiraram entre sorrisos e acenos, deixando Lurrone de expressão contorcida e o indicador da mão direita erguido.

— Ei! Vocês freqüentam alguma taverna? — ele perguntou em voz alta, mas a dupla já tinha sumido nas sombras da esquina.

Balinês e Bengal bocejaram ao mesmo tempo, e já haviam dobrado duas ruas quando Bengal estacou:

— Espere. Aonde estamos indo?

— Ao porto, oras! — respondeu Balinês.

— Ficou doido? Ele disse pra não irmos lá por enquanto, nem ficarmos zanzando por aí.

— Eu sei. — Balinês parecia calmo, a despeito daquela irritante sonolência. — Mas não percebeu que acabamos de conversar tranqüilamente

com um capitão da Guarda? Ele nem sabia de nada. Acho que o moleque não abriu o bico!

— É verdade! — Bengal abriu um sorriso abobado, mas então, repentinamente, fez uma careta de medo. — E se o capitão estava só fingindo? Dando uma de desavisado para...

— Pegar-nos de surpresa! — sibilou Balinês, tomando-se de pânico e virando a cabeça para todos os lados.

Nesse momento então, ouviu-se as rodas de uma carrola a aproximar-se. Mais que depressa, a dupla saltou em desespero para dentro de um vão largo e escuro que havia entre duas casas, atropelando uma série de tranqueiras que ali estavam jogadas.

Intrigado pela barulheira que ouvira, o ocupante da carrola, que passava em frente ao beco, virou o rosto para averiguar o que estava havendo, mas sem nada enxergar devido à má iluminação, pediu ao túbaro que parasse.

Tão logo avistaram aquela figura intrigada aproximando-se deles, Balinês e Bengal, esborrachados um por cima do outro, começaram a simular uma briga.

— Não volte a flertar com minha senhora, desgraçado! — esbravejou Balinês, chacoalhando a gola do amigo.

— Então arranje uma senhora, para ao menos ter do que reclamar! — grunhiu Bengal, tentando enfiar os dedos nas narinas do oponente.

— Senhores! Senhores! — chamou o homem, parando diante dos dois. — É melhor pararem com a baderna ou terei que levá-los!

Aquela estranha intimação os fez largarem um ao outro imediatamente e encararem o que perceberam ser um guarda. Levantaram-se com imensa destreza, e aprumaram-se lado a lado como um hilário par de estátuas.

— Oh, caro guarda! — cumprimentou Balinês. — Como vai o senhor?

— Como se chamam, por favor? — perguntou ele, desconfiado.

Balinês e Bengal disseram seus nomes exatamente ao mesmo tempo, fazendo aquilo soar praticamente uma bizarra onomatopéia. Diante da face espantada e confusa do guarda, entreolharam-se e repetiram separadamente:

— Sou Balinês.

— Sou Bengal.

Bengal, talvez por instinto, começou a grunhir baixinho aquela desajeitada melodia. O guarda torceu as sobrancelhas:

— Como... os gatos?

A dupla pareceu animada com aquelas palavras.

— Eu não disse? — cochichou Bengal alegremente. — Todo mundo...

— Pois bem, senhores — interrompeu o guarda com firmeza —, se têm alguma diferença a resolver, discutam na privacidade de seus lares, e não saiam tumultuando as ruas, ou terei de tomar providências.

— Ah, pode deixar! — falou Balinês. — Meu camarada aqui já aprendeu a lição!

— Mas, seu guarda — indignou-se Bengal —, este homem nem esposa tem!

— Escutem, senhores! Encontro todas as noites gente que abusa da bebida e sai espalhando a desordem por aí! Geralmente só o que fazemos é dar advertências, mas se continuarem com essa estupidez, vou *quebrar* o protocolo!

A ênfase que ele deu na palavra “quebrar” fez a dupla recuar um pouco de susto.

— Desculpe, guarda! — gaguejou Bengal, e passou o braço em volta no ombro do amigo. — Veja, veja! Já estamos em paz!

— É! — concordou Balinês, devolvendo-lhe tapinhas nas costas. — Já estamos indo para casa! E, só por precaução, não é necessário que nos acompanhe!

— Muito bom, Balinês! — sorriu Bengal. — Se ele descobre onde moramos!

— Nem me fale, amigão!

— Acompanhá-los seria mais desagradável do que carregar um túbaro nas costas — disse o guarda, ganhando um olhar intrigado do dito cujo a alguns metros dali. — Estou com pressa, então vão logo antes que eu me arrependa! E não façam baderna!

Sacudindo afirmativamente a cabeça juntos, saíram andando a idênticos passos rua afora, só olhando para trás e abrindo a boca quando dobraram mais duas esquinas.

— Como somos azarados! — Balinês lamentou, socando o ar. — E que sorte não termos sido pegos desta vez!

— Sorte? Eu não diria isso... — falou o careca, em tom fantasmagórico.

— Como assim, Bengal?

— Pra mim, o guarda também sabia! — respondeu ele, de olhos vidrados e esbugalhados, como quem dá uma notícia de falecimento. — Como podemos topar com dois membros da Guarda em poucos minutos e eles agirem como se nada estivesse estranho?!

— O que estarão planejando? — sibilou Balinês, agitado. — Estarão nos espionando? — Virou-se em todas as direções.

Outro ruído de carrola se aproximando chegou até seus ouvidos. Desesperados, olharam um para o outro, e Bengal ia se jogar dentro de outro vão escuro, mas o amigo o impediu.

— Não seja idiota! Não vamos chamar a atenção desta vez! Encostemos aqui como se nada estivesse acontecendo.

E foi o que fizeram. Escoraram-se na parede mais próxima, e de braços casualmente cruzados, ficaram a assoviar canções quaisquer enquanto a carrola já ia surgindo pela rua. De repente, Bengal parou de assoviar e gaguejou:

— Eu... eu posso estar... enganado, mas... Aquele não é... não é...?

— O bardo! — exclamou Balinês, abrindo bem os olhos para a carrola ao longe.

— E o capitão! — acrescentou Bengal.

Instintivamente, o mais rápido que puderam, esborracharam-se outra vez beco adentro, mas felizmente aquele não possuía tranqueiras barulhentas. Viraram-se para olhar quando a carrola passou por eles: DiPresto e Lurrone conversavam distraidamente, e não notaram nada.

— Viu só? Eu não disse, Balinês, não disse? — chacoalhou ao outro.

— Sabe o que me ocorreu, parceiro?

— O quê?

Balinês levantou-se, e foi dar uma espiada nas costas do transporte, que descia na direção do porto.

— Seremos um belo par de idiotas se não seguirmos aqueles dois pra ver o que estão aprontando.

— O perigo é um cão azedo... — disse Bengal, e então ambos completaram juntos: — ... que só morde quem tem medo!

* * *

Lurrone esperou por Valfrido com uma carrola, próximo à Taverna Móvel. Mas resolveu ficar em distância e posição discretas para não despertar suspeitas.

Como previsto, pouco antes do amanhecer, o bardo apareceu às portas da casa, e quando começou a caminhar em direção ao porto, Lurrone pediu ao túbaro que fossem até ele.

Valfrido ficou aliviado com a carona, pois estava visivelmente cansado. Isto deixou o capitão inseguro para fazer interrogatórios. E Valfrido, em virtude do que tinha ouvido daquele tal Andir, preferia pensar um pouco mais sobre o assunto antes de contar a ele.

Conversaram durante o caminho, envoltos numa aura inquieta, apenas sobre a noite ter sido ou não proveitosa, e sobre discutirem tudo no dia seguinte, com calma.

Ao deitar-se na cama, Valfrido achou que teria descanso, mas mal fechou os olhos, escutou leves batidas na porta. Malaquias, deitado na cama à parede oposta do quarto, dormia profundamente.

Valfrido ergueu-se devagar e virou a cabeça na direção da porta. Suspirou de decepção ao ver Jade a acenar-lhe desesperadamente pela fresta. Blasfemando por dentro, calçou os sapatos e saiu silencioso do quarto.

— Valfrido, você não vai acreditar! — ela sussurrava, mas estava tão agitada que cada palavra parecia gastar todo o ar de seus pulmões.

— Eu tô cansado. Não dá pra deixar isso pra depois.

— Eu preciso contar, senão vou explodir!

— Está bem, estou ouvindo... — concordou ele, mas foi puxado para cima quando tentou sentar-se no assoalho.

— Fique de pé! Senão vai dormir! — Jade reclamou, e em seguida narrou em detalhes o que havia encontrado escrito nos navios, em frases entrecortadas por cutucões que dava em Valfrido para que ele não cochilasse.

Em poucos instantes, os cutucões não mais foram necessários. A estranheza daquilo tudo foi um jorro de água fria no rosto do garoto.

— Isso é... é incrível!... — ele atrapalhou-se. — Mas e se for alguma coisa secreta da Guarda?

— Não é. Eu tenho certeza.

— Bom, pelo menos a sua descoberta pode ser comprovada facilmente — disse Valfrido, em tom lamentoso. — Já a minha... vai requerer sobrevivência a possíveis... — bocejou — ataques de histeria.

— Como assim? Você também descobriu algo?!

— Sim, mas vai ser difícil provar se é verdade ou não. — Valfrido explicou, então, o que havia ocorrido na taverna, não com a mesma clareza e exatidão de Jade, mas aparentemente conseguira qualidade suficiente para fazer-se entender, pois a amiga ficou tão pálida quanto uma pétala de margarida.

— Eu... Pudim me contou sobre os boatos, mas...

— Você sabia? Então por que está com essa cara de espanto?

— Não é óbvio? — disse ela, de olhos brilhando. — Eu aposto que ninguém se candidataria a dizer ao meu pai qual é a próxima parada do nosso navio. Porque, definitivamente, um de nós vai ter que fazê-lo.

12

SURPRESAS NA ESCURIDÃO

— Ilha da Prole?! — berrou capitão Lurrone, estremecendo quase o navio inteiro, e quase comendo a folha de papel que tinha nas mãos, com a sentença “*BEL·DIP*” escrita em grandes e caprichadas letras.

O convés já banhava-se com o sol matutino, que naquele momento não parecia queimar tanto quanto a ira do capitão. Junto dele, acuados feito camundongos, estavam Valfrido e Jade.

— Não é possível! — bufou, andando sem parar de um lado para o outro a sacudir o papel. — Como?! Como foi que descobriram isso? Onde está?

Lurrone debruçou-se na amurada para analisar o casco. Valfrido deu um furtivo cutucão em Jade, que tomou coragem para falar:

— Não, pai! Já se apagou! Foi como eu disse... o Múrcius preparou uma receita nova de limpeza, e me pediu ajuda para testar no casco, e acho que... ela revelou esse truque.

Lurrone voltou-se aturdido para eles. Jade deu um cutucão em Valfrido, e ele adiantou-se:

— Mas não precisa se preocupar porque...

— Ilha da Prole!... — interrompeu o capitão, num lento grunhido, indo apoiar-se na amurada. Começou então a resmungar coisas em voz baixa, grave e incompreensível. Aos poucos, o que pareciam ser frases de blasfêmia contra a vida, foram tomando forma de um riso estranho e crescente.

Valfrido e Jade entreolharam-se, prestes a saírem correndo dali. Mas de repente, cessando a própria gargalhada, Lurrone virou-se para os dois, sacudindo a pobre folha de papel já toda amassada:

— Mas vejam só... Nós aqui lutando para proteger Polímagus dos piratas, e de repente descubro que esses malditos estão escondendo mensagens no meu navio com truques de alquimagos! Ah!... Tudo faz sentido! Esse tal traidor do Círculo... Alquimago traidor... que redundância! — ele sacudiu o papel no ar. — Esta é a prova de que piratas e alquimagos têm andado juntos! Sabem o que vou fazer?

Valfrido e Jade esbugalharam os olhos.

— Vou falar com Múrcius! Sim... Precisamos verificar os outros navios! Todos eles! Deve haver códigos pelo porto inteiro!

— Mas, pai!... — avançou Jade, desesperada, mas tentando parecer natural. — Isso não iria chamar *muita* atenção?

— É, sim, capitão — reforçou Valfrido. — Pode causar suspeitas!

Os olhos de Lurrone examinaram os garotos com assustadora profundidade.

— Tem razão — ele falou mais baixo. — Se houver espiões por perto, estaríamos botando os piratas a par de nossos passos! Sim... é melhor manter segredo por enquanto. — Deu então uma outra olhada no papel: — Ilha da Prole, hein?...

— Então... nós vamos? — perguntou Valfrido.

Jade engoliu seco. Ficaram aguardando a resposta do capitão, duros feito pedra, mas os segundos passavam e eles estavam começando a suspeitar que a tão esperada viagem cairia por terra.

— Oh!, capitão Tuglas Lurrone! Bom dia! — gritou uma voz muito esquisita, desengonçada, vinda lá de baixo.

Lurrone, Valfrido e Jade foram olhar quem estava cumprimentando do cais, e o bardo espantou-se, pois sentia já ter visto aquele rosto em algum lugar: bem próximo ao navio, sentado numa carrola parada, estava um homem relativamente jovem e de semblante muito animado.

— Ora, ora... Jean Gitot! — exclamou o capitão, dando a ele um sorriso forçado e um aceno vagaroso.

Gitot devolveu o aceno alegremente.

“Mas claro! Eu o vi naquele retrato!”, pensou Valfrido.

— Não sabia que estava na ilha, meu caro! — continuou Lurrone, em tom levemente irônico.

— Oh, sim, e ainda estou! — Gitot desceu desengonçado da carrola e caminhou mais para perto. — Percorri os vilarejos da outra costa. O povo é muito gentil!

— Que bom para você. Mas não ficou sabendo das reuniões que tivemos com o primódora?

— Foi uma pena. Aportei ontem à tarde, e mal posso esperar para saber dos detalhes!

— Com certeza estou ansioso por informá-lo de tudo, Gitot, mas infelizmente a única notícia que tenho tempo para lhe dar agora é a de que estou em plena campanha também, então é bom esforçar-se!

Gitot sorriu com a boca aberta e sacudiu o indicador na direção de Lurrone. Obviamente estava se divertindo muito com aquele tom de rivalidade que enfeitava o momento.

— Eu vou ganhar do senhor, capitão!...

— Acho difícil, meu jovem — respondeu Lurrone, cheio de pompa. — O povo está percebendo melhor a cada dia que tipo de homem é mais adequado para liderar Polímagus!

— *Quem inventou a titica e o bafo podre? Ninguém me questione! Foi o capitãããoo Burrone!* — recitou Pudim, pousando numa das estacas do píer ali perto e voando em seguida na direção das casas.

Jade entrou em pânico, mas nada pôde fazer. Gitot não teve tempo de achar graça naquilo, pois Lurrone, enfurecido, lançou tantos impropérios que o

alquimago correu de volta para a carrola e quase caiu dela quando o túbaro partiu em velocidade.

— Vejam! Vejam só! — bufava Lurrone, apontando na direção de Gitot a se afastar velozmente. — Eu não me espantaria se descobrisse que foi ele quem arranjou essa ave maldita pra fazer piada de mim por aí! Vejam!... Dá pra sentir a maldade em cada centímetro de seu ser!

Observaram Gitot, que devolvia-lhes um olhar meio esbugalhado, mas logo virou-se de frente para o caminho.

— Jade, minha filha! — chamou Lurrone de repente, e a menina quase pulou de susto. — Pergunte a Múrcius se estamos abastecidos. Eu vou reunir os marujos. Navegaremos para a Ilha da Prole imediatamente!

— Nós... nós vamos?! — gaguejou Valfrido, um tanto incrédulo.

— Claro! — respondeu o capitão. — Acha que eu perderia a chance de escavar os podres desses alquimagos, rapaz? Ainda mais agora que estão se metendo com piratas! Não... se pensam que vou deixar esse monte de evidências passar em branco, estão muito enganados! — Em seguida ele voltou-se para Jade, que parecia corroer-se numa estranha expectativa. — Prepare-se, minha filha! Prepare-se para assistir-me provar a você, enfim, o que tenho dito por tanto tempo!

Lurrone partiu decidido para a entrada da popa. Jade, exultante, olhou para Valfrido:

— Eu nunca pensei que ficaria tão feliz em ouvi-lo dizer isso...

Após algumas horas de exaustivas preparações, o navio estava pronto.

Quando a partida foi dada no autorremo e o golfídeo soou ao sopro dos outros capitães, em despedida, Valfrido e Jade correram até a traseira do navio para observar a ilha diminuir-se no horizonte.

* * *

Os raios de sol desapareceram antes do previsto naquele dia, pois densas nuvens encobriram aos poucos o céu, principalmente no horizonte. Rataguet trocou mais algumas informações em voz alta com Malaquias, e desceu do cesto da gávea para juntar-se aos garotos na proa.

— Parece que estamos rumando direto para a escuridão, não? — disse ele, passando os braços, sorridente, sobre os ombros dos dois.

— Nem brinca — comentou Jade.

— Não se preocupem. É uma tempestade fraca — tranquilizou o navegador. — Assim de longe elas sempre parecem mais poderosas do que realmente são.

— Mas por dentro — sussurrou Valfrido — são sempre mais frias do que por fora.

Seria a viagem mais longa das que ele havia feito até então, com previsão para durar de seis a sete dias. O tempo, apesar de bastante úmido e nublado, não havia consumado-se em chuva, dando a todos tranquilidade suficiente para discutirem diversos pormenores da investigação. O assunto mais constante estava sendo a aparição das letras no casco do navio. Valfrido, Jade e Múrcius buscaram ficar propositalmente de fora dos palpites.

Vários membros da tripulação revezavam-se por cima das anotações feitas a respeito daquela estranha sentença, e cada vez mais interpretações iam surgindo para engrossar o volume de papéis e afins por sobre a mesa de refeições. Isto magoou Múrcius, que entendeu o fato como uma alfinetada em seu desempenho culinário, visto que mesmo às horas do almoço e jantar ninguém dava sinais de querer livrar-se daquela bagunça.

— Por que não resolvem isso na sala de estratégia? — reclamava o cozinheiro.

— É um assunto sobre o qual todos opinam, Múrcius! — explicava Lurrone, pacientemente. — E não devemos atrapalhar o serviço de Rataguet e Malaquias. Com este céu encoberto, a navegação requer muito mais cautela.

Ao final do segundo dia ao mar, uma interpretação para parte da sentença surgiu, do capitão, que pareceu soar convincente a todos.

— Vejam. É muito simples — falou Lurrone, apontando uma folha na mesa. — Tenho certeza de que “BEL” refere-se à Ilha Bélica. Foi a última ilha onde aportamos antes da Ilha Mãe. Se o objetivo é trocar notícias clandestinas sobre o que ocorre nas ilhas, parece lógico que cada código tenha esse tipo de indicação.

— Sim, o senhor tem razão, capitão! — espantou-se um dos marinheiros. — Só pode ser isso!

— Ainda assim, a outra metade permanece um mistério — murmurou Lurrone, pensativo.

Os marujos atrás dele entreolharam-se enigmaticamente, até que um pareceu perder a paciência:

— Olha, capitão... quer saber? Nós aqui andamos pensando que esse “DIP” aí fala do bardo!

Lurrone virou-se sério para todos. Percorreu o olhar de rosto em rosto, e percebeu firmeza na maioria deles.

— Não vou negar que isto já me passou pela cabeça, meus amigos — disse ele. — Foi uma das primeiras coisas que pensei. Mas enquanto não me ocorrer uma razão plausível para que um pobre rapaz inocente seja tema de uma mensagem secreta...

— Ora, com todo respeito, capitão... — falou um marujo, com uma ponta de receio. — Ele é o único sobrevivente daquela tragédia! Isso não é suspeito?

— Sim! — acrescentou outro. — E se a família dele tinha ligações com...

Lurrone deu um passo na direção do homem, que calou-se intimidado.

— Escutem bem todos! Não quero boatos infestando o navio, e muito menos que este garoto, que já sofreu tanto, seja rodeado por suposições desse tipo! Eu fui claro?

Um silêncio pesado dominou a sala, e todos balançaram afirmativamente suas cabeças.

De início, aquela ordem foi obedecida à risca. Mas com o passar dos primeiros dias, os cochichos entre grande parte dos marinheiros começaram a voltar, e logo Valfrido começou a perceber uma constante frieza e reticência no modo como era tratado por eles.

Começaram a dar-lhe estranhos olhares, o que de imediato provocou no jovem bardo uma crescente angústia. A naturalidade alegre com que era recebido por eles foi desaparecendo e dando lugar a uma cordialidade próxima da indiferença.

— Pois deixem de ser palermas! — repreendeu Múrcius, quando flagrou um trio de marujos trocando as mais absurdas idéias sobre Valfrido. — Ele é o único sobrevivente da tragédia na Cipreste, e vocês ainda estranham que seja mencionado? Só falta virem dizer que ele faz parte da rede pirata!

— Não é isso, Múrcius! — disse um dos homens. — Nós achamos que ele anda escondendo algo! Nem sequer comentou nada a respeito, você viu? Só fica por aí se escondendo pelos cantos.

Valfrido prendeu a respiração, pois estava exatamente recolhido atrás da porta a escutar a conversa. Múrcius continuou:

— E vocês queriam que um juvenzinho sofrido como ele fizesse o quê? Desse risadas o dia inteiro? Façam-me um favor...

Nesse ponto Valfrido se afastou, melancólico, mas ao menos satisfeito por perceber que alguém mais estava tentando melhorar as coisas para ele. Além dos óbvios, Malaquias e Rataguet também haviam se tornado mais atenciosos, só que a intenção de seus amigos estava na verdade piorando um pouco os ânimos do jovem bardo.

Numa noite fria e nublada em que a ventania assobiava teimosa contra o navio, Valfrido despertou em sua cama extremamente agitado. Sua pulsação rápida refletia uma sensação inexplicável, porém desesperadora. Ouvindo a

ventania e o ranger do navio, levantou-se, abriu a porta e correu para o convés, encontrando-o totalmente vazio. O navio balançava cada vez mais forte, como se fosse uma gigantesca folha viajando aos caprichos do vento.

Quando notou que a lapóia não estava acesa, deu-se conta de que algo realmente muito estranho estava se passando. Correu até a entrada da popa, ofegando. Abriu a porta e desceu as escadas aos tropeços. Chamou vários nomes, mas nenhum deles respondeu. Uma a uma, foi abrindo as portas dos dormitórios, mas só encontrou mais e mais camas vazias e quartos enfeitados de solidão escura.

Chegando à cozinha, os recipientes, talheres e diversos outros objetos caíam ao chão e pendiam às bordas sob efeito do balanço aterrador que o navio já sofria. Ele já não mais chamava por nome algum, estava sem ar nos pulmões, e sentia o corpo pesado como se fosse um fardo de si mesmo. Ainda assim, correu de volta para o convés, que já banhava-se dos vigorosos jorros da tempestade. Ajoelhando-se diante de ondas monstruosas que atacavam por todos os lados, corroendo-se num sentimento de abandono, Valfrido não mais pensava na tripulação, que misteriosamente havia desaparecido, mas sim em seus pais, em Sorfidis e Elen... Como se ele próprio os tivesse abandonado... deixado-os para trás de livre e espontânea vontade, para enfrentar tudo sozinho. Mas não era isso o que ele queria. O destino o havia enganado, pregado-lhe uma peça cruel. Desejava tê-los de volta... precisava fazê-los voltar, mas não sabia como, e de rosto afogando-se nas gotas da tempestade, evocou seus fantasmas em voz mais alta que pôde.

De repente, como que sugado por um feixe de relâmpago, o ecoar de um estrondo a diminuir-se deu lugar a uma voz que chamava seu nome insistentemente.

Quando despertou de sobressalto, completamente banhado em suor, viu-se caído a um canto do convés, precariamente escorado em um barril, e de

alaúde ao colo: tinha adormecido ali, sob a carícia fria de um anoitecer nublado. O rosto preocupado de Jade definiu-se diante dele.

— Valfrido, você está bem? Olhe só onde foi dormir...

Ele não respondeu de imediato. Estava confuso, e as imagens e ruídos de seu pesadelo ainda lhe sobravam no pensamento.

Jade então deslizou as mãos pela testa e a lateral do rosto do amigo, constatando nele uma forte febre.

— Eu só cochilei — disse Valfrido, levemente trêmulo.

— Você parece doente. Deve ter ficado horas nessa friagem toda. Venha. — Ela o ajudou a levantar, e o conduziu até o dormitório dele.

Durante o caminho, Valfrido observou a situação do navio, como que esperando ver ecos de seu delírio, mas aparentemente tudo estava normal, exceto pela agitação extra de Rataguet e Malaquias, que estavam tendo dificuldades em virtude das nuvens e nevoeiros.

O bardo acomodou-se na cama a suspirar, sentindo-se todo dolorido.

— Você não dorme direito desde que partimos, não é? Isso não é bom — disse Jade.

— Como sabe disso?

— Suspeitava... mas agora tive certeza — riu ela. — Você anda cansado, e além do mais dá pra ouvir-lo tocar a noite toda lá do meu quarto. Sei que deve estar bem mais ansioso do que eu quanto a essa viagem, mas se não se cuidar só vai piorar as coisas.

Valfrido sabia muito bem o que o incomodava. É claro que a viagem lhe causava grandes expectativas, mas havia outro detalhe que, no momento, tomava a frente em suas preocupações: exatamente como o primódora havia dito, um mero choque havia aberto facilmente suas feridas. O tratamento frio que vinha recebendo dos marinheiros tinha-lhe trazido uma sensação similar a muitas coisas que ele havia provado quando despertou fora da Ilha Cipreste.

— Eu... sinto falta deles, Jade — sussurrou, como se estivesse confessando algo.

A garota paralisou-se por um instante, analisando aquelas palavras.

— Vou estar mentindo se disser que entendo o que você sofre.

— Tudo bem. É só que ainda não consigo lembrar de tudo que se passou sem que... — faltou-lhe meios de descrever em palavras o que queria dizer, e soltou um triste suspiro.

— Sabe, Frido — Jade empertigou-se, parecendo otimista —, pior seria se você não tivesse nada de bom pra se lembrar. Nenhuma amizade, nenhuma coisa especial, nada... — deu de ombros. — É como meu pai diz: um caráter é tão rico quanto tenha de boas lembranças.

— Pode ser — disse ele, quase discordando daquilo ao pensar na vida tão complicada de Elen, com família ausente, longe da terra natal, e no quanto ela era agradável e especial mesmo assim. Ou Sordidis! O que seria de um garoto qualquer de doze anos que tivesse perdido um dos olhos? Tornaria-se um indivíduo traumatizado e solitário? Provavelmente... mas lá estava o jovem Murto, cheio de vida e com uma personalidade de dar inveja a qualquer um. — Talvez um caráter não seja medido por suas boas lembranças — continuou Valfrido —, mas sim por suas lembranças superadas.

— Mais um motivo pra você se esforçar — retrucou Jade, dando tapinhas marotos no ombro dele. — Agora descanse. Eu vou ver se preparo algo pra você melhorar.

— Nada muito fedido dessa vez, tá bem?

* * *

A noite ainda dominava o mar. Rataguet gritou do alto do mastro:

— Capitão! Vejo algo estranho pelo fiel monóculo!

Lurrone, que estava na traseira do navio, virou-se na direção dele.

— Diga o que é, homem!

— Uma nuvem gigante e grosseira soltando relâmpagos! Igual à sua cabeça quando o senhor está nervoso!

Os marinheiros por perto riram.

— Pois eu adoraria que fosse verdade, Rataguet! — respondeu o capitão em voz alta. — Assim eu me deleitaria a torrar sua barba em vez de me preocupar!

O navegador desceu habilmente pelo mastro e se aproximou depressa do chefe.

— O que o preocupa, capitão? O mesmo que a mim?

— Diga-me, Rataguet... Me acharia um estúpido se eu lhe dissesse que estou mais preocupado com fantasmas do que com a rota?

— Fantasmas, capitão? — estranhou o navegador, quase rindo.

— Se não estou enganado, devemos estar bem perto de onde ocorreu um daqueles ataques dos piratas.

Rataguet engoliu a graça, e seus olhos percorreram o horizonte negro.

— Bem, capitão... devemos estar. E já ouvi dizer que certas tragédias ainda podem ecoar nos ouvidos de quem invade seus domínios.

Lurrone esboçou um sorriso pesado e bateu no ombro do navegador:

— Não sou um homem de superstições, meu amigo... Mas acho que, no fim, receios palpáveis ou supersticiosos acabam servindo do mesmo jeito. — Suspirou. — Mas e você? O que o preocupa, afinal?

Rataguet pareceu acordar de uma leve hipnose:

— Oh, bem... Não que a ausência das estrelas seja um problema tão grave, capitão, mas o sol já se pôs há muito tempo, e uma pequena margem de erro poderá nos lançar contra a corrente traiçoeira que espreita essa rota.

— Se é que já não estamos nela — Lurrone comentou, enigmático. — Normalmente é estreita e forte, mas é também imprevisível, e pode alargar-se.

— Bom, eu aposto que ainda estamos no curso — Rataguet cofiou a barba. — Mas se meus cálculos estiverem corretos, estamos bem próximos da maldita. Que acha de uma manobra de precaução?

— Se isto não nos deixar ainda mais perdidos depois, pode avisar Malaquias.

Rataguet já ia se retirando, quando Lurrone chamou novamente sua atenção:

— Ah, Rataguet... pode trazer aqui nossos registros sobre os ataques?

— Claro, capitão — disse, indo em seguida na direção da proa.

— Ei, Malaquias, como estamos? — falou Rataguet, entrando na casa do leme.

— Sempre em frente e às suas ordens, navegador — disse o timoneiro, de olhos atentos.

— Eu estava falando com o capitão sobre a corrente traiçoeira.

— É verdade... Ela deve estar por perto.

— Que acha de bombardearmos um pouco, por segurança. Talvez uns três ou quatro graus por uma hora?

— Não sei não, Rataguet... Se ainda tivéssemos o sol, eu concordaria. Mas não temos referência pra mudar o curso por tanto tempo. — Malaquias ficou pensativo por alguns instantes, e então pareceu decidir-se: — Se é por precaução, posso tentar um desvio mais brusco e menos demorado. Assim é mais fácil voltar à direção correta.

— O timão é seu, amigão! — Rataguet bateu-lhe no ombro com segurança.

Em poucos instantes, então, o navio foi virando-se lentamente em uma curva para a esquerda. Rataguet voltou para junto do capitão com dois calhamaços de papel. Lurrone, que olhava desconfiado a escuridão pelo monóculo, estranhou a manobra brusca do navio, mas as explicações de Rataguet logo o tranqüilizaram.

— Malaquias sabe o que faz — comentou Lurrone, pegando a papelada que o navegador trazia. — Obrigado, Rataguet. Volte ao cesto da gávea e mantenha vigilância intensa.

O navegador partiu com presteza para o alto do mastro, enquanto Lurrone folheava uma das pastas, que trazia informações colhidas sobre o ataque naquelas águas. Passou os olhos folha por folha. Havia dados sobre a rota, os horários, a carga... uma montanha de informações não conclusivas que Lurrone e outros membros da Guarda haviam estudado exaustivamente. Chegou à última folha, já rindo de si mesmo por sentir aquele receio bobo, só por estar próximo aos ecos de um fato já quase longínquo.

Foi então que seus olhos pousaram na lista da tripulação e passageiros, e ele teve um choque... Também já lera os nomes antes, mas um deles, o último da lista, chamou-lhe especialmente a atenção: "*Zental DiÁdora*". O nome ressoou na mente do capitão sem parar. Sim... ele era membro do Círculo Alquimago, e aquilo parecia ter vital importância agora...

Lurrone sentiu o coração acelerar, e instintivamente abriu a segunda pasta. Rapidamente, pulou todas as páginas e foi direto à lista dos ocupantes. O susto, desta vez, foi ainda maior, e ele quase deixou a papelada cair quando leu o único nome escrito na relação de passageiros civis: "*Darteus DiPresto*". DiPresto... DiPresto... o pensamento excitado de Lurrone ia e voltava... daquele nome para Valfrido, de Valfrido para a lista, da lista para a mensagem alquimaga em seu casco... Quase sem saber por que, teve certeza de que corriam grande perigo. Logo que deu-se conta daquilo, um grito apavorante soou do cesto da gávea:

— Capitão! Vejo um navio atrás de nós!

Mal Rataguet pronunciou aquelas palavras, um estampido soou ao longe, e o assvio aterrorizante que eles bem conheciam alcançou-os com incrível velocidade. O disparo devastou parte da amurada a poucos metros de onde Lurrone estava, fazendo-o lançar-se instintivamente ao chão.

Erguendo-se alguns segundos depois, um tanto desorientado pelo ruído e pelo impacto, Lurrone soprou o golfídeo em emergência, mas uma agitação generalizada já tomara conta do navio. Outros estampidos cortaram o ar, mas nada atingiram.

O capitão correu para o convés, onde quase toda a tripulação já se aglomerava.

— Os piratas estão de bombordo contra nossa popa, capitão! — gritou Rataguet do alto. — A distância não é grande!

— Malaquias, corrija a manobra! Marujos, preparem os canhões de estibordo! — ordenou Lurrone.

— Pai! O que está havendo? — Jade correu até ele, assustada.

— Filha, escute com atenção — aproximou-se da menina e a encarou com seriedade. — Quero que desça imediatamente com Múrcius e Valfrido num bote a bombordo e que remem para a frente, entendeu bem?

— Mas e você?!

— Vou com os homens combater, é minha obrigação. Agora faça o que eu estou pedindo! Rápido, antes que carreguem outra salva!

Jade sempre soube que aquilo poderia acontecer um dia, mas não imaginava que fosse uma situação tão dolorosa e conflitante. Sabendo que não poderia contestar, apenas enlaçou o pai no abraço mais forte que pôde.

— Tome cuidado, por favor! — ela chorava.

— Ficarei bem, querida — murmurou Lurrone, emocionado. — Agora vá!

Ele deixou-a então aos cuidados do cozinheiro, já trazendo Valfrido, que parecia estranhamente grogue.

— Não erraram tiros demais? — falou um marujo. — Quantos nos atingiram? Um só?

— Ainda é cedo para achar isso estranho — respondeu Lurrone.

Malaquias fazia a curva para a direita, e antes que os canhões de estibordo ganhassem a pontaria, outra salva do navio pirata explodiu, atingindo-

lhes apenas o alto de um mastro, o que despertou ainda mais a curiosidade de todos.

— Não querem nos afundar! Nem cegos errariam tantos tiros! — afirmou o capitão.

— Prontos para disparar, capitão! — gritou o líder da artilharia.

— Esperem!

Enquanto todos aguardavam em seus postos, Lurrone levou mais uma vez o monóculo à vista. Mesmo com a escuridão, podia ver o navio pirata já emparelhado. Apesar de não estar conseguindo captar detalhes da movimentação inimiga, parecia-lhe que os botes deles estavam sendo baixados. O que estariam pretendendo?... Seriam idiotas a ponto de tentarem invadir um navio da Guarda plenamente tripulado e armado? Lurrone tentava decifrar aquele enigma, e o nome *DiPresto* não lhe saía da cabeça.

— Cinco botes se aproximando! — gritou Rataguet do alto.

Houve uma agitação entre os marujos que estavam aos canhões. Lurrone juntou-se a eles:

— Nada de mosquetes ou espadas, homens! Vamos disparar os canhões antes que se separem e rumem para nossos pólos!

O líder da artilharia imediatamente instruiu a divisão de pontaria, e disparos poderosos fizeram o convés todo tremer, sob diversos flashes amarelados.

— Pegamos um em cheio! — relatou Lurrone, quando todos os tiros caíram. — Dois botes viraram! Os outros estão se separando! Outra salva, depressa!

Os marinheiros trabalhavam habilmente, e em poucos instantes aprontaram os canhões.

— Metade esquerda e metade direita, concentrem fogo!

E obedeceram, corrigindo a pontaria e disparando. O bote que escapava para a direita despedaçou-se, atingido mortalmente por quatro ou cinco disparos

certeiros; já o que fugia para a esquerda, teve dois piratas atingidos, mas o bote apenas virou-se.

— Outra salva! — ordenou o capitão.

— Vejo algo estranho, capitão! — falou Rataguet. — Acho que estão preparando fogo!

— Fogo?... — intrigou-se Lurrone, puxando o monóculo. — Que tipo de idiotas eles são?

Viu um ponto luminoso ser lançado por um dos piratas, ganhar o ar e atingir-lhes o casco. Os piratas pareceram urrar de contentamento enquanto uma labareda descomunal espalhava-se e consumia a lateral do navio.

— Que diabos é isso?... — sussurrou Rataguet consigo mesmo, fitando aquilo boquiaberto.

Lurrone estava pasmo, mas a mensagem para ele estava bem clara: os piratas queriam todos fora do navio.

— Protejam-se! — alguém gritou.

Outros pontos luminosos foram lançados. Um deles pareceu atingir outra vez o casco, mas outro caiu bem no meio do convés, fazendo o terror chegar a seu ápice: ao romper-se contra o assoalho, aquela pequena esfera incandescente espalhou rasteiras chamas por uma extensão que parecia não ter limite. O desespero que transmitia o alastrar daquele fogo sorrateiro, gracioso como uma onda prestes a morrer na praia e corrosivo como o mais poderoso ácido, fez a tripulação ficar sem reação. Alguns saltaram imediatamente à água, e outros foram atingidos e imediatamente transformados em tochas humanas. Lurrone ofegava, a encarar o fogo que dominava o navio rapidamente e estava prestes a atingi-los, mas mantinha no olhar severo um brilho que ardia talvez mais intensamente do que a desgraça que se avizinhava.

Tomado de uma contrariedade angustiante, Lurrone ergueu-se e gritou, com toda a força de seus pulmões, a última ordem que esperaria dar um dia:

— ABANDONAR O NAVIO!

13

NA CORRENTE TRAIÇOEIRA

— Largue esse remo, Frido! — insistiu Jade, vendo o amigo prestes a desmaiar logo na quinta remada.

— Você não está bem, vai acabar atrapalhando! — reforçou Múrcius ao lado dele, esticando o braço para tentar tirar-lhe o remo, mas o teimoso o enxotava. — Veja, rapaz, está nos desviando da reta!

— Deixem! Não vou ficar aqui parado vendo vocês fazerem tudo sozinhos! — resmungou o garoto, com voz amolecida e ofegante. — Já remaram bastante, e se estou saindo da reta, ótimo! Assim desviamos dos tiros!

Não fosse a atmosfera tensa e carregada de perigo, Jade riria daquilo, mas em vez disso, largou seu remo e ajudou o cozinheiro a “desarmar” Valfrido.

— Desviar dos tiros?! Você já está delirando!

— Puxa... — admirou-se o cozinheiro, olhando para trás. — Nem acredito que nos afastamos tanto. Vejam.

De onde estavam podiam enxergar dos navios apenas uma pequenina luminescência. Tiveram então noção do quanto haviam se desgastado.

— O que o perigo não faz... — murmurou Múrcius.

Jade gemeu, sentindo os ombros doloridos, e ao apalpá-los, arregalou os olhos, pois sentiu falta de algo.

— Oh, não... Pudim! Esqueci dele! Como pude?!

— Ei, não se culpe — consolou Múrcius. — Estávamos todos tão preocupados com seu pai e tudo mais. Oras! Duvido muito, aliás, que Pudim se dê mal nessa. Ele é esperto e, graças a você, consegue voar mais longe do que qualquer ave!

A garota ia responder, mas Valfrido caiu lentamente para trás e ela teve de escorá-lo.

— Viu só, seu idiota?! Não ouve o que os outros dizem!

— Me dá ele aqui — pediu Múrcius. — Acho que é só um desmaio. Vou acomodá-lo deitado.

Fez-se uma pausa pensativa.

— E se eu pusesse lumancolia no bote? — sugeriu Jade. — Assim seria mais fácil de sermos encontrados, inclusive por Pudim.

— Isso se ele voar para fora do navio...

— O quê?!

— Quero dizer... Talvez não precise. E se forem ladrões de carga? Não vão afundar o navio, e sendo assim, duvido muito que consigam invadi-lo!

— É... — sorriu a garota, esperançosa. — Mas mesmo assim acho que vou usar.

Puxou do cinto um frasco pequeno, despejou um pouco do óleo lumancólico sobre a mão e espalhou pela borda do bote, realçando sua cor em um intenso e hipnotizante brilho.

— Acho que já está bom. — Terminou e lavou as mãos na água do mar.

Múrcius, enquanto isso, velava Valfrido, que estava pálido e suado.

— Acho que vou cobri-lo. Não quero que pegue friagem e piore. — Sem ver outra opção, livrou-se do próprio avental encardido e ajeitou-o cuidadosamente sobre o enfermo, que nem pareceu incomodar-se com o odor.

— Uau... ele deve estar mal mesmo — comentou Jade, admirada, e depois contemplou a expressão confusa que Múrcius lhe devolveu.

— Que quer dizer?

— Nada... ei! — ela exclamou de repente, ao notar um movimento no rosto de Valfrido. — Acho que está acordando.

Alarme falso... O rapaz virou-se lentamente, contorceu-se um pouco e então parou, numa posição que o fez parecer ainda mais um cadáver. Jade e Múrcius entreolharam-se, dando de ombros.

— É bom que durma mesmo — concluiu o homem. — Pobre menino... já tem tantos problemas...

— E falando em problemas, o que faremos agora, Múrcius?

— Só nos resta esperar.

Jade virou-se para trás e aguçou os ouvidos.

— Será que estamos tão longe assim, ou não estão mais atirando? Não ouço nada.

— Não é possível — intrigou-se o cozinheiro, ao olhar para trás. — É impressão minha ou nos afastamos ainda mais? Não consigo ver nada!

— Nem eu. Será que apagaram a lapóia? Oh, não... será que estão afundando? Não podemos ficar aqui parados!

Múrcius ficou sério, a olhar para a escuridão distante. Pensou que Lurrone fora sensato ao tentar protegê-los, pois não eram pessoas de batalha e só atrapalhariam, mas naquele instante a situação carregava um odor diferente... E se o navio estivesse mesmo afundando, seria correto eles cruzarem os braços?

— Acho que tem razão, Jade. Eles... eles podem estar precisando de nós. Vamos, pegue o remo!

Sem hesitar, posicionaram-se e começaram a remar com rapidez e coragem. Pensar que a tripulação pudesse estar correndo sérios riscos levou todo o cansaço embora, mas após cerca de dez minutos em ritmo forte, seus braços não mais obedeceram, e ambos viram-se obrigados a parar.

Jade, que quase deixou seu remo cair na água ao relaxar, contemplava o horizonte com olhos marejados. Queria dizer algo, mas seus pulmões, sufocados, pareciam rebelar-se.

— Não... não... — ofegou Múrcius, exausto. — Tem algo errado. Não há sinal deles!

Houve uma pausa, em que o silêncio era cortado pelas respirações dos dois e o som sutil do oceano.

— E se nós... nos desviamos? — palpitou Jade.

— Tanto assim? Impossível... Apenas invertemos o sentido. Nem fizemos curva! — ele concluiu, abaixando a cabeça e levando as mãos à nuca. E então, após alguns instantes, ergueu-se lentamente. — Só se... oh, não... Espero que não seja...

— O que foi? — a garota tremeu.

— A corrente traiçoeira... — Múrcius balbuciou de olhos vidrados, como se proferisse uma blasfêmia.

— Ai... E eu achava que as coisas não poderiam ficar piores.

— Não que eu queira ser pessimista, Jade. É só que não vejo outro motivo que explique tantas remadas em vão. Os homens disseram que estávamos perto dela.

Jade ia insistir na idéia de terem errado a direção, mas começou a duvidar de si mesma. Enfim, a sensação de serem um ponto de claridade opaca abandonado no meio do nada tornou-se palpável. O medo e a tristeza os fez terem, então, a real noção do quanto estavam cansados. Não tinham vontade de falar, nem de remar, nem de pensar. Queriam contemplar, ironicamente, a própria desgraça.

Em pouco tempo, a exaustão os adormeceu.

Uma brisa de ruído sutil e grave invadiu o sono do cozinheiro. Ele despertou de sobressalto, e seu coração disparou ao ver o casco de um navio enorme a poucos metros deles.

Esfregou os olhos, mas não era um sonho. Jade e Valfrido dormiam, e ele olhou para o alto, num misto de medo e excitação.

Em poucos instantes, sobre a amurada da grande embarcação, uma silhueta surgiu, a apontar para baixo o ofuscante feixe de uma lapóia, juntamente com o que parecia ser um mosquete.

— Diga seu nome imediatamente, pirata, ou dispararei! — ordenou a figura.

Múrcius ficou ao menos aliviado, pois de acordo com a frase, inimigo aquele navio não era. Mas achou que a voz daquele indivíduo a bordo parecia ser jovem demais para dar ordens com tamanha pompa.

— Sou membro da Guarda dos Mares! Não sou pirata! — Múrcius respondeu, um tanto irritado. — De onde tirou esse absurdo? Estamos perdidos!

— Diz que não é pirata — respondeu a silhueta —, mas é maltrapido e sujo como um. E olhe só! Traz consigo dois cadáveres, frutos de sua insânia! Oh, veja! — espantou-se ao notar que a garota mexia-se, já despertando. — Eis uma sobrevivente!

— Ei! Seja lá quem você for, deixe de ser estúpido! Já disse que não sou pirata e...

— Mostre a face do cadáver, seu pirata infame! — interrompeu a figura, indicando Valfrido, que tinha o rosto coberto pelo avental. — Quero ver quem é. Mostre ou atirarei!

Nesse momento, outra silhueta, de cabelos longos, juntou-se à primeira.

— O que está havendo? É mesmo um bote? — perguntou, revelando uma voz feminina.

— Exato! E olhe só que pirata asqueroso!

— Olá! — acenou Múrcius com ironia. — Alguém aí da tripulação tem bom-senso? Eu já disse...

— Cale-se! — interrompeu novamente a silhueta. — Já disse para descobrir o corpo, ande com isso!

Bufando e resmungando, mas nem um pouco interessado em levar um tiro de mosquete, o cozinheiro puxou o avental, e o rosto de Valfrido surgiu sob a luz

azul da lapóia. A silhueta feminina então tremeu visivelmente do alto e desapareceu das vistas. O outro, como uma estátua enegrecida, permaneceu estranhamente imóvel.

— Oh, não acredito! — exclamou Jade, percebendo o navio ao acordar. — Estamos salvos! Valfrido! — Ela cutucou o amigo, que mexeu-se e resmungou qualquer coisa. — Acorde! Nos encontraram!

— Não se alegre tanto! — disse Múrcius, indignado. — Acham que sou pirata!

— Quê?! — gritou ela.

— Quem...? — murmurou Valfrido, esfregando os olhos.

— Vou... vou... jogar a escada! — gaguejou o tripulante do alto, parecendo abalado.

Valfrido paralisou-se de repente, como se um súbito arrepio tivesse-lhe percorrido o corpo.

— O que foi? — perguntou Jade.

— Nada... Acho que estou ficando maluco.

Valfrido foi o primeiro a subir a bordo, e o fez com lentidão, calculando cada movimento dolorido dos braços e pernas. Ao chegar à borda da amurada, uma mão trêmula estendeu-se em seu auxílio. Aceitou-a, e ele botou finalmente os pés no convés. Mas quando ia agradecer ao benfeitor, ergueu os olhos, e um novo choque eletrizou seu corpo inteiro...

— Valfrido DiPresto, bem-vindo a bordo — disse Sorfidis, de olhar faiscante.

Os dois se abraçaram longamente, tendo naquele aperto a certeza de que um sonho não mentiria tão bem.

— Não acredito!... eu... pensei que nunca mais o veria! — gaguejou Valfrido.

— Se está contente agora... Isso não é tudo — ironizou Sorfidis, virando-se crente de que encontraria a amiga logo ao lado. — Elen, veja... Elen?

Mas a observadora já desmaiara ali perto.

Elen estava deitada na cama de um dormitório quando abriu novamente os olhos.

Tendo noção ainda vaga do que havia se passado, e sentindo que despertava de um devaneio, sua mente confundiu-se entre o real e o irreal quando sua vista tornou-se menos turva, e o rosto de Valfrido entrou em foco diante dela.

— Que os delírios não brinquem tanto assim comigo... — sussurrou, quase consigo mesma.

— Eu também pensei isso. Mas já perdi a conta de quantas vezes espetei meu próprio braço — respondeu o bardo, sorrindo de leve.

Elen levou sua mão até o rosto dele, e beliscou-lhe pra valer as bochechas e o nariz. Sua mão estava fria, mas com certeza era bem real, pensou o garoto.

Elen analisou seu semblante com atenção e saudade: ele estava abatido, um pouco mais magro e delineado do que de costume, mas conservava ainda os traços suaves e o olhar distraído. Elen falou, após um grande silêncio:

— Depois daquilo tudo, quase desisti de viver. Mas então tivemos notícias suas! E quando encontramos o bote, Sorfidis falou sobre um cadáver, e... lá estava você... — ela estremeceu. — Pensei que estava acontecendo tudo de novo. Parecia um pesadelo.

Na mente de Valfrido, tudo estava bem a partir de então, e ele pensou em fazer piada, mas preferiu respeitar o susto da amiga.

— Não pense mais nessas coisas. O que importa é que estamos bem, Sorfidis, você, eu... — pareceu que ia mencionar mais alguém, só que seu engano o constrangeu, e uma nuvem tomou conta de seu rosto. — É um presente e tanto ver vocês de novo. O destino tem me pregado muitas peças ultimamente.

— Eu que o diga, Frido — ela sorriu. — Se soubesse as maluquices que Sorfidis e eu fizemos pra chegar aqui...

— Pelo jeito temos assunto de sobra por muito tempo — ele se levantou, alegre. — Você já se sente melhor? Eu quero lhe apresentar uns amigos novos...

Na sala de estratégia do navio conversavam Sorfidis, Jade e Múrcius.

O rapaz fora reconhecido rapidamente pelos dois como um Murtod, em virtude da semelhança com o capitão.

— Como foi que veio parar aqui, Sorfidis? — perguntou Múrcius.

— Bem... Para encurtar a história, chegamos à Ilha Mãe no navio que nos salvou, e logo que pusemos os pés em terra, ouvimos comentários diversos sobre “o sobrevivente”... coisas assim. Não foi difícil descobrir que se tratava do Frido, e que tinha partido horas antes com o capitão Tuglas Lurrone, rumo à Ilha da Prole. — Ele suspirou e sentou-se sobre a mesa. — Naquele momento, nem sei descrever o que sentimos Elen e eu... A princípio, não nos parecia possível que nosso amigo estivesse vivo, mas por que mentiriam tantas bocas?... era ele... e...

— E...? — encorajou Jade, totalmente absorvida pela narração daquele rapaz tão peculiar.

— E estava perto demais para perdermos tempo — continuou. — Quisemos partir imediatamente ao encontro do navio de vocês, mas a tripulação que nos trouxe não poderia. Tinham ordens de retomar a rotina. Foi então que, num momento propício, é claro, eu... roubei o navio. — Disse aquele verbo com imenso cuidado, e calou-se por um instante, com seu olhar sério a contemplar o nada.

Jade, após entreolhar-se com Múrcius, voltou a fixar os olhos em Sorfidis. Era incrível como ele dizia tais coisas com tamanha naturalidade, e embora demonstrasse cuidado em certos momentos, parecia não ter receios.

— Você... *roubou* o navio? — perguntou o cozinheiro, parecendo estar duvidoso. — Como assim?

— É mais simples do que se imagina... — falou o garoto, em tom casual. — Quando escurece, vão todos se divertir e deixam o pobre timoneiro tomando conta com não mais do que um ou dois marinheiros. Não tive com que me preocupar... todos sabiam nadar — olhou de soslaio para ambos. — Subi a âncora e Elen deu a partida no autorremo.

— E não foram ao encalço de vocês? — indagou Múrcius, estupefato.

— Bom... Aí entra o porquê de estarmos aqui, sob os caprichos da corrente traiçoeira... — sua voz tornou-se mais grave. — Nós precisávamos despistar os navios da Guarda e alcançar o capitão Lurrone, então utilizamos balotas extras para aumentar nossa velocidade, mas acontece que o navio ainda não tinha sido abastecido quando partimos, e acabamos ficando sem pressão mais cedo do que eu esperava.

— Mais essa agora... Estamos à mercê! — Múrcius atirou o rosto às mãos, suspirando profundamente. — Rapaz... fez tantas bobagens juntas, e ainda teve coragem de me chamar de pirata?!

— Que absurdo... — comoveu-se Jade, esfregando o ombro dele em consolo.

Sorfidis baixou levemente a cabeça.

— Sei que você e sua amiga vieram sozinhos — disse Múrcius, após uma pausa —, mas será que nós cinco não poderíamos erguer as velas e tentar escapar da corrente?

Sorfidis pensou por um instante.

— Está tudo recolhido. Com o autorremo, as velas viraram artigos de segundo plano. Além do mais, não haveria força suficiente. Quer dizer, se fôssemos cinco homens, até poderíamos tentar aprontar tudo, e fora que mal consigo mover meu braço ainda... — apalpou sutilmente o arredor de seu ferimento de batalha.

— Por quê? — Jade aproximou-se prontamente, a examiná-lo. — O que há com ele?

— A fuga... — explicou, parecendo desconfortável com a curiosidade da garota. — Me rendeu um corte nada bonito aqui.

— Ah, deixa eu dar uma olhada. Sou alquimaga, e curo isso rapidinho.

Sorfidis encarou Múrcius, que aquiesceu com a cabeça, lhe devolvendo um olhar de confiança.

Ele então, vagarosamente, abriu a camisa e expôs o corte. Parecia ter sido bem cuidado, mas ainda estava inchado, e a julgar pela extensão, de quase um palmo, e a aparente profundidade, demoraria muito para dar sossego a Sorfidis.

— Eu ajeito isso — afirmou Jade, impressionada. — Múrcius, poderia me preparar um compensador? — mexeu em alguns coldres de dedo em seu cinto e estendeu a ele um pequeno punhado de grãos e outras substâncias.

— Claro. Estarei na cozinha se precisarem. — Apanhou os ingredientes e saiu.

— O que foi? — perguntou Jade, reparando um olhar estranho que Sorfidis lhe lançava.

— Você... é mesmo uma... alquimaga? — perguntou ele, ajeitando a camisa.

— Bom, eu sou uma aprendiz. Mas já sei fazer várias coisas muito bem... Oh! Já sei... — ela sorriu. — Está com medo de que eu faça alguma besteira, não é?

— Não, não é isso... Deixa pra lá — ele interrompeu-se, de maneira tão casual que foi bem convincente. — Eu acho que confio em você.

Jade fez menção de agradecer, mas logo que ia abrir a boca percebeu o quanto aquela afirmação havia soado estranha. Fixou o olhar no rosto dele e em seu tapa-olho, pensando se seria adequado perguntar o que o teria obrigado a usar aquilo.

Dando novo ar à situação, entraram de repente Elen e Valfrido na saleta, sorrindo e comentando um assunto qualquer.

— Bom, Elen — disse Valfrido —, esta é Jade Lurrone... Jade, esta é Elen DiLumis, o par de olhos mais poderosos de Polímagus.

As duas sorriram animadamente, e Elen estendeu a mão com delicadeza, mas Jade enlaçou-a num efusivo abraço que fez a observadora até assustar-se um pouco.

— Oi, Elen. Muito prazer! — exclamou Jade. — Que ótimo conhecer os amigos de Valfrido!

Os dois garotos entreolharam-se com uma silenciosa risada, achando graça daquela timidez de Elen.

— Fico feliz que vocês estejam bem, sabe... — Elen respondeu, com sua voz cuidadosa. — Quando vi o bote, pensei que fosse algo ruim, mas agora estamos tranquilos.

O assunto então rumou para as aventuras que todos passaram até chegarem ali. Valfrido e Jade só ocultaram as partes sobre Pudim, e o fizeram quase que instintivamente. Sorfidis e Elen revezaram-se a contar como haviam escapado do ataque na Cipreste, e em seguida do navio pirata.

— Oh, não... o seu pai fez isso? — penalizou-se Valfrido, ao saber que o capitão Murtod havia se oferecido em troca deles.

— Está tudo bem... confio que o verei de novo — afirmou Sorfidis, de expressão segura.

— É uma sensação esquisita conhecer você, Sorfidis... Fantod Murtod e meu pai eram bons amigos — disse Jade, ao lado de Elen. — Viam-se muito pouco, por causa das viagens, mas meu pai comentava muitas coisas incríveis a respeito dele.

— Não vamos ficar falando assim, como se tudo estivesse acabado. — Elen tentou melhorar os ânimos. — Ainda são amigos, afinal, acho que tudo pode terminar bem.

Valfrido, que estava profundamente pensativo, suspirou:

— Olhe só pra nós... Tão juntos, e ao mesmo tempo tão abandonados.

Encarando uns aos outros, Elen, Jade e Sorfidis compreenderam o que o amigo estava querendo dizer. Tinham algo em comum que poderia fortalecer muito laço entre eles, mas que também era uma incômoda farpa em seus corações, jovens demais...

Jade soltou um suspiro em meio às meditações, e todos olharam para ela.

— Sabe — ela disse, com voz baixa —, é muito bom ter encontrado vocês, saber que estão bem, principalmente porque isso deixou Valfrido, em especial, muito feliz. — Sorriu de leve para ele. — Mas sinceramente, eu preferia tê-los conhecido numa situação melhor... Não consigo parar de pensar no que pode ter acontecido ao meu pai e à tripulação.

— Não fique assim... — Elen segurou sua mão amigavelmente. — Qualquer navio que tenha o capitão Lurrone no comando, é invencível!

— Obrigado. — Jade animou-se um pouco.

— Aliás, isso muda os planos, não muda? — Valfrido comentou. — O que faremos?

— Bem... temos que esperar a corrente traiçoeira nos ditar o destino enquanto não pensamos em nada melhor — respondeu Sorfidis, e depois ergueu as sobrancelhas. — Mas de que planos está falando?

Valfrido explicou a eles, então, as razões que os estavam levando à Ilha da Prole, desde a estranha aparição de Darteus para Fredic, sua possível fuga, até a suposta rede pirata.

— Uau... quanta coisa de uma vez só! — impressionou-se Sorfidis, quase sentindo um nó no cérebro. — O alaúde que você mencionou é o que trouxe consigo?

— Ele mesmo. Deixei lá no quarto. Querem ver?

Elen e Sorfidis concordaram imediatamente, e os quatro atravessaram rapidamente o convés até a entrada da popa. Invadiram um dos dormitórios, agruparam-se em volta do estojo sobre a cama, e Valfrido abriu-o bem devagar.

Quando o instrumento surgiu por debaixo da tampa, belo e reluzente, Elen e Sorfidis, boquiabertos, soltaram exclamações de admiração.

— É lindo, Frido... — disse Elen. — Nunca vi nada assim!

— Quando mencionou a possibilidade da fuga de Darteus ter a ver com um alaúde, confesso que achei uma bobagem, mas agora... — Sorfidis demorou-se a achar palavras. — Agora parece fazer sentido.

— Ele próprio não acreditou de início — comentou Jade, como se aquilo fosse um absurdo. — Mas acho que se deu conta de que uma coisa dessas vai muito além de uma simples raridade.

— Você já tocou nele? — perguntou Sorfidis. — Deve ter um ótimo som.

— Nem imagina... — sussurrou Valfrido, tomando o alaúde às mãos e sentando-se na cama. — Talvez eu ceda um pedido a vocês — brincou, com ar de importância.

— Nada de *talvez*! — riu o amigo. — Trate de tocar alguma coisa. Precisamos coroar este maravilhoso reencontro, a despeito de nossas preocupações!

E calando-se as vozes, o som metálico das cordas tomou conta do aposento numa melodia suave mas imponente. Aquele som mágico parecia invadir a alma deles numa mistura quase palpável de cores e texturas, que faziam-se perceber em cada milímetro de seus corpos e indo concentrar-se num agradável aperto em seus corações. As frases do alaúde afloraram lembranças bem distantes e nostálgicas, principalmente em Elen e Sorfidis, que tiveram de volta à memória os tempos agradáveis na Cipreste. A ponte de espinhos que ligava aquela época à situação atual deles parecia não estar presente em tais sentimentos, e sorriram por dentro a perderem-se naquele instante.

Ao fim da música, voltando à realidade, todos olharam uns para os outros. O ambiente parecia leve, diferente, e por minutos ninguém teve coragem de falar, como que temendo estourar aquele clima como uma frágil bolha de sabão.

— Esta foi a última música que ouvi do meu pai... — murmurou DiPresto, olhando para o chão. — Às vezes ele refugiava-se na solidão para tocar, e eu, sempre querendo ouvir esse timbre esquisito, seguia-o e me acomodava escondido por perto. — Encarou seus amigos. — As coisas ficam bem mais marcantes com um som desses, não?

— É estranho... Já o ouvi tocar várias vezes, e é sempre a mesma sensação — disse Jade, parecendo perdida em pensamentos. — Ele nos invade de uma forma...

— Quase criminosa, eu diria — completou Sorfidis, meio cabisbaixo, depois ergueu os olhos e brincou: — Acho que até eu poderia fazer algo soar bonito nesse alaúde.

— Ah, Fidis, doce ilusão... — riu Elen. — Você leva tanto jeito pra tocar alaúde quanto o Frido pra lutar com espada.

A confusão de risos e acusações ia começar, mas a porta do cômodo se abriu e Múrcius entrou, segurando uma pequenina caneca fumegante na mão.

— Aqui está, Jade — estendeu o compensador à alquimaga, depois asseverou a voz para Sorfidis. — Aliás, balotas não são a única coisa em falta no navio. Estamos praticamente sem mantimentos.

Todos, com exceção de Sorfidis, voltaram-se para o cozinheiro com expressões de espanto. Jade quase derrubou a caneca.

— Não há com que se preocupar — comentou o jovem Murtod. — Não vamos vagar pelo nada por muito tempo.

— Ah, é mesmo, senhor capitão? — ironizou Múrcius. — E como tem tanta certeza?

— Vamos discutir isso depois! — apartou Jade. — É melhor eu dar um jeito nesse corte antes que o compensador enfraqueça, está bem? — Ela pegou Sorfidis pelo braço. — Vamos lá pra fora.

O rapaz acompanhou-a resignado, e trocou um olhar faiscante com Múrcius ao passar por ele. Quando a porta do quarto se fechou, Elen e Valfrido sorriram amarelo um para o outro, e depois para o cozinheiro.

No meio do convés, sob a luz azulada da lapóia, Sorfidis engoliu aquela bebida fumegante de um só gole.

— Puxa... — saboreou um pouco ao terminar. — Não é tão ruim quanto parece.

— Me avise quando começar a doer o estômago — disse Jade, casualmente, diante dele.

— O quê? Você não me falou nada sobre dor!...

— Calma, não é nada de mais! Garanto que alguns quitutes provavelmente já lhe causaram coisa pior...

Conformado, Sorfidis apenas calou-se e concentrou-se em suas próprias sensações. Sentiu a face esquentar, sua pulsação acelerou aos poucos, e uma ansiedade forte e sem explicação tomou-lhe conta do corpo. Em seguida, um leve peso no estômago transformou-se de um mero incômodo para uma dor não tão moderada quanto ele pensou que seria.

Vendo-o fazer uma ligeira careta e levar a mão ao abdômen, Jade tomou-lhe as duas mãos:

— O que três meses significam pra você?

— O quê? — Sorfidis intrigou-se. — Do que está falando?

— O que três meses significam pra você?

— Ora, depende... Quando estou navegando, três meses podem passar voando.

— Ótimo. Então relaxe...

— Difícil, não? Eu acho... — ele ia dizendo, mas conteve-se como que atingido por uma onda forte e inesperada. Sentiu como se estivesse rodopiando aos caprichos de uma feroz turbulência. Em questão de segundos, voltou a si, e lá estava a garota diante dele.

— Tudo bem? — ela perguntou, analisando seu semblante. — Vamos dar uma olhada... Levante a camisa.

Sorfidis obedeceu, atordoado, e ao olhar para seu ferimento, nada restava além de um risco saliente e clareado.

— É... que bom! — Jade pareceu satisfeita. — Cicatrizou direitinho.

— Puxa... o que... o que você fez afinal? — perguntou Sorfidis, admirado.

— Você envelheceu três meses. Mas não se preocupe, afinal você está navegando, não é?

— Não, tudo bem, eu agradeço... — gaguejou Sorfidis, estupefato. — Minha preocupação é se... vou ter de mudar a data do meu aniversário.

Eles sorriram um para o outro. Jade encaminhou-se para a entrada da popa, mas Sorfidis deteve-se ali. Sua expressão passou do contentamento para a dúvida. Piscou e esfregou de leve seu olho bom. Havia mesmo algo diferente... Tentava focar a visão, mas ela estava mais turva que de costume. Balançou a cabeça, tentando afastar o susto.

— Deve ser a tontura — disse para si mesmo.

* * *

Sorfidis sentiu-se muito cansado depois da cura e já dormia profundamente há várias horas. Enquanto isso, Múrcius reclamava de tudo, Jade fazia companhia a Elen no cesto da gávea e Valfrido revirava a sala de estratégia em busca de mapas que dissessem algo concreto sobre a corrente traiçoeira. Todos os mapas, até os mais detalhados, diziam apenas sua localização aproximada, de acordo com os pontos mais freqüentados pelos navios, mas não davam informações sobre sua direção, de modo que o garoto,

ao ver-se cercado de montanhas de papéis e com uma tremenda dor de cabeça, desistiu daquilo com uma blasfêmia sussurrada e saiu para o convés.

— Ei, vocês aí! — gritou para o alto. — Por que não deixam para ficar olhando quando o sol nascer? Deviam aproveitar e descansar um pouco.

— Você que o diga, não é, Frido? — respondeu Elen, baixando o monóculo e percebendo a exaustão do amigo. — Um bom observador nunca deixa o posto numa situação de emergência.

— Oh, claro... um observador não deixa o posto... — repetiu Valfrido, fazendo uma voz cômica. — Vai dizer isso até dormir e cair daí de cima, isso sim.

Jade deixou escapar uma risada, mas não querendo tomar partido daquele deboche, resolveu mudar de assunto.

— Conseguiu achar alguma coisa sobre a corrente?

— Nada. É estranho uma coisa tão incômoda como essa não ter sido estudada por ninguém.

— Acho que muitos sabem — disse Jade. — Mas, pelo menos no navio de meu pai, ninguém comentava nada.

— Então não deve ser nada de especial... — Elen deu de ombros.

— Ou algo tão ruim que tinham medo até de mencionar! — Múrcius apareceu, saindo da popa, já desfilando seu mal-humor.

Valfrido coçou a cabeça, lançando um olhar enigmático para ele.

— Não dizendo que você esteja... sabe... escondendo algo, mas ninguém do navio nunca comentou nada sobre a corrente com você, Múrcius? Acho isso estranho...

— Acontece que eu sempre fui muito dedicado às minhas tarefas, obrigado! — esquivou-se ele, fazendo uma irônica mesura. — Não tinha tempo para meter o bedelho em assuntos que não me diziam respeito.

Elen e Jade olharam incrédulas uma para a outra; e Valfrido, mais próximo do cozinheiro, pôde reparar melhor na estranheza de seu comportamento.

— Ah, não é hora para isso. Se você tem algo a dizer, nós temos o direito de saber!

— É! — concordaram as duas, do alto.

Múrcius encarou a todos com irritação, fez um gesto de desdém com a mão e virou-se para sair. Foi então que uma voz amolecida, porém imponente, chamou-lhes a atenção.

— Vamos lá, homem... — lamentou Sorfidis, aparecendo na entrada da popa. — Eu mesmo tenho minhas suspeitas, mas não queria especular. E já que o senhor também parece ter as suas, vamos ver se concordamos em algo.

Múrcius virou sério para ele e cruzou os braços.

— Pois bem. Diga-nos o que acha, jovem Murtod.

— Não estou bem certo, já que boatos são como epidemia... — o garoto foi caminhando sonolento para perto deles. — Mas já ouvi dizer que a corrente traiçoeira passa pelas proximidades da Ilha Fantasma, e foge para além de Polímagus.

Múrcius apertou os lábios num abalo, os outros entreolharam-se.

— Ilha Fantasma... — repetiu Valfrido, perdendo-se em seus próprios pensamentos.

— Esse é somente *um* dos nomes que foram dados depois... — explicou Jade, descendo pelo mastro.

— Depois de quê? — perguntou Elen.

Sorfidis olhou de Múrcius para Jade, e respondeu:

— Depois que a montanha ao centro dela explodiu e destruiu tudo com fogo. Conta-se que a ilha vive sob densos nevoeiros, sempre oculta, escura... Seu nome mais famoso é Ilha Fantasma.

— Besteira! — resmungou o cozinheiro, como que espantando uma maldição. — Aposto que estamos bem longe dessa terra. Isso da corrente levar até ela é lenda de marinheiro para assustar imbecis!

Os garotos o encararam com estranheza, achando que ele era o único no navio que parecia assustado.

— Ah, Múrcius... — Jade foi até ele. — Larga de ser supersticioso. Você conhece o suficiente de navegação pra saber que estamos perto.

— Superstição? Chama isso de superstição? Eu chamo de respeito! A Natura quis aquelas terras inabitadas, e não serei eu quem irá desobedecer! Você, como alquimaga, deveria ser ainda mais convicta disso!

— Pessoal... — chamou Elen, olhando pelo monóculo, do cesto da gávea.

— Só porque sou alquimaga não quer dizer que tenha de ter as mesmas idéias de todos os alquimagos, não acha? — respondeu Jade, com os ânimos acalorados.

— Ora! É por isso que nunca tive filhos!

Os garotos entreolharam-se, todos concordando que sabiam exatamente a razão dele não ter filhos... Múrcius continuou:

— Vocês jovens adoram quebrar regras, jogar tudo para o alto! Veja esse Sordidis... Não teve paciência e agora cá estamos, sem comida, sem balotas, sem nada!

— Ele nos salvou, Múrcius! — meteu-se Valfrido.

— Ah, nos salvou? Salvou de quê? A única coisa...

— Pessoal! — interrompeu Elen novamente, e todos voltaram-se a ela, mais por estranhar ouvi-la gritar tão alto. — Estou vendo alguma coisa... acho que é a ilha!

14

A ILHA FANTASMA

Algum tempo depois, regado a fervorosas discussões, a ilha já estava bem próxima.

A claridade quase nula e cinzenta que o sol distribuía no céu nublado apenas servia para realçar um vislumbre do monte esfumado de terra que emergia do mar.

A Ilha Fantasma parecia ser bastante extensa, maior talvez do que a Ilha Bélica, pensou Valfrido. Tinha, quase no centro, uma alta e obscura montanha, que do pico ao solo alargava-se não muito bruscamente. Pesados nevoeiros cintilavam pela ilha como se ela flutuasse num céu tempestuoso.

A despeito de parecer estar completamente dominada por densas vegetações, uma aura esquisita, vazia, emanava daquela visão como se ela transmitisse um lamento de piedade, um sussurro gélido aos ouvidos de intrusos.

Aquele encanto mórbido arrefeceu rapidamente as picuinhas entre a tripulação, e logo estavam todos colados à proa, de olhares hipnotizados.

Como que num pranto do destino, gotas de chuva, que até então haviam se escondido no alto, caíram em intensidade crescente, mas não fizeram ninguém piscar enquanto não tornou-se uma forte chuva. Os trovões e relâmpagos misturaram-se ao momento, num protesto retumbante.

— Vamos ancorar — murmurou Sorfidis, para espanto dos restantes. — Estaremos mais seguros na ilha.

— O quê?! — respondeu Múrcius. — Você, se quiser, pode ir! Eu não saio daqui mas nem que...

— Ele tem razão, Múrcius — contestou Valfrido, já encharcado pela chuva, que parecia ter aumentado. — Não há mantimentos, e nem podemos erguer velas...

— Talvez o senhor prefira ficar navegando pela corrente até sair de Polímagus, encontrar algum pirata ou morrer de fome, não é? — reforçou Sorfidis com ironia.

— Eles tem razão. — Jade tentou ser mais gentil. — Aqui no navio estaremos em perigo, ainda mais se o temporal aumentar.

— Escutem... Não posso obrigar Sorfidis e Elen a ficarem aqui, mas você, mocinha, e Valfrido estão sob meus cuidados, portanto vão fazer o que eu digo!

— Moço, o senhor... está exagerando — disse Elen, cheia de receios. — Sei que essa ilha é bem feia, mas é só uma ilha, como outra qualquer.

— Eu já falei tudo o que tinha para falar. Não vou discutir mais!

Os garotos entreolharam-se, incrédulos, mas Sorfidis deu-lhes uma piscadela de cumplicidade. Em seguida, deu um suspiro forçado:

— Tudo bem. Se quer assim... Vamos, Elen, vamos descer o bote.

— Eu ajudo — apressou-se Valfrido, indo atrás deles, deixando Jade e Múrcius sozinhos na proa.

— Vou com eles, Múrcius, e você deveria fazer o mesmo. — Jade já estava quase desesperada com a teimosia do amigo.

— Ah, é assim?! Nem você quer me dar ouvidos? Pois então vá logo, e não diga que não avisei!

— Por favor, deixe esse orgulho de lado. É arriscado ficar aqui, você sabe. Além do mais, não podemos ir sem você!

— Claro que podem, querida... — ele falou, apontando Sorfidis com a cabeça, que já descia para juntar-se a Valfrido e Elen no bote.

— Ei, vocês! — chamou Sorfidis, com apenas o rosto aparecendo por cima da amurada. — Vem conosco ou não?

Jade voltou-se para o cozinheiro com um olhar suplicante.

— Por favor... — ela murmurou.

— Já tomei minha decisão, e lamento muito por vocês — disse, desviando os olhos para o alto. — Espero que aprendam a lição.

Sabendo que Múrcius não daria o braço a torcer em hipótese alguma, a alquimaga não mais insistiu, pois ocorreu-lhe que ainda tinha uma carta na manga.

Aproveitando-se da esquiva de olhar do cozinheiro, botou furtivamente o dedo em um de seus coldres, e em seguida despediu-se do amigo com um abraço emocionado. Antes de dizer algumas últimas palavras para partir, com o rosto de Múrcius entre as mãos, espalhou ligeiramente o pó amarelado o mais perto que pôde do narigão do homem.

— Baixe a âncora, está bem? — pediu ela, chorosa. — Se não quer ir à ilha conosco, pelo menos deixe que saibamos onde você está.

Recebendo alguns resmungos como resposta, Jade enfim virou-se, correu até a escada de cordas, e antes de descer até o bote, deu uma espiadela em Múrcius, que fungava intrigado o ar. Rezou para que seu artifício desse certo.

Valfrido e Sorfidis já tinham remado vários metros, quando Jade quebrou o silêncio:

— Elen, por favor... Você que tem bons olhos, fique atenta ao navio. Pode ser que Múrcius nos dê algum sinal.

— Claro, mas... Como assim?

— Eu usei catartivo nele. Vai confundir bastante suas emoções, e tenho certeza de que ele mudará de idéia.

— Genial, hein? — exclamou Sorfidis, remando com vigor.

— Não seria... não seria... — Valfrido não encontrava fôlego — ... mais fácil usar aquela coisa... que faz dormir? Daí seria só... questão de botá-lo no bote.

— Sim, se eu não tivesse dado meu suprimento todo pra você! — ela deu de ombros. — Mas mesmo que pudesse, acho que não usaria isso. É melhor ele pensar que fez as coisas por sua própria vontade, senão aquele humor piora, e nós precisamos ficar unidos.

— É, acho que você fez bem — apoiou Elen. — Tomara que funcione.

Empunhando o monóculo e olhando por ele então, a observadora não pôde ver Múrcius, que parecia não estar mais na proa. As gotas de chuva que caíam na lente, e as que desabavam pela distância entre o bote e o navio dificultavam a obtenção de uma imagem clara.

Por vários minutos Elen ficou a vigiar, e de quando em quando Jade perguntava por novas, mas as respostas foram sempre negativas até o momento em que, quase sem perceber, atingiram a praia.

— Elen — chamou Sorfidis, respirando depressa —, o que exatamente você está olhando?

— Estou tentando perceber algum sinal de Múrcius — ela respondeu, em tom casual. — Por quê?

— Esqueça... verifique posição do navio.

Após alguns instantes de expectativa, Elen soltou uma exclamação de espanto que gelou o sangue dos restantes.

— O que foi? — gaguejou Jade.

— Seu plano falhou, Jade. — disse Elen com tristeza. — Ele nem sequer baixou a âncora. Está muito mais longe do que deveria.

* * *

Múrcius observou o bote a afastar-se apenas por um ou dois minutos. Depois disso, caminhou até o mastro central e recostou-se nele, sentando no chão.

Sentia-se confuso e irritado com a atitude dos garotos. Como podiam ir contra a ordem direta de um mais velho? E ainda mais se tratando de pôr os pés

naquela terra amaldiçoada pela Natura! Na verdade, estava começando a sossegar as idéias, e a pensar que talvez tivesse realmente exagerado... Foi percebendo que seu orgulho o havia colocado naquela situação, e não um boato que provavelmente não tinha pé nem cabeça. O problema foi ele não admitir que Sorfidis estava com a razão. Aquele pequeno Murtod... A simples imagem de seu rosto voltando-lhe à memória causou em Múrcius uma raiva de proporções asquerosas. Até estranhou a si mesmo, já que embora admitisse ser de gênio difícil, nunca chegou a odiar tanto assim a alguém. Infelizmente era algo que não estava podendo evitar. Mais e mais, amaldiçoava por dentro aquele intrometido Murtod... Na verdade, chegou a conhecer Fantod e, pensando melhor, talvez não fosse com a cara dele também... Enfim, apostava que nenhum Murtod prestava! Bando de pessoinhas cheias de si!

De repente, da raiva veio-lhe uma grande tristeza. Arrependeu-se profundamente de ter abandonado os garotos. Sorfidis não era tão mau, enfim, pois como ele, só queria ver os amigos sãos e salvos. Que bom rapaz era Sorfidis! Nobre como o pai!

A angústia foi tanta que sentiu os olhos se encherem d'água. Como pudera fazer aquilo? Lurrone pusera a própria filha em suas mãos e ele simplesmente a abandonava à sorte do destino? Não... teria de redimir-se de seu erro, lançar seu orgulho para longe e fazer jus à confiança que lhe fora depositada.

Decidido, levantou-se de um salto. Estava tão excitado e agitado que mal conseguiu pensar direito no que ia fazer. Precisava ancorar o navio, gritar para os garotos e avisá-los! Mas antes, claro, devia buscar na cozinha o pouco que tinha restado dos mantimentos, pois duvidava que encontrariam alguma provisão confiável naquela ilha.

Todo desengonçado, tamanha era sua pressa, correu desesperado para a entrada da popa. A chuva havia aumentado e já espalhava um traçoeiro lençol úmido pelo chão. Ao atingir a escadaria que descia para o corredor, seu pé o

traiu ao pisar numa poça que se formara num dos primeiros degraus do alto, e Múrcius desabou escadaria abaixo com toda a força que sua correria descuidada lhe rendeu.

Já desacordado, seu corpo só parou de rolar dois metros corredor adentro, e uma mancha vermelha no chão foi misturando-se à água que passou a invadir pela porta aberta.

* * *

— Ele não pode ter feito uma coisa dessas! — repetia Jade, inconformada.

Os quatro já estavam com os pés na areia da praia, e olhavam abismados na direção onde deveria estar o navio.

Elen observava pelo monóculo, mas até para ela, diante da chuva e da escuridão, enxergar algo tão distante foi impossível.

— Ele se foi... — lamentou.

— O que será que ele tem em mente? — indagou Valfrido, coçando a cabeça encharcada. — Não vir conosco é uma coisa, mas ir embora desse jeito...

— Múrcius não faria isso... A culpa foi minha! — a alquimaga sentou-se, levando as mãos ao rosto. — Acho que o catartivo deixou ele com mais raiva, só pode ser!

— Calma, Jade — consolou Valfrido. — Não vir já era opção dele, você fez o que pôde.

— Vamos parar de lamentar o que já passou, e pensar num jeito se sobreviver, por favor! — A voz de Sorfidis soou cansada e enigmática, mas sua imponência fez os outros voltarem-se para ele. O rapaz não estava virado para o mar, mas sim para a mata escura e densa da ilha.

A mente de todos esvaziou-se quase que imediatamente quando contemplaram o lugar onde haviam botado os pés. A noção do tempo lhes dizia que já devia ser dia, mas as nuvens e nevoeiros eram tão pesados que ainda

parecia ser noite. Mesmo a lapóia que traziam não imprimia qualquer tonalidade diferente do cinzento à areia e à vegetação, que constituía-se de árvores pequenas e médias, de troncos finos e tortos como se fossem monstros deformados. As folhas, bem pequeninas, que enchiam-nas de volume, pareciam duras e secas, mas a cada relâmpago que cortava o céu, brilhavam em milhares de pontos brancos, como se fossem olhos à espreita.

Perdidos naquelas visões que pareciam um sonho lúgubre, assustaram-se quando a voz de Elen os despertou:

— Tem um farol ali! Está longe, mas é melhor do que ficarmos parados aqui, não acham?

— É mesmo — observou Valfrido, seguindo o indicador da amiga. — Pode nos servir de abrigo, vamos.

Começaram a andar, mas Sorfidis ficou parado a olhar ao longe, na direção para onde se dirigiam.

— O que foi, capitão? — estranhou Valfrido, percebendo-o ficar para trás.

— Nada... Acho que é só a aura desse lugar — respondeu ele, mas sem querer dizer ao amigo que não estava enxergando farol algum. Sua visão estava muito ruim desde que Jade o curara, e ele já estava achando que aquilo não era uma mero efeito colateral temporário.

Apressou-se para alcançar os três, afastando alguns pensamentos, e lá se foram eles, apressados, a percorrer aquela praia sombria.

Iam em silêncio, provavelmente perdidos, cada um, com seus próprios pensamentos. Vez por outra, um ou outro lançava olhares furtivos para a mata à esquerda, como se dali fosse saltar alguma coisa horripilante.

Elen, ao lado de Valfrido, balbuciava algumas frases quase mudas, que o garoto respondia no mesmo tom, mas diálogo algum chegou a entabular-se realmente. Eram meros comentários sobre a chuva, o sopro quase gélido da brisa, ou mesmo a semelhança daquele lugar com um sonho incômodo, daqueles que ecoavam na mente mesmo depois de acordar.

Sorfidis oscilava entre observar Jade e o farol, que após boa caminhada ele já podia ver. A alquimaga parecia estar despertando mais receios em Murtod do que a própria ilha...

Algun tempo depois, chegaram até a plataforma rochosa onde erguia-se o farol abandonado. Os quatro pararam ao pé da rocha e ergueram a cabeça lentamente, a contemplar cada centímetro daquela construção.

Embora estivesse bem velho e mal conservado, o farol dava impressão de estar firme como se fosse de pedra maciça. Sua base agregava uma pequenina casa, e de onde estavam eles viam apenas uma minúscula janela circular e uma porta de madeira grossa e aparentemente apodrecida pelo tempo. Ao se aproximarem dela, olharam intrigados para a maçaneta: um mecanismo de metal pesado e enferrujado, nada comum em casas ou faróis.

— Será que devemos bater? — balbuciou Valfrido, numa pergunta mais séria do que os outros pensavam.

Sorfidis tomou a frente e girou a maçaneta, que rendeu-se ruidosamente e engoliu a tranca. Sendo aberta então, bem devagar, a porta rangeu como que gemendo de dor, e mais que depressa, o facho azul da lapóia invadiu o interior da casa a projetar sombras grotescas nas paredes.

Percebendo o choque de todos, Sorfidis novamente tomou a iniciativa e entrou, logo sendo seguido em fila.

Tratava-se de um cômodo pequeno, cujos móveis resumiam-se a uma cama extremamente velha e empoeirada, uma cadeira na qual nenhum deles se arriscaria a sentar, uma escrivaninha parcialmente arruinada e uma estante de prateleiras abarrotadas de tranqueiras tão estranhas e misturadas que mal se adivinharia o que eram. Tudo ali parecia ter dezenas de anos de abandono.

Havia também, na parede oposta à porta, uma pequenina lareira, uma janela de madeira fechada, que sabe-se lá qual milagre havia poupado de não ter sido arrancada pelo vento, e mais à direita, presa à parede, via-se uma

escada fina de metal, que subia e até um alçapão circular aberto, provavelmente levando à escadaria em espiral do farol.

Valfrido deixou o estojo do alaúde em cima da cama distraidamente, a olhar em volta, e Sorfidis acomodou a lapóia sobre a escrivaninha com cuidado, temendo que esta desabasse, e disse:

— Acho que seria bom acendermos um fogo, não?

— Eu faço — prontificou-se Jade. — Precisamos de lenha, mas tudo lá fora deve estar molhado.

— Podemos usar essas prateleiras velhas — sugeriu Valfrido, caminhando até elas. — Acho que não servem pra nada mesmo...

— E temos que arranjar comida também — lembrou Elen, enquanto Valfrido tentava botar as tranqueiras de duas prateleiras no chão sem espalhar muita sujeira no ar já pesado.

— Ei, e se tentássemos acender o farol? — sugeriu ele, de sobressalto.

— Calma, calma... Uma coisa de cada vez — abrandou Sorfidis, analisando um lampião velho que encontrara perto da cama. — Duvido muito que depois de tanta coisa alguém esteja com fome, mas mesmo assim não pretendo esperar para buscar algo.

— Eu nem me daria ao trabalho de entrar na floresta... — comentou Jade, balançando a cabeça. — Duvido que tenha algo comestível nela.

— Eu também, por isso estava pensando em peixes. Se a mata é duvidosa, a água é sempre água. Deve haver lagoas por aqui — redargüiu Sorfidis, botando um pouco de fluido da lapóia no lampião e acendendo-o com sucesso.

— E como pretende pescar? Com uma lança de madeira?

— Acho que sim, Jade. Tem uma idéia melhor?

— Na verdade eu tenho — ela sorriu. — Venha!

Valfrido e Elen ergueram o indicador para dizer algo, mas a alquimaga já arrastara Sorfidis para fora a tagarelar.

— Puxa vida... — suspirou Elen. — Ela sempre tem uma solução pra tudo.

— É verdade — concordou o bardo, virando-se para ela com orgulho de si mesmo. — Não precisa me agradecer por eu tê-la conhecido!

— Oh, Jade se esqueceu do fogo... — lamentou Elen. — Frido, deixa essas prateleiras pra depois. Vamos subir e tentar acender o farol?

— Tudo bem — ele bateu as mãos umas nas outras, limpando-as, apanhou o lampião velho que Sordidis ativara e, olhando para a abertura escura no teto por onde teriam de subir, os dois ficaram parados. Após alguns instantes, em que Elen esperava de Valfrido a heróica iniciativa de ir na frente, ela reclamou:

— Por acaso não está pensando que eu vou subir primeiro, está?

— Ah, não sei... — gaguejou Valfrido, sem tirar os olhos do buraco. — É que eu não entendo nada de faróis e... — resignou-se, ao ver Elen fechar o rosto e cruzar os braços. — Está bem, eu vou.

Ele então, após respirar fundo, dirigiu-se à escada de metal e venceu os degraus bem devagar. Ao ficar com a metade superior do corpo para dentro da abertura, depositou o lampião no chão da pequenina câmara intermediária, iluminando-a, e depois de uma espiada em volta, constatando ausência de perigos mortais, botou a cabeça para baixo.

— Elen, poderia segurar o alaúde pra mim? Não quero esbarrá-lo por aí quando subir. — Valfrido tateou o peito na procura da alça de seu estojo, numa atitude instintiva, mas quando se deu conta Elen já dirigira-se até a cama e apanhara o instrumento. — Ah, que cabeça... estou sempre com ele e nem notei.

A garota o encarou meio sem entender, pois sua ação fora tão natural quanto a dele, mas Valfrido já fazia seus esforços para adentrar a câmara intermediária sem esfolar a pele ou rasgar as vestes.

A princípio, ficou temeroso por ficar de pé sobre aquele piso, achando a construção por demais envelhecida, mas a despeito dos rangeres e estalos da

madeira, a estrutura parecia agüentar. Assim sendo, agachou-se diante da abertura e abaixou a cabeça para ver a amiga.

— Por aqui está tudo bem... seguro e sem bichos assassinos, pode vir.

Elen subiu dois degraus e passou o estojo a Valfrido, que após vesti-lo, estendeu a mão e auxiliou a subida dela.

— Veja só esse tampão... — comentou Elen, já dentro do compartimento, admirando o pesado disco de metal ao lado da abertura. — Nunca vi uma coisa assim em faróis.

— Quer dizer... nos dois faróis que você conheceu a vida toda? — disse Valfrido, receoso de levar uma bordoadada. Mas esta não veio, pois a despeito da cara que Elen fez, pareceu aceitar a verdade.

— Bom, tem razão... mas sempre achei que houvesse padrões.

— A entendida em faróis aqui é você... Agora vamos, porque temos muitos degraus pela frente... e puxa! — animou-se, pisando sobre o primeiro. — Que sorte não serem de madeira!

Passo por passo, foram vencendo a escadaria pacientemente. O ruído ritmado de suas pisadas reverberavam num som rápido e agudo. O ar entre aquelas paredes era abafado, carregado em odor de abandono.

Chegaram ao topo sem quaisquer transtornos, a não ser o cansaço nas pernas.

A sala do observador estava bem fria, pelo fato da vigia retangular que envolvia cento e oitenta graus da torre estar com uma ou outra divisão aberta. Bem ao centro, erguida por uma haste grossa de ferro, estava de pé uma lente de cristal com quase dois metros de diâmetro, e apesar de suja e fosca ainda parecia intacta. Logo atrás dela, sobre outra haste pequenina que saía do topo da principal, formava-se o descanso da lapóia, e à meia altura da peça toda, estava a alavanca vertical que girava a lente.

Perto da ponta da alavanca encontrava-se a poltrona do observador, levemente mais alta do que assentos comuns, giratória e com rodas nos pés,

que não deveriam mais funcionar direito. Ademais, havia alguns papéis quase dissolvidos pelo tempo, uma mesa simples de anotações incrivelmente em razoável estado e alguns restos metálicos enferrujados pelo chão.

Elen caminhou até a lente, quase hipnotizada por sua beleza, e Valfrido correu até as vigias abertas para fechá-las.

— E então... acha que dá pra acender? — perguntou ele.

— Do jeito que está, nem pensar. Precisamos limpá-la primeiro, e fora que esse lampião pode estar fraco demais pra alcançar uma boa distância.

— Então, desistimos?

— Claro que não — disse ela, casual. — Qualquer sinal que puderem ter de nós, mesmo que fraco, já é de grande valia. Vamos arranjar algo pra limpar essa maravilha — finalizou, dando um leve peteleco na lente.

Ela moveu-se então para procurar algum tecido, mas Valfrido ficou parado. Quando Elen estranhou o fato e o encarou, sua expressão estava vaga e tensa.

— O que foi, Frido, não se sente bem? — ela aproximou-se preocupada.

Valfrido pediu silêncio com o indicador aos lábios, e em seguida sussurrou:

— Você ouviu alguma coisa...?

Mesmo não sabendo por que, o coração de Elen disparou numa pontada de medo.

— Não... nada — respondeu em voz baixa a aguçar os ouvidos.

— Acho que foi só impressão — concluiu Valfrido, ainda imóvel e atento.

— Pode ser, mas o que foi que...?

Elen não pôde concluir, pois o eco de uma pancada grave e metálica ressoou escada acima, fazendo saltar o coração dos dois. Estremeceram a olharem um para outro.

— O que foi isso? — murmurou Elen.

— Calma, deve ter sido... Fidis e Jade — disse Valfrido, mas sem qualquer convicção. — Vamos descer e ver se está tudo bem.

A sugestão foi posta em prática, mas muito a contragosto. Mais devagar do que na subida, os dois venceram degrau por degrau até a câmara intermediária. Ao apontar o lampião na direção do buraco, Valfrido estremeceu todo, e cutucou o braço de Elen que, ao seu lado, estava distraída com as sombras em volta.

Quando ela finalmente seguiu o olhar fixo do amigo, seu queixo caiu: a entrada da câmara havia sido fechada, e lá estava o tampão de metal perfeitamente encaixado na abertura.

Acreditando, de início, que seus olhos pudessem estar pregando-lhe uma peça, Valfrido aproximou-se da abertura lentamente, e aos poucos, tomado por uma profunda angústia, começou a tatear a superfície do tampão na busca desesperada por um meio de abri-lo.

— Não é possível! — dizia ele, ofegante. — Isso não... é alguma brincadeira?

Elen, pálida e chocada, aproximou-se e agachou ao lado dele. Em seguida, começaram a chamar pelos nomes dos amigos, em voz cada vez mais alta, num tom irritado como se Jade e Sordidis lá estivessem a rir da suposta travessura. Mas não houve qualquer resposta, e passou-se um tempo maior do que o bom-senso permitiria a uma brincadeira do tipo.

— Ninguém responde... — chorou Elen, desistindo e largando-se no chão. — Não foram eles, Frido... não fariam uma coisa dessas com a gente.

— Eu também acho, mas... — fez uma pausa, olhando Elen como se súbita e assustadora idéia lhe viesse. — Se não foram eles... então o que houve aqui?

15

SOMBRAS

Poucos minutos se passaram desde que Jade puxara Sorfidis para fora da casa do farol, mas o rapaz já estava entediado com as tagarelices da alquimaga.

Pelo pouco em que ele prestou atenção, o monólogo dela parecia girar em torno de substâncias, misturas e um hormônio para atrair peixes. Não julgou se aquilo era besteira ou não, pois sabia muito bem do que um alquimago era capaz, só que no momento estava mais preocupado com o lugar onde estavam do que com receitas malucas.

Após encontrarem, caminhando pela praia, uma pequenina trilha d'água que serpenteava mata adentro, entraram na floresta e a estavam seguindo, na esperança de chegarem a uma lagoa ou algo do tipo.

A chuva havia se amainado, tornando-se uma garoa fina e morna. A vegetação era frágil, não muito densa, de modo que Sorfidis quase não precisou usar a espada para abrir caminho.

Conforme iam se embrenhando mais na mata, sem saber exatamente por que, um temor estranho foi apossando-se deles. Aos poucos a caminhada tornou-se mais receosa, e a fala de Jade foi se abrandando, até calar-se quase por completo. Isto e a ausência do som onipresente da chuva os fez sentirem, enfim, o estranho silêncio que predominava naquela floresta. Não se ouvia qualquer ruído que não fosse de água, das folhas ou dos galhos.

— Tem alguma coisa estranha aqui... — balbuciou Jade, parecendo incomodada com aquele ambiente mais do que seria normal.

— Verdade — comentou Sorfidis, em tom casual. — Nenhum sinal de vida.

— Não é só isso... — ela esfregava as mãos nos braços vagarosamente, um tanto encolhida. — Tem outra coisa... eu não sei o que, mas está me deixando confusa e não estou gostando.

— Ora, não me diga que está acreditando naquela idéia supersticiosa do seu amigo?! Ele deve ser meio maluco.

— Ei! Ele não é maluco! — irritou-se Jade, que até esqueceu dos receios que a dominavam anteriormente. Encarou Sorfidis com olhos faiscantes. — Como pode falar assim de quem você nem conhece?

— Olha, talvez você saiba disso melhor do que eu... — ele suspirou calmamente e andou para bem perto da alquimaga. — Às vezes não é preciso conviver anos com alguém para saber quem essa pessoa é. Situações extremas transformam qualquer indivíduo num livro aberto.

— Você tem toda a razão, Sorfidis! — respondeu Jade, com sarcasmo. — Tudo isso me fez perceber rapidinho o quanto você é egoísta e gosta de julgar os outros!

— Tudo bem você não ir com a minha cara... — ele deu de ombros, mantendo a naturalidade. — Prefiro isso a esconder o que penso só pra agradar os outros.

Jade ficou ainda mais indignada. Tanto que não soube o que dizer de imediato, e apenas encarou aquela figura atentamente, achando-o desagradável e arrogante.

A princípio, Sorfidis pensou ser normal aquele silêncio caótico da garota, mas conforme os segundos foram-se passando, os olhos dela já não miravam os dele, e uma palidez cadavérica que dominou a face suave de Jade deu-lhe absoluta certeza de que algo não estava bem. Ia perguntar, mas ela deu dois passos para trás, olhando, trêmula, por cima do ombro do rapaz.

Mal imaginava Sorfidis que ela estava diante do momento mais horrível que já provara em toda a vida. A alguns metros além das costas do jovem Murtod, recostado estava ao pé de um amontoado de árvores um corpo inerte,

acolhido no musgo escuro e úmido da vegetação. Seu rosto imóvel, contorcido, de boca aberta entre a espessa barba, não era tão assustador quanto aquele par de olhos esbugalhados e totalmente brancos, envoltos por profundas olheiras cadavéricas. Mas o que causou o doloroso choque em Jade não foi simplesmente a mórbida visão, mas sim a certeza que lhe chegou tão logo avistou aquele semblante, em soma de suas roupas e chapéu: era Tuglas Lurrone, ali morto, postando-se à filha como o quadro de um pesadelo no escuro, a gritar-lhe nas profundezas da alma.

Tudo não durou mais do que dez segundos, quando Sorfidis, percebendo a alquimaga fraquejar e vacilar, adiantou-se em seu socorro.

— Jade! — chamou ele, amparando-a nos braços. — O que foi?

Por mais alguns instantes tentou reanimar a garota, mas tudo pareceu inútil. Não suportando aquele cruel golpe, ela desmaiou.

Lembrando-se de que Jade parecia estar olhando para algo atrás dele, Sorfidis decidiu virar-se e averiguar. Uma primeira olhada o fez perceber uma coisa estranha perto dali, mas não conseguia definir bem o que era, pois sua vista estava estranhamente desfocada, como quando não enxergara de imediato o farol. Não contendo o impulso de chegar mais perto daquilo, acomodou-a com cuidado no solo e caminhou até o agrupamento denso de árvores. Aos poucos, conforme se aproximava, a imagem foi ficando mais clara, de modo que não tardou a descobrir que se tratava de um esqueleto humano de aspecto bastante esquisito: grande parte dos ossos estava coberta por uma fina camada de musgo, embora o corpo já estivesse totalmente decomposto, e não havia qualquer objeto pessoal nele ou por perto.

Examinando o crânio com atenção, algo aconteceu que Sorfidis não esperaria de si mesmo: começou a sentir medo daquilo. Não que o garoto fosse um poço de coragem sem fim, mas para ele, com um gênio tão racional, encontrar um esqueleto numa ilha arruinada pela própria Natura não era algo fora do comum. Mas lá estava aquele frio nas entranhas tomando-lhe conta, sem

que conseguisse conter. Tão logo perdeu o controle sobre as próprias emoções, começou achar que a caveira movia-se sutilmente, e que no crânio desenhavam-se aspectos translúcidos, sorrisos zombeteiros, perturbadores.

Bufando e chacoalhando a cabeça, Sorfidis afastou aqueles pensamentos de supetão, e tudo voltou à normalidade. Decidiu que era melhor preocupar-se com Jade, e voltou para perto dela.

Um pouco de cor havia voltado à face da alquimaga, mas ela não recobrou de imediato os sentidos. Vários minutos de zelo ainda foram necessários até que aqueles olhos claros e brilhantes voltassem a se abrir; mas quando aconteceu, estavam cansados e arrefecidos.

— Jade... Fique tranqüila, está tudo bem.

Parecendo não compreender de início o que se passara, Jade ergueu-se, confusa, mas logo ao dar-se conta de onde estava fez voltar à memória a visão que a assombrara.

— Oh, não — sussurrou ela, quase consigo mesma. — Só pode ser um pesadelo.

— Talvez pareça um, mas não é pra tanto — comentou Sorfidis, ajudando-a a se levantar.

Ainda um tanto zozza, Jade pareceu indignar-se:

— Como pode dizer isso?!

— Ora, se você se assustou com o esqueleto, então pra mim é estranho. Aqui deve haver muitos, e achei que você soubesse.

Ficando ainda mais confusa com aquela fala, Jade teve o impulso de virar o rosto na direção do cadáver, mas não teve coragem. Conteve-se então na expressão impassível de Sorfidis. Poderia pensar as piores coisas sobre ele, mas será que chegaria ao ponto de tratá-la com tamanha naturalidade se tivesse visto Tuglas Lurrone ali? Duvidando, mas com um aperto no peito, decidiu-se e volveu o olhar para o esqueleto. Novo choque fez seu coração disparar, e ela

levou as mãos ao rosto, de olhos bem abertos: lá estava o cadáver de seu pai, exatamente como vira antes.

— Ei... — estranhou Sorfidis, encarando-a. — É impressão minha ou você morre de medo dessas coisas?

— Como... como pode ser tão insensível?! — ela gaguejou. — Por acaso é cego?!

— Isso a espantaria? — respondeu, um tanto irônico e magoado. Estaria ela abalada demais para pensar direito, ou achava que aquele tapa-olho era só enfeite? Pensando nisso, sentiu um pouco de raiva e quis lançar sobre ela os verdadeiros motivos que o obrigaram a adotar o adereço, mas desistiu, pois se acharia um idiota se agisse assim pela emoção.

Respirou fundo para se acalmar, e então notou que nos modos de Jade havia muito mais do que medo, simplesmente. De seus olhos caíam lágrimas de profundo sofrimento. Estava tudo tão estranho que nada mais parecia real.

— Eu não estou te entendendo mesmo — disse Sorfidis, aproximando-se dela. — Esta Ilha foi destruída há vários anos. Por acaso tinha parentes ou amigos aqui? De outro modo, não vejo motivos pra você se abalar tanto com uma ossada qualquer.

— Ossada? O que está dizendo? — soluçou. — É meu pai! Não está reconhecendo?

Sorfidis deixou o queixo cair, totalmente confuso, mas logo se recompôs:

— Escuta, Jade — pousou as duas mãos sobre os ombros dela, seriamente —, eu fui até lá... vi bem de perto, e não tem nada naquilo que sequer chegue perto de lembrar seu pai. — Fez uma pequena pausa, regada a silêncio e conflitantes reflexões. Depois, acrescentou um tanto irônico: — Ou talvez você tenha razão, e quem esteja abalado o suficiente pra distorcer as coisas aqui seja eu.

* * *

— Sente-se aqui... está frio.

A voz tímida e amedrontada de Elen ressoou pelas paredes. Ela estava sentada a um canto da sala do observador, a olhar para Valfrido, que andava preocupado de um lado para o outro.

Após o pedido da amiga ele suspirou profundamente, passou as mãos nos cabelos com lentidão e tristeza, e acomodou-se então ao lado dela.

— A cada hora que passa eu sinto que compreendo menos a vida — murmurou Valfrido. — Há caminhos para seguir, mas... quando penso que finalmente tomei um deles, algo parece me lançar longe.

— Eu entendo o que quer dizer, Frido. Acho que eu também perdi meus rumos com tudo isso. Aliás, todos nós. Seria tão pior se estivéssemos sozinhos nessa, não seria? — ela disse, tentando ver o lado bom da situação.

— Se não estivéssemos sozinhos... — Valfrido repetiu, de olhar vago. — Eu pensava assim, até chegarmos neste lugar.

Elen achou que ele tinha razão, mas não quis concordar verbalmente. Logo que subiram pela segunda vez, após perceberem-se presos ali, gastaram um bom tempo olhando por toda a vigia, mas não encontraram nenhum sinal de vida por perto, a não ser uma fraquíssima mancha luminosa no meio da mata, que a observadora imaginou ser da lapóia de Jade e Sorfidis. E pela distância, deveriam ter andado bastante.

Não sendo então eles responsáveis pelo fechamento do alçapão, o raciocínio de Elen e Valfrido tomava rumos bastante surreais. Sempre que esbarravam em tal ponto, Elen perdia um pouco mais as esperanças e Valfrido voltava o pensamento para Darteus e o alaúde, achando que sua busca, que mal começara, findaria ali naquela terra escura e abandonada.

— Queria tanto vê-lo de novo... — disse Valfrido, com voz fraca e sofrida. — Contar a ele tudo o que aconteceu.

— Seu pai? Acho que isso é um motivo pra você ficar contente. Quer dizer, ele deve estar vivo, pelo que você disse.

— É só uma hipótese, Elen.

— Eu sei, mas tente ver o lado bom. Ele provavelmente não está preso, como Fantod. E provavelmente não está morto, como... — baixou a cabeça, e sua voz esmoreceu.

— Como seu avô...? — completou Valfrido, num sussurro pesaroso. Virou o rosto para ela, e afagou-lhe vagarosamente o ombro. — É melhor deixarmos isso pra lá...

Elen fez que sim com a cabeça, mas ainda olhava para o chão.

Valfrido, que estava exausto, tinha ainda aquela farpa na mente que não deixava sua consciência vacilar em sono: o motivo deles estarem trancados ali. Àquela altura certamente não soaria nada revoltante se Jade e Sordidis tivessem feito aquilo. Muito pelo contrário... Seria um alívio, em meio a tantas possibilidades macabras. Maldições, espíritos malignos... Valfrido nunca soube bem o que concluir a respeito de tais assuntos, exceto que davam bastante medo em certos momentos... como aquele, por exemplo.

Correndo os olhos atentamente por toda a sala, as sombras cintilantes já começavam a caçoar de seus sentidos. Enxergava formas horrendas e contorcidas a ameaçá-los. O silêncio o fazia ouvir com clareza a respiração tranqüila de Elen, que por fim tornou-se uma melodia reconfortante, e ele teve coragem para apagar o lampião, pois poderiam precisar dele por muito tempo.

Submergindo-se então na cinzenta escuridão, Valfrido fechava os olhos por intervalos curtos pois, embora quisesse dormir, não conseguia relaxar por completo. Com o tempo, em cada vez que abria os olhos tinha a impressão de que estava vendo formas ligeiramente diferentes à sua frente. Tentou não dar atenção ao fato, porque aquilo costumava acontecer quando ia deitar-se à noite. Mas conforme os minutos se passavam, aquelas variações foram tomando proporções preocupantes, e Valfrido, como que sonolento e hipnotizado, não se movia ou esfregava os olhos, muito embora um frio impiedoso estivesse tomando conta de suas entranhas.

Bem à sua frente, não identificava mais as manchas que seriam a mesa, a lente, a poltrona ou mesmo a vigia. Estava vendo vultos completamente negros a moverem-se por todo o cômodo, indo aos poucos concentrarem-se no centro, onde algo parecia estar ganhando forma. A imaginação de Valfrido vagou, tomada de medo, por várias idéias e possibilidades, até que pôde ter quase certeza do que estava vendo: uma silhueta negra, era o que parecia ser. Uma silhueta alta e imponente... Estava parada, vagando diante de seus olhos amedrontados, mas logo moveu-se de maneira brusca e repentina, causando um salto tão grande de susto no coração de Valfrido que o estremeceu, fazendo-o sentir um estalo na mente e um grito moderado que chegava-lhe aos ouvidos.

Com a rapidez de um relâmpago, tudo aquilo desapareceu e voltou ao normal, mas o grito realmente soara, e dera lugar naquele momento à respiração ofegante e chorosa de Elen, que despertara ao seu lado.

— O que... o que foi? — perguntou Valfrido, preocupadíssimo.

Ela não respondeu de imediato. Recompôs-se, olhou lentamente em volta e disse com voz baixa:

— Eu... vi uma coisa... Um vulto horrível!

O garoto tentou esconder o espanto, mas não conseguiu falar de imediato.

— Um vulto? Como assim?

— Não sei. Parecia uma criatura horrenda, curvada... bem na nossa frente.

— Ela esfregava os braços, encolhida. — Era como uma árvore negra se movendo pra cima de nós!

— Calma, calma... — falou Valfrido ternamente, mesmo estando tão ou mais nervoso do que ela. — Foi só um pesadelo.

No fundo ele não pensava daquela forma. Seria mera coincidência?

Aquele ambiente, bem mais carregado do que antes, parecia sussurrar-lhes a resposta.

* * *

Jade relutava em se aproximar do cadáver, mesmo com a insistência de Sorfidis, que ao lado do dito cujo já pensava em retirar o crânio e levá-lo até ela como prova.

De início, a menina mal encarava a cena, mas conforme sua convicção foi enfraquecendo diante da do jovem Murtod, pareceu-lhe que aquilo realmente era apenas um esqueleto qualquer.

Caminhou contando os passos até o amontoado de arbustos, mas não olhou diretamente, até chegar do lado de Sorfidis.

— Desculpe, Sorfidis... Eu nem sei o que dizer — lamentou, convencendo-se enfim.

— Tudo bem. Com tudo o que nos tem acontecido, não é de se espantar que nossas percepções nos traiam.

— Tem razão.

— Melhor irmos em frente, não acha? Lembre-se do que houve aqui há muitos anos. Pode haver muitos mais espalhados por toda a floresta.

— Espere um pouco... Isso não é normal. — Jade tocava com o indicador o musgo que folheava o crânio.

— O que não é normal?

— Acha mesmo que nossa percepção anda tão abalada assim?

O rapaz torceu as sobrancelhas, achando aquela frase um tanto enigmática.

— Você... percebeu algo diferente, não percebeu? — ela encarou Sorfidis então, com os olhos verdes brilhando. — Eu não sei... este lugar...

Sorfidis estava confuso e não sabia o que dizer. Jade, olhando em volta com ansiedade e interesse, começou a ofegar gradualmente.

— Está todo infestado. Eu sei.

— Infestado? O que quer dizer?

— Não tenho idéia. Não consigo perceber nada além... — levou as mãos à cabeça, como se estivesse exausta. — Isso nunca aconteceu comigo antes.

Quando alguma matéria sofre uma intervenção muito grande, é como um imã que nos atrai, e é fácil descobrir o que houve, mas aqui...

— Olha, eu quero muito ajudar, mas não entendo nada desse papo de alquimagia.

— Nós percebemos os padrões de tudo à nossa volta desde que nascemos, então, quando... algum desses padrões sofre uma mudança drástica, podemos perceber o que houve, e muitas vezes com precisão.

— Certo, certo... — Sorfidis sacudiu as mãos, como que pedindo para ela ir mais devagar. — E o que a incomoda é o fato de não estar conseguindo descobrir o que acontece aqui, é isso?

Ela fez que sim com a cabeça, ainda observando ao redor.

— Como eu disse — Sorfidis continuou —, não entendo nada de alquimagia, mas não seria normal seus talentos falharem de vez em quando?

— Eles não estão falhando. Estão funcionando como que... pela metade. — Sua voz soou baixa e assustada, como se estivesse proclamando um tremendo absurdo.

— Agora eu não estou entendendo mais nada. — Sorfidis pensou por um instante, e repentinamente exclamou: — Ei! Por acaso está insinuando que usaram alquimagia aqui?

Jade ficou abismada com aquela pergunta, pois nem ela havia se dado conta de uma possibilidade tão óbvia. Mas logo raciocinou melhor.

— Talvez não... deve ser outra coisa. Já falei que não é normal eu estar dando com o nariz numa porta que nunca existiu.

— Vai ver Múrcius tenha razão... — balbuciou Sorfidis, logo recebendo um olhar fulminante e repreensivo de Jade. — Não me olhe assim. Estou falando sério.

Os dois não mais discutiram as peculiaridades ocultas daquela floresta. Somaram aquilo tudo ao desconforto de deixarem Elen e Valfrido no farol, e deram à busca inicial um caráter ainda mais urgente.

Aquele pequeno riacho que seguiam parecia se estender muito além do que esperavam, e em dado momento acharam que não seria prudente se afastarem mais. Jade então se propôs, esperando uma careta de reprovação de Sorfidis – que não veio – uma coleta de raízes, as quais ela poderia tornar nutritivas e mastigáveis.

— Por mim tudo bem, mas e aquela coisa estranha que você detectou? — perguntou o rapaz, um tanto desconfiado.

— Não pretendo usar nada que me pareça suspeito, se é isso o que quer dizer. — Jade já se agachara diante de uma árvore, a cavar atentamente com as mãos. — Pelo menos aqui tudo parece normal.

Logo Sorfidis foi ajudá-la, e em cerca de vinte minutos, com o auxílio de sua espada, acumularam uma boa quantidade de raízes barrentas. Lavaram-nas no riacho e partiram de volta, já que Jade preferiu prepará-las depois, e ir encontrar logo os amigos.

O caminho de volta foi carregado de pressa e ansiedade, e talvez por isso mesmo tenha parecido muito mais longo do que a ida. Ambos ganharam alguns arranhões de galhos traiçoeiros, mas sequer se deram conta de qualquer ferimento ou cansaço.

O fato do farol não estar aceso os fez pensarem que ainda estavam bem longe dele, mas se alegraram quando a garota apontou a torre.

— Lá está!

Sorfidis esforçava-se, mas sua visão não estava colaborando. Ao menos estava certo de que não havia luz alguma por lá. Continuaram caminhando, ainda mais rápido, e logo chegaram à porta da casa.

— Que silêncio... — comentou Sorfidis, empurrando a porta.

— Eles devem estar lá em cima. Será que podem nos ouvir daqui?

Só quando a luz da lapóia invadiu satisfatoriamente o interior da casa é que os dois pararam assustados. O cômodo estava um tanto revirado, e os móveis maiores pareciam ter sido movidos do lugar, despejando pelo chão diversos pedaços de madeira apodrecida.

— Puxa vida... — falou Jade. — Será que eles não acharam a bagunça de antes suficiente?

— Está brincando? — riu Sorfidis, tateando a estante de prateleiras prestes a desabar. — A primeira coisa que eu faria se tivesse ficado aqui seria vasculhar tudo.

— Isso estava fechado quando saímos? — perguntou Jade, debaixo da entrada para a escadaria em espiral.

— Não, não estava — Sorfidis se aproximou. — Por que fechariam o alçapão?

As palavras dele tiveram um tom bastante normal, mas Jade não estava tranqüila. Achava aquilo bastante estranho.

— É tão velho... — comentou ela, a apalpar o metal escurecido do enorme disco. — Vamos tentar abrir?

— Com certeza. — E dizendo isso, sem perder tempo, Sorfidis enfiou as mãos num par de sulcos paralelos, quase ao centro da tampa. Após causar um *clic!*, girou o disco interno noventa graus em sentido horário e empurrou a escotilha para cima, mas sem conseguir movê-la muito. Jade imediatamente ergueu os braços e o ajudou a forçá-la, desta vez com um vagaroso sucesso.

O ruído daquela peça a mover-se fazia parecer que a casa toda iria abaixo, mas nada além de poeira e grãos de madeira caíram quando acomodaram aquele tampão fora do buraco.

Serviço feito, Sorfidis secou o suor da testa, subiu três degraus da escada de ferro e gritou para o alto, com a cabeça imersa nas trevas:

— Frido! Elen! Estão aí?!

Após reverberar, o som esvaeceu-se.

— Será que podem ouvir? — desconfiou Jade, após alguns momentos de espera sem resposta. — É melhor irmos lá em cima de uma vez.

— De acordo. Me passe a lapóia.

Jade pegou-a no chão e deu-a para o rapaz, que imediatamente venceu os degraus restantes e, de dentro da câmara intermediária, ofereceu a mão para facilitar a subida da alquimaga.

— Esse cheiro de madeira podre me dá alergia — reclamou consigo mesma, coçando o nariz ao se pôr de pé novamente.

Sorfidis deu uma espiada geral em volta, e não notando nada de extraordinário, dirigiu-se para a escadaria. Jade, aos espirros, foi logo atrás.

Sem receios e em ritmo contínuo, foram ganhando a altura da torre do farol abandonado. Em silêncio, procuravam captar algum ruído que viesse de cima, como um sinal dos amigos, mas nada houve além dos baques secos de seus próprios passos.

A ansiedade dos dois não foi além do normal, até o momento em que perceberam que o topo já estava próximo. Daí por diante, ficaram tão apreensivos que mal respiravam. O umbral que dava para a ponte do observador estava logo adiante, e a escuridão que parecia dominar aquele recinto os intrigou profundamente.

— Elen?... Frido?... — chamou Sorfidis, mas sem gritar, enquanto já passavam vagarosamente recinto adentro.

— Nem sinal deles.

— Mas pra onde iri... — não terminou a frase, pois um tilitar repentino, perto da grande lente, chamou-lhes a atenção. Sorfidis estendeu a lapóia naquela direção imediatamente, mas nada de anormal surgiu sob a luz. Então, antes mesmo que os dois pudessem respirar aliviados, uma voz assustadora vinda de suas costas os fez quase pularem:

— Aí estão vocês! — gritou a voz, grave e poderosa.

Jade e Sorfidis viraram-se, preparados para verem um monstro ou qualquer outra aberração que suas imaginações pudessem conceber. Mas para uma mistura de alívio com frustração e raiva, lá estavam Elen e Valfrido, ambos de caras fechadas e braços cruzados.

— Vocês ficaram malucos?! — protestou Jade, ofegante. — Meu coração quase pulou pela boca!

— Bem feito — disse Valfrido, sério. — Isso é pra aprenderem a não fazer esse tipo de brincadeira.

— É! Malucos estão vocês dois. — Elen não sabia se externava decepção ou raiva, o que por fim a deixava com sobrancelhas franzidas e um engraçado e ligeiro bico nos lábios.

— Do que estão falando? — adiantou-se Sorfidis, que tentava manter a pose austera e inabalável.

— Olha só pra eles... Com essas caras, como se nada tivesse acontecido — disse Valfrido, olhando para Elen com um sorriso irônico.

— Por que trancaram a gente aqui em cima? Vocês não tem noção do quanto ficamos assustados?

Os outros dois se entreolharam, pasmos, e por vários instantes nada conseguiram ordenar nas idéias caóticas para responder. Jade foi quem finalmente tentou:

— Olha... se por acaso estão falando do alçapão lá embaixo, não temos a mínima idéia do que... do que... que droga! — Levou as mãos ao rosto. — Isso é loucura!

Valfrido descruzou os braços bem lentamente, sendo imitado inconscientemente por Elen, e quanto mais processava aquela informação, mais tenso ficava.

Sorfidis, por sua vez, analisava a expressão de um por um, e logo tirou suas próprias conclusões, por mais básicas que pudessem ser: ele e Jade

certamente não haviam fechado aquela passagem, e Valfrido não era tamanho ator para fingir tão bem aquela perplexidade. Elen, pobre garota, muito menos...

16

MISTÉRIO NA FLORESTA

Os quatro perderam tanto tempo a discutir aquele acontecimento bizarro que até deixaram de lado o cansaço e a fome que sentiam, mas quando ambas se fizeram escandalosas, não houve alternativa: ou saciavam suas necessidades, ou seus corpos não mais se subordinariam àquelas mentes tão ávidas por respostas.

Jade preparou as raízes, mas seus métodos certamente não despertaram a esperada curiosidade nos restantes, pois estes ainda gastavam suas últimas energias naquela discussão infrutífera sobre o que teria acontecido com aquele maldito tampão. O último toco de lenha foi lançado naquela flamejante conversa quando Sordidis mencionou a baderna em que fora deixada a casa lá embaixo.

— Mais isso também?! — exclamou Valfrido.

— Nós não bagunçamos nada lá embaixo! — afirmou Elen com efusão.

— Tomem, deixem esse papo pra depois e comam de uma vez antes que perca nutrientes. — Jade se interpôs entre eles, estendendo-lhes vários chumaços de raízes.

A fome que todos tinham melhorou bastante o sabor daquilo, que a bem da verdade não era ruim. Tinha um gosto que ficava entre alface e agrião, e é claro, com uma textura mais densa e teimosa aos dentes, mesmo amolecida pelas químicas.

— Puxa... Me sinto melhor — Elen terminara sua porção de raízes.

— Não é grande coisa, mas na situação em que estamos... — comentou a alquimaga, sem gabar-se de seu feito.

— Claro que é grande coisa, Jade. Não fosse por isso, provavelmente não duraríamos nada aqui nesta ilha.

O comentário de Valfrido fez Sorfidis lançar-lhe um olhar estranho, franzido. Achou que o amigo excluía os peixes da própria memória.

— Talvez fosse bom descermos — sugeriu o jovem Murtod, num tom um tanto contrariado. — Não quero me arriscar a ser *misteriosamente* trancafiado aqui em cima. — Aquela ênfase na palavra soou como uma leve provocação, o que em seguida fez decolar novamente as discussões sobre teorias e culpas, que rechearam de brasas a descida dos quatro garotos escadaria abaixo.

A casa do farol estava como a haviam deixado.

Valfrido experimentou apoiar-se um pouco na cama, para ver se ela agüentava, e após uma constatação favorável, sentou-se. Elen fez o mesmo, enquanto Sorfidis torcia para que os dois desabassem e Jade aprontava materiais para acender a velha lareira.

— Que coisa mais maluca... — murmurou Valfrido, analisando a bagunça do cômodo.

— Olha, pessoal — foi dizendo Sorfidis, mais sisudo que de costume —, acho que devemos nos dar conta da seriedade dessa situação. Então... se por um belo acaso vocês inventaram essa história toda, a brincadeira já deu o que tinha que dar, então confessem logo, para que nos preocupemos com coisas mais importantes.

Elen ia lançar uma resposta exaltada, mas Valfrido a conteve com a mão sobre seu ombro, pois tinha compreendido bem aquela afirmação do amigo.

— Capitão, sei que isso tudo é muito absurdo, mas Elen e eu também estamos assustados. Se quer saber, acredito em vocês e não posso obrigá-los a acreditarem em nós, mas repito: não fechamos a escotilha, está bem? Juro pela Cipreste, capitão.

Sorfidis encarou os dois, depois baixou a cabeça, pensativo. Parecia finalmente ter levado aquela afirmação em conta, e as idéias haviam se embaralhado em sua mente tão metódica e organizada.

— Ah, céus... — suspirou. — Vocês sabem o que isso significa, não sabem?

— Múrcius estava certo? — gaguejou Elen, de olhos bem abertos para ele. — Quer dizer... Será que esse lugar todo é malévolo? Eu bem que suspeitava. Basta olhar em volta...

— Não era bem isso o que eu tinha em mente — disse Sorfidis. — Não sei por que as pessoas gostam de atribuir tudo o que não podem explicar a coisas que não existem!

— Mas... se não existissem, não poderíamos atribuir coisas a elas — retrucou Valfrido, cuja convicção na própria idéia sumiu um segundo depois. Sacudiu de leve a cabeça.

— Eu até tenho umas teorias sobre o que possa estar acontecendo aqui — Jade acendera a lareira e esfregava as mãos umas nas outras. — Só que pra vocês, talvez, seria menos estranho acreditar em fantasmas malignos.

— E essas teorias têm algo a ver com... aquilo que você percebeu na floresta? — Sorfidis falou com cautela, mas arrancou olhares intrigados de Elen e Valfrido.

— Com certeza.

Valfrido inclinou-se para a frente, bastante interessado.

— O que foi que você viu na floresta, Jade?

— Eu não vi, exatamente... Eu senti. — Em seguida, narrou a eles o que havia acontecido enquanto ela e Sorfidis percorriam o riacho.

O trecho sobre o esqueleto na mata causou especiais arrepios aos ouvintes, mesmo fazendo-os concluir que o fato dele ter parecido com o capitão Lurrone fora uma ilusão da alquimaga, causada por emoções fortes.

— Deve ter sido terrível pra você — lamentou Elen, que foi para junto dela com ares de consolo. — Mesmo sendo algo tão... de mentira, no seu lugar eu nem sei o que faria.

— Sabe que eu acho que você tem razão? — comentou Valfrido, pensando consigo. — Eu também sinto o mesmo desde que pisamos nesta ilha. Quer dizer, não da maneira alquimaga eu acho, pois você percebe melhor as coisas, mas é como se tudo isso estivesse impregnado de sombras. Não é simplesmente o medo, comum... é algo...

— Substancial — completou Sorfidis, mas sem emoção. — Mesmo assim, Jade não consegue saber o que é, então prefiro acreditar que estamos simplesmente sofrendo as conseqüências psicológicas de uma situação pela qual nunca passamos antes. Somando tudo às lendas que sempre ouvimos sobre essa terra abandonada...

— Alucinações não fecham alçapões nem bagunçam casas — argumentou Jade.

— Mas alucinados sim — retrucou o jovem Murtod, com ironia.

— Sente-se aí na cama, Sorfidis — pediu a alquimaga, repentina e calmamente.

— Por quê?

— Tudo bem... Sente-se sobre a escrivaninha se preferir, não tenha receio.

— O que quer dizer?

— Oras, você é tão racional. — Ela levantou e se acomodou sobre a escrivaninha, que rangeu mas continuou intacta. — Não percebe por si mesmo?

— Sei o que está querendo dizer, mas há tantas explicações simples pra isso — retrucou ele.

— Há mesmo... tantas quanto há para o fato deste inútil armário de prateleiras aí do seu lado, de mesmo material, estar literalmente esfarelado.

Valfrido coçava a cabeça, como sempre fazia quando estava envergonhado ou confuso. Vagava entre o fio da meada e pensamentos fantasiosos sobre aquela discussão.

Elen captou tudo com mais eficácia, pois já há tempos remoia algumas idéias, que não mais, então, soavam absurdas.

— Sei que já pensamos nisso só de relance, e talvez não tenhamos nos dado conta... — ela falou, com sua habitual cautela. — Mas aquela escotilha só tem tranca pro lado de baixo.

— Sim — disse Sorfidis. — Não é própria do farol.

— Não... nem que houvesse trancas dos dois lados. — Ela adotou um tom mais firme. — Escotilhas não são parte de faróis, definitivamente!

Valfrido olhava atentamente de um para outro, sobrando diante daquele trio, cada vez mais confuso.

— Isso da escotilha reforça o que eu penso — disse Jade, dando continuidade. — Mas pode ter uma explicação diferente do que percebi na floresta e... — correu os olhos em volta enigmaticamente — aqui mesmo.

— Ei — Valfrido levantou a mão, meio encabulado. — Sabem que sou meio burro às vezes, então, poderiam me explicar aonde exatamente querem chegar?

— Já disse. — Jade baixou a cabeça. — Se eu pudesse provar alguma coisa, até falaria o que penso, mas prefiro não atizar ainda mais a imaginação de ninguém.

Sorfidis ergueu os olhos, sonhadores, para o alto:

— “Sem tinta pra jogar no mico invisível...” — recitou vagamente o trecho do famoso provérbio, e todos pareceram concordar, porque apesar das inúmeras explicações para os mistérios, numa coisa concordavam: estavam cegos e perdidos quanto ao próximo passo.

Foi então que, após um breve silêncio, Jade levou a mão à testa e fechou os olhos, parecendo frustrada consigo mesma.

— Ah, droga... Você acaba de me fazer lembrar de uma coisa — falou para Sorfidis. — Mas não tenho como fazer, e o pior é que poderia funcionar.

— Do que está falando? — interessou-se Valfrido.

Ela balançou a cabeça, olhando pro chão, e levou alguns segundos para responder.

— É uma técnica... Quando algum efeito atinge um alquimago sem que ele perceba bem o que é, pode usar isso para dar contorno à coisa, um realce... como a tinta no mico invisível, que Sordidis acabou de mencionar. Se dá certo, posso não só desvendar um efeito, mas também aprender a produzi-lo por mim mesma. — Ela pensou mais um pouco, e continuou: — Mas só funcionaria se o efeito em si tivesse substâncias camufladas ou fosse apenas algo mais intrincado que o normal...

— Como assim? — perguntou Valfrido.

— Se eu criar um efeito, e depois usar outro efeito pra disfarçar o primeiro, isso confunde a percepção. Nesse caso a técnica ajuda a sentir ambos separados, mas... se o primeiro efeito for desconhecido, ou complexo demais, pode não adiantar de nada. Com ou sem realce seria algo além das minhas capacidades.

— Ah, não custa tentar, certo? — sugeriu Elen, parecendo gostar da idéia, mesmo sem saber do que se tratava.

— Não tenho como fazer isso. Preciso de um objeto com carga emocional, e não tenho nenhum comigo agora. — E observando a expressão de interrogação estampada no rosto de todos, explicou: — Eu precisaria de algum objeto carregado emocionalmente, como... como...

— Olha, se entendi bem, isso aqui serve? — apressou-se Elen, tirando a fina correntinha dourada que usava no pescoço. — É um presente muito importante que minha avó me deu.

— Você usa sempre? — perguntou Jade, com extrema ansiedade.

— Sim! — vibrou Elen.

— Então não serve...

Todos murcharam feito bolas furadas.

— Você assimilou a carga para si — explicou a alquimaga, sentindo o colar. — Essas coisas que usamos sempre não servem. Elas interagem com nosso conteúdo e as cargas mais fortes se tornam sutis demais.

— O alaúde não serve? — ofereceu Valfrido, mas logo recebeu uma negativa.

— E esta espada? A minha eu perdi no navio pirata. Esta é outra — Sordidis desembainhou a lâmina e a estendeu.

— Também não — ela disse, após examiná-la por um breve instante. — Nada forte associado. — Soltou um suspiro irritado. — Puxa vida... é puro azar não termos por perto algo tão simples.

Fez-se um momento de silêncio meditativo, que durou até Valfrido ter um sobressalto:

— Ei! Acho que tenho algo aqui que pode servir. — Em seguida, tirou do cinto seu pequenino saco de moedas e despejou o conteúdo, seis dóras, nas mãos de Jade. — São todas iguais, mas acho que você descobre. Isso se eu não tiver gastado justamente as que...

— Alguém lhe deu sentindo muita, muita pena de você — Jade continuou por ele, erguendo diante de todos uma das moedas, a sorrir satisfeita. — Esta aqui serve!

— Que bom! — aliviou-se Valfrido. — Deve ser das que o grantimão Nordago me deu. Lembro até hoje da cara que ele me fazia. Parecia estar sofrendo mais com a tragédia do que eu.

— É bem possível mesmo. — Ela sentia bem a moeda entre os dedos. — A carga ainda está em evidência, e bem ativa.

— Ótimo, mas o que acontece agora? — perguntou Sordidis, que tentou, mas não conseguiu imaginar Nordago com cara de tamanha sofreguidão.

Jade não respondeu, mas botou a moeda cuidadosamente por baixo de sua bandana, de modo que ficasse presa bem no centro de sua testa. O gesto

pareceu, aos restantes, um tanto cômico, mas a seriedade dela estava impondo respeito suficiente para fazê-los engolir o mais ligeiro sorriso.

Levantando-se e olhando vagamente em volta, pareceu insatisfeita e incomodada com tudo o que a cercava.

— Não, as emanções aqui são muito misturadas e confusas... eu sabia. Talvez se nós fôssemos... — olhou insegura para os amigos.

— Para a floresta? — sugeriu Sorfidis, com naturalidade. — Por mim tudo bem. Acho até que aquele esqueleto pode nos dizer algo, quer dizer... a você, claro.

Elen e Valfrido entreolharam-se, com um frio nas espinhas. Poderiam até expressar a preferência que tinham por ficar ali mesmo, mas realmente não desejavam vivenciar tampões fechando e sombras dançando outra vez. Pelo menos não sozinhos...

* * *

Os quatro peregrinaram juntos pelo mesmo caminho que Jade e Sorfidis fizeram anteriormente, mas desta vez todos estavam mais seguros, e só por estarem juntos. Sabiam que tal convicção era de efeito meramente psicológico, pois se um monstrengo surgisse que pudesse massacrar a todos facilmente, não faria diferença. Era muito engraçado, então, pensar que o incômodo de morrer, para eles, esvairia-se na proporção em que o grupo fosse maior.

Após percorrerem a praia até a trilha do riacho, entraram na mata, e a partir de então todos ficaram a observar Jade de relance, no aguardo por alguma reação diferente por parte dela. Decepcionaram-se os três, pois aparentemente a garota caminhava tão tranqüila e fleumática quanto as próprias águas densas do riacho.

— Não percebe nada ainda? — indagou Valfrido, ajeitando o estojo às costas, a olhar suspeitosamente para os lados.

— O quê? — ela pareceu estar distraída. — Oh, sim... Dá pra perceber muita coisa por aqui. Composições meio desarranjadas, caóticas, invasões químicas... Enfim, uma bagunça.

— Então é só isso? — Elen pareceu decepcionada, mesmo sem entender exatamente o peso daquela descrição.

— Se for, é melhor que voltemos. Não há por que continuarmos sem uma boa razão. — Sordidis baixou a lâmina da espada, com a qual livrava-se, à frente do grupo, de excessos de vegetação que barrassem o caminho.

— Não. A moeda me mostrou essas coisas que agora percebo, mas ainda tem aquele detalhe que me escapa.

Os outros voltaram a ficar tensos e interessados. Jade voltou a andar resoluta:

— Vamos. Talvez o esqueleto transmita a coisa com mais intensidade. Não será difícil encontrá-lo de novo.

Ela adiantou-se um pouco, já que Sordidis virou para Elen e Valfrido, advertindo-os seriamente:

— Pois é... ouviram bem, não ouviram? É só um esqueleto, e nada mais que isso — disse com firmeza, a apontar-lhes o dedo, e imediatamente pôs-se a caminhar.

Embora parecesse um aviso quase natural, o jovem Murtod queria mesmo era não ter que lidar com outros ataques histéricos, caso Elen e Valfrido comessem a ver parentes e amigos ali, no lugar dos ossos inanimados do pobre ex-vivente.

Venceram o resto do caminho em total silêncio. De certa forma, a ausência da chuva e o ruído ligeiro e apressado do riacho tornavam o clima menos sombrio, juntamente com uma brisa bem tímida que fazia mexerem-se as árvores para cantar em farfalho. Mas a despeito daquele estado de espírito menos pesado, a densidade das nuvens e nevoeiros que envolviam a ilha ainda era extraordinariamente fora do comum. Nenhum dos garotos saberia dizer que

horas seriam, mas certamente era dia ainda, e a escuridão estava praticamente noturna.

Jade ia diminuindo bastante o ritmo conforme sentia-se perto da área onde viram o esqueleto, e após alguns minutos de breve rastreio, estacou e apontou aos amigos:

— Lá está, naquelas folhagens ali. — Em seguida foi se aproximando do local, mas sem perceber que somente Sorfidis a seguia.

Valfrido engoliu seco, de olhos bem abertos. Elen, ainda mais grudada em seu braço, já estava de olhos fechados havia tempos.

— Ai, que horror... está vendo a caveira, Frido?

— É, bem... Ainda está fora de nossas vistas — respondeu, um tanto envergonhado do próprio medo. Após uma pequena pausa, adotou um tom empático: — Olha, não precisa ir vê-lo se não quiser. Eu lhe faço companhia aqui. Isso não nos diz respeito, ora... Não há por que uma pessoa tão sensível como você ficar se assustando à toa.

Elen ergueu o rosto e encarou-o com certa suspeita. E percebendo um quê de disfarce em seu jeito, encorajou-se só por teimosia.

— Ah, Sorfidis mesmo disse: é só um esqueleto. Vamos! — e puxou Valfrido pelo braço.

Os quatro ficaram parados, em arco, a pouco mais de um metro da ossada, e a fitavam continuamente, como se cada um sentisse que havia muito ali para se ver além do óbvio. E na verdade havia mesmo, principalmente para Elen e Valfrido. Ambos estavam psicologicamente preparados para se depararem com aquela visão, mas mesmo assim foram pegos por impressões de que o crânio enevoava-se muito de leve, assumindo reflexos bem translúcidos de formas e rostos não identificáveis. Sacudiram de leve cada um suas cabeças, tentando afastar aquela sensação.

— Céus... — suspirou Jade, indo agachar-se diante do crânio, com uma mistura de confiança e asco. — Não dá pra acreditar nisso.

— Está percebendo o que é? — perguntou Sorfidis.

A alquimaga virou o rosto consternado para os amigos, encarando um por um. Parecia saber bem o que ia dizer, mas algo detinha suas palavras, como se não estivesse à vontade com suas próprias conclusões. Por fim, sem querer deixar os três ainda mais ansiosos e assustados, falou:

— Eu nunca vi algo assim antes. É como... como tentar ler uma palavra cujas letras mudam o tempo todo. Eu percebo a composição mudando, mas não percebo o que está causando isto.

— Bom... acho que estamos no zero outra vez — disse Sorfidis num suspiro.

— Não, Fidis, espere — falou Elen, aproximando-se de Jade com um olhar franzido. — Percebe a composição mudando? O que isto significa?

— É como se... toda a integridade desse material tivesse sido rompida, mas num nível muito, muito sutil.

Valfrido coçou a nuca, e fez uma careta:

— Olha, Jade, eu tenho certeza de que você já deve ter lido mais do que o Círculo Alquimago inteiro, mas daria pra explicar de um jeito mais fácil?

A garota encarou o esqueleto outra vez, e seus olhos tornaram-se vagos:

— Posso estar enganada — ela falou, extremamente reticente —, mas o que eu quero dizer é que essa floresta toda, por alguma razão, está suscetível demais. — Virou o rosto então para os amigos, que ainda a fitavam curiosos. — Quando olhei esta caveira pela primeira vez, vi meu pai, e aposto que se ficasse olhando por muito tempo, ela realmente estaria parecida com ele agora.

Valfrido e Elen ficaram embasbacados com aquela afirmação, mais pela aparente preocupação de Jade do que por terem compreendido bem o que aquilo queria dizer.

Sorfidis cruzou os braços, pensativo, e balbuciou:

— Você acha que isto é natural, ou... alguém causou?

— Não sei. Nunca ouvi falar de algum efeito que pudesse afetar diretamente as mentes dos outros. — Ela levantou-se. Ia continuar a falar, mas logo que abriu a boca novamente, um ruído bem distante tomou a todos de assalto.

— O que foi isso? Vocês ouviram? — Elen sussurrou, um tanto acuada.

— Pareceu um... pássaro — disse Valfrido, de ouvidos atentos. — Veio daquela direção.

— A mim também pareceu um pássaro — concordou Sorfidis de imediato. — Será que há animais por aqui, afinal de contas? Não... — sacudiu a cabeça, abandonando a idéia. — Foi o único sinal que tivemos em tanto tempo.

— Pode ser um desgarrado, que veio de alguma ilhota para cá — opinou Jade. — Acho que devíamos dar um olhada.

Valfrido pareceu não gostar da idéia:

— Ei, vamos com calma. Já se esqueceram do que houve no farol? Acho esse lugar perigoso demais pra ficarmos de bobeira por aí.

— É exatamente por isso que devemos averiguar, Frido — retrucou Sorfidis. — Nesta ilha não estamos seguros em espaço algum, e além do mais — caminhou para adiante, e depois virou-se para os três —, que o sedento dê sal ao macaco, e ele correrá para a fonte mais próxima.

— Concordo — disse Elen. — Não conhecemos a ilha toda, e pode ser que haja território menos hostil por aqui.

— Animais não ficam onde não podem sobreviver — somou Jade.

— Certo, certo... — resignou-se Valfrido, sentindo-se o chato-do-contrário e começando a caminhar. — Qualquer coisa, capitão, pra você parar com esses ditados.

Sorfidis sorriu amigavelmente, e deu-lhe tapinhas nas costas. Sendo seguidos por Elen e Jade, embrenharam-se finalmente na mata fechada e desapareceram dentro da vegetação e do nevoeiro pálido.

Durante o caminho, ouviram novamente aquele ruído. Estava mais próximo, e definitivamente parecia ser de um pássaro, dono de um grasnar bem curto e esquisito. A pista lhes deu nova injeção de ânimo e curiosidade. A espada de Sorfidis começou a ser brandida com mais intensidade contra a vegetação, e o grupo avançava com crescente eficiência.

À volta deles, a floresta não havia mudado de aparência. Continuava o mesmo emaranhado de folhas, galhos e troncos tortos, cinzentos e cheios de musgo e limo escuro. Forrando a terra sob seus pés, derramava-se uma camada fofa e molhada de folhagens que mais pareciam restos das moitas baixas que se espalhavam aqui e ali.

— Nenhuma flor, nenhuma cor... — comentou a melancólica DiLumis. — Esse lugar é tão morto. Até as árvores, mesmo de pé, parecem mortas.

— Vejamos o lado bom — disse Sorfidis, parando um instante para tomar fôlego. — Não precisamos nos preocupar com animais perigosos.

— Eu preferia ter de lidar com animais selvagens do que com escotilhas que fecham sozinhas — ironizou Valfrido, esquivando-se de um galho. — Não que eu ache que ela tenha fechado sozinha, claro, mas pelo menos os gorilas, as serpentes e tudo mais, nós conhecemos bem.

— Gorilas! — exclamou Jade, balançando o indicador na direção de Valfrido. — Aí está uma ótima possibilidade.

A princípio a idéia não soou nada racional aos outros, mas logo em seguida eles provaram um pouco daquela sensação inebriante que, geralmente, atinge aos desesperados que vêm saciada uma grande dúvida. Claro! Era perfeitamente provável que um gorila ou um macaco qualquer tenha entrado na casa do farol e feito o serviço todo. E, somando-se como uma evidência ainda mais tranquilizadora, lá estavam eles seguindo um sinal de vida naquela ilha macabra. Palpitavam consigo mesmos que a região mais central dela poderia ser uma área bem mais habitável do que as periféricas.

Curiosos e mais otimistas, caminharam por quinze ou vinte minutos em ritmo forte, mas o cansaço os obrigou a fazerem uma pausa, quando viram-se em meio a uma pequena clareira. Havia algumas rochas largas e baixas pela área, onde sentaram-se Valfrido, Elen e Jade. Sordidis perdeu-se por mais alguns instantes a analisar o local com o olhar.

— Que acham? A ilha não é muito grande. Já estamos bem perto da base da montanha.

— Verdade... e nada de diferente ainda — reclamou Jade. — Até o nosso misterioso pássaro calou-se.

— Imagino que ele deve ter voado pra bem longe — disse Elen. — E agora percebo bem o porquê. Não tem nada aqui além de mato inútil e...

Uma coisa interrompeu o desabafo da observadora, e era exatamente aquele grasnar que os guiara anteriormente. Mas desta vez – fato que os fez quase pularem de susto –, ele havia soado bem próximo, na região da mata às costas de Jade.

Os quatro olharam uns para os outros antes de esboçarem qualquer atitude. Mas Sordidis, após fazer um sinal de atenção para Elen, aproximou-se dela:

— Deve estar bem perto. Acha que pode ver o bicho?

— Posso tentar — ela respondeu, empunhando seu monóculo de imediato e levando-o ao olho direito. Seus olhos aguçou-se e dilatou cada detalhe da mata profunda. Poucos segundos depois, já relatava aos poucos o que estava vendo, ou melhor... o que não estava vendo. Descreveu a escuridão, as árvores amontoadas, os galhos e folhas a balançarem para confundir qualquer outro tipo de movimento. E sua voz foi se tornando mais desanimada e monótona, conforme perdia as esperanças. Até que, de repente, soltando um grito curto e seco, deixou o monóculo cair, tremendo o corpo todo.

— O que foi, Elen? — Valfrido foi em seu socorro.

Ela não conseguia falar, estava chocada e parecia muito confusa.

Jade não se dera conta do estado de Elen, não fora notada pelos amigos, e estava paralisada a olhar na direção de um rápido movimento na mata, que se aproximava da clareira onde estavam.

— Ei... ei! — chamou ela, mas sem virar-se para os outros. Após aumentar bastante seu tom de voz, conseguiu fazer ao menos Sorfidis dar-lhe atenção.

Ele observou a cena apenas de relance, mas foi o suficiente para ter sua atenção totalmente absorvida. Percebeu um ruído de galhos partindo, folhas sendo pisadas num ritmo frenético, e um zumbido agudo e sutil em seu ouvido lhe deu a certeza de que, naquele instante, estava mais eletrizado do que quando travara a dura batalha contra o pirata naquele porão de navio.

Valfrido ainda estava distraído com Elen quando Sorfidis deu posição de combate com a espada. Ele olhava fixamente para o balanço desenfreado e crescente da vegetação ao fundo. Jade deu diversos passos para trás, de olhos brilhantes e vidrados, e tomou um enorme susto quando chegou ao lado de Sorfidis e ele tocou seu ombro.

— Fique calma — disse com confiança. — Não deve ser um animal muito grande.

— Não muito grande, mas bem assustador... — respondeu ela em tom enigmático, virando o rosto para Elen. Logo em seguida, como os ruídos aumentassem, voltou sua atenção para aquela área da mata, que já fazia-se convulsa. Instintivamente, remexeu com habilidade em alguns coldres de seu cinto.

17

O HABITANTE SECRETO

A expectativa do que sairia dali não chegou a paralisá-los, visto que tanto barulho frenético tinha aspecto real o bastante para fazê-los imaginar coisas bem naturais e plausíveis. E o momento chegou em seu ponto crucial. Uma mancha escura já se figurava por entre o emaranhado de troncos e folhagens. Ambos esboçaram um inconsciente passo para trás e tencionaram os músculos, concentrados e resolutos. Mas toda aquela austeridade esvaiu-se antes mesmo que a silhueta anônima adentrasse a clareira. Sem saberem por que, sentiram o tempo alentar-se, e os sons em volta tornaram-se vazios e abafados. Era um temor sufocante em seus pulmões. Tentavam fazer a respiração saciá-los, mas pareciam vacilantes diante do desconhecido.

Já estavam à beira de um ataque de pânico, quando a coisa invadiu a área como que de um salto, e estacou logo à frente do paredão de árvores.

Valfrido então não pôde deixar de notá-la também, e seu coração, tal qual o de Jade e até mesmo o de Sordidis, foi-lhe à boca. Elen soltou um grito. Tudo se tornou surreal e vago como num sonho, mas o ar frio e o finíssimo granizo lhes diziam o contrário.

O que estava bem diante daqueles quatro pares de olhos esbugalhados e jovens era uma figura curvada, ameaçadora, arfante e coberta com mantos escuros, imundos e arruinados. Da escuridão completa do rosto, por debaixo do largo e desabado capuz, vazava um ritmado vapor esbranquiçado que sumia no ar. O ser, de membros aparentemente finos, levou com uma agilidade inacreditável as mãos por dentro do tórax de suas precárias vestes e iniciou uma sucessão de milimétricos e rapidíssimos movimentos. Em três segundos, pareceu embeber as mãos de algo cinzento e fosco, buscar algo na altura da

cintura que brilhou na mão esquerda e esfarelou um pouco ao chão. Então, numa conclusão desesperadora, incandesceram-se seus punhos num par de chamas amarelas e extremamente brilhantes.

O calor repentino ardeu nos rostos dos garotos, que tomados de pânico, sentiam-se pregados ao chão. Jade, mesmo assim, teve consciência suficiente para compreender aquele artifício da criatura, e num esforço que lhe pareceu descomunal, soltou um grito que arrebatou a todos, fazendo-os voltarem a si:

— FUJAM!

Os quatro esboçaram uma fuga, mas o ser os obrigou a um movimento muito mais brusco: ágil e decidido, estendeu o braço esquerdo na direção deles, no qual brandiu o punho direito com violência, desenhando com o movimento um arco de dentro para fora. Aquele atrito direcionado entre o par de antebraços flamejantes explodiu numa grande cusparada de fogo, que lançou-se mortal para cima do jovem quarteto.

Atiraram-se para os lados com toda a força que tinham nas pernas, e a labareda voadora foi destruir a mata ao fundo. Valfrido não pensou nem um segundo mais: junto de Elen, puxou-a consigo e correu para dentro da floresta. Jade e Sorfidis fizeram o mesmo logo em seguida, mas por estarem mais próximos da sombria figura, tiveram muito mais trabalho no despiste de mais dois disparos quase certos. Pouco depois de embrenhar-se, Sorfidis notou que estava sozinho, e ao olhar rapidamente para trás, sentiu as entranhas gelarem: Jade tropeçara, e aparentemente prendera o pé num intrincamento de raízes. A criatura foi na direção dela. Sorfidis posicionou a espada, completamente fora de si, pois sabia que a vida da garota estava por um fio. Correu como louco, a espada erguida, pronta para atirá-la de longe mesmo, e foi o que fez, mas já era tarde para impedir que nova explosão fosse disparada dos punhos do ser. A gigantesca esfera pulsante de fogo viajou no ar. Jade, que tentava inutilmente soltar a perna, pareceu brandir o braço muito de repente, logo antes de ser totalmente engolida pela labareda gigante.

Diante da cena, Sorfidis, que a esta altura estava a poucos metros do fogaréu, caiu para trás a proteger o rosto com os braços, recebendo todo aquele calor insuportável no corpo.

Valfrido e Elen, que notaram o acontecimento, já corriam de volta a gritarem o nome da amiga, mas tudo naquele raio caótico de seis metros era chama e brilho ofuscante, de modo que ao alcançarem Sorfidis, não conseguiram continuar.

Ouvia-se o crepitar das folhas e galhos, a fumaça subia, mas o fogo atípico não parecia sobrepujar a extrema umidade da mata, e logo foi extinguindo-se. Seu brilho foi dando lugar à floresta chamuscada. Sorfidis não queria erguer o olhar, parecia completamente angustiado, e foi quando um grito de Valfrido chamou-lhe a atenção:

— Ela está ali! — apontou, e foi na direção de uma figura frágil e pequena que tremia ao solo.

Elen e Sorfidis levantaram-se prontamente e o seguiram. Sabiam que era Jade, e temiam muito o que pensavam estar prestes a ver. Valfrido alcançou-a primeiro, e agachou-se diante do corpo trêmulo. Estava deitada, encolhida e de costas para os três.

— Ah, não... Jade, fale comigo! — Valfrido estendia as mãos para a amiga, mas parecia ter receio de tocá-la.

Por fim, Sorfidis, com um aperto no coração, virou o corpo da alquimaga para que pudessem ver. O espanto foi grande, mas não foi nem metade do que esperariam. Jade estava de olhos fechados, tremia convulsivamente e respirava com rapidez, mas não tinha qualquer sinal de queimadura pelo corpo. Ao contrário: sua pele estava duas, talvez três vezes mais gélida do que um cadáver. Estava com toda a parte frontal, roupas, rosto e cabelos, bastante úmidos.

— Oh, não! Será que ela está bem? — chorou Elen.

— Talvez esteja — afirmou Valfrido, recolhendo do chão um pequenino frasco marrom vazio. — Se ela sabia o que estava fazendo.

— Está muito fria, pessoal — disse Sorfidis em tom de urgência. — Não vou esperar pra ver se isso passa ou não. Temos que arranjar um jeito de aquecê-la.

Ao dizer esta palavra, Sorfidis fez com que todos se dessem conta do que estavam enfrentando há pouco, e de um susto olharam em volta procurando a criatura: havia aparentemente desaparecido. Voltaram então a atenção para a amiga, que parecia ligeiramente melhor, e tentava sem sucesso dizer alguma coisa.

— Calma, Jade. Vai ficar tudo bem. — Elen tomou-a no colo e a esfregava com as mãos. Olhou para os dois. — Acho que já está melhorando.

Ambos abaixaram-se para encará-la melhor. Realmente seu rosto havia ganhado mais cor, e sua respiração estava menos caótica. Sorfidis então, mais tranqüilo, respirou fundo e virou-se numa direção da mata:

— Preciso achar minha espada, não deve ter caído longe — disse e caminhou.

— Ei, cuidado — avisou Valfrido. — Aquela coisa pode estar espreitando.

A idéia fez Elen ter um tremelique.

— Vire essa boca pra lá, Frido. Tomara que tenha ido embora, ou tenha virado pó com o próprio truque!

— Pessoal! — chamou Sorfidis, não muito distante dali. — Acho que encontrei nosso companheiro mal-humorado.

Jade, no colo de Elen, deu um sorriso satisfeito e balbuciou com dificuldade:

— Nosso... mico invisível.

* * *

Os quatro ficaram considerável tempo admirando aquele estranho amontoado de trapos em forma de gente, que jazia inerte a dois ou três metros de onde estava a espada de Sorfidis. Seus braços estavam apagados, e um pouco de fumaça desprendia-se deles.

Já o haviam cutucado com galhos e pés, mas nenhuma reação se esboçara. Esperavam, então, por um voluntário que removesse-lhe o capuz.

— Vamos lá, capitão... você é o mais corajoso — disse Valfrido, que dava apoio a Jade, já quase totalmente recuperada.

— Não! — reclamou Elen. — Não faça isso, Fidis. E essa coisa aí estiver esperando pra atacar de surpresa?

O jovem Murtod balançou a cabeça, e olhando sério para a figura desfalecida, agachou-se lentamente.

— Já teve chance de nos matar a todos com facilidade. Acho que agora estamos no comando, por enquanto.

Estendeu a mão cuidadosamente na direção da cabeça do ser, e puxou o capuz, de início com certo receio, e em seguida de uma vez, com um movimento brusco.

Os garotos deram uma instintiva trepidada, mas não viram nada tão fora do comum que fosse digno de desmaios. Por debaixo de uma eletrizada, fina e branca cabeleira, e detrás de uma barba igualmente soberba do ponto de vista da velhice e descuido, ocultava-se um rosto sujo, finíssimo e ossudo. Os olhos estavam fechados, e pela testa escapava um pequeno filete de sangue.

Logicamente que a figura lhes parecia humana, muito embora não conseguissem imaginar como seria possível uma pessoa adquirir aquele estado tão bruto e decadente de aparência. Não que fosse deformado, mas algo naquele semblante transmitia sensações caóticas e assustadoras.

— É só um velho! — exclamou Sorfidis. — E, creiam-me céus, parece ter uma centena de anos.

— Será que está morto? — perguntou Elen.

— Não, ainda respira. Acho que a espada o atingiu, mas não com a lâmina — respondeu e foi recolhê-la. Em seguida olhou atento para Valfrido e Jade, que observavam obcecadamente o ancião desfalecido. — Algum problema com vocês?

— Ah, não, capitão — Valfrido balançou a cabeça. — É só que eu tenho uma impressão de que...

— Já o vi em algum lugar — completou Jade, por si mesma.

Valfrido assentiu:

— Verdade. Esse rosto não me é estranho.

— A mim também não — disse Elen, mas em tom de troça. — Já vi muitos gengibres com aspecto semelhante.

Somente Sordidis sorriu, pois os outros ainda pareciam revirar suas mentes na busca de uma imagem, de um nome, que não vinha. Jade desistiu primeiro, lembrando-se de que seria muito mais útil no momento desarmar aquela figura do que ficar velando-a até que despertasse e os tornasse garotos cozidos.

Ela desapoioou-se do ombro de Valfrido e agachou-se diante do velho.

— Ei, o que vai fazer? — perguntou Elen, temerosa.

— Vou garantir que não haja mais fogueiras indesejadas ou... — desamarrou e abriu o manto do desfalecido do tórax ao abdômen, fazendo-se mostrar uma impressionante composição de três cinturões: um em volta da cintura e dois cruzados no tronco, todos repletos de coldres de dedo, alças pequenas e diversos outros apetrechos por demais esquisitos. — ... O que mais isso tudo puder causar! Olhem só isso... é uma paleta-mestre! — os olhos dela fulguraram de admiração.

— Uma o quê? — A pergunta de Valfrido parecia ser a dos restantes também.

Jade estava tão hipnotizada que nem respondeu. E talvez não fosse necessário. Todos acabaram por compreender em detalhes o que aquilo tudo significava: o ancião arruinado diante deles era um alquimago, e dos bons. A

única pergunta, cuja resposta sequer conseguiam supor, era: o que estaria ele fazendo ali, na tenebrosa Ilha Fantasma?

Após se acalmarem e recobram a plena capacidade de raciocinar com cuidado, não foi difícil decidirem seus próximos passos.

Jade retirou a paleta-mestre do corpo do velho e admirou ainda mais o artefato em suas mãos. Estava louca para vesti-lo, já que poderia significar uma vantagem para a defesa de todos.

— Nós vamos ficar aqui esperando? — perguntou Elen. — Não seria melhor arrastarmos ele até o farol com a gente? Pelo menos não ficamos aqui ao relento sei lá por quantas horas.

— Não é má idéia — disse Sordidis a cofiar o queixo, mas ao olhar a careta que Valfrido fez, pensou melhor no assunto. — Se bem que, cansados como estamos, talvez desabemos com ele no meio do caminho.

— E nada impede que ele desperte de repente e nos pegue de surpresa! — a idéia de Valfrido causou arrepios nele mesmo.

— Garanto a vocês que o matusalém aí é totalmente inofensivo sem essa maravilha aqui — afirmou Jade, agitando de leve os cinturões no ar, e após breve pausa, acrescentou em tom enigmático: — Não sei se pensaram nisso, mas já é estranho termos um alquimago aqui, e ele ainda age feito um doido assassino?! Difícil de digerir!

— Talvez não. — Sordidis usava a ponta da espada para erguer aquelas densas mechas pálidas de cabelo e visualizar melhor aquele rosto decadente. — Pode ter vindo parar na ilha por acidente, sabe-se lá há quanto tempo, e ter ficado maluco. Na idade em que ele parece estar, não é difícil perder a sanidade.

— É verdade — concordou Jade. — Nunca vi um ancião como ele agir com tanto vigor. Deve ter feito a si mesmo, e isso é perigoso se usado com exagero.

Valfrido soltou um suspiro impaciente:

— Louco ou não, será justo não fazermos nada por ele? E se estiver pior do que imaginamos? Não seria certo deixá-lo morrer.

— Ele tentou nos matar! — disse Elen.

— Mas Jade disse que não oferece mais perigo! — o garoto replicou com uma firmeza que chegou a acuar a observadora, fato que o constrangeu imediatamente.

— Tudo bem... — Jade se interpôs entre os restantes e o velho. — Vou tentar descobrir a quantas anda nosso companheiro aqui.

Sorfidis fez um gesto afirmativo com a cabeça e foi sentar-se a alguns metros dali. Elen foi para junto dele, com uma expressão bastante triste no rosto. Valfrido soltou um suspiro incômodo, e virou-se para Jade.

— Quer ajuda? — agachou-se ao lado dela.

— Claro. Me ajude a segurá-lo se ele ficar histérico. — A alquimaga abriu um pequeno sorriso de troça para Valfrido, e em seguida voltou a tatear de leve a testa do velho.

A certa distância dali, Elen e Sorfidis conversavam silenciosamente, acomodados lado a lado ao pé de uma árvore.

— Esse lugar já está acabando com a gente, não está? — murmurou ela.

O jovem Murtod voltou os olhos para o que podia enxergar do ancião.

— Precisamos ser fortes, Elen. Vamos manter os pés no chão, não importa o que aconteça.

Ela balançou a cabeça devagar, seguindo o olhar do rapaz, que ainda repousava no ancião desfalecido.

— Olha só pra ele, Fidis... Esse homem devia ser um sábio. E mesmo assim ficou desse jeito. É tão desesperador...

— Não sabemos nada ainda sobre ele — o garoto fulminou-a com o olhar. — Mas ao que parece, esteve sozinho... e nós não estamos.

Houve um momento de silêncio após aquelas palavras. Refletiram, e de relance Sorfidis jurou ter visto um brilho de esperança nos olhos da amiga.

Alheios a tudo em volta, Valfrido e Jade concentravam-se no desfalecido. A garota suspirou após um breve momento de silêncio, e encarou o curiosíssimo bardo.

— Não sei o que dizer sobre isso. — Parecia um tanto irônica.

— Como assim?

— Nada. Não sei se devemos nos preocupar ou não... quer dizer, sua vitalidade está estável, o que significa que ele está bem.

— Entendi. — Valfrido relaxou e sentou-se ao chão, um pouco mais afastado do velho. — A notícia ser boa ou ruim vai depender do que ele fizer quando acordar, não?

— Isso mesmo, e não vai demorar. — Ela levantou-se pesadamente, e ia dizer mais alguma coisa, quando aquele som pegou-lhes novamente de surpresa: o grasnar misterioso na floresta.

Em um segundo estavam todos em pé e alertas. Não tinham prestado atenção, e aquele em especial tinha soado um tanto onipresente.

— Era exatamente isso que eu ia mencionar agora — disse Jade, virando o rosto em todas as direções. — É lógico que não era o ancião quem estava fazendo esse ruído.

— Eu pensava que tinha sido uma armadilha dele para nos atrair — Sorfidis falou alto de onde estava.

— Bom, pelo menos é uma coisa agradável termos algum sinal de...

Elen parecia quase contente por dentro, mas não pôde completar a frase. O ancião acordou de modo tão repentino que deu em todos um tremendo susto. Gritava como um animal, e afastou-se dos garotos quase que se arrastando. Em seguida, após abraçar um tronco de árvore, encapuzou-se, virou-se desesperado para o quarteto e apalpou convulsivamente o próprio corpo, procurando por suas substâncias.

Apesar de tudo, naquele momento o aspecto dele começou a se tornar idêntico ao de um bicho acuado, mas pronto para agredir em jus aos seus instintos.

Após alguns poucos segundos naquela cena, em que ninguém conseguiu tomar qualquer atitude senão olhar estático para a figura, Jade, que parecia mais encantada do que assustada, fez menção de dirigir-lhe a palavra, mas outro grasnar se fez ouvir, e por incrível que pudesse parecer, fez o velho silenciar completamente. Ele olhou em volta de olhos esbugalhados, e em seguida começou a proferir em voz cada vez mais alta:

— Me perdoe! Me perdoe meu amiguinho! Venha para mim, por favor!

Os garotos entreolharam-se com expressões de espanto.

— Ei, senhor! — Valfrido disse, um tanto receoso, e teve quase de gritar, pois a voz do ancião já estava escandalosa. — Senhor!

Mas ele parecia nem notar suas presenças, e continuava a chamar por alguém em todas as direções.

Foi quando um pequenino vulto voador pousou nos galhos de uma árvore próxima. Todos voltaram para lá os olhos, e o velho pareceu jubiloso:

— Oh... Oh, venha! — cambaleou com dificuldade para perto dali.

— Não! — Jade gritou. — Pode ser um animal escravizado! Vai usá-lo contra nós!

Sorfidis não compreendeu bem o que aquilo significava, mas sabia o que poderia fazer. Correu resoluto para cima do ancião e derrubou-o de um encontro.

Jade remexeu seu cinto e preparou-se do que tinha para defender a si e seus amigos, mas quando o pássaro voou novamente e pousou no solo, exatamente entre todos, a alquimaga ficou tão chocada que deixou suas substâncias irem ao chão. Reconheceu de imediato aquelas penas verdes, o bico adunco cinza bem escuro, a testa amarela e o contorno azul em volta dos olhinhos: era Pudim.

Sorfidis lutava para tentar imobilizar o ancião, enquanto os restantes ocupavam a atenção com o pássaro, que agitava-se nervosamente, girando confuso em todas as direções e grasnando.

— Não! Não! — o velho urrava, tentando desvencilhar-se. — Deixem-no em paz!

Sorfidis, suado e ofegante, virou o rosto para os amigos:

— Jade! Faça alguma coisa com esse bicho! Não fique aí parada!

Encorajada e despertada de seu deslumbramento, ela caminhou lentamente na direção da ave.

— Pudim! É você! — agachou-se. — Eu sei que é!

Aquela atitude, extremamente estranha à Elen e Sorfidis, os fez pensarem que a amiga havia enlouquecido de vez. O velho continuou a se debater com ainda mais vigor, mas conteve-se tão logo o pássaro pronunciou uma fala um tanto engasgada:

— *Jade!* — repetiu várias vezes, e deu passinhos na direção da dona.

Jade ofereceu-lhe o antebraço, e Pudim aceitou prontamente. Em seguida, foi quase sufocado entre beijos e carícias da menina. Valfrido juntou-se a eles, soltando diversas exclamações de satisfação.

O ancião, nesse ponto, estava paralisado como uma estátua, admirando a cena como quem acabara de ver uma assombração. Sorfidis percebeu a resistência dele definhar aos poucos, até que se sentiu seguro para soltá-lo.

— Oh... mas isso não pode ser, não...! — sussurrou o velho.

Sorfidis, só por segurança, botou-lhe a lâmina à garganta.

— É melhor não tentar nada — ordenou. — Explique-se, homem. Por que nos atacou?

— Não machuquem a pobre ave, por favor! — implorou, cheio de dor na voz trêmula.

— O que está dizendo? Pudim é nosso! — retrucou Valfrido, um tanto enfezado.

O ancião encarou Valfrido profundamente, mas seu semblante não denotava contrariedade ou resignação, mas sim um imenso vazio.

Após alguns segundos sendo fulminado, o garoto sentiu-se ainda mais incomodado, e desviou o olhar para Pudim; o olhar, mas não a atenção, pois em seguida a voz do velho recitou palavras suaves, quase um canto, que aos outros parecia apenas delírio, mas que, estranhamente, deixou Valfrido gradativamente pálido e circunspecto:

— Valham folhas a árvore... Sejam gotas o mar... Um pedaço é meu mundo todo... Sei quem você é, juvenzinho. Eu sei...

— Valfrido, o que foi? — Elen aproximou-se dele, preocupada com seu abatimento repentino. Ele não respondeu, e olhava fixamente para o velho.

Sorfidis julgou que Valfrido recebera alguma espécie de efeito traiçoeiro, lançado pelo alquimago, e voltou a agarrá-lo ameaçadoramente.

— Ei, o que foi que você fez com ele? Responda! — berrou, mas o ancião apenas ficou encarando-o com seriedade.

— Capitão, espere... — a voz de Valfrido veio confundir-lhe os ânimos. — Ele... ele não me fez nada.

O alquimago virou o rosto em sua direção, e pareceu animar-se um pouco.

— Eu sei de você. Eu sei. Oh, desculpe! — sua voz parecia muito sofrida e enrouquecida. — Desculpem, todos vocês. São amigos, não são? Veja só meu amiguinho... — olhou para Pudim. — Parece contente, enfim.

Ao adquirir um semblante mais terno e sereno, o ancião pareceu muito mais humano, e talvez mais reconhecível. Jade observava sua figura, mas estava confusa.

— Senhor... pode olhar para mim? — pediu ela, com voz um tanto receosa.

O velho resmungou alguma coisa, e baixou a cabeça, estranhamente constrangido. Parecia que, de repente, ficara com vergonha de sua situação. Chegou a colocar a mão esquerda entre seu rosto e a garota.

— É melhor colaborar. — Sorfidis baixou o braço dele e o fez expor a face.

Tudo então se tornou diferente, intenso. Jade pôde, pela primeira vez, admirar aquele par brilhante de olhos negros, e absorver o que poderia haver neles. A princípio, duvidou de suas próprias conclusões, por serem suas sensações um tanto similares à ocasião em que confundira o esqueleto com seu pai. A diferença, naquele caso, era que o objeto real estava de fato vivo, mas o que Jade enxergava era alguém que estava, digamos, muito mais vivo do que deveria... Ela olhou para Valfrido, que estava com uma cara bastante esquisita.

— Frido... — chamou, parecendo incerta.

— O quê?

— Você também teve impressão de já ter visto esse homem antes. Por acaso ainda não descobriu quem é?

Havia um tom misterioso naquela fala, tanto que Valfrido virou-se para ela de sobrelhas encolhidas, e percebeu que a amiga aparentava ter uma suspeita muito absurda.

— Pode deixá-lo, capitão — pediu ele ao amigo que, meio a contragosto, largou do velho e afastou-se um passo. Valfrido, após uma breve pausa, dirigiu-se à figura maltrapida: — Qual o seu nome, senhor?

Ele gaguejou. Parecia que iria responder naturalmente, mas algo lhe escapara. Com o passar dos segundos, foi ficando constrangido, e dava para perceber que tentava manter a naturalidade, mas sem muito sucesso.

Os garotos entreolharam-se. Estranhavam muito mais aquele comportamento do que o fato do indigente aparentemente não saber o próprio nome. Era esquisito porque o velho, naquela situação, dava a entender que saber seu nome era de vital importância.

Jade emocionou-se. Seus olhos marejaram, e ela deu passos na direção do anônimo.

— Ele também, Frido... — disse duas ou três vezes. — Faz sentido.

— O que, Jade? — perguntou o bardo, também muito emocionado, mas ainda cheio de dúvidas.

Ela não encarou os amigos, e continuou bem de frente para o entristecido e acuado ancião. Após algum silêncio, disse a ele com ternura:

— Não há o que temer, senhor Zental DiÁdora. Não somos piratas.

Valfrido, ao ouvir aquele nome, e ver o alquimago erguer um rosto resignado, quase caiu para trás.

18

ZENTAL DIÁDORA

— Não acredito... — Valfrido estava abismado com aquela revelação. Levou as mãos ao rosto e balançou a cabeça negativamente. — Como pode ser? É Zental, eu... eu vi seu rosto no quadro.

— Frido, do que estão falando? — perguntou Elen. — Esse nome não me é estranho.

— Talvez devêssemos deixar ele mesmo explicar — sugeriu Jade, e todos ficaram no aguardo, encarando o velho.

— Eu... eu preciso revelar-lhe, meu jovem — disse Zental, mirando Valfrido fixamente. — Há coisas importantíssimas que preciso lhe dizer.

O garoto respirou fundo, sentindo grande ansiedade.

— Tem a ver com meu pai? — Temeu bastante a própria pergunta, talvez por sentir o risco de não ver satisfeita sua expectativa. Mas o rosto do ancião logo desanuviou-se por completo, e ele quase sorriu.

— Sim, sim! Seu pai, o homem da música! — Ergueu-se e adquiriu um aspecto de urgência. — Há um grande perigo, rapazinho. Preciso contar tudo a você.

Valfrido quase desmanchou-se. Parecia não acreditar no que estava ouvindo. Fossem boas ou ruins as notícias, o simples fato de tê-las já valia todos os maus bocados pelos quais passara.

Prevendo a falta de cautela que viria com aquele desarme emocional, Jade procurou manter o bom-senso da situação:

— Vamos com calma, senhor DiÁdora. Sei bem quem é o senhor, sei de sua fama e tudo o mais... só que, primeiro, temos direito a algumas respostas, não acha?

— Isso mesmo. Não venha com todo esse papo amigável, depois do que nos fez passar aqui — reforçou Sorfidis, bastante desconfiado.

Zental olhou de um para outro, um tanto frustrado, mas por fim aquiesceu.

— Pois bem, sei bem quais são suas perguntas — disse, com voz serena e penetrante. — Para uma delas, a resposta é a ave, minha primeira amiga em tanto tempo de solidão absoluta. Para a outra pergunta — deu outra olhadela para todos —, sinto muito, mas não faço idéia.

Jade deu um passo à frente:

— Quer dizer que nos atacou por pensar que fôssemos machucar Pudim?

— *Velho amigo, Jade!* — falou Pudim. — *Gosta de Pudim! Diz que Pudim caçoa dos alquimagos!*

Sorfidis ia dizer algo, mas conteve-se de repente, como se tivesse levado um choque, e, exatamente como Elen, ficou a olhar estático para o bicho.

— Não entendo nada de animais — gaguejou Elen —, mas esse aí não fala bem demais para um papagaio?

— *Jade fez Pudim, gaivota!*

— Ele chamou você de gaivota! — Sorfidis quase riu, achando aquilo incrível.

— *Porque é branquinha e leve, Um-olho!* — respondeu Pudim, acabando com a graça do garoto Murtod.

Valfrido empertigou-se, impaciente:

— Olha, não temos tempo para apelidos agora, Pudim — disse ele, e virou sério para Zental. — Temos que iluminar muita coisa nessa história toda.

— Isso mesmo — concordou Jade. — O senhor estava certo quanto às nossas dúvidas. Queríamos saber por que nos atacou, e como veio parar aqui na ilha. A primeira pergunta já foi respondida, e...

— E a segunda também, minha talentosa senhorita — interrompeu o ancião, calmamente. — Não me lembro, já disse.

Sua firmeza no semblante, ao término da fala, ruiu em leve comoção. Zental, que mostrava-se confuso, perdido, levou as mãos ao rosto, e escorregando-as para cima da cabeça, livrou a face toda de um grande punhado de cabeleira. Foi quando Jade soltou uma ligeira exclamação, e aproximou-se dele com bastante interesse.

— Senhor, deixe-me ver isso — estendeu a mão na direção do rosto barbado e desconfiado do velho DiÁdora.

— O... o que, pequenina? O que quer ver?

Os outros três se aproximaram, tomados de curiosidade.

— Esta marca aqui — sussurrou a alquimaga, analisando um risco largo e esbranquiçado bem no alto da testa do velho. Botou Pudim ao chão, para dar liberdade às mãos.

— Parece uma cicatriz — palpitou Valfrido.

— Com certeza é uma cicatriz — confirmou Sorfidis, apertando o olho bom para enxergar o melhor possível.

Valfrido, nesse momento, puxou Jade pelo braço seriamente e levou-a para metros dali, deixando Sorfidis ocupado em analisar e palpitar sobre Zental; e Elen, distraída com Pudim.

— Jade, está pensando o que eu estou pensando? — murmurou ele, tão ansioso que seus olhos brilhavam.

— Não sei, Frido — ela respondeu no mesmo tom. — É tudo tão... tão fantástico. É Zental, não tenho dúvidas... mas vê-lo vivo, e bem aqui...

— Pense comigo, porque você mesma disse quando o reconheceu... — o garoto respirou fundo, deu uma espiada nos outros, distraídos, e voltou a encarar a amiga. — Se Zental estava mesmo no navio que foi atacado, é óbvio que conseguiu escapar. E se... se ele mencionou um grande perigo, é porque tudo aquilo que conversamos pode ser verdade. Só não entendo o que ele faz aqui, nesta ilha!...

Os olhos de Jade flamejaram.

— Isso é o de menos, Frido. Talvez tenha sido só ferido e carregado para perto da ilha pela corrente. Aquela cicatriz pode muito bem justificar uma perda de memória.

— É isso que me deixa intrigado... Como ele parece lembrar de meu pai, então? Ele... ele recitou versos de uma canção dele.

— Pode ter sido apenas uma perda parcial. Isso acontece. Pensamentos que estão bem entalhados na mente podem permanecer inalterados, o que explica toda a habilidade com que manejou essa paleta-mestre.

Um sorriso comovido dançou no rosto de Valfrido.

— Puxa... e ele disse... você ouviu? Tem algo a dizer sobre meu pai, ele tem!

Jade sorriu para ele. Uma chama acendeu-se no coração dela ao ver que seu grande amigo, talvez o único verdadeiro amigo em tanto tempo, estava feliz como jamais o havia visto. E fazia sentido. Ao que tudo indicava, Valfrido teria finalmente alguma coisa muito importante para ouvir sobre sua busca, e quem sabe ela não chegasse logo a um desfecho?

Os dois, alguns instantes depois, voltaram para junto do grupo, e a situação ainda era quase a mesma.

— Senhor DiÁdora — chamou Valfrido, timidamente —, tem mesmo algo para me contar?

Zental levantou-se prontamente, a despeito de seu mal estado, e achegou-se ao garoto.

— Oh, mas claro... Não só para contar, mas principalmente — olhou de relance para os restantes — para mostrar!

Ao botar as mãos nos ombros de Valfrido, Zental tocou o dedo na superfície do estojo do alaúde, e neste exato instante seus olhos se esvaziaram. Ficou um instante em silêncio deslumbrado, e após voltar a encarar Valfrido, pediu-lhe que o deixasse ver o instrumento.

O rapaz não fez objeções, muito pelo contrário, pois o mestre poderia dizer coisas importantes sobre aquela fantástica criação.

— Então foi o senhor mesmo que fez? — perguntou Valfrido, abrindo a tampa do estojo.

— Sim, eu o fiz como quem faz a... — sua voz calou-se quando o alaúde cintilou diante dele, mas em seguida completou: — Como quem faz a própria mortalha.

— Que quer dizer? — arrepiou-se Elen, que já carregava Pudim afetuosamente no ombro.

Zental aprumou-se, olhou seriamente um por um, e depois dirigiu-se a Valfrido, com voz imponente e repreensiva:

— Escute bem, meu rapaz... venha comigo, pois tenho muito a lhe revelar. É quase inacreditável você estar na posse do alaúde, e ainda é tempo de resolver tudo sem envolver perigosamente seus amigos.

— Ei, velho, do que está falando? — irritou-se Sorfidis. — Já estamos envolvidos faz tempo, e vamos com ele até a morte, se necessário!

— Sou Zental DiÁdora, e não “velho”, rapaz sem respeito! — devolveu ele, com tamanha imponência que fez todos encolherem-se. — E não... vocês três não estão envolvidos ainda. Apenas pensam que estão, pois acham que estamos tratando do mesmo assunto. — Ele de repente estendeu o braço na direção de Jade, olhando para a paleta mestre que ela vestia. — E você, cara mocinha, para usar um desses, precisa merecer.

— Desculpe-nos, mestre DiÁdora — gaguejou Jade, envergonhada e cabisbaixa. Retirou prontamente a paleta-mestre e devolveu-a a Zental.

— Por favor, pessoal, talvez ele saiba o que está dizendo — disse Valfrido, de olhar suplicante para os amigos. Temia que, se continuassem irritando Zental, ele desistisse da tão esperada conversa.

— Esperem por nós na casa do farol, garotos — disse Zental, começando a andar. — Ou podem ficar aqui mesmo, embora eu não goste das sombras

deste lugar. — Parou, olhando para Valfrido como se o aguardasse. — Venha, rapaz, temos uma pequena caminhada.

Jade era a única que estava aparentemente mais tranqüila. Elen e Sorfidis olhavam pasmos para o amigo, que fechava novamente o estojo e se dirigia ansioso atrás do velho.

Antes de desaparecer por entre a mata, deu uma última espiadela nos amigos.

Os três ficaram quase cinco minutos ali parados, apenas pensando sobre o que acabara de acontecer. Jade sentou-se ao pé de uma árvore, Elen continuou imóvel, e Sorfidis começou a caminhar de um lado para outro impacientemente:

— Isso não está certo... — disse ele. — Num instante esse Zental quer nos matar, e noutro fica todo amigável. Não confio nele, não importa quão respeitável e famoso seja. Pra mim ele é um maluco, isso sim.

— Devíamos ter ido com ele — sussurrou Elen, quase chorando.

— *Mandrião volta, gaivota. Velhote é muito bom.*

— Calma... — Jade soltou um suspiro irritado de onde estava. — Vocês pensam assim porque não estão compreendendo bem a situação. Nós contamos tudo a vocês no navio, lembram? Sobre o alaúde, e o pai do Frido. Pois bem, talvez tenhamos esquecido de mencionar que Zental DiÁdora, ou seja, este senhor que estava bem aqui diante de nós, foi quem confeccionou aquele alaúde.

Elen continuou na mesma posição, e na verdade nem parecia ter ouvido aquilo, mas Sorfidis sim parou para digerir a informação. Após alguns instantes, ergueu o olhar para a alquimaga e quebrou o silêncio:

— Está certo, entendo sua posição. Mas quer saber o que eu acho? — aproximou-se, para dar ênfase ao que ia dizer. — Acho que ele ficou um tanto insano. Quer dizer... como foi que ele veio parar aqui? Que maldita cicatriz

horrenda é aquela? E isso sem falar no fogaréu todo que ele fez contra nós. Quase torrou a ilha inteira!

— Olhe, eu não disse que ele é o mesmo Zental que sempre foi antes de... desaparecer, ou ser dado como morto, sei lá! — Jade fez um gesto de desdém com a mão. — Tudo o que aconteceu a ele... ter ficado sozinho neste lugar horrível... deve ter causado amnésia, confusão mental. Mas acho que quando viu o Frido, alguma coisa o fez botar os pés no chão outra vez.

Elen, já com lágrimas nos olhos, finalmente esboçou uma reação. Virou o rosto entristecido para Jade.

— O Frido é bem parecido com Darteus — disse ela. — Os mesmos olhos... o mesmo jeito...

— Então foi isso — Jade levantou-se casualmente. — Se bem que Zental pode ter sentido a presença do alaúde.

— Faz sentido, faz sentido... — Sorfidis foi dizendo, mas parecia realmente inquieto. — Mas por que eu não consigo me convencer de que está tudo nos eixos, como você sugere?

— Porque não está tudo nos eixos — respondeu Jade. — Há um detalhe que me intriga, e pode ser o mesmo que, no fundo, está incomodando a você.

— E qual é?

— Aquela coisa estranha que Zental disse, sobre não estarmos envolvidos, lembra?

Elen, interessada, caminhou para perto deles:

— Isso eu também não entendi. Será que...? — Elen fez uma pausa, como se uma idéia estranha a tivesse acometido. — Será que o Frido escondeu de nós algum detalhe sobre essa história toda?

— Duvido muito. — A idéia pareceu absurda a Sorfidis.

— Eu também — concordou Jade, pensativa. — Acho muito mais provável que seja algo que nem mesmo o Frido saiba. Aliás — acrescentou com ironia —, estamos falando como se soubéssemos muita coisa a respeito...

Ficaram em silêncio por alguns minutos, apenas perdidos em seus próprios pensamentos. Muito embora, por mais diferentes que fossem umas das outras as idéias que processavam, todas levavam a um ponto em comum: a curiosidade por saber o que Valfrido traria para dizer quando voltasse.

Jade caminhou para perto de Elen, olhando carinhosamente para Pudim, e estendeu-lhe o braço para que se empoleirasse.

— Venha, Pudim. Que saudades de você... Pensei que nunca mais o veria. Agora vamos... me conte como chegou aqui, enquanto andamos.

— Para onde vai? — estranhou Sorfidis, vendo-a caminhar mata adentro.

— Não seria melhor irmos para a casa do farol, como sugeriu Zental? — respondeu ela, virando o rosto.

— Certo — concordou o garoto. — Melhor do que ficar aqui. Pelo menos uma coisa que o velho disse faz sentido.

— Ah, não. Eu prefiro mil vezes a floresta — recusou Elen com efusão. — Primeiro que não deveríamos sair daqui até Frido voltar, e segundo que... que... — pareceu temerosa.

— Segundo que...? — encorajou Sorfidis.

— Ah, só de lembrar de ter ficado presa naquela torre escura, me arrepio toda!

Jade, com um leve sorriso, aproximou-se da observadora:

— Mas Elen, por acaso não reparou que já sabemos que... — ela ia dizendo, mas conteve-se. Seus pensamentos, que vagavam por lembranças, começaram a se confundir com uma incógnita, e ela, instintivamente, começou a unir vozes, sentidos e imagens. Lembrou-se da escotilha trancada, e de Zental. Lembrou-se das convicções que ele apresentou, todas reativas. Ele não mostrara nada de imediato, fato normal para uma amnésia, mas e a escotilha?... E a baderna que havia sido deixada na casa do farol?... Uma baderna caótica, desesperada. Uma baderna de alguém que procura algo com fúria doentia, com inconsequência, com paranóia digna de... — Um louco!

— O que foi, Jade? — estranhou Elen. — Você está pálida... Não se sente bem?

— Oh, não... — ela balbuciou. — Temos que ir atrás deles. O Frido corre perigo!

— Mais essa agora! — exclamou Sorfidis, bastante frustrado. — É melhor você se decidir, moça!

— Foi Zental!

— *Foi Zental!* — repetiu Pudim, como sempre fazia em momentos intensos.

— Ele trancou a escotilha e revirou a casa! Só pode ter sido ele!

— Sim, mas o que tem de mais? — Sorfidis cruzou os braços, mais calmo do que Jade esperaria. — Ele estava doido, mas as lembranças o trouxeram de volta à sanidade, não? Você mesma disse que...

— Você não está entendendo! — interrompeu a alquimaga, visivelmente desesperada. — Ele trancou a escotilha para quê? Queria Frido e Elen presos, mas... O que estava procurando quando revirou a casa?

— Algo que nós tínhamos, e ele queria...? — palpitou Elen.

— O alaúde, é só o que eu consigo imaginar — disse Sorfidis.

— Claro! Não percebem? Ele não teve nenhuma luz quando viu Frido aqui, agora pouco! — Jade prendeu a respiração, logo antes dela concluir num grito sussurrado: — Porque ele já tinha visto Frido faz tempo!

19

O LABIRINTO ALQUIMAGO

Zental DiÁdora vencia a mata com a agilidade de uma raposa. Não fosse o estado de êxtase e ansiedade de Valfrido, o garoto não conseguiria acompanhar aquele ritmo.

No caminho, pensou em inúmeras perguntas, mas não teve fôlego para fazê-las. Zental não disse qualquer palavra, e apenas emitia sons que mais pareciam resmungos arfantes. Podia ser apenas impressão, mas uma ligeiríssima luminosidade parecia surgir dos locais onde ele esbarrava.

Quanto ao trajeto, pelo que Valfrido podia perceber, estavam fazendo um arco ao pé da montanha central. De tempos em tempos, erguia os olhos para visualizar o que era possível daquela muralha forrada de vegetação. A mata ali era mais densa, porém mais flexível, e toda aquela correria fazia seus corpos chocarem-se insistentemente contra a umidade pegajosa daquele mar de folhagens.

O odor de terra molhada deu lugar a um mormaço hortaliço, e a tal ponto a altura e consistência da floresta aumentou que Valfrido chegou a não mais ver onde Zental estava. Passou simplesmente a seguir o ruído à sua frente, e quando estava quase desistindo, tomado de cansaço e receio, emergiu num repentino espaço aberto. Logo percebeu-se diante de uma tenebrosa gruta, em cuja boca postava-se, como uma sombra contempladora, o velho DiÁdora. Ele virou-se lentamente para o garoto, e encarou-o com gravidade.

— Veja, DiPresto... — Abriu os braços, medindo a abertura. — Aqui jaz um segredo que jamais foi revelado a ninguém!

Houve uma pausa dramática. O som do vento realçou a aura misteriosa do momento. Por um instante, aquela caverna negra mais pareceu um poço mortal

do que um mero caminho montanha adentro, mas Valfrido tinha de ir em frente. Não seria necessário insistir para fazê-lo saltar de uma queda d'água se lá embaixo estivessem suas tão aguardadas respostas.

— Venha! Não tenha receio — chamou Zental, adentrando a escuridão da caverna.

Valfrido respirou por um instante, mas logo correu para que o velho não lhe sumisse de vista.

Ao alcançá-lo, poucos metros adentro, percebeu-o apalpando o alto da parede direita, como se tateasse na procura de algo. De repente, um singelo brilho esverdeado cintilou por debaixo de sua mão, e um risco finíssimo e brilhante fendeu na rocha e estendeu-se pelo interior da gruta até onde a vista alcançava.

Pôde-se então ter uma noção mais clara, mesmo que pouca, do aspecto do lugar. Era um túnel bem irregular e úmido. A primeira curva total não estava longe, mas, estranhamente, aquele fio mínimo de luz verde virava para a esquerda, quando era possível ver também uma entrada à direita.

— Eis nosso guia — afirmou Zental, parecendo exultante por dentro. — Não temos muito tempo até que o fio se apague, vamos.

Valfrido obedeceu, ao mesmo tempo curioso e temeroso. Toda aquela situação, aquele ambiente, exalava uma aura tão carregada que beirava o hostil. Mas o garoto seguia em frente, a despeito de tudo, pois uma força inconsciente o impelia pelos túneis esverdeados.

— ... sangue nas veias da Natura! — A voz de Zental reverberava pelo túnel. — Somos sangue nas veias da Natura!...

O fio luminoso ditou outras diversas direções por entre um aparente labirinto claustrofóbico. Valfrido perdeu a conta de quantas esquerdas e quantas direitas já havia dobrado atrás de Zental, mas a ansiedade daquilo tudo não distraiu o garoto a ponto dele não perceber um detalhe que o preocupou

bastante: a luz parecia, após vários minutos de caminhada, ter perdido parte da intensidade, que já não era muita.

Tentou afastar o desespero pensando que devia confiar na sabedoria do velho a sua frente.

— Senhor DiÁdora, ainda falta muito? — perguntou entre ofegos, e o som seco de sua voz o fez ter uma sensação mais forte de enclausuramento.

Zental não respondeu. Em vez disso, apressou-se um pouco, e após uma repentina curva para a direita, estacou, esticando-se todo ao atingir um espaço mais amplo.

— Está ouvindo isso? — sussurrou Zental, virando o rosto para Valfrido.

Aguçando os ouvidos, Valfrido percebeu, bem sutil, um ruído de água corrente.

— Sim, estou. É para onde estamos indo?

— Quase exato... — respondeu o velho, por entre uma risadinha grave. — Venha.

Caminharam mais algumas dezenas de metros, mas por um trecho menos apertado, e o som da água foi gradualmente aumentando. Nesse meio tempo, o fio esverdeado praticamente desapareceu.

Valfrido já ia dizer algo, pois, como na floresta, já não estava enxergando o velho à frente. De repente, porém, depois de um leve instante sem o baque sutil dos passos, a luz verde que antes era apenas um ímpeto opaco de luz mostrou-se forte e crescente em um ponto a cinco ou seis metros adiante do garoto.

Aquilo surgiu por debaixo da mão de Zental, da mesma maneira que na entrada da caverna, mas o que se revelava naquele instante era uma câmara não muito ampla, mas espaçosa o bastante para comportar dez, talvez quinze pessoas. O teto, se Valfrido esticasse o braço, poderia ser tocado. As paredes eram bastante irregulares, e ao lado oposto à entrada onde estava, no chão, pouco à direita, havia uma abertura mais larga do que alta, arredondada como

uma boca entreaberta, de onde vinha claro e cristalino o som de água corrente e abundante.

Zental dirigiu-se, com lentidão cerimonial, até o lado esquerdo da câmara, onde havia um arranjo de rochas que só então Valfrido percebeu não ser natural do lugar. Encaixadas à altura de seu tórax, na parede, no que parecia ser uma fenda, algumas pedras em desenhos geométricos diversos formavam uma espécie de tampão com três palmos de largura e um de altura.

— Oh... intacto como quando o deixei aqui — balbuciou Zental, estendendo a mão, mas sem tocar em nada. Após admirar por alguns instantes o arranjo, virou-se para o Valfrido, ainda à entrada. — Eu mesmo montei este compartimento. Dificilmente alguém poderia chegar aqui, e dificilmente poderia abrir isto se chegasse. — Seus olhos flamejaram de orgulho. — Qualquer um que tentasse abrir isto além de mim, inevitavelmente destruiria tudo o que há dentro.

— O que... — Valfrido aproximou-se cautelosamente. — O que tem aí dentro de tão importante, senhor DiÁdora?

— Quando eu lhe mostrar, rapazinho, vai compreender tudo, vai sim. Desde meu comportamento inicialmente condenável, admito, até os aparentes exageros de tudo isso. — Girou o dedo no alto, como que indicando a câmara toda.

— E tem a ver com... meu pai?

— Ah, seu pai... Conheci seu pai muito bem — suspirou, de ar sonhador, e voltou-se para o pequeno tampão de pedras. — Devo dizer que seu pai ensinou-me, sem ter intenção, os segredos de algo que eu vinha buscando a vida toda. Tornamo-nos grandes amigos, sim.

Valfrido engoliu seco. Um turbilhão de pensamentos lhe rodopiava na mente. Tirou o estojo das costas e o mostrou ao velho.

— Este alaúde... o senhor o fez para ele, então?

Zental virou o rosto para ele, estranhamente intrigado.

— Como sabe disso? Por acaso Darteus lhe contou? — perguntou Zental, num tom quase indignado. — Não, não é possível!

— Na verdade eu... na verdade Jade e eu andamos juntando algumas peças, e isso foi algo que passou pela nossa cabeça.

— Jade, Jade... a alquimaga, você diz? — Zental suspirou, um pouco mais tranqüilo. — Menina muito talentosa! Deve estudar...

— É, mas sobre o alaúde... por que o fez para meu pai?

O velho voltou a ocupar-se de remexer o tampo.

— Vou lhe contar. — Respirou longamente, deu uma olhadela para o alto, como que fazendo lembranças longínquas voltarem à tona. — Há alguns anos, conheci seu pai por acaso. Foi numa noite estranha... a primeira vez que visitei uma taverna em toda a vida, e a primeira em que postei-me diante de um bardo a expressar sua música com toda a alma. — Fez uma pausa, retirando cuidadosamente uma das pedras do tampão.

— O senhor nunca tinha visto um bardo antes? — indagou Valfrido, incrédulo.

— Parece um absurdo, eu sei! — ele riu. — Minha vida toda foi enclausurada, jovem DiPresto. Minha vida toda foi pelas químicas e com as químicas. — Olhou por um instante para as próprias mãos, bastante sujas e corroídas. — Às vezes esse ardor nos dedos nem me incomoda. É meu companheiro. Lembra-me do tempo que não desperdicei com ideais inúteis, com minhas... paranóias. — Sacudiu ligeiramente a cabeça, afastando certas idéias. — Bem... a música de seu pai me atingiu em cheio. Aquela melodia, rapazinho, me ditou muito mais do que meras sensações, meras emoções... Aquela melodia me mostrou a peça chave que faltava no mais ambicioso dos meus projetos.

Houve um momento de aguardo, no qual Valfrido esperou que Zental fosse continuar, mas enganou-se.

— E que projeto era esse? — perguntou, por fim.

— O que era, não posso revelar exatamente, e espero que compreenda. Muito perigo certas verdades podem trazer a você, muito mais perigo do que já o cerca.

— Mas se não vai me dizer a verdade, então por que me trouxe aqui?! — resmungou Valfrido, um tanto contrariado.

Zental fez outra pausa, durante a qual retirou mais uma pedra da tampa.

— Para mostrar-lhe em que meu projeto consistia, e não o que ele veio a se tornar, pois aí jaz o problema. Se assim fizermos, garanto que poderá obter muitas das respostas que procura.

— Está bem... estou esperando.

— Como dizia — recomeçou o velho —, desde minhas mais jovens épocas, sempre busquei uma coisa invisível, mas que existia realmente. Como o ar que respiramos, mas não enxergamos. Os anos foram-se passando, e eu sentia a verdade cada vez mais distante, opaca... Talvez você seja jovem demais ainda para compreender o quanto é decepcionante para alguém perceber o objetivo de sua existência ir-se embora como as ondas. — Deu uma olhada rápida em Valfrido, e retirou outra pedra. — Graças a seu pai, tudo voltou à tona. Não pensei, de imediato, que houvesse encontrado o fator que tanto busquei... fui cauteloso. Mas após muito trabalho, no qual seu pai me auxiliou, obtive sucesso, finalmente!

Valfrido tinha as sobrancelhas franzidas. Ouvia a tudo aquilo com redobrada atenção, mas nada fazia, ainda, qualquer sentido para ele.

Zental livrou-se cuidadosamente das últimas pedras que formavam a tampa, e admirou o escuro compartimento como a uma flor rara.

— Oh... sucesso... — balbuciou, quase consigo mesmo. — *Sucesso*, pensei eu, tão tolo. Tão dopado estava pelo orgulho que não percebi certas implicações ainda mais fantásticas de minha descoberta.

— É esse o perigo a que se referiu?

— Sim, e quem diria... — seus olhos perderam-se no vazio. — O que eu buscava era o segredo do espírito humano. Sim, porque toda vez que eu concluía uma nova invenção, por mais incrível que fosse, não era mais que um pálido reflexo do que eu tinha na mente! Percebe? Meu espírito, minha alma sabe o que quer, mas está presa a este corpo incompetente — olhou com desgosto para as próprias mãos. — É assim com todos nós, DiPresto... Somos espíritos poderosos, os próprios sopros da Natura, porém estamos enclausurados nestas jaulas de ossos e carne, transformando incessantemente nossos pensamentos em palavras inúteis, gestos insignificantes e imagens pobres! Não, DiPresto... nossas almas são muito mais do que tudo isso! E seu pai mostrou-me a chave para o enigma. Os sentimentos, meu jovem... eles são a linguagem do espírito! Não as palavras, não as imagens... mas os sentimentos!

— Eu... eu acho que entendo, senhor DiÁdora. Mas o que exatamente isso tem a ver com meu pai?

Zental encarou Valfrido com olhos faiscantes, abriu os braços e passou a caminhar pela câmara como se estivesse na mais bela das paisagens:

— Tudo, DiPresto! Eu não imaginava nada disso até que conheci seu pai! E após ter meu espírito capturado pela linguagem invisível de sua música, pensei que talvez ela fosse o segredo! A linguagem absoluta do subjetivo! A mesma conexão íntima entre a Natura e o homem! O amor secreto entre Criador e Criatura, DiPresto! A música não representa o sentimento, meu jovem, ela torna-se o próprio e nos invade! A angústia, a alegria, o ódio, mas principalmente o amor! A mais poderosa das forças criadoras! Isto ficou bastante claro quando seu pai executou uma certa melodia, e descobri que minha experiência poderia ter graves conseqüências... — Zental conteve a própria agitação, respirou solenemente e caminhou de volta até o compartimento aberto na parede. — Prepare-se, pois logo compreenderá tudo que estou dizendo.

Valfrido engoliu seco, confuso e excitado. Zental enfiou os braços no buraco e finalmente puxou para fora do compartimento o que tomara nas mãos.

A princípio nada pareceu de espetacular, mas quando o velho soprou a poeira e mostrou o objeto bem de frente para Valfrido, ele ficou boquiaberto: era uma espécie de maleta ou estojo retangular e fino, de dois ou três dedos de espessura, e tinha as mesmas características do estojo do alaúde, bem como a assinatura de Zental no centro da tampa.

Por alguns segundos não houve palavras. Valfrido fixava-se no estojo, e Zental fixava-se no rosto do jovem bardo.

— Deve estar se perguntando, DiPresto, qual a ligação entre os piratas, seu pai e estes objetos fantásticos — ele falou lentamente, sem piscar. — Pois vou lhe mostrar. Eu não abro esta caixa há muito tempo, mas esta é a hora perfeita para uma exceção.

Com muito cuidado, como se tivesse em mãos um vaso raro e frágil, Zental abriu o fecho, e com lentidão solene, foi levantando a tampa diante de Valfrido, sem tirar seus olhos dos dele.

O garoto sentiu o peito apertar à medida em que o conteúdo saía da escuridão para revelar-se sob a luz esverdeada. Mas quando pôde-se ver perfeitamente o que havia lá dentro, toda aquela tensão deu lugar a uma mistura de frustração e dúvida. Só Zental, que continuava a mirar Valfrido, mantinha o mesmo semblante.

— Não é lindo? — balbuciou o velho.

— Bem, eu... na verdade não sei — respondeu Valfrido, coçando a nuca e pensando no que haveria de tão belo em um amontoado de papéis em branco.

Zental franziu as sobrancelhas, estranhando aquela afirmação, e em seguida baixou os olhos para o estojo, virando o conteúdo para si. Imediatamente, um rubor assustador começou a tomar conta de suas faces, e seu corpo todo passou a tremer visivelmente.

— Senhor, algum problema? — estranhou Valfrido, dominado por um profundo receio.

Zental não respondeu. Em vez disso, pôs-se a esvaziar com violência o estojo, espalhando dezenas de papéis velhos pelo chão.

Valfrido já afastara-se para a entrada da câmara, de frente para a cena, pronto para correr dali caso o velho resolvesse lançar seu surto de loucura sobre ele, mas de súbito a brusquidão cessou. Zental, arfando pesadamente, de olhar vazio, relaxou os braços e deixou o estojo ir ao chão. Parecia estar extremamente exausto.

— Não, não... é impossível! — repetiu continuamente, e então enterrou o rosto entre as mãos, quase gritando. — Foi roubado! Roubaram o painel!

Valfrido queria falar alguma coisa, mas a voz não saía. Estava pasmo diante daquela situação. Esperou por alguns instantes, de costas grudadas à parede, até que Zental, num gesto brusco de cabeça, voltou a encará-lo de olhos em chamas.

— Menino, você precisa me ouvir — sibilou ele, em tom de urgência insana. — Está tudo pior, muito pior do que eu imaginava!

— O que está acontecendo?!

— Não importa! Você precisa me dar o alaúde! Ele não pode mais ficar com você! Nunca devia tê-lo encontrado! Vai pôr tudo a perder!

Valfrido abraçou-se ao alaúde.

— Pôr o que a perder, afinal? — perguntou em voz alta. — Eu preciso saber o que está havendo!

— Pare de ser teimoso, rapaz! Não há tempo para nada! Você não vai querer ter parte na culpa de tamanha tragédia, vai?!

— Nada do que o senhor diz faz sentido pra mim! Não vou entregar a única lembrança que tenho de meu pai a alguém em quem não confio!

Zental empertigou-se de maneira incomodada, parecendo querer ocultar uma grande frustração.

— Isso não é hora para sentimentalismos... — murmurou ele roucamente. — Em primeiro lugar, este alaúde não lhe pertence. Em segundo, é perigoso

demais, e está se tornando mais e mais perigoso a cada instante! — Deu um passo adiante. — Vamos, dê-me isso agora!

Valfrido encolheu-se contra a parede da câmara, apertando o instrumento contra o peito.

— Já disse que não vou entregar nada! E vai ser assim enquanto eu não souber a verdade!

O velho respirou fundo, lentamente, e seu olhar brilhava de fúria. Sua voz, porém, soou baixa e enrouquecida:

— Não sou estúpido, garoto. Não sou estúpido o bastante para achar que, se eu lhe contar tamanho segredo, você irá me entregar o alaúde... não... — Fez uma pausa, moveu-se mais para perto de Valfrido e estendeu a mão bem devagar. — Dê-me o alaúde, agora.

Naquele ponto, o bardo tinha perfeita noção da ausência de sanidade daquele homem. Estavam num momento crucial, onde Zental figurava como um vulcão de fúria prestes a explodir. Mas Valfrido, tirando coragem de uma fonte que desconhecia, manteve o olhar firme, e falou com a voz mais severa e mais suave que conseguiu:

— Você não vai pôr as mãos nele, Zental... A não ser que me mate, e depois arranque meus braços.

O outro tremulou ligeiramente, como que eletrizado por aquelas palavras. Gradualmente, então, começou a ficar mais agitado, e sua respiração tornou-se mais rápida. Disse enfim, sílaba por sílaba:

— Dê-me o alaúde!

Valfrido arrastou-se pela parede em direção à saída, num gesto brusco, mas Zental saltou sobre ele, tentando agarrar o estojo.

Tudo tornou-se caótico e estranho como num pesadelo. Já não havia qualquer vestígio de humanidade naqueles dois: eram então um par de animais engalfinhando-se como leões por um pedaço carne fresca.

A disputa esteve de igual para igual, entre pancadas e agarrões, até que a idade avançada de Zental fez-se empecilho. Começou a ficar em desvantagem naquela frenética luta. Num lampejo de lucidez, Zental tentou livrar seus braços para alcançar sua paleta-mestre. Percebendo o gesto, Valfrido sentiu uma pontada de desespero. Foi então que, num esforço instintivo e quase descomunal, afastou o quanto pôde o corpo do ancião com um dos braços e, apoiando seu pé direito por cima do abdômen magro do alquimago, empurrou-o com toda a força da perna para longe.

O corpo do velho DiÁdora não pôde resistir ao golpe. Lançou-se para trás desequilibradamente e, após bater com o alto das costas no topo da outra abertura na parede, dobrou-se e escorregou fresta adentro. Zental ainda tentou agarrar-se à borda em desespero, mas a viscosidade da rocha o traiu. Ele desapareceu, caindo na escuridão com um grito assustador.

Valfrido estava em choque. Tudo o que via parecia fruto de um sonho frenético. As paredes, a luz, tudo era turvo e de um rebrilhante opaco e verde. Um lampejo fez o garoto respirar e revirar a mente na busca do que fazer. Parecia lógico: sair dali e ir ao encontro dos amigos o mais rápido possível.

Num instante voltou-se para o corredor e pôs-se a andar depressa e às apalpadelas. Demorou a passar por sua cabeça que, sob aquela escuridão tremenda, ele possivelmente se perderia. Olhou para o teto, mas a linha luminosa que indicara o caminho já havia desaparecido. Um desespero horrível agulhou suas entranhas num protesto claustrofóbico, mas ele continuou andando, a respirar cada vez mais forte e depressa.

Em determinado momento, tendo a impressão de que alcançara a primeira bifurcação às cegas, seu desespero aumentou. Não podia errar o caminho e perder-se ali dentro, ao mesmo tempo em que não sabia o que fazer.

Vociferou, fazendo sua voz ecoar pelos tubos de pedra como o lamento insano de um desgraçado. Em seguida, voltou-se para o alto e passou a gritar para o teto:

— Por quê?! Acenda, maldita! Acenda!

Em poucos instantes, já esmurrava e esfregava a rocha úmida, sem dar atenção aos esfolões que ia ganhando nas mãos. Foi tão simples, pensou... Zental acendera aquela linha luminosa com um mero toque... por que Valfrido também não poderia fazê-lo? Em seu desespero, esquecera-se até de que não era um alquimago, mas sim um bardo. Na verdade, esqueceu-se até mesmo de que era um bardo, pois não prestou atenção ao tão estimado estojo quando este foi ao chão devido ao seu descuido.

Quando, porém, o baque do objeto se fez ouvir, seguido de um ressoar das cordas do alaúde lá dentro, imediatamente o garoto paralisou-se. Ficou imóvel por um breve instante, mas o que lhe chamara a atenção não foi a noção de ter derrubado seu tesouro, mas sim um sutilíssimo flash esverdeado que apareceu. E uma quase imperceptível mancha fina ainda cintilava no teto, estendendo-se alguns metros pelo túnel.

Não tinha dúvidas: a linha havia piscado. De início, Valfrido ficou confuso. Não pensou de imediato o que poderia ter causado aquilo, e o que fez foi seguir o caminho que o restante da luz indicava.

Andou depressa, quase correndo, até o momento em que se viu novamente abandonado à total escuridão. Foi então obrigado a vasculhar suas idéias na busca pela razão da linha ter se acendido.

Seu primeiro gesto, alguns instantes depois, foi o de repetir os murros e tapas contra o teto, só que desta vez de modo consciente. Nada aconteceu, e a dor em suas mãos o fez desistir. Resmungou baixo palavras desesperadas. Botou as costas contra a parede e escorregou até sentar-se no chão, com estojo ao colo.

De repente, um estalo o fez prender a respiração... seria aquilo? Bem provável...

Sem nada a perder, e sem qualquer idéia melhor, abriu a tampa com rapidez e posicionou o alaúde para tocá-lo. Deteve-se por alguns momentos,

temendo o preço de seu fracasso, mas disse a si mesmo que não encontraria saída se não tentasse de tudo, e aquela possibilidade que lhe ocorrera, parecia bastante cabível.

Fechou os olhos, respirou fundo, e não fez qualquer acorde em seu instrumento: apenas soou as cordas a esmo, numa leve e lenta passada de mão.

Os segundos foram correndo. A escuridão era total, e Valfrido temia que continuasse assim quando abrisse finalmente os olhos. Mas quando o fez, quase gritou de satisfação, e um fluxo quente de ânimo irrompeu em seu peito e percorreu seu corpo. A linha-guia estava acesa, talvez mais clara do que quando Zental a ativara na entrada.

Valfrido nem perdeu tempo tirando conclusões sobre o acontecimento. Havia cogitado uma possível ligação ativa entre o velho alquimago e sua obra, no caso o alaúde, e para ele aquilo bastava. Preocupou-se, no momento, apenas e correr dali o mais rápido que pudesse.

Aqueles corredores claustrofóbicos de rocha esverdeada estavam cada vez mais assustadores e surreais, mas nada distraía a mente do bardo em sua fuga frenética. Pensava apenas nos amigos, e em juntar-se a eles para contar o ocorrido.

A linha luminosa ainda brilhava forte quando Valfrido atingiu enfim a boca da caverna. Caiu de joelhos, ofegando como nunca, sentindo-se terrivelmente cansado. Ergueu o rosto para o alto e sentiu gotas de chuva caírem-lhe mornas na face.

Respirando aquele ar de liberdade, renovou suas forças e pôs-se novamente de pé. Em seguida, olhou ao redor, como que testando suas percepções, mas seu senso de direção lhe dava algumas certezas sobre o rumo a seguir, ao menos de imediato.

Não calculou se agüentaria o retorno todo sem paradas, pelo menos não na velocidade que pretendia imprimir às pernas. Olhou resolutamente para a mata e embrenhou-se nela com vigor.

Por algum tempo esteve seguro quanto ao rumo que seguia, mas uma sensação desconfortável foi apossando-se dele aos poucos, até que parou para tomar fôlego e teve a impressão de estar perdido.

Tentou encontrar a montanha, porém árvores densas que ali se punham tapavam qualquer cenário além.

Valfrido ia ironizar a própria desgraça, quando ouviu um grasnar bem ao longe. Seus ouvidos tinham se habituado ao som da chuva, de modo que não teve dúvidas do que acabara de captar: era Pudim.

Imediatamente, então, pôs-se a chamar pelos amigos o mais alto que podia. Fez um primeiro intervalo, aguardando resposta, mas nada lhe retornou. Gritou novamente, e caminhou na direção do ruído que ouvira momentos antes. Outra vez não obteve resposta.

Começou a achar o fato um tanto estranho. Pensou estar tendo alucinações, até que outra vez o grasnar ressoou. Chegou a levar um pequeno susto, pois aquele viera de perto. Virou-se na direção correspondente e ficou estático, numa expectativa torturante.

Em poucos segundos uma coisa pequena, mas barulhenta, avançou em vôo sobre Valfrido.

Pudim calculou pousar sobre o ombro do rapaz, mas Valfrido caiu sentado com o susto, e a ave passou direto, indo aterrissar no chão.

— Pudim! Desculpe! — exclamou Valfrido, virando-se agitado para o pequeno amigo. — Você está bem? Onde estão os outros?

O papagaio estava com um aspecto de dar pena: todo trêmulo e com o bico a abrir e fechar. Não obtendo resposta, Valfrido recolheu o pássaro com cuidado e o aninhou nos braços.

— Calma, amigão... Que nervosismo todo é esse? — disse em tom mais suave, mas sem conseguir esconder a própria tensão. — Eles não vieram com você?

A resposta tardou vários instantes, mas a espera não amenizou o impacto das palavras de Pudim:

— *Foram levados! Piratas levaram todos!*

Valfrido não disse nada, apenas empalideceu. Não perguntou se Pudim tinha certeza, nem soltou qualquer exclamação desesperada. Era como se sua mente não encontrasse meios quaisquer de exprimir o que ele sentia.

20

NA PRAIA SUDOESTE

— *O outro lado, mandrião! Outra praia!* — foi o que se ouviu da voz áspera de Pudim, um bom tempo antes de Valfrido cessar uma corrida desenfreada guiada por ele. Contornaram a base da montanha e, atravessando grande distância em mata densa, chegaram até outro extremo da Ilha Fantasma.

O que Valfrido pôde ver ao botar os pés em areia aberta foi realmente espantoso, e ele imediatamente recuou para esconder-se atrás das folhagens. Parecia incrível, mas os relâmpagos da tempestade que se aproximava pintavam o quadro luminoso: parecia que alguém estava construindo um píer ali. Dois navios se desenhavam ao fundo, no mar, ancorados a certa distância um do outro, e um deles lhe pareceu familiar em forma, mas a visibilidade estava péssima. Algumas cabanas bem mal feitas erguiam-se ao longo da praia, não muito distantes de onde as ondas morriam. Valfrido terminou por fixar seu olhar em uma delas, a única que ostentava uma leve luminosidade. Reparou que em frente a esta, à beira da água, havia dois pequenos botes.

Pudim, pousado no ombro do garoto, não demorou para abrir o bico:

— *Estão lá na cabana, estão lá com os piratas!*

— É mesmo, Pudim? Tem certeza? — perguntou Valfrido, quase sem ar nos pulmões.

— *Pudim viu! Pudim voou pra contar!*

Valfrido tentou limpar a mente por um instante e poder pensar em algo. Deu nova espiadela no cenário todo, e outra vez algo o intrigou num dos navios ancorados. Voltando-se para as cabanas, percebeu que aparentemente não havia gente pela região. Ninguém, ao menos, que vagasse ao ar livre. E uma primeira idéia lhe ocorreu:

— Pudim, vamos fazer o seguinte — disse, e deixou o pássaro sobre sua mão, olhando-o de frente. — Consegue voar até aqueles navios e dar uma espiada por lá sem ser visto?

— *Pudim gosta de voar escondido!*

— Muito bem... eu vou... eu vou até aquela cabana — suspirou, um tanto desolado, passando a mão livre pelos cabelos. — Não sei o que vou fazer, mas também não sei qual é a situação. Vá, Pudim... tome cuidado.

Valfrido estendeu o braço, e lá se foi o pequeno animal num vigoroso vôo em direção ao mar.

Um trovão ao fundo fez o garoto voltar a si e lembrar da parte que lhe cabia. Virou o rosto novamente para aquela única cabana iluminada. Após respirar fundo, fechar os olhos e sussurrar para si mesmo algumas palavras encorajadoras, adentrou a mata e começou a caminhar na direção da cabana.

Os ruídos da floresta e do mar deixaram-no tranqüilo quanto à necessidade de ir devagar e não fazer barulho, de modo que caminhou bem rápido, e em poucos minutos já observava, por entre as folhagens, o precário abrigo de madeira que tinha por alvo.

De onde estava, ali na mata, a poucos metros da cabana, via dela apenas a parte de trás e a lateral esquerda. Pensou um instante, caminhou mais para a direita, mas nem na outra parede encontrou alguma janela por onde pudesse tentar espiar. Já ia blasfemar, quando resolveu se aproximar da cabana no intuito de satisfazer sua curiosidade por alguma fresta que encontrasse entre os irregulares remendos de madeira. E frestas havia de sobra. Valfrido engoliu seco e, agachado, colocou o rosto à parede.

No instante em que sua visão perscrutou o interior, ele quase deu um grito de espanto: podia ver claramente Jade, Eles e Sorfidis, desacordados, sentados juntos ao chão, muito bem amarrados nas mãos e nos pés. Aquele cômodo, que era na verdade a cabana toda, não tinha absolutamente nenhum móvel, nenhum objeto. Nem mesmo parecia ter porta para fechá-lo, de modo que na entrada, ao

lado oposto da fresta por onde Valfrido observava, podia-se ver um par de pés logo ao lado de fora.

“Oh, não! Parece que tem alguém montando guarda!”, pensou Valfrido, bastante magoado com a obviedade do fato que constataria. Outra vez espiou seus amigos pela fresta. Sentiu um grande aperto na garganta e no peito, e decidiu não medir esforços para ajudá-los.

Sem quaisquer delongas, olhou em volta para certificar-se de que ninguém mais estaria por perto, e em seguida contornou bem devagar a lateral esquerda da cabana. Chegando à extremidade, botou o olho para observar a entrada.

Sim, havia mesmo alguém montando guarda ali: um homem asqueroso e robusto, com vestes e higiene – ou falta dela – características de um pirata. E, como Valfrido veio a constatar logo em seguida, tinha também a ociosidade piratesca, pois estava como que desabado à cadeira, e de tal modo que não parecia estar num mero cochilo, mas um sono de pedra, ou até mesmo um desmaio. Valfrido coçou a cabeça, a pensar no que faria em seguida. Remexeu na mente maneiras de se aproximar do homem vagorosamente e dar-lhe um golpe na cabeça, mas desistiu assim que lembrou-se de algo que carregava consigo. Fuçou rapidamente seus bolsos e retirou, de olhos brilhando, um saquinho com pó de sono que Jade havia lhe dado. Pensou que seria a arma perfeita, afinal, se ao chegar perto fizesse algum barulho e o pirata despertasse, bastaria jogar o pó nele e prender a respiração, coisa que parecia mais fácil do que entrar num embate corporal.

Era aquilo mesmo. Animado por uma sensação de segurança, Valfrido foi passo por passo, bem devagar, até a porta da cabana. Fez o pequeno percurso até o pirata adormecido sem qualquer ruído que se destacasse da sinfonia aquática que rugia no céu, e sentiu um calafrio ao perceber-se a dois palmos de distância daquele ser desprezível. Seu fedor contaminava o ar marítimo como um alho podre esquecido dentro de uma gaveta.

Valfrido, que já tinha a mão dentro do saquinho de pó, pronto para o ataque, hesitou por um instante. Percebeu que o pirata roncava profundamente, e sentindo que a quantidade da substância que trazia era pequena, voltou os olhos para os portentosos navios ancorados ao longe.

“Não... é imprudente. Posso precisar disso depois. Acho que nem um raio sobre a cabana acordaria esse homem”, pensou consigo mesmo, guardando o pó sonífero num bolso da calça e abanando a mão diante do rosto do pirata, sem que este esboçasse qualquer reação que não aquele ronco suíno.

Sem tirar os olhos do rosto apagado do pirata, Valfrido moveu-se como uma tartaruga cabana adentro. A prudência milimétrica fez aqueles segundos parecerem horas, mas quando percebeu-se já no interior, sorriu consigo mesmo, vendo-se diante dos amigos.

Já ia dar um largo passo na direção deles, esquecido de tudo, quando foi subitamente agarrado pelo braço. O susto fez seu coração disparar furiosamente. Pego de surpresa, não pode reagir automaticamente, e foi puxado com força incalculável para fora do barraco.

Caiu sentado diante da porta, e viu-se, apavorado, sob o domínio do pirata que julgara adormecido. Este rapidamente dominou Valfrido com habilidade, e escancarando o sorriso apodrecido e sarcástico dos corsários, sussurrou-lhe à face:

— Seu moleque imbecil... Pensa que sou estúpido assim? — Solto uma risada fria. — Caiu como um passarinho na arapuca. Agora vai juntar-se aos seus amiguinhos.

O tom de voz imposto naquela misteriosa fala do pirata intrigou o apavorado Valfrido, como se algum detalhe abrisse uma brecha para algo não meramente casual naquela situação toda.

Não... DiPresto não se entregaria daquela maneira aos caprichos de um pirata imundo, e muito menos deixaria seus amigos na mão. Naqueles míseros segundos, em que o olhar dele cruzou com o olhar sanguinolento do pirata,

Valfrido calculou toda a importância que seus amigos tinham para ele, e num ímpeto de força e fúria, rebelou-se contra seu algoz.

Com empurrões, socos e pontapés totalmente desordenados, o garoto tentava desvencilhar-se das garras do pirata. Aquele ataque inesperado fez com que o homem perdesse inicialmente o domínio sobre ele. Mas se tratando de insanidade e força física, piratas eram insuperáveis, e a luta rapidamente tornou-se infrutífera para Valfrido.

Sendo atingido por um forte soco na testa, caiu de costas na areia, completamente atordoado. Um tanto sem reações, viu o pirata voar sobre ele como um animal, ergue-lo pelo colarinho e levantar o punho fechado, preparando o golpe derradeiro.

— Era isso que queria, moleque?! — falou o pirata ensandecido. — Pois agora vou virar essa sua cara do avesso!

Valfrido sentiu-se derrotado e sem forças, tanto que nem tentou oferecer mais resistência. A luta e os golpes recebidos haviam exaurido todas as poucas energias de que dispunha. Apenas fechou os olhos e esperou pela morte.

Mas o que veio em seguida não foi a dor de novas pancadas. Um ruído estranho aproximou-se deles na rapidez de uma flecha, e em seguida ouviu-se um grito aterrador, vindo diretamente dos pulmões do pirata. Valfrido, assustado, abriu os olhos e a cena que viu encheu-lhe de ânimo: Pudim, brilhando como uma ave mágica sob a luz de um relâmpago no céu negro, batia as asas para equilibrar-se aos sacolejos do pirata, que acabara de receber uma mordida certa na base do pescoço.

No milésimo decisivo em que o pirata levou instintivamente as mãos para agarrar Pudim, a ave esquivou-se habilmente num vôo. Valfrido sentiu que precisava pensar rápido e fazer algo, antes que o homem conseguisse se recompor. A urgência da situação o fez esticar o braço até seu estojo, que caíra ao lado, para brandi-lo com toda força contra a cabeça do pirata. Atingido em cheio, ele apenas desmoronou como uma grande trouxa de roupas velhas.

Valfrido ia afastar-se, mas tomado de raiva, pegou todo o pó sonífero que tinha e o atirou no rosto do homem.

— Vamos ver se vai fingir agora... — Tomou fôlego e aprumou-se, olhando em todas as direções. — Pudim!

O pássaro logo surgiu da escuridão e pousou-lhe ao ombro.

— *Pudim acabou com o pirata, mandrião!* — grasnou, a mover-se nervosamente.

— Sim, você pegou... — disse Valfrido, respirando fundo. — Obrigado por me salvar, Pudim. Lhe devo minha vida.

— *Me deve uma moeda!* — respondeu a ave.

Com uma leve risada, e balançando a cabeça, Valfrido tirou um dóra de seu saquinho de moedas e estendeu com orgulho ao seu pequeno herói, mas este pareceu recusar.

— *Sem rum agora! Mandrião tem que salvar Jade!*

— Oh, claro — estalou o rapaz. — Vamos, eles estão lá dentro!

Em segundos os dois já estavam no interior da cabana a tentar despertar os amigos. Chamaram seus nomes, e Valfrido os sacolejou, até que começaram a se mover.

— Acho que estão acordando, Pudim — sorriu. — Vou desamarrá-los.

Disse isso, mas Pudim já pusera-se, instantes atrás, a roer um pedaço da corda que envolvia as pernas de sua querida Jade.

Não foi necessário grande esforço pra desfazer todas as amarras. Mas mesmo após todo o trabalho feito, os três amigos ainda não pareciam totalmente conscientes. Murmuravam e gemiam coisas ininteligíveis, de olhos quase fechados.

— Que coisa estranha... O que será que fizeram com eles?

Começou a estampar-se então, no rosto de Jade, uma expressão estranha, como se, em sua semiconsciência, estivesse fazendo algum esforço interior.

— Jade?

— *Jade!*

Valfrido e Pudim voltaram as atenções a ela então, buscando captar alguma reação. Sua respiração ficou mais forte e ritmada, e em seguida seus olhos começaram a piscar, ainda que sem o fulgor costumeiro.

— Ah... eu... — tentou falar, mas inicialmente a voz travou-se. — Eu... qua-se... não sinto m-meu corpo...

— Puxa! — exclamou Valfrido, preocupado, esfregando as mãos da garota entre as suas. — O que houve, Jade? Tem algo que eu possa fazer?

Jade ainda parecia esforçar-se muito, e levou vários instantes para responder, agora com mais fluência:

— Minhas coisas...

— Suas... coisas? — perguntou o rapaz, verificando, em seguida, que o cinto alquimago dela não estava vestido, e tampouco se encontrava por ali. — Não está aqui, Jade... claro, devem ter levado!

— O pirata... onde está?! — Ao dizer isso, a garota pareceu sofrer um pequeno choque de preocupação, e ficou mais agitada.

— O pirata? Ele... — Valfrido ia dar uma resposta de conforto, narrando a peripécia que levou o homem a nocaute, mas conteve-se repentinamente, e correu para fora da cabana sem nada dizer.

Dirigiu-se até o corpo inerte do pirata. Agachou-se ao lado dele e passou a revistá-lo dos pés à cabeça. Quando olhou então a parte interna do grosso colete do homem, seus olhos brilharam: dentre diversos pequenos objetos alocados em vários bolsos e alças, estava o cinto alquimago de Jade, e checando com maior atenção viu um monóculo que tinha certeza ser de Elen.

Valfrido balançou a cabeça, maldizendo o homem em silêncio. Percebeu a espada que ele carregava, e não sabia se fora confiscada de Sorfidis, mas certamente não pretendia deixar o pirata com ela. Retirou tudo com cuidado, e imediatamente correu de volta para junto dos amigos.

Ao chegar, a situação ainda parecia ser a mesma. Exceto que Pudim tagarelava incessantemente para Jade.

— Veja. Achei suas coisas — avisou Valfrido, estendendo o cinto para ela e largando a espada e o monóculo junto dos outros.

— Ótimo... — respondeu a menina, com voz fraca e forçada. — Não consigo me mexer quase nada... Você vai fazer uma mistura, está bem?

— Eu? Mas não entendo nada disso!

— Eu digo... você faz.

Nos minutos seguintes, a situação resumiu-se a Jade ditando instruções e Valfrido obedecendo.

O rapaz ia juntando e remexendo na palma da mão cada substância que era instruído a buscar no cinto. Não parecia estranhar aquele processo, exceto quando tremia de medo quando a coisa toda mudava subitamente de cor ou soltava ligeiros estalidos, que o faziam pensar que tudo explodiria. Jade pediu que ele pusesse a mão dela sobre aquele punhado todo, que então, sob a ativação da alquimaga, soltou um pouco de fumaça branca, e tornou-se uma massa densa como a de um biscoito pronto pra ir ao forno. Jade soltou um suspiro:

— Ah... acho que deu certo... Ponha um pequeno pedaço na boca de cada um.

Valfrido obedeceu. Começou dando um pouco para Jade, depois para Elen e Sorfidis, que estavam completamente adormecidos.

— Não é preciso engolir? — perguntou o rapaz, olhando intrigado para os dois últimos.

— Não... vai agir o suficiente, depois eles engolem.

A alquimaga ia falando, e aos poucos pareciam estar voltando-lhe os movimentos do corpo inteiro. Já espreguiçava-se continuamente quando Elen e Sorfidis começaram a abrir os olhos e mover os rostos.

— Ótimo, eles estão acordando! — exclamou Valfrido, com um sorriso aliviado, e em seguida amparou Jade. — Vamos, quer ficar de pé? Eu te ajudo.

— Hum...? O que...? — Sorfidis resmungou com uma careta.

— Ei, capitão! Não cuspa isso! — avisou o bardo com rapidez.

— Engula, Sorfidis — reforçou Jade, pondo-se de pé. — Fomos efeitados... isso vai fazer bem.

— Isso... isso tem gosto de... terra — reclamou a voz mole de Elen.

Os outros três entreolharam-se, estranhando aquela afirmação.

— Será que ela já provou terra? — cochichou a alquimaga com os garotos.

— Ela talvez não... Mas eu já — respondeu Valfrido, dando um olhar de sarcasmo para Jade.

Em alguns minutos todos estavam totalmente recuperados.

Inicialmente, esqueceram-se de tudo que havia acontecido, envolvidos que estavam pela alegria e alívio de verem-se juntos e todos bem. Em seguida narraram uns aos outros as circunstâncias que os levaram até aquela cabana. Sorfidis contou a Valfrido que, pouco tempo depois dele sumir na mata com Zental, ouviram um ruído estranho, e em seguida simplesmente apagaram, indo acordar ali.

— Nossa, Frido... nem sabe o alívio que me deu abrir os olhos e ver você bem na nossa frente! — exclamou Elen, comovida.

— Sim, e inteiro! — completou Jade, num tom carregado e estranho, que fez todos olharem para ela. — Só depois de você ter ido fomos concluir que não tinha sido boa idéia deixá-lo sozinho com Zental.

— É verdade. — Sorfidis, ainda confuso, aproximou-se de Valfrido e o encarou. — Lembro bem agora... ficamos desesperados. O que houve com vocês? Onde está Zental?

Valfrido então narrou a todos o que acontecera. Falou da estranha caverna, da câmara, do estojo cheio de papéis que deixou o velho enlouquecido, da luta que tiveram, e da angustiante escapada daquele labirinto escuro de rochas. A expressão de todos denotava crescente espanto, e cada detalhe importante era como uma pancada no estômago dos ouvintes.

— Foi um extremo alívio quando deixei finalmente aquela caverna maldita, mas não fiquei tão feliz com minha liberdade... Achei que Zental me daria notícias de meu pai, mas não consegui quase nada. Ele disse um monte de coisas estranhas... sobre música, e a Natura... Estava louco, e só o que queria era o alaúde. Pelo menos tive certeza de que estávamos certos sobre algumas coisas, Jade... — Olhou tristonho para a alquimaga, e continuou: — Zental fez esse alaúde pro meu pai sim, ele tem mesmo alguma função estranha, como você disse, lembra? E essa função tem a ver com aquela coisa que Zental retirou da parede.

— E cujo conteúdo não estava mais lá, para surpresa do próprio DiÁdora! — falou Jade, com olhos brilhando mais do que nunca. — Oh, puxa, isso é tão misterioso!

O clima ficou mais tenso com aquela discussão, e todos começaram a falar ao mesmo tempo: perguntas, afirmações catastróficas, suposições absurdas... Mas tão logo deram atenção ao que os grasnos de Pudim significavam no meio daquela bagunça de falas sobrepostas, calaram-se, e outra realidade veio à tona:

— *Os navios, Jade! Pudim voou escondido, mandrião!*

— Oh, puxa! — exclamou Valfrido, levando a mão à testa. — É mesmo!

— O que é, Frido? — perguntou Elen.

— Vocês talvez não saibam, mas há dois navios enormes ancorados nessa praia, e Pudim foi até lá dar uma olhada enquanto eu vinha pra cá!

Boquiaberto, Sorfidis correu até a porta para olhar.

— *Pudim voou escondido, Jade! Dois navios!*

— Ai, que perigo, Pudim! E se pegassem você? — Elen assustou-se a imaginar o papagaio totalmente depenado nas mãos dos piratas, ou com as patinhas acorrentadas, sendo obrigado a diverti-los com suas falácias.

— *Sei espionar sem ser visto, gaivota!*

— Ela tem razão, Pudim, foi perigoso. Mas você com essa mania... — Jade acariciou o bichinho em seu ombro. — Ainda bem que voltou pra mim.

— Conseguiu ver algo? — Valfrido perguntou para Pudim.

— Não... não vejo nenhum navio. Minha visão está horrível... — respondeu Sordidis à porta, acreditando que a pergunta era para ele.

— Acho que ele ainda não se acostumou a ter um pássaro falante por perto — comentou Elen bem baixinho, depois olhou para Pudim. — Então, o que viu nos navios? Aposto que tem montes de piratas! — A idéia arrepiou-lhe toda.

— *Sim! Um navio com piratas! Outro, vazio!*

— Oh! Será que conseguiríamos roubar o navio vazio, sem que o outro percebesse de imediato? — murmurou Sordidis, revirando na mente uma série de planos de ação.

— *Sim! Um navio vazio! Outro com amigos!*

— Eu sei, Pudim, você disse... o quê?! — gritou Jade, surpresa.

— Amigos?! — todos disseram quase ao mesmo tempo, voltados para a excitada ave.

— Amigos nossos, Pudim?

— *Sim! Os Burrones!*

Jade empalideceu mortalmente, e repetiu aquela última palavra da ave sílaba por sílaba.

— O que foi, Jade? — preocupou-se Valfrido. — O que ele quer dizer com *os Burrones*?

— É como... é como... Pudim chama a tripulação — ela gaguejou.

— Que tripulação?

— A *nossa* tripulação, Frido...

O clima caótico que dominou o interior daquela cabana a partir de então, foi arrefecendo aos poucos, à medida que Sorfidis ia conseguindo convencer a todos, principalmente Jade, de que nenhuma idéia ou ação precipitada surtiria efeitos positivos.

De início não conseguiram acreditar, e fizeram a mesma pergunta a Pudim outras vezes mais, só que a resposta era sempre a mesma: os “Burrões” estavam num dos navios, dominados por piratas. Se o bichinho tivesse consciência humana, e não fosse um apaixonado por repetir as mesmas histórias, já teria perdido a paciência e agredido alguém. Pudim, na verdade, estava adorando ser tão questionado, e responderia àquilo por horas e horas a fio se continuassem; mas em dado momento, para sua infelicidade, acabaram se convencendo.

— Calma, gente... vamos pensar bem — falava Sorfidis. — Pelo que nos conta Pudim eles estão prisioneiros. Não sei bem a razão de tudo, de piratas estarem ancorados nesta ilha, mas acho que devemos deixar isso pra depois e arrumar um jeito de resgatar os reféns.

— Concordo. E essa chuva e esse nevoeiro todo podem nos ajudar. Confunde muito a visão.

— Como assim, Elen? — perguntou Valfrido, coçando a cabeça. — Eu mesmo não vejo quase nada... como isso poderia nos ajudar?

— Aí é que está. — Sorfidis soltou um leve sorriso para o bardo, pousando a mão no ombro de Elen. — Nestas condições, amigão, é mais fácil ver um navio, ou um bote? E, aliás, temos aqui conosco os olhos mais potentes de Polímagus... — olhou orgulhoso para a encabulada observadora.

— Nisso está certo, capitão — sorriu Valfrido. — Tem dois bote lá fora. Nós vamos usar um para chegar até o navio pirata?

— Claro, não há outra maneira — respondeu o rapaz, cabisbaixo e pensativo.

— Ah, não sei... — hesitou Elen. — A visibilidade está favorável a nós, mas não é bom contar muito com isso. Se eles nos descobrirem estaremos perdidos. Vão atirar em nós!

— Verdade, por isso temos que armar um jeito não tão óbvio de chegar até lá — disse Sorfidis, passando a mão pelos cabelos, um tanto aflito.

O silêncio impregnou alguns minutos, enquanto cada um revirava no pensamento diversas possibilidades. Em dado momento, Sorfidis falou, com um brilho sutil no olhar:

— Pudim disse que um deles está vazio. Poderíamos remar em curva e entrar nele pelo outro lado, escondidos assim do navio ocupado. Seria ao menos um meio de chegar perto com mais segurança.

— Sim, mas... e depois? — perguntou Elen, não muito animada. — O que faríamos contra os piratas?

— E se...? — Valfrido ia dizendo, mas conteve-se uns instantes. — Puxa... parece loucura, mas e se nós atraíssemos os piratas pro navio vazio de alguma maneira? Sei lá... talvez um incêndio! Duvido muito que eles deixariam o navio queimar. Não desperdiçariam uma preciosidade assim.

— Puxa! Parece uma boa idéia. Faz sentido, Frido! — concordou a observadora.

Sorfidis fez uma careta. Logicamente que a idéia não lhe parecia das piores, mas imaginar um navio perdendo-se em chamas era de cortar-lhe o coração marujo.

— Bom, é... pode ser... — foi murmurando ele, um tanto inseguro. — Isso não deslocaria todos os piratas ao socorro do navio, mas, se desse certo, boa parte deles certamente estaria fora do caminho.

— Então acha que pode dar certo? — disse Valfrido, em ligeiro tom de orgulho.

— Acho que não — concluiu Sorfidis, fazendo a expressão dos outros murchar. — Se botássemos fogo lá, é possível que os piratas só o notassem quando já estivesse em proporções indomáveis, e isso não demoraria.

— E se fosse um fogo de mentirinha? — A voz de Jade, um tanto afetada, fez todos virarem o rosto para ela, que estivera aparentemente alheia à discussão, e, sentada ao chão junto de Pudim, parecia remexer seu cinto alquimago para conferir se estava tudo em ordem.

21

OS INVASORES

Instantes depois, um bote já cortava a água com grande vigor. Sorfidis e Valfrido remavam, enquanto Elen observava os navios e Jade preparava algumas substâncias apressadamente. Faziam uma grande curva para a esquerda, na intenção de subirem no navio indicado por Pudim sem serem vistos. A outra embarcação estava de frente para o oceano, a não mais que cinqüenta metros da primeira.

— Quase não tem movimento lá — disse Elen, referindo-se ao navio habitado. — Será que estão escondidos?

— Escondidos de quê? — respondeu Sorfidis, com a voz ofegante. — Ou estão reunidos lá dentro, ou... a maioria está em algum lugar da ilha.

Aquela última possibilidade causou medo em Valfrido e Elen, fazendo-os sentirem-se um tanto cercados. Jade, com Pudim ao ombro, pareceu nem ter ouvido. Respiraram aliviados quando o bote finalmente chegou perto do navio e ocultou-se por detrás dele das vistas do primeiro. Rapidamente, recostaram a pequena embarcação ao gigantesco costado, onde balançava um par de grossas cordas.

— Eu acho que consigo subir por aqui — disse Sorfidis. — Vou ver se encontro a escada para jogar deste lado.

Com alguma dificuldade, o valente Murtod foi vencendo a altura, até desaparecer por cima da amurada. A expectativa foi grande, e os segundos pareciam eternos. Então, para alívio de todos, o garoto surgiu, lançando abaixo a escada de cordas.

Elen subiu primeiro, seguida por Jade e Valfrido.

— Fiquem abaixados — repetiu Sorfidis diversas vezes.

Já reunidos e agachados no convés, puderam observar o navio com mais calma. Imediatamente tomaram-se de surpresa, e Jade foi a primeira a manifestar seu espanto:

— Mas este não é o mesmo navio em que viemos?

— O próprio — confirmou Sorfidis, sem grande emoção.

Valfrido teve um estalo:

— Pudim, você viu Múrcius preso com os outros?

— *Fedido também, mandrião!* — confirmou a ave.

— Ainda bem... — Jade deu um suspiro de alívio. — Espero que estejam todos bem.

— É uma sorte imensa estarem vivos nas mãos desses assassinos — disse Valfrido.

— Eles devem estar tramando coisa das grandes — disse o jovem Murtod com gravidade. — Não mantêm prisioneiros assim sem um bom motivo... muito menos se forem da Guarda.

— Pra mim pouco importa — respondeu Jade, com a voz embargada. — Só quero tirar meu pai e meus amigos de lá o mais rápido possível... — Ela botou os olhos brilhantes na pequena bola de pano em sua mão. — Isso tem que funcionar!

— Não temos tempo a perder, venham. — Sorfidis arrastou-se depressa e escorou-se na parede da casa do leme, sendo imitado pelos demais. — Pronto... aqui não seremos vistos.

Estavam os quatro bem juntos e encolhidos. Respiravam rápido, mais pela ansiedade que por cansaço. Pudim balançava sem parar no ombro de Jade. Valfrido olhou para ela:

— Então... como é que vai fazer isso? — disse quase num sussurro, olhando fixo para o artefato que a alquimaga massageava impaciente na mão.

— Acho melhor acender no porão de carga — ela respondeu, depois encarou Sorfidis. — O que você acha?

— É uma boa idéia. Se tiver fogo aqui fora, talvez eles tenham receio de subir a bordo.

— Isso se vierem — resmungou Elen.

— *Eles virão! Virão!* — falou Pudim, recebendo um olhar espantado de Sorfidis.

— Se uma ave abre o bico pra falar assim, deve ser porque é verdade! — Ele espirou fundo e enxugou a testa, tentando raciocinar. — Elen, fique ali atrás do barril e dê uma espiada no outro navio.

A garota obedeceu. Engatinhou quatro passos, pegou seu monóculo e ergueu os olhos por cima do esconderijo.

— Não tem ninguém do lado de fora, mas... — ela fez uma pausa, apoiando o queixo na borda do barril. — Tem alguém dentro da casa do leme. Parece ocupado.

Sorfidis virou o rosto para Jade.

— Acho que é agora.

A alquimaga respirou fundo, passou Pudim para Valfrido e apertou o artefato contra o peito. Sem delongas, venceu agachada os metros que a separavam da grade do porão de carga, perfeitamente encaixada ao assoalho no centro do convés. Jade debruçou-se sobre parte da grade e esticou o braço, deixando o punho fechado sobre uma das frestas. Pareceu concentrar-se, e imediatamente percebeu-se uma série de estalidos e um pouco de fumaça saindo de sua mão. Em seguida abriu os dedos, e uma bola brilhante de fogo caiu porão adentro.

Jade não ficou olhando o resultado. Voltou imediatamente para junto dos amigos, que a encaravam excitados e curiosos.

— Deu certo? — perguntou Valfrido.

— A primeira parte sim...

Elen espantou-se:

— O que deu errado?

— Até agora, nada... Só falta esperar que a sorte nos ajude com o resto.

O fogo-frio, a princípio, não estava perceptível aos garotos. Mas logo uma luminosidade trêmula passou a lamber a grade do porão, e em seguida tornou-se um facho grande bruxuleando o mastro principal e espirrando pelas vigias do costado.

Elen estava a postos, e observava atentamente o navio pirata pelo monóculo. Os outros pareciam impacientes, e mesmo sabendo que ela avisaria se algo ocorresse, não conseguiam parar de perguntar.

— Nada ainda?

— Não! — respondeu Elen. — O pirata continua lá, mas nem olha!

— Maldito... — murmurou Sorfidis entre os dentes.

— A gente morrendo de medo de sermos descobertos, e eles nem notam um navio incendiando... — lamentou Valfrido.

— Não é possível — reclamou Jade, que era de longe a mais preocupada. — Meu pai está lá, eu... eu vou...! — ela ia se levantar, mas um grito de Elen paralisou a todos.

— Ei, ele viu! — Elen remexeu-se inteira. Todos amontoaram-se junto dela. — Ele... ele parece assustado. Está saindo!

Sorfidis estava quieto e concentrado nas palavras de Elen, enquanto Jade e Valfrido trocavam olhares esperançosos. A observadora continuava:

— Está de pé na amurada. Parece que está chamando alguém. — Ela respirava rápido, e alguns segundos se passaram. — Oh, não... apareceram dois piratas! Como são feios! Puxa... estão conversando. — Outra pausa, e por longos instantes a menina soltou apenas tentativas de palavras. Por fim, parecendo em pânico, virou de costas e encolheu-se toda contra o barril.

— Tem dois piratas enormes... vindo pra cá! — ela disse, com os olhos pulando de rosto em rosto.

— Só dois? Tem certeza? — perguntou Sorfidis.

— Sim, tenho! São horríveis!

— Estão armados?

— De espada, mosquete e tudo! — ela tapou o rosto com as mãos, dominada pelo medo.

— Devem ter desconfiado! — disse Valfrido. — Temos que pensar em algo, e rápido!

— Bom... — suspirou Sorfidis, sacando sua espada. — Qualquer um desconfiaria. Tem algum truque dos bons aí, alquimaga?

Jade verificava agilmente seu sintô, mas não parecia feliz.

— Não tenho quase nada. E mesmo que tivesse, poderia demorar.

— Vamos, Jade! — resmungou Valfrido. — Tem que ter alguma coisa!

— Ah, quer saber...?! — Jade pareceu desistir, irritada. Olhou em volta, no chão, pegou com gosto um comprido e grosso pedaço de pau que ali estava e o sacudiu diante dos amigos. — Querem um truque? Madeira na cuca é dos antigos e ainda funciona muito bem!

— Assim é que se fala! — animou-se Sorfidis.

— Mas não adianta atacar feito loucos — disse Valfrido preocupado. — Precisamos de um plano contra esses monstros!

— *Qual é o plano?* — grasnou Pudim, e de repente todos estavam olhando para ele com misterioso interesse...

* * *

Balinês e Bengal remavam rápido na direção do navio.

— Isso não está me cheirando bem... — resmungou Bengal, o careca mirrado.

— Pois tome banho mais vezes — disse Balinês, o ruivo alto com voz de trovão. Deu uma risada, e esperou o mesmo do amigo, mas Bengal não riu. — O que foi? Você ri de tudo que digo, e agora que mando uma dessas...

— Desculpe — lamentou Bengal. — Sabe que te acho o cara mais engraçado de todos, mas não tô pra rir não...

— Está preocupado com o quê? Já revistamos esse navio direitinho. Isso aí deve fogo do além, só isso!

Bengal arregalou os olhos, paralisado por alguns instantes. Em seguida passou a remar freneticamente para trás.

— Ei! Pare com isso! — reclamou Balinês, aumentando o ritmo de suas remadas, mas como ele detinha-se na esquerda e Bengal na direita, o bote parou de avançar e ficou girando feito um carrossel de dois pangarés. — Pare já com isso! Pare!

— Vocês dois aí!! — berrou o pirata que os observava do navio tripulado. — Botem essas bundas naquele navio, ou eu vou ter muito o que contar pro chefe quando ele chegar!

Balinês e Bengal pararam e olharam resignados um para o outro. Sem uma palavra, endireitaram o bote e avançaram com agilidade.

— Eu, hein... — resmungou Bengal, em voz baixa. — Prefiro mergulhar num cardume de tubarões a fustigar o humor do chefe.

— Você? — retrucou Balinês. — Os tubarões prefeririam uma baleia morta e podre.

— Bom pra mim...

Chegaram ao casco do navio, onde estava estendida a escada de cordas. Um pouco acima de suas cabeças, cerca de dois metros para a esquerda e dois metros para a direita, duas vigias deixavam escapar uma luminosidade amarela e oscilante.

— Não sinto calor algum. Que estranho — disse Balinês, botando a mão no casco.

— Melhor ainda. Vamos logo, antes que aumente!

Balinês verificou a espada ao cinto, ajeitou o mosquete à mão e começou a subir a escada. Bengal foi logo atrás. O primeiro saltou para o convés e

imediatamente agachou-se em posição defensiva, apontando o mosquete em todas as direções. Bengal saltou desajeitado e caiu por cima do amigo.

— Desculpe!

— Silêncio! — irritou-se Balinês, tentando não gritar. — Segure sua arma. Se isto não for acaso, pode ter alguém escondido aqui.

Caminharam alguns passos na direção da grade do porão, por onde subia o brilho das labaredas, que então parecia bem menor do que antes. Um granizo fino e incômodo cortava toda a atmosfera, soprado por um vento cada vez mais frio.

— Veja, Balinês. O fogo está apagando. Podemos ir embora.

Ele ia correr de volta para a escada, mas o outro agarrou-lhe pelo casaco destrambelhado.

— Está maluco? Onde já se viu um navio em chamas se apagar sozinho? — Fez silêncio e murmurou bem devagar, com a voz rouca: — Aqui tem coisa...

— Mas nós já revistamos tudo antes. Está quase chovendo de novo, e além do mais tem uns navios da Guarda são cheios de trecos alquimagos!

— Nisso você tem razão... Essa careca até que te ajuda a pensar — brincou o ruivo, levantando o chapelão encardido do amigo e dando-lhe um par de croques.

Bengal sorriu encabulado, e ia dizer algo, mas ambos pularam de susto:

— *Fogo! Fogo!* — berrou uma voz muito esquisita atrás deles.

— O que foi isso? — gaguejou Bengal, apontando o mosquete pra todos os lados.

— Parecia um... — ia dizendo o outro, mas um vulto pequeno passou voando em incrível velocidade entre os dois, fazendo-os quase caírem de susto.

— *Fogo! Fogo!*

— Maldição! — gritou Balinês, virando-se com o mosquete em pontaria. Estava prestes a disparar quando percebeu estar apontando para um papagaio que agitava-se sobre um barril perto da casa do leme.

— *Perdão! Perdão!* — repetia Pudim, balançando-se sem parar.

Balinês e Bengal entreolharam-se por dois segundos, e soltaram uma gargalhada crescente, mais por alívio que por sensação de ridículo. Aproximaram-se lentamente do bicho, que continuava repetindo as mesmas palavras.

— Puxa... será que foi ele quem causou isso tudo? — perguntou Bengal, com um tom divertido.

— Não me espanta. Lembra de quando pedi a você que buscasse um atum no porão, e você quase afundou o navio?

— Tava muito escuro! E eu já pedi desculpas! — defendeu-se o careca, com irritação.

— É... — riu Balinês. — Você ficou igualzinho a esse papagaio aí.

— Dá um biscoito pra ele — sugeriu Bengal.

— Larga de bobagem! Era só o que me faltava agora... Já não basta um animal pra cuidar, quer me arranjar outro!

Ambos começaram uma discussão fervorosa, e enquanto isso Pudim esticava o pescoço e abria o afiado bico para desempenhar sua especialidade: afanar sacos de moedas.

Só quando Pudim planou para o chão, fazendo ouvir o tilitar de vários dóras, é que a dupla deu-se conta.

— Ei! Ele roubou suas moedas! — gritou Bengal.

— PEGA!

Balinês apontou o mosquete e disparou, acertando o assoalho. Pudim sentia-se pesado com a bagagem, e intercalava corridas frenéticas e vôos baixos e curtos. A dupla perseguiu Pudim aos berros, e quando deram a volta por trás da casa do leme, tropeçaram misteriosamente em algo e, na desabalada correria em que estavam, estatelaram violentamente no chão. Nem tiveram tempo de ver uma corda bem esticada a um palmo de altura que havia surgido em seus trajetos: quando deram por si, duas silhuetas sombrias já voavam subitamente

sobre eles. Valfrido e Sorfidis brandiram com força dois grandes pedaços de pau. Sorfidis nocauteou Bengal facilmente, mas Valfrido, a despeito de sua imensa força de vontade, não acertou um bom golpe. Balinês, apenas tonteado, buscou com agilidade sua espada. Assim que moveu o braço para atacar o bardo, Sorfidis atingiu-lhe na mão com outra paulada. A espada escapou de Balinês, que soltou um terrível grito. Sorfidis, respirando rápido e tomado de fúria, desembainhou a própria espada, e imediatamente preparou-se para desferir um golpe fatal.

— Miserável! — vociferou ele, vendo dentro de si a imagem de seu pai sendo levado pelos piratas.

— Capitão! Não! — Valfrido agarrou o braço do amigo. — Nós não somos eles, capitão...

Sorfidis, parecendo despertar de repente daquela insânia, respirou por dois segundos, olhando para o pirata que espremia a mão ferida contra o peito e tinha o rosto contorcido pela dor. Tomou então o bastão da mão de Valfrido e, sem qualquer emoção, nocauteou Balinês com uma pancada no alto da cabeça. Jade e Elen saíram de seus esconderijos e admiraram a cena com espanto.

— Nós conseguimos! — disse Elen, com olhos esbugalhados.

— Ainda é cedo pra comemorar — ofegou Valfrido, recolhendo apressadamente os mosquetes e espadas dos piratas.

— Oh, não — gemeu Jade, com expressão angustiada. — Onde foi parar Pudim? Ele é esperto, mas muito sensível.

— Não se preocupe — disse Valfrido. — Deve ter se escondido.

— Elen, dê uma checada no outro navio — pediu Sorfidis, que estava parado no mesmo lugar, feito estátua.

Elen obedeceu, enquanto Jade recolhia a corda que haviam preparado de armadilha.

Sorfidis virou-se e foi para junto da observadora, que já estava agachada de monóculo ao olho.

— E então?

— Oh, não... — ela deu um suspiro pesado. — Aquele pirata ainda está olhando. Parece muito intrigado. O que vamos fazer?

Sorfidis esfregou o rosto, tentando pensar o mais rápido possível.

— Aqui, estamos escondidos — refletiu. — O máximo que ele viu foi os dois perseguindo uma ave.

— Eu sabia! — exclamou Valfrido, e todos viraram o rosto em sua direção. — Eu sabia que conhecia as vozes de algum lugar! São eles!

— Eles quem?... — Jade, que terminava de enrolar a corda, olhou finalmente com atenção para os homens caídos, e de repente seu rosto tomou contornos de espanto. — Ei! Esses não são os caras que seqüestraram você?

— Os próprios — disse Valfrido, olhando-os num misto de raiva e nojo. — São só um par de idiotas... Ah, se eu tivesse percebido antes, não teria ficado com tanto medo.

Sorfidis, curioso, pareceu estranhamente interessado no que o amigo havia acabado de dizer. Coçou o queixo e virou-se para a observadora.

— Elen, o pirata ainda está lá?

— Está... — constatou ela de imediato. — Não tira os olhos daqui.

— Está de monóculo?

— Sim, mas parece apenas curioso.

— Não custa tentar... — murmurou Sorfidis. Em seguida, foi até Balinês e botou de volta nele o chapelão. — Me dêem uma ajuda aqui.

Sorfidis parecia querer erguer o corpo do homem. Valfrido e Jade juntaram-se a ele, meio sem entender.

— O que vai fazer, capitão? — perguntou Valfrido.

— Vamos levantá-lo assim... — Sorfidis foi instruindo com rapidez. Primeiro botaram Balinês sentado, depois arrastaram-no até o outro canto da casa do leme, e então ergueram-no meio corpo fora do esconderijo.

— Não sei o que é pior... o fedor ou o peso — resmungou Valfrido.

— Fiquem firmes — pediu Sorfidis, que em seguida, com cuidado para ocultar seu próprio braço, tomou o punho de Balinês pela manga e o fez ficar acenando feito marionete. — Elen, continue vigiando.

Ela, que até então estava curiosa e chocada com aquilo, obedeceu Sorfidis e botou outra vez o monóculo à vista. Focou a imagem do pirata no outro navio.

— Ele está procurando... parece que... oh! Acho que ele viu! — Elen espantou-se, e um clima de tensão dominou a todos. Sorfidis continuava acenando com o braço de Balinês. Imediatamente, a voz de Elen cortou o silêncio, dominada por animadora excitação. Ela viu o pirata guardar o monóculo e fazer um gesto de desdém com a mão, dirigindo-se mal-humorado para a entrada da popa. — Ei! Não acredito! Ele engoliu! Está indo embora!

Sorfidis, animado e ansioso, largou Balinês e convocou a atenção de todos:

— Escutem, vamos agir depressa. Primeiro amarramos esses aqui. Depois, dois de nós irão até o navio pirata no bote deles.

— Não, capitão — disse Valfrido. — Temos que ficar juntos!

Elen e Jade concordaram firmemente.

— Não nesse caso, Frido — respondeu Sorfidis. — Se aquele pirata aparecer de novo enquanto estivermos a caminho, seremos alvos fáceis. Será muito perigoso, e não posso fazer ninguém correr riscos desnecessários, muito menos Elen.

— Então iremos você e eu. — Valfrido falou com firmeza, tomando nas mãos um dos mosquetes confiscados.

— Ah, de jeito nenhum — reclamou Jade, arrancando a arma das mãos dele. — Você mal consegue usar um pedaço de pau. Eu vou.

Valfrido coçou atrás da cabeça, enrubescendo.

— Certo... Valfrido fica e cuida de Elen — decidiu Sorfidis, que em seguida tomou nas mãos os grandes e imundos chapéus de Balinês e Bengal, dizendo enigmaticamente para a alquimaga: — Aceita uma sugestão de moda?

* * *

Já haviam se passado alguns minutos desde que Jade e Sorfidis partiram no bote em direção ao navio pirata. Elen estava em seu posto anterior, sem tirar os olhos do navio, preocupada e ansiosa. Valfrido estava sentado ao lado dela, com o alaúde descansando ao lado e uma das espadas dos reféns ao colo. Balinês e Bengal tinham sido amarrados e colocados dentro da casa do leme, ainda desacordados.

— Alguma coisa, Elen?

— Não... nada. Não dá pra vê-los daqui. Mas pelo menos aquele monstro ainda não apareceu.

— Tomara que eles estejam bem... — Valfrido passou a mão pelo rosto abatido. Pensava em tantas coisas ao mesmo tempo que seus olhos se moviam sem parar e sua respiração estava intensa e pesada. Assaltava-lhe a sensação de que alguma coisa estava para acontecer, mas seus instintos não definiam se aquilo era bom ou ruim.

Estava imerso nesse redemoinho de sensações quando ouviu um ruído sutil vindo de perto do mastro principal, bem no meio do convés. Pensando se teria ouvido mesmo algo, outro ruído brotou no ar, vindo do mesmo local.

— Pudim? — chamou Valfrido, esticando-se para olhar.

— O que foi, Frido? — estranhou Elen.

— Fique aí. Deve ser Pudim. Não é bom deixar o coitado solto e apavorado pelo navio.

— Frido... — Elen foi na direção dele, claramente contrariada, mas Valfrido partiu cauteloso na direção do mastro, e a garota deteve-se. Estava quase agachada, contra a parede da casa do leme, e por alguns instantes ficou a

observar, temerosa, o trajeto cuidadoso de Valfrido até o grande mastro, chamando pela ave. Foi quando sentiu que sua mão, apoiada na parede, encontrou um desvão. Ela estava diante da grande janela lateral da casa do leme, e instintivamente abaixou-se rápido, pela simples idéia de poder estar à vista do navio pirata.

Imediatamente, veio-lhe aquela sensação excitante que já provara tantas vezes... Seus olhos aguçados e ágeis pareciam discutir com sua mente. Algo não estava certo... Seus olhos viram, mas a mente ainda não. Os detalhes passavam, cada detalhe... Foi por um milésimo de segundo que havia notado estar diante da janela, e sequer focou o interior da casa do leme, mas sim na janela oposta. As imagens recentes pareciam gritar enfurecidas contra sua consciência... O que era? O leme... a porta... a porta aberta... um susto... os prisioneiros! Seu coração disparou. Ela ergueu-se resoluta, colou o rosto à janela e baixou os olhos, para constatar, em pânico, que no lugar de um dos prisioneiros havia apenas um emaranhado de cordas partidas e desfiadas. A porta estava aberta...

— Frido! — ela gritou. — Cuidado! É uma armadilha!

Ela viu Valfrido dar um pulo de susto, ainda sem entender a situação. Mas quando Elen fez menção de correr em sua direção, o susto do inesperado explodiu em suas entranhas: um par de fortes braços detiveram-na como uma frágil mosca numa teia. Elen debateu-se, mas era delicada demais contra o tamanho e a ira de Balinês. Valfrido, ao ver aquilo, empunhou a espada. Um frio terrível dominava-lhe o estômago e sobrepujou-lhe a razão. Correu furioso na direção deles, mas teve de interromper abruptamente a investida quando notou uma pequena faca contra a garganta da menina.

— Elen! — foi só o que Valfrido conseguiu gritar. O coração parecia querer invadir-lhe a garganta.

Balinês, parecendo ensandecido, apenas grunhia e gargalhava. Elen já não tentava mais desvencilhar-se, tanto pela exaustão quanto pela sensação

terrível da lâmina fria em sua garganta. Valfrido, de repente, lembrou-se do rapto que sofrera.

— É a mim que você quer! Não é isso? Eu sei que é! — disse o garoto, tentando ser enfático mas não agressivo.

— Largue a espada e venha pra cá, moleque! — ordenou Balinês. — Faça o que estou mandando, antes que eu suje o chão todo com o sangue da sua amiguinha!

Valfrido notou que Elen estava presa pelo braço de Balinês cuja mão, porém, estava encolhida e inchada pela pancada desferida por Sorfidis. Perceber aquilo o fez olhar de relance para o alaúde, repousado logo atrás deles, e brotaram em sua memória as conversas que teve com Jade. Era arriscado e incerto, mas o desespero da situação o fez agir: esticou resolutamente o braço e pôs lâmina da espada contra as costas da própria mão.

— Solte-a! — ordenou Valfrido, em tom ameaçador. — Se você se atrever a machucar um fio de cabelo dela, eu acabo com minhas mãos! — Fez uma pausa rápida, tomando fôlego, e disse com o máximo de convicção: — Eu sei que precisam de mim! E eu sei o que querem, ouviu? Eu tenho o que vocês querem, mas acabo com tudo se não deixá-la ir!

Um trovão ressoou na atmosfera, e pela brevidade de um relâmpago a expressão de Balinês vacilou. Alguma coisa nas palavras de Valfrido havia definitivamente atingido o repugnante homem. Mas, para desespero dos garotos, o que quer que Balinês tenha pensado não sobrepujou seu instinto odioso e animalesco.

— Não brinque comigo, moleque! — berrou ele, ainda mais enfurecido. — Eu não ligo a mínima! Ou você faz o que eu mando ou arranco a cabeça dela! Agora!

Balinês apertou a lâmina contra o pescoço de Elen que, sufocada, mal conseguia falar ou mesmo chorar. Valfrido não pensou em mais nada. Só o que

queria era tirar Elen dali o mais rápido possível. Sem qualquer hesitação, ergueu as mãos em pose de rendição e jogou a espada na direção deles.

Foi então que o inesperado aconteceu. Ao ver a espada lançada no ar, em sua direção, ainda que sem qualquer ameaça, Balinês deu um passo para trás. Ao arrastar-se junto dele, Elen sentiu a lâmina afrouxar-se e, num gesto totalmente automático e desesperado, torceu o corpo e cravou os dentes na mão de Balinês com o máximo de suas forças. O homem soltou um grito de dor e ira. Sacudiu a garota feito um saco de panos, mas ela não largou seu braço.

Valfrido, vendo ali a única chance de salvação para eles, correu e saltou sobre Balinês no exato instante em que Elen era lançada violentamente contra a parede da casa do leme. Valfrido atingiu o corpo de Balinês e ambos foram ao chão. Mesmo com o ataque, o asqueroso homem não tinha largado a faca e, logo após o baque da queda, Valfrido viu-se obrigado a agarrar seu punho sangrento para evitar seus golpes. Mas sua força não era suficiente, e a ponta da lâmina foi, lentamente, ganhando a direção de seu corpo.

Não adiantaria... Valfrido precisava aproveitar enquanto estava por cima. Botou seu joelho sobre o antebraço ferido de Balinês, jogando sobre ele todo o peso de seu corpo. O rosto medonho de Balinês contraiu-se mais, e ele apenas grunhiu, mas Valfrido percebeu-lhe o instante de fragilidade. Tentou golpeá-lo, mas não o atingiu em cheio, e viu-se novamente obrigado a se defender da lâmina afiada. Num movimento descuidado, agarrou o pulso de Balinês com ambas as mãos, e de imediato sentiu seu pescoço ser preso pelo outro braço dele. Começou a sufocar. Balinês ergueu o corpo e, num desejo sádico por deixar o bardo pendurado, conseguiu ficar de pé.

Valfrido estava sem saída. Sacudia-se e chutava o ar. Quando já sentia a visão começar a apagar-se, um impacto pareceu desequilibrar Balinês. Elen tinha saltado sobre as costas do homem. Enganchara-se em seu pescoço e tentava cravar os dedos em seus olhos. Apesar de seu vigor e selvageria,

Balinês já estava bastante ferido e viu-se na defensiva. Sacudiu e rodou em todas as direções.

Quando se desequilibrou perigosamente contra a parede da casa do leme, Valfrido, quase sem pensar, ergueu as pernas, apoiando os pés contra a madeira, e empurrou com todas as forças que tinha. Atordoados, Balinês tentou não cair, mas com o peso extra às costas e mais aquele inesperado empurrão deu vários passos para trás, dobrando-se contra a amurada. Nem Valfrido, nem Elen, viam com clareza o que estava ocorrendo, tamanho era o desespero. Apenas provaram uma vertiginosa sensação de queda, e quando atingiram a água com força, tudo se tornou ainda mais confuso, frio e surreal.

Os três mergulharam separados no mar, mas quando Valfrido conseguiu emergir pela primeira vez, mal teve tempo para encher os pulmões, porque sentiu novamente o domínio de Balinês, que tentava imobilizá-lo debaixo d'água.

Era o fim... por mais que lutasse, Valfrido começava a sentir no espírito um terrível misto de agonia e paz. Teve certeza de que aquilo era a morte. Era aquilo que deviam sentir todos os que estavam prestes a deixar a vida... tinha certeza. Quando a agonia tornou-se insuportável, desistiu de oferecer resistência, mas então algo estranho ocorreu. Pareceu perceber um vulto pairar na superfície, e de repente uma forte pancada ecoou até seus ouvidos submersos. Sentiu os braços de Balinês convulsionarem e relaxarem.

Estava enfim livre, mas desorientado. Uma força tremenda sugou-o para cima. Alguém o puxava, e ele tossiu terrivelmente assim que sua cabeça emergiu. Não se deu conta, inicialmente, do que havia acontecido, mas logo percebeu-se a salvo dentro de um bote. Fixou os olhos no homem à sua frente, que estava debruçado de novo para a água, e logo trouxe Elen também a bordo.

— Pronto, meninos! — disse o velho com voz rouca. — Agora estão a salvo!

Só então Valfrido conseguiu olhar com atenção aquela fisionomia e reconhecê-la. Era Celet, ofegante e sério. Mas não estava só no bote. Outro

indivíduo, de manto negro e capuz, inclinou-se para o lado, surgindo por trás de Celet. Seu rosto sorridente abriu-se para a luz da lapóia, e murmurou:

— Totalmente a salvo.

22

O ALQUIMAGO TRAIADOR

O bote cortava a distância, suave e ágil. Mas dentro dele Jade e Sorfidis estavam tensos demais até para falarem um com o outro. Vestiam os desagradáveis casacos de Balinês e Bengal, e queriam erguer a cabeça para olhar o navio pirata por baixo das abas daqueles chapéus detestáveis, mas temiam que alguém aparecesse lá e flagrasse seus rostos. Suas mãos estavam ocupadas com os remos, mas eles traziam ao colo os mosquetes confiscados, prontos para qualquer necessidade mais drástica.

Quando já tinham vencido a maior parte da distância, Jade tomou coragem e quebrou o silêncio:

— Só vimos um pirata no navio... Só um... — disse, com a voz baixa e quase para si mesma.

— Tomara mesmo — respondeu Sorfidis. — Mas não é de se espantar. Se este for o maldito navio que atacou seu pai, podem ter perdido muita gente na batalha.

Remaram mais alguns metros, e em poucos instantes chegariam ao casco, onde pendurava-se a escada de cordas. Ou, pelo menos, onde ela *deveria* estar...

— Essa não... — sussurrou Sorfidis, forçando o olho para ter certeza.

— O quê? O que foi? — Jade despertou de seus pensamentos.

— Você tem mesmo certeza de que não sabe atirar? — perguntou o rapaz, tentando organizar algum plano em mente.

— Já disse. Tentei algumas vezes, mas... — Ela parou, percebendo o tom estranho com que Sorfidis havia feito novamente a pergunta. Inclinou-se para o

lado, viajou os olhos pelo navio e imediatamente percebeu o motivo da preocupação: não havia como subir a bordo. — Onde está a escada?

— A pergunta não é *onde*, mas *por quê*?

— Será que eles desceram mesmo por esse lado?

— Não... é aqui que a escada deveria estar. Elen deixou bem claro...

— Será que o pirata viu tudo? — suspeitou Jade, sentindo um calafrio.

— Não acho — disse Sorfidis, de um jeito tão natural que até tranqüilizou um pouco a garota. — É estranho ele ter recolhido a escada, mas sinto que com ela no lugar haveria pelo menos dez modos bem mais eficientes de botar a gente numa armadilha. Deve haver outra razão...

Jade não sabia se respirava aliviada ou se ficava mais preocupada.

— O que vamos fazer? — ela murmurou.

Em poucos instantes de silêncio, Sorfidis ficou de pé, resolutivo. Pareceu pigarrear de leve, e Jade levou um susto quando ouviu ele gritar com uma voz forçadamente grave, notando naquilo uma tentativa de imitar a entonação de um dos piratas que eles haviam nocauteado:

— Ei, palerma! — rosnou bem alto o rapaz. — Jogue a droga da escada!

Sorfidis voltou a se sentar imediatamente, ajeitando o paletó e o chapéu. Jade, ansiosa, fez o mesmo. Em seguida inclinou-se para o ouvido dele.

— Não que a performance tenha sido ruim, mas... não acha que chamar a atenção é um modo estranho de...

— Confie em mim — interrompeu Sorfidis, com um gesto de mão. — Tem certeza de que não sabe atirar?

— Eu já disse...! — Jade não pôde continuar, e ambos ficaram duros feito pedra quando uma gargalhada de escárnio soou lá de cima.

Ambos ergueram seus rostos para olhar, mas tão logo o pirata subiu na amurada, baixaram as cabeças, ocultando-se por baixo das abas.

— Querem a escada é?! — riu o homem. — Acham que eu não vi vocês?

Os dois sentiram suas entranhas gelarem. Sorfidis apertou ainda mais o mosquete entre as mãos.

— Mal conseguem dar conta de um passarinho... bando de inúteis! — continuou o pirata. — Mas aquele papel ridículo não foi castigo suficiente! Ninguém toca no meu rum! Ouviram?!

Os garotos quase deixaram escapar um suspiro de alívio, mas a situação ainda era tensa. Queriam olhar para o alto, mas não podiam. O pirata ainda tagarelava:

— Eu sei que foram vocês! — ele acusou e soltou uma cusparada. — Querem a escada? Querem? Pois da minha mão ela não sai enquanto...

O pirata deteve a fala. Aquela pausa repentina causou em Sorfidis uma sensação indecifrável. E ele soube tudo de imediato, não precisava raciocinar: o pirata tinha percebido algo errado neles... Sorfidis sentia aquilo pulsar em seu íntimo, e precisava tomar uma atitude imediatamente. Tudo aconteceu num breve segundo. O rapaz temia disparar e errar... sua visão estava péssima, e o mosquete comportava apenas uma carga. Mas a urgência daquele brevíssimo instante de silêncio do pirata excluiu todas as opções. Sorfidis, com a rapidez e agilidade de um esquilo, tomou o mosquete, fez pontaria contra um borrão humano no alto da amurada e apertou o gatilho. Sentiu o impacto da carga contra seu corpo, e o calor da explosão no cano. O estampido escandaloso foi seguido por um grito horripilante do pirata. Sorfidis viu o borrão cambalear e cair, atingindo a água a dois metros do bote. Com o pirata, despencou também a escada de cordas, que balançou então serenamente de encontro ao casco. Sorfidis olhou satisfeito para ela, depois para sua arma. E quando virou para Jade, tomou-se de surpresa: ela respirava em grande alívio, empunhando seu mosquete fumegante. Sorfidis ia abrir a boca, mas ela se adiantou, dando de ombros:

— Bom... ele largou a escada, não largou?

Ele quase sorriu. De que adiantaria discutir, quando aquele sucesso trazia uma injeção tão grande de ânimos aos seus espíritos exaustos? Aproximaram-se exultantes da escada e subiram-na o mais rápido possível. Sorfidis ia na frente e, chegando ao topo, observou com cautela o convés.

— Acho que não tem ninguém — sussurrou para baixo, saltou por cima da amurada e ajudou Jade.

Olharam em volta. Tudo parecia silencioso e apagado, exceto por um facho pálido de luz que parecia borrar o chão, vindo da entrada da popa. Correram para lá, e pararam diante da porta. Jade provou a maçaneta, mas estava trancada.

— Afaste-se — ordenou Sorfidis, terminando de carregar o mosquete. Jade saiu de perto e virou o corpo. Ele botou o cano na maçaneta e disparou, com rosto para trás. Voltou-se para ver o estrago, e precisou terminar o serviço com um violento chute. A porta cedeu, e os dois entraram depressa, pois pensaram que encontrariam uma escadaria ou corredor, mas o espanto foi imediato...

Deparam-se com um cômodo único, amplo e asqueroso. Estava repleto de pilhas de tecido encardido e tralhas diversas. Quase que fazendo parte daquele cenário caótico estavam três homens caídos: capitão Lurrone, Rataguet e Múrcius. Jade correu na direção do pai, num misto de felicidade e agonia.

— Pai! — ela abraçou-o como nunca havia feito antes, mas ele soltou um gemido de dor. Estava meio sentado contra a parede, e parecia bastante ferido.

— Jade?... Não posso acreditar que está aqui... Oh, minha filha!... — por um momento então, a emoção pareceu sobrepujar todas as dores, e o capitão envolveu a filha nos braços com lágrimas nos olhos. — Você está bem? Como chegou aqui? Onde estão os... — Lurrone pareceu alarmado de repente, lembrando dos piratas, e tentou ficar de pé.

— Calma, pai, está tudo bem agora. Não há perigo — As lágrimas caíam teimosas dos olhos da menina.

Sorfidis parecia apressado, e verificava o estado dos outros dois homens, tentando reanimá-los. Múrcius e Rataguet, também bastante castigados, foram voltando a si, e Jade agachou-se diante deles.

— Ai!... Mas o que... Jade? — falou o cozinheiro, com o rosto inchado ganhando repentinamente o brilho da alegria.

Ela sorriu emocionada para os dois, mas de repente uma nuvem dominou seu rosto, e ela virou-se para o capitão:

— Pai, onde... onde estão Malaquias e... todos os outros?

Lurrone, que até então estava entre a dor e o sorriso, pareceu entristecer-se profundamente, e baixou os olhos pesarosos. Jade sentiu o corpo todo vacilar, pois qualquer palavra seria desnecessária para entender aquilo. Sorfidis, que auxiliava os outros dois a se recomparam, parou de repente e suspirou profundamente. Jade voltou-se para o capitão:

— O que aconteceu, pai? O que... o que houve no navio?

— Não importa, Jade... — Lurrone fez uma pausa, depois encarou a filha com emoção. — Há um minuto eu pensava que jamais veria você novamente, e agora está aqui... Nada mais importa.

Sorfidis tinha uma grande curiosidade em mente, mas ficou inseguro de expô-la naquele instante. Quando Lurrone pareceu então olhar em volta com ar de preocupação, o garoto Murtod, ajudando Rataguet e se levantar, perguntou:

— Capitão, foi este o navio que os atacou?

Lurrone olhou para o Sorfidis por um instante, e compreendeu o tom de incredulidade em sua voz.

— Sei o que quer dizer, meu jovem... Fomos pegos de surpresa em uma manobra, e naquele instante imaginei que nossas chances de defesa eram nulas. Para nossa sorte eles obviamente não queriam nos afundar, e quando vi os botes se aproximando, achei que tinha a vitória nas mãos.

— Sim... abatemos vários deles — falou Rataguet pela primeira vez, com certa dificuldade. — Mas de repente jogaram algo no convés, e tudo começou a

queimar como o inferno. Foi assustador... Todos tivemos que abandonar o navio. Era isso ou a morte certa.

— Era tudo uma armadilha... — disse Lurrone, com raiva nos olhos. — Eles não queriam afundar o navio a tiros, mas o evacuaram em dois segundos com aquele truque maldito.

— Olha... minha área é o estômago e não o cérebro — disse Múrcius —, mas isso não faz sentido. Se queriam o navio inteiro, por que botaram fogo nele?

— Sua dúvida é legítima, meu amigo — falou o capitão com seriedade. — A pergunta é que está errada.

— Eles não queriam o *navio* — disse Rataguet, bastante pensativo. — Queriam alguém... ou alguma informação.

— Exatamente — aprovou Lurrone. — Do contrário, por que nos manteriam prisioneiros?

Jade já não escutava mais a conversa. A partir dali, sua mente mergulhou em cogitações assustadoras. Afinal, seria tão absurdo pensar que a presença de Valfrido a bordo justificaria perfeitamente um ataque desses? Lembrou-se de tudo o que ele havia dito sobre sua conversa com Zental na caverna, e tudo pareceu fazer ainda mais sentido. Ela teve um sobressalto:

— Precisamos ir! Valfrido e Elen estão no outro navio. Devem estar preocupados.

— Valfrido!... — o rosto de Lurrone ganhou novo brilho.

Diante daquela pressa repentina de Jade, não houve espaço para maiores explicações. Apesar de feridos, Lurrone, Rataguet e Múrcius mostraram-se em condições de andarem sem apoio, talvez motivados pelo inesperado salvamento.

Ao passarem pela porta e atingirem o meio do convés, uma silhueta sombria surgiu na amurada, terminando de subir a bordo pela escada.

— Meus cumprimentos a todos — disse a figura, com estranho divertimento na voz. — Que desgraça... olhe o estado de vocês. Marujos da Guarda devem mesmo ser o divertimento preferido dos piratas.

Aquela voz... prepotente e asquerosa... O estômago do capitão Lurrone embrulhou-se só de ouvi-la. Aquele homem... sabia quem era antes mesmo dele dar um elegante salto da amurada para o convés e afastar da cabeça seu grande capuz negro: Jean Gitot.

Todos ali o conheciam, e uma pesadíssima atmosfera de mistério instaurou-se no lugar. As perguntas choviam nas cabeças de todos, exceto na do capitão Lurrone, o único que demonstrava em seu semblante a face da certeza:

— Jean Gitot! — rosnou o capitão, como quem acaba de mastigar um peixe podre. — Por que sua presença aqui não me espanta?

— Como sempre, muito cortez... — ironizou Gitot, passando os olhos fundos e vivos por todos e detendo-os em Lurrone. — Mas surpreso estou eu. Vejo que nos navios piratas os ratos estão ficando cada vez maiores.

Tomado de raiva, num gesto preciso e ameaçador, Lurrone puxou a espada da bainha de Sorfidis e avançou na direção de Gitot, cuja expressão permaneceu inabalável. Lurrone berrou:

— Você está negociando com piratas, não está, seu miserável?!

— Eu tomaria mais cuidado se fosse você... — disse Gitot, com enigmática tranqüilidade. E mal completou a frase, todos perceberam alguém subindo a bordo, bem atrás dele.

Elen apareceu, seguida por Valfrido e Celet, que apontava ameaçadora pistola de cano duplo para eles. Elen era a própria imagem do cansaço e do medo. Valfrido, que trazia o alaúde às costas, estava abatido, mas ao ver seus amigos um brilho cintilou em seus olhos.

— É melhor largarem as armas, ou miolos vão rolar — ameaçou Celet, colando a pistola na cabeça de Elen, aproveitando-se de sua imagem mais frágil.

O rosto de Lurrone passou da raiva para o espanto. Diante da situação, não houve outra alternativa senão baixar a espada e atirá-la ao chão. Sorfidis e Jade fizeram o mesmo. Lurrone então fixou-se em Celet com um misto de tristeza e revolta.

— Celet... mas o que está fazendo? Você é um dos melhores navegadores da Guarda!

— Oh!... agora eu sou digno de elogios! — disse o velhote com ironia. — O que a Guarda me deu em troca de tantos anos de pura escravidão? Só mais e mais trabalho e solidão! Mas isso acabou! Finalmente alguém reconhece o valor do velho Celet... E finalmente terei o que sempre...

— Já chega — interrompeu Gitot, e Celet calou-se. — Não queremos desperdiçar energia e tempo, não é?

Dizendo isto, Gitot enfiou a mão por dentro de seu manto, na altura do tórax, e retirou de lá o que parecia ser uma pequena esfera de vidro. Todos olharam curiosos, e ele mostrou-a para Lurrone.

— Reconhece isto? — ele perguntou, com um leve sorriso. E como ninguém dissesse nada, sacudiu de leve a esfera, e ela passou a emanar intensa luminosidade amarelada, como se uma massa incandescente pulsasse furiosa lá dentro. — Talvez agora.

Rataguet, embasbacado, murmurou um impropério. Tinha certeza de que conhecia muito bem aquele brilho malévolo. Pelo semblante dos garotos e de Múrcius ainda pairava o silêncio da dúvida. Gitot, girando a esfera entre os dedos, continuou a falar para Lurrone:

— Eu soube que o honrado capitão destila um certo ódio pelos alquimagos.

Valfrido olhou para Lurrone, e depois para Jade, vendo os olhos tão vivos da amiga perderem o brilho. Gitot prosseguia com ares de pompa:

— Acho que depois de sofrer na pele o que uma coisa tão singela como esta pode fazer, deve estar sentindo pelos alquimagos ao menos um grande respeito!

— Eu não respeito aqueles que desprezam a vida alheia, Gitot! — respondeu Lurrone, mas sua voz veio carregada por uma profunda tristeza.

— Pai... — a voz de Jade saiu tão frágil que quase ela mesma não ouviu. Jade não conseguia compreender por que, em meio a uma situação tão grave, seu coração voltava-se para o que menos deveria importar naquele momento. Tentava convencer a si mesma do óbvio... de que não fazia parte daquele profundo desprezo do pai pelo que ela também era. Queria gritar para ele... convencê-lo de que ela era ao mesmo tempo alquimaga e diferente. Sabia o quanto aquilo fazia-lhe parte do ser, e não suportava que esta parte imensa fosse agredida por quem ela mais amava.

— Não seja tão cabeça dura, capitão Lurrone — falou Gitot, e então adotou um tom de orgulho e grandeza: — Pode ser que algum alquimago saiba perfeitamente o que está fazendo. Pode ser que ao menos um de nós, em todas estas ilhas, tenha bom senso, e tenha percebido que... — ele observou fixamente a esfera — um excesso de escrúpulos tem deixado Polímagus perigosamente frágil! Talvez ao menos um alquimago dentre todos consiga ouvir o clamor da Natura! — ele gritou, e abriu os braços na direção da Ilha Fantasma. — Vejam! Há vários anos a Natura deu aqui nesta ilha o maior grito que já se ouviu! A montanha proferiu seu verbo incandescente e mortífero para desnudar este povo perante a existência, e expor sua fraqueza e preguiça! — Solto uma gargalhada, mas logo ficou sério e pesaroso: — Mas apenas *eu* pude escutar! Todos os outros fecharam seus ouvidos e silenciaram, amedrontados pela superstição, perante a inspiração que poderia nos tornar invencíveis!

Valfrido, ao ouvir aquele discurso insano, virou o rosto para observar aquela ilha tenebrosa. Quase pôde ver o fogo jorrando da boca da montanha a ceifar tudo o que ali vivia. De repente, voltaram-lhe à memória as terríveis imagens da Cipreste sendo engolida por aquela sobrenatural onda de chamas. Sentiu o estômago revirar...

— Eu já imaginava, Gitot!... — rosnou Lurrone. — Uma arma tão perversa como essa só poderia vir de uma mente como a sua! Você é um assassino!

— Foi você — falou Valfrido, e todos olharam para ele surpresos. — Você destruiu a Cipreste e... matou minha mãe! Matou todos! — Abandonado pela razão, ele quis avançar em Gitot, mas Celet deu-lhe uma coronhada, e o garoto foi ao chão. Elen soltou um grito, e foi em seu socorro.

— Vocês não entendem mesmo! — vociferou Gitot, olhando um por um com irritação. — Não ouviram nada do que eu disse! Não ouviram a mensagem da Natura! A destruição para a evolução! O sacrifício indispensável à construção de nossas forças!

— Você é louco! — chorou Elen, que amparava Valfrido, ainda atordoado pela pancada.

— Ora, ora... — Gitot encarou-a. — Logo você, pequena DiLumis... Está aqui viva como um perfeito exemplo de tudo o que estou dizendo. *Sacrifício*, adorável menina. Seu avô sacrificou a própria honra para salvar sua vida. Foi capaz de trair sua nobre missão de vigiar, por amor a você. Ele não quis compreender que este amor estava servindo a um propósito maior, mas nesse caso não fez diferença!

— É mentira! — gritou Elen, pálida e confusa. — Meu avô não é traidor!

— Não lhe dê ouvidos, Elen! — falou Sorfidis, que esforçava-se para não tomar qualquer atitude drástica. — Ele nunca conheceu Oton! Você sabe, melhor do que ninguém, o homem que ele foi! Gitot é como um verme tentando julgar uma águia!

— Como é possível?... — Múrcius parecia estarrecido, e ainda tentava processar aquilo tudo. — Como pode alguém destruir uma ilha inteira só para pôr uma invenção à prova?!

Gitot soltou uma gostosa gargalhada:

— Prova?! Mas que ingenuidade. Há quatro anos que não preciso mais de prova alguma! Tudo tem seu tempo, meus amigos! O tempo das provas já foi concluído! O tempo da reconstrução já chegou, e está só no início!

— Quatro anos... — repetiu Lurrone num sussurro. Algo parecia acontecer dentro dele, e sua respiração tornou-se muito acelerada. Ele ergueu os olhos para Gitot, encarando-o de tal modo que seria capaz de amedrontar um leão faminto. — Quatro anos, Gitot?... Você... foi você que causou aquele acidente? Foi você, não foi?

— Pai... — Jade, assustada, agarrou o braço dele, tentando ao mesmo tempo contê-lo e chamar sua atenção. — Do que... do que está falando? Que acidente?

— Não acredito! — Rataguet teve um choque. — A tragédia com os fogos de estrelas na nomeação dos capitães! Só pode ter sido você e essa sua arma maldita!

Valfrido estava dolorido, mas ao ouvir aquilo olhou instintivamente para Sorfidis. A nomeação dos capitães... Tinha ouvido falar muito sobre aquele indecifrável acidente, e o real motivo de seu olhar ter sido atraído para o amigo e seu tapa-olho veio como uma bomba em suas entranhas: foi exatamente nesta época que Sorfidis havia perdido a visão. Sim... lembrava-se muito bem... Ele tinha ido à Ilha Mãe com Fantod Murtod para assistir à cerimônia.

Sorfidis estava parado como uma estátua. Seu peito inflava e retraía num ritmo constante, mas seu olho era uma janela para memórias terríveis.

— Aquilo não foi grande coisa — disse Gitot, com falsa modéstia, e depois sorriu, acariciando a esfera brilhante delicadamente. — Mas serviu para testar o poder de minha idéia.

— Do que ele está falando, pai? — insistiu Jade, que conhecia o capitão melhor do que ninguém, e nunca o tinha visto naquele estado.

— Oh... sua filha não sabe, capitão Lurrone? — espantou-se Gitot. — Não acredito que não contou a ela! — fez uma cara de falsa surpresa, e olhou para Jade. — Infelizmente, mocinha, sua mãe estava nos preparativos da cerimônia e... bem, você já imagina.

Jade não conseguiu falar. Estava em choque. Seu pai não tirava os olhos daquele homem desprezível. O assassino de sua esposa. Um trovão ecoou no firmamento negro, como se fosse a queda do próprio silêncio.

— Parece que seu pai escondeu isso de você, não foi? — continuou Gitot. Balançou a cabeça e adotou um tom pesaroso: — Mas não o culpe. Foi tudo tão extraordinário... Vários alquimagos estavam lá e viram tudo. Seu pai implorou ajuda, mas eles nada podiam fazer contra algo tão inesperado e poderoso! — De repente, uma doentia gargalhada começou a brotar de dentro dele. — Tinham que ver a cara deles! Minha arma era tão incrível, que eles até se esqueceram das vítimas! — Terminou de rir, e deu um suspiro de satisfação. — Seu pai perseguiu a justiça por muito tempo, mas ninguém descobriu nada. Creio que me cabe ser honesto, capitão, e dizer que você foi injusto ao acusar os alquimagos de omissão e desumanidade. Eles fizeram o máximo que podiam. O problema foi que... — ele admirou sua esfera, comovido — diante de tamanho poder, o máximo deles era *nada*!

Lurrone não conseguiu agüentar. A sanidade deixou seu corpo, e ele avançou na direção de Gitot como um animal. Num reflexo espantoso, Gitot ergueu a mão livre aos lábios e soprou a pequena jóia vermelha de um anel que usava. Ouviu-se um ruído como de uma onda espumando prestes a morrer na areia, e uma fumaça esbranquiçada espalhou-se entre Gitot e Lurrone. Ao atingi-la, o capitão veio ao chão, quase desfalecido e gemendo de dor.

— Pai! — Jade foi em socorro dele, passando por debaixo da névoa, que se dissipou de imediato.

— Cuidado, capitão! — caçoou Gitot, protegendo a esfera com ambas as mãos. — Não queremos derrubar esta maravilha, tão leve, frágil... Se nas mãos de piratas elas acabaram com seu barquinho, imagine do que seriam capazes nas mãos de seu próprio criador! — A luminosidade da esfera aumentou, ameaçadora. Gitot, então, pareceu distrair-se, e seus olhos vagaram agilmente pelo nada, como se estivesse tentando decifrar uma sensação onipresente. —

Sim... Sim... Estou ouvindo... Eu ouço sua voz... Chega de perder tempo! Muito me comove a oportunidade rara de reunir-me com tantas vidas que influenciei, mas a Natura me chama para a tarefa! — E dizendo isto, Gitot puxou da cintura uma pistola de cano duplo, e apontou-a na direção de Rataguet e Múrcius. — Celet!

— Sim, chefe? — prontificou-se o velho.

— É hora de eu tratar com o jovem DiPresto em paz. Leve esses dois marujos, e mais o capitão Lurrone, para o outro navio! — ordenou ele, e depois apontou para Elen. — Leve essa menina também!

— Não! — protestou Elen, agarrando o braço de Valfrido. — Eu vou ficar aqui!

— Elen, por favor... — disse o bardo, encarando a amiga nos olhos com um magnetismo que ela jamais havia sentido. — Faça o que ele diz... vá com eles, por favor.

Ainda num protesto mudo, Elen foi puxada por Celet, que já reunia os três homens cambaleantes sob a mira de sua pistola.

— E esses dois aí? — perguntou Celet, indicando Jade e Sorfidis.

— Eles ficam — sorriu Gitot. — A alquimaga me pode ser muito útil. E o caolho... — olhou enigmaticamente para Sorfidis, depois para Valfrido. — Sim... nada mais essencial do que um amigo de infância para alguém que, talvez, precisará revirar algumas memórias... Você mesmo disse, não foi Celet?... Nosso amiguinho aqui afirmou categoricamente que conhecia todas as músicas do pai.

Celet riu e balançou a cabeça em afirmação. Valfrido lembrou-se daquela noite quando viu Celet sair apressado da taverna... provou no estômago cada uma daquelas misteriosas palavras, enquanto Gitot estendia a esfera flamejante para Celet, que a tomou nas mãos com admiração e cuidado.

— Fique com essa, eu tenho mais. Interrogue-os e... — fez uma pequena pausa, e encarou Celet com um brilho aterrador nos olhos. — Bem... você sabe o que fazer.

Aquela frase foi como um raio percorrendo a espinha de todos. Gitot aproximou-se dos garotos feito serpente e, passando displicentemente os canos da pistola pelos cabelos de Jade, que desciam úmidos para além de sua bandana vermelha, completou com ironia:

— E não se preocupe, meu caro Celet. Eu sei que os marujos saberão se comportar!...

23

A MELODIA SECRETA

Ver aquele bote partir, com Celet no comando, foi para Valfrido, Jade e Sordidis como assistir-los rumarem vagarosos para a borda de um abismo. Em poucas remadas, de Rataguet e Múrcius, pouco se via da pequena embarcação, já que o nevoeiro havia se adensado bastante. O granizo frio também parecia ter ganhado mais peso.

No convés, Gitot parecia bastante ansioso. Trazia a pistola à mão, e estava agachado abrindo um saco escuro que Celet lhe havia entregado antes de partir.

— Fiquem aí! — ele ameaçou, em dado momento, indicando que os garotos se reunissem mais à sua frente para que não os perdesse de vista. Quando o saco foi aberto, seus gestos tornaram-se mais lentos e solenes. Ele retirou de lá um objeto brilhante e prateado, que mais parecia um espelho retangular ou uma bandeja luxuosa, com os lados maiores medindo cerca de dois palmos.

Jade e Sordidis olharam para aquilo curiosos. Mas era a expressão de Valfrido que se destacava, pois logo que ele pôs os olhos naquele artefato, seu diálogo com Zental na caverna voltou-lhe à mente, e ele podia jurar que Gitot estava em posse de algo que caberia perfeitamente naquele estojo que o velho alquimago havia lhe mostrado.

— Que beleza... — disse Gitot, levantando-se e exibindo o artefato para os reféns.

Puderam então reparar melhor naquilo, e perceberam que quase toda a superfície era, na verdade, levemente transparente, embora o que vissem através dali se tornasse turvo e oscilante, como se aquilo fosse um aquário

extremamente fino e algum líquido estranho preenchesse-lhe todo o interior. Também puderam notar que havia uma espécie de alça em cada um dos lados menores. Só então Jade demonstrou pela primeira vez um espanto especial, porque notou grandes semelhanças entre o alaúde de Valfrido e aquele painel. Ela virou a cabeça na direção dele, mas Valfrido olhava fixo para Gitot.

— Este é... Isto é de Zental! — exclamou o bardo, não conseguindo conter a surpresa. — Você roubou dele, não foi?

Sorfidis deu um olhar fulminante para o amigo, afinal, não estavam em condições de ficar provocando aquele homem maluco. Para seu alívio, Gitot apenas deu de ombros:

— Ora... ele mesmo ia destruí-lo, meu jovem. Não é roubo tomar algo que o próprio dono rejeita. Além do mais, uma criação como esta... se destruída, poderia levar anos para... — ele admirava o painel, mas deteve a fala e observou Valfrido com grande interesse. — Mas como você sabe disso, DiPresto? Então... eu estava certo? — ele riu. — Mas que surpresa! Como saberia disso, senão pelo próprio Zental? Pelo seu papai fujão não seria! Zental está vivo, então! E você estava com ele, não estava? Por isso não o encontrei quando capturei seus amiguinhos! Eu bem que suspeitava!

— Não finja! Zental me mostrou o esconderijo! — retrucou Valfrido, irritado pela menção ofensiva a seu pai, e quase já levando uma cotovelada de Sorfidis. — Você roubou isso dele! Não precisa fingir que não sabe!

— Esconderijo, nesta ilha?! — Gitot pareceu ainda mais excitado, e então, para surpresa de todos, começou a gargalhar descontroladamente. — Isso é fabuloso! — tomou fôlego e continuou: — Esta maravilha aqui já está comigo desde o dia do naufrágio que supostamente matou Zental! Ah!... o pobre Zental... Não é à toa que a Natura transferiu seu trabalho para mim! É um completo desastrado!

Os três jovens entreolharam-se, enquanto Gitot ria. Estavam visivelmente desolados. Como se já não bastasse tudo o que havia ocorrido, suas vidas

estavam então nas mãos de um assassino cuja loucura mostrava-se maior a cada minuto. Jade era a mais abalada dos três, pois o destino de seu pai era a mais dolorosa das incertezas que apunhalavam seu coração. Sordidis, ainda que dominado por grande tensão, tinha no semblante uma expressão séria e inexplicável. Valfrido, que melhor o conhecia, sabia que a mente dele devia estar trabalhando um bocado.

— Estão sentindo isso, meus amigos? — disse Gitot, levantando os braços, de rosto para o alto. — Que alegria! Tudo está exultando! Vamos ao trabalho!

Sem largar a pistola, ele ergueu o painel alquimago diante de si com ambas as mãos, olhando-o atentamente, parecendo concentrar-se. Após alguns instantes, a oscilação dentro do objeto pareceu aumentar. Em seguida, um risco dourado cintilou no painel, e vários outros foram surgindo, numa velocidade cada vez maior. De repente todo o artefato estava brilhando, e a luz banhava os rostos de todos com um suave calor. Gitot, que tinha os olhos aparvalhados, pareceu arrefecer seus ânimos, conforme o brilhou foi-se extinguindo.

— Maldição!... — ele gritou, ofegante e furioso. Mas imediatamente sorriu, olhou para Jade e apontou-lhe a pistola. — Venha cá, mocinha. Eu sabia que você poderia ser útil.

— O que vai fazer? — exaltou-se Valfrido.

— Calma... — disse Jade, tentando dar-lhe um olhar confortador. — Está tudo bem.

Jade caminhou até Gitot, que ofereceu a ela uma das alças do painel, ainda agarrando a outra.

— O que devo fazer? — perguntou ela, parecendo segura.

— Nada de especial, minha cara. Só vamos energizar esta maravilha.

— Vamos logo com isso, então...

Gitot riu de leve.

— Suponho que você deve ser muito talentosa. Então, não me decepcione.

Jade respirou fundo, deu uma breve espiada nos amigos, e fechou os olhos. Gitot pareceu contrair todo o corpo num grande esforço. Jade, aos poucos, pareceu tensionar-se também, e de imediato o painel começou a fulgurar novamente. O efeito luminoso pareceu atingir seu ápice anterior numa velocidade incrivelmente maior. Valfrido e Sorfidis, em dado momento, tiveram de apertar os olhos e proteger-se do brilho intenso com as mãos. A massa luminosa começou a agitar-se de tal maneira que passou a expandir-se para o alto, e em poucos segundos já era quase como um tornado de luz dourada, silencioso e extasiante. O topo da massa passou a estabilizar-se na forma de uma imensa esfera radiante, e sua luminosidade foi tornando-se cada vez mais suave.

Todos puderam então contemplá-la, e ficaram igualmente boquiabertos. A gigantesca esfera dourada pairava acima de suas cabeças, ligada ao painel alquimago por um caule translúcido de energia. O núcleo da esfera parecia agitar-se, borbulhando para a superfície manchas disformes de cores variadas.

— Consegui! Eu consegui! — gritou Gitot. — Contemplem o portal para uma nova era! A maior de todas as obras, ignorada pelo maior dos tolos!

— Com mil tubarões, Valfrido — sussurrou Sorfidis, duro feito estátua. — O que é isso?

— Não faço... a mínima idéia — gaguejou Valfrido.

— Aí está, meu jovem bardo! — disse Gitot, indicando a esfera com grande orgulho. Ele e Jade ainda seguravam o painel. — Agora é com você! Sabe o que fazer, não sabe?

Valfrido sentiu um terrível frio no estômago.

— Do que... está falando? Eu não...

— Oh! Você parecia muito sabido agora pouco! — ele ironizou, mas logo tornou-se ameaçador: — Pegue o alaúde, DiPresto! Pegue o alaúde e toque!

— Mas eu não...

Gitot engatilhou a pistola, começando a ficar enfurecido.

— Pegue o maldito alaúde, DiPresto, antes que eu perca a paciência!

Valfrido achou um tanto inapropriado que logo ele falasse em paciência, mas achou que seria melhor para sua integridade, e para a de seus amigos, que ele ficasse de boca calada. Tirou o estojo das costas, abriu-o e empunhou o alaúde. De imediato sentiu algo estranho... Aquela vibração sonora grave e etérea que vinha da esfera dourada parecia afetar o alaúde. Podia sentir a madeira do instrumento vibrar sutilmente contra seu peito. Quando Valfrido soou as cordas, para testar a afinação, todos espantaram-se com uma nova surpresa: ao som do alaúde, a esfera agitou-se numa mistura estonteante de ondas e cores, e um facho dourado foi expelido na direção do instrumento, como um fio contínuo de energia a conectá-los.

— Fabuloso, DiPresto! — berrou Gitot, gargalhando de alegria. — Funciona! Veja só! Toque a música!

— Mas que música! Eu não sei...

— A melodia mais sublime de seu pai, garoto idiota! Aquela que inspirou Zental! Toque logo! Vamos!

— Mas você não entende! — respondeu Valfrido, visivelmente tenso. — São muitas! Como vou saber qual é?

— Escute aqui, DiPresto! — berrou o homem, parecendo um animal possesso. — Isso aqui não vai durar! Vai sumir logo, e não vou conseguir essa força toda de novo! É melhor botar essa cabeça pra funcionar!

As mãos do garoto tremiam. Ele encarou firmemente Sorfidis e Jade, como que buscando algo em seus olhares... algo que o ajudasse, que pusesse um sustentáculo em seus pensamentos, para que ao menos conseguisse raciocinar em meio àquele turbilhão mágico e assustador. A melodia mais sublime de seu pai... Eram tantas. Não havia tempo. Precisava descobrir depressa. De repente lembrou-se outra vez de Zental, e da conversa que tiveram na caverna. Sim... se

queria alguma pista sobre a misteriosa melodia, ali devia estar sua última esperança. Forçou a memória, tentando trazer de volta à consciência as palavras dele... Tudo foi reaparecendo em fragmentos, e cada frase foi organizando-se na surpreendente velocidade do pensamento. A música... A Natura... Sentimento... Expressão subjetiva... o misterioso amor... Amor! Era aquilo! A palavra disparou todas as falas do velho DiÁdora... A conexão entre a Natura e a mente humana. Uma música de amor havia inspirado Zental! Fazia pleno sentido!

Valfrido respirou fundo... os dedos ainda tremiam, mas ele não estava disposto a desapontar aquele assassino. Era agora ou nunca. Começou a tocar a música que Darteus havia feito para Perla. A música que se seu pai fez para sua mãe quando se apaixonaram. As primeiras notas saíram inseguras e desritmadas, mas logo os acordes foram se harmonizando, e a melodia ganhou coerência. Nos primeiros instantes, Valfrido tinha os olhos fechados, tentando concentrar-se, mas conforme a música foi fluindo, sentiu que o som do alaúde estava ganhando força e ressonância fora do comum. Abriu os olhos, e a beleza do que estava acontecendo por pouco não arruinou sua execução... O globo dourado estava reagindo à música, como se fosse a mais exímia bailarina de luz etérea. Estava ganhando novas formas, cores, mas nada definível. A música seguia pela metade, alcançando seu momento mais belo, quando um novo fio luminoso, semelhante ao que estava ligado ao alaúde, expeliu-se da esfera e ligou-se ao abdômen de DiPresto, fazendo-o sentir um agradável calor. Gitot olhava aquilo com crescente expectativa e contentamento. Um novo fio brilhante apareceu, e atingiu a garganta do bardo. As formas e imagens surreais do globo gigante tornavam-se cada vez mais nítidas. Gitot começou a demonstrar uma ponta de preocupação, como se esperasse por algo que não estava acontecendo.

A música acabou. O último acorde ressoava, os fios de energia ligados a DiPresto foram se desfazendo, a esfera dourada se estabilizou aos poucos, e parecia estar menos intensa do que antes.

— Não é possível! — irou-se Gitot. — A melodia não é essa! Está errada, seu bardo imprestável! Toque a melodia certa!

— Só pode ser essa, Gitot! — respondeu Valfrido, inconformado. — Não sei o que você espera, mas pode ter se enganado!

— Não discuta comigo, moleque! Você tocou a música errada! Toque outra, agora! — Ele então, para desespero de Valfrido e Sorfidis, apontou a pistola diretamente para a cabeça de Jade. — E é melhor acertar dessa vez! Eu tenho duas cargas aqui, DiPresto! E a primeira vai espalhar o sangue de sua amiguinha se você não fizer o que estou mandando!

Valfrido estava completamente perdido. Não conseguiu responder, nem pensar. Olhava para Jade, e ela olhava para ele. A pobre garota parecia exausta, mas Valfrido viu aquele brilho especial no rosto dela. Era sua última chance... Mas e se Gitot estivesse enganado, fosse lá o que estivesse pretendendo? E se aquilo fosse o máximo que pudesse acontecer? Mas não havia escolha... Precisava acreditar que Gitot estava certo, pois esta era a única coisa que lhe daria uma chance, ainda que inescrutável, de impedir que aquele alquimago insano derramasse o sangue de sua amiga. Onde havia errado? Teria deixado escapar algum detalhe?

— Vou contar até dez, moleque! — ameaçou Gitot.

Valfrido quase não ouvia. Sua mente parecia protestar, empurrando-o insistentemente para as palavras de Zental... O sangue... O sangue... Aquilo martelou sua mente diversas vezes, até que de repente a fala do velho voltou-lhe por completo. Sangue correndo nas veias da Natura... Somos sangue correndo nas veias da Natura... Criador para criatura... A expressão sublime de criador para criatura... Aquilo martelava e martelava. Tudo em questão de segundos, que naquela atmosfera tensa e surreal pareceu uma eternidade. Criador para criatura... Valfrido teve um estalo, e seu coração disparou. Não podia ser... e ao mesmo tempo era a única coisa que fazia pleno sentido. Seu pai havia feito uma música para ele, quando Valfrido nasceu. Criador para criatura... De pai para

filho... Sim, fazia sentido, mas ao mesmo tempo ele nunca havia realmente gostado daquela melodia. Voltaram-lhe à memória várias cenas de Darteus invadindo seu quarto pela manhã, tocando aquilo num ritmo acelerado, e embora não tivesse letra, seu pai vez por outra encaixava nela alguns versos para caçoar dos trejeitos do filho. Valfrido não gostava da melodia. Para ele, fazia-o sentir-se uma criança, e aquilo o desagradava. Mas não havia mais nada em que pensar, não havia mais tempo, e Valfrido não tinha mais qualquer escolha.

O dedo de Gitot pareceu contrair-se no gatilho. Jade apertou os lábios e fechou os olhos. Sordidis sussurrou o nome do amigo, prestes a tomar uma atitude. Foi quando as primeiras notas soaram, vivas e claras. Valfrido tocava, com todo o vigor que lhe restava, a música que seu pai havia feito para ele. Sentiu-a de um modo completamente diferente. Talvez fosse aquela situação, ou talvez o som extraordinário que o alaúde havia ganhado com a gigantesca esfera de luz. O fato é que naquele instante a melodia não lhe parecia mais infantil. Era vivaz e inocente. A harmonia não lhe parecia mais simplória, era perfeita e comovedora. Sentiu seu encadeamento como uma sequência de degraus sonoros, ascendendo suas emoções na direção do desconhecido. Novamente um fecho de luz atingiu-lhe o abdômen, em seguida outro na garganta. A esfera dourada convulsionava e expelia imagens misteriosas num espetáculo cada vez mais onírico. Foi então que o inacreditável aconteceu. Um novo fio de luz começou a aparecer, atingindo DiPresto na testa, exatamente entre os olhos, e à medida que tornava-se mais forte, as imagens da esfera foram ficando cada vez mais nítidas. Ninguém conseguia mais tirar os olhos daquilo... não podiam crer no que estavam assistindo: uma imensa forma multicolorida agitava-se na superfície da massa luminosa, e ela foi ganhando contornos humanos. As cores foram se agrupando a desenharem roupas, pele, e cada detalhe. Em poucos instantes a imagem de Darteus, vívida e feliz, estava brilhando na esfera, a iluminar todo o navio e além dele. A imagem movimentava-se lentamente. Valfrido sentiu-se entre o sonho e a realidade. Darteus olhava para ele, sorrindo,

e começava a estender-lhe a mão. Não. não podia agüentar. Quando estava prestes a parar a música, a gargalhada insana de Gitot dominou a atmosfera.

— É isso! É isso mesmo! — ele gritava e ria. Para espanto de todos, ele puxou a alça do painel contra si. Jade desequilibrou-se e Gitot deu-lhe um fortíssimo empurrão com o pé, fazendo a menina largar o artefato e cair longe dali. Valfrido, Jade e Sorfidis assistiram aturdidos, então, o homem erguer o painel sobre a própria cabeça e, sem qualquer escrúpulo, disparar a pistola contra o objeto. A explosão da carga fez o painel partir-se em pedaços, e despejou sobre a cabeça de Gitot uma mistura caótica de fragmentos e líquidos brilhantes. Imediatamente a esfera dourada convulsionou-se como nunca, a imagem de Darteus turvou-se e toda a massa de energia despencou sobre Gitot. Em seguida um redemoinho agitou-se diante de seu rosto exultante. O fio de energia ligado à testa de Valfrido permanecia aceso, e pareceu ganhar grande intensidade enquanto sua outra extremidade começava a fixar-se entre os olhos de Gitot. E de repente, toda a energia, que até então contraía-se em volta do alquimago, expandiu-se como uma explosão silenciosa, lançando todos para longe.

Valfrido, Jade e Sorfidis caíram perto da escada do tombadilho, e Gitot foi lançado na direção oposta. Jade e Sorfidis recuperaram-se depressa, e correram na direção de Valfrido, que contorcia-se no chão.

— Frido! Você está bem? — gritou Jade, erguendo-lhe ligeiramente a cabeça.

Sorfidis segurou os ombros do amigo, chamando seu nome repetidamente. Valfrido soltou um gemido, e aos poucos foi abrindo os olhos.

— Capitão... Jade... — Ele parecia confuso a princípio, mas num espasmo de lucidez, percebeu-se diante de seus amigos, são e salvos, e puxou os dois contra si, num abraço intenso e aliviado.

O momento de alegria durou pouco. Logo a risada asquerosa de Gitot explodiu em seus ouvidos, e eles voltaram-se para o alquimago, que caminhava lentamente na direção deles, do lado oposto do convés.

— Eu consegui! — ele grunhiu bem devagar, engatilhando a pistola e apontando-a para os garotos. Restos do líquido do painel ainda escorriam-lhe pelo rosto e ombros, e alguma luminosidade parecia pairar em seu semblante, tornando seus olhos ainda mais insanos e assustadores.

* * *

O capitão Lurrone estava sentado em uma cadeira, amarrado firmemente com as mãos para trás, e Celet terminava de posicionar-se bem na frente dele, também sentado. Estavam dentro da pequena sala de estratégia do navio da Guarda, quase contígua à casa do leme, enquanto Rataguet, Múrcius e Elen haviam sido trancados num dos dormitórios do castelo da popa.

Celet assim havia feito alegando que iria interrogar um por um. Mas Lurrone era experiente e esperto o bastante para saber que o único que interessava a Celet era ele, e só havia trancado os outros naquele cubículo a fim de poupar trabalho quando fosse incendiar tudo com aquela esfera diabólica. O velho tinha depositado o artefato sobre a mesa da carta náutica, ela rolou para a borda e Celet capturou-a num susto, guardando-a então consigo.

— Capitão Tuglas Lurrone... — começou ele, pondo ao colo uma espada e guardando a pistola na cintura. — Eu já sou um homem de vida longa, e sabe como é... para aqueles a quem espicham os anos, encolhem os minutos. Então vou ser bem direto, e quem sabe todos nós possamos sair de perto dessa ilha horrível bem rápido. — Pigarreou, e continuou: — Eu soube que você e vários capitães andaram se reunindo com o primódora, não é verdade? Posso saber para que foram convocados?

— Para tomar chá com bolinhos, Celet... O que acha?

— Não banque o engraçadinho comigo, capitão! Caso não tenha percebido, não é um bom momento para piadas! — Celet mostrou-lhe a espada com ameaça.

— Pois eu acho que as piadas caem muito bem aqui, Celet... — respondeu o capitão, olhando-o seriamente. — Não posso imaginar piada mais absurda do que esta... um marujo como você traindo a Guarda, que é formada por homens bons, honrados, para aliar-se a piratas e... a Jean Gitot. Alguém cujo nome deveria ter a pronúncia proibida em Polímagus.

— Ah, Lurrone... — o velho riu. — Não seja ingênuo. Eu jamais me aliaria a piratas. São um bando de imundos, desorganizados...

— A mim parece que, com a grande ajuda de você e Gitot, eles não estão mais tão desorganizados. Ocuparão esta ilha abandonada. Aposto que em breve farão o mesmo com a Cipreste, que vocês dizimaram, e em pouco tempo Polímagus estará gravemente infestada pelo caos.

— É exatamente o contrário, capitão Lurrone! — sorriu Celet. — Gitot está pouco ligando para os piratas, e tampouco estou eu! Eles acham que estamos lhes oferecendo ilhas periféricas para que consigam se infiltrar em nossas terras com facilidade... — ele deu uma leve risada. — Mas isto é só uma distração para ganhar tempo, até que a Guarda e todos os grantimãos percebam a fragilidade de nossas defesas, e então...

— E então Gitot irá entregar os piratas e bancar o herói salvador, não é, Celet? — interrompeu Lurrone, e logo pareceu surpreso com outra conclusão: — E posso até adivinhar que fará isso antes da eleição para primódora!

— Sinto muito, capitão... — Celet fingiu desapontamento. — Eu sei que o senhor é candidato também, mas tem que entender... Gitot tem grandes poderes, e Polímagus precisa de alguém que esteja disposto a torná-la uma fortaleza impenetrável à escória dos mares!

— E o grande Celet precisa de um cargo de alto comando, não é? — arrematou Lurrone, de olhar sério e incisivo. — Você diz que Polímagus é frágil,

mas não é verdade. Nosso povo é liderado por homens que dariam a vida uns pelos outros sem pestanejar! E você, Celet? Daria a vida por Gitot? Claro que não... está estampado em seus olhos, e você não dá ouvidos ao próprio espírito gritando aí dentro!

— Cale a boca! — Celet levantou-se, trêmulo, apontado a espada para o rosto do capitão, que continuava de olhar inabalável.

— O que ele lhe prometeu, Celet? O que Gitot, o homem que não arriscaria um dedo por sua vida, lhe dará em troca de você virar um assassino?

— Você... — Celet grunhiu bem devagar a palavra, com os olhos arregalados para Lurrone. Ainda com a espada apontada para o prisioneiro, desceu a lâmina lentamente até seu pescoço. — Você se julga muito honrado, capitão, e acha que pode fazer juízo de coisas que estão muito além da sua compreensão. Não, capitão... você não me conhece. Sua cabeça jovem acha que os homens se dividem simplesmente em bons e maus. Há muito mais entre isso tudo, capitão. Você mesmo, Tuglas Lurrone, um homem tão honrado... há quatro anos, quando sua esposa morreu... — um sorriso de sarcasmo surgiu no rosto de Celet. — Se você pudesse, teria mandado matar todos os alquimagos! Eu sei muito bem disso!

— Talvez, Celet — respondeu Lurrone com tranquilidade. — Estou longe de ser o melhor dos homens, mas ao menos aprendi que o ódio não transforma o crime em justiça, e nenhum alquimago, culpado ou inocente, pagou um mísero fio de cabelo pelas minhas mãos.

— Tem certeza, capitão? — Celet fez uma careta de escárnio. — Pois não faz quatro anos que sua filha vem pagando por todos eles?

Lurrone sentiu uma pontada no peito, e ele pela primeira vez baixou os olhos diante da risada histérica de Celet.

— A mocinha deve ter mais fibra que nós todos juntos! — gritava o velho, aproveitando-se ao máximo daquele momento de abalo do capitão. Celet sempre

o achara pomposo e arrogante, e vê-lo humilhado daquele jeito era, para ele, digno de júbilo.

A voz alta de Celet fugiu para além daquele aposento, e de repente algo chegou aos ouvidos dele, fazendo-o calar-se assustado.

— O que foi isso? Eu ouvi alguma coisa! — Celet levantou-se, sacou a pistola e aguçou os ouvidos. Nem um segundo depois, uma voz fraca e sofrida fez-se ouvir novamente.

— Socorro!... Celet!... É você, Celet?...

— Vem da casa do leme, e me parece familiar. Ah! Bem sabia que estava faltando o outro! — Celet pareceu mais tranqüilo, mas ainda guardava apreensão. Tirou o próprio chapéu, e o vestiu com cuidado na cabeça de Lurrone. — Eu vou lá verificar, e você espera aqui... Oh! mas que bobagem para se dizer! — Dando outra risada, ele tirou do bolso a esfera de Gitot. — É óbvio que não irá a lugar algum! — E dizendo isso, para terror de Lurrone, Celet depositou a esfera maldita bem no topo do chapéu, fazendo-a equilibrar-se sofrivelmente numa ligeira concavidade. Em seguida, após uma última espiada para admirar sua obra, saiu de lá e fechou a porta, cantarolando alto e desafinado.

— Com mil tubarões! — lastimou Lurrone num murmúrio, duro feito pedra, sentindo que o menor movimento derrubaria a esfera e incendiaria tudo e todos. — Mas que maravilha... como isso poderia ficar pior?

A resposta do destino veio logo em seguida. Ele ouviu o ruído sutil de alguma coisa pousando na janela:

— *Quem inventou as verrugas e as dores de barriga? Ninguém me questione! Foi o Capitãããoo Burrone!*

— Ah!... eu não posso... não posso acreditar nisso! — resmungou Lurrone, com gotas de suor pingando-lhe pelas têmporas e costeletas. — É uma alucinação... só pode ser.

— *Capitão Burrone... não vai enxotar Pudim?* — a ave deu uma voadela para cima da mesa ao lado. — *Uuuh... braços presos! Pudim tem que resolver isso!*

— Ei, ei... pare aí! — Lurrone tinha os olhos arregalados para Pudim, e começou a tremer cada vez mais conforme o bicho se aproximava. — O que... o que está fazendo? Xô! Xô!

Pudim sumiu de seu campo de visão quando se dirigiu para as costas do capitão, o que o deixou ainda mais amedrontado. Queria virar o pescoço, mas a esfera podia cair a qualquer momento. Sentiu algo roçar-lhe os pulsos. Eram penas... ele passou a murmurar todos os sortilégios que conhecia, e até inventou alguns. Mas de repente, teve uma sensação confortável nos pulsos. Estava livre. As cordas haviam afrouxado. Movendo os braços devagar, para testar se não era sua mente pregando-lhe uma peça, constatou que as cordas estavam rompidas, e as voltas estavam caindo ao chão.

Soltando uma onomatopéia de deslumbre e satisfação, Lurrone levantou com extremo cuidado os dois braços, e foi dobrando os cotovelos bem devagar, achegando suas mãos ao alto do chapéu. Sentiu a esfera, e capturou-a, soltando vinte litros de ar num suspiro de alívio.

— *Uuuh!... Agora capitão Burrone pode enxotar Pudim com os braços!*

Lurrone levou um susto e quase derrubou a esfera. Ato contínuo, tirou o chapéu, botou o artefato dentro e largou-o na mesa, com a boca para cima. Depois voltou-se e olhou para a ave no chão.

— Mas... mas o que é você, afinal? Como consegue falar assim?

— *Jade fez Pudim, capitão Burrone! Jade cuida de Pudim!*

— Minha filha fez o quê? — intrigou-se o capitão, pensando a princípio que a filha andara cozinhando sobremesas, mas logo compreendeu que Pudim era o nome do papagaio. A princípio aquilo soou absurdo ao capitão, mas ele logo se lembrou de que aquele vocabulário tão rico poderia tratar-se de algum efeito alquimago.

— *É um segredo! Se capitão Burrone pegar Pudim, tira as penas e cozinha na panela do fedido!*

— Do jeito que tem me tratado, é provável que eu fizesse isso mesmo. Mas... você não parece ter tanto medo de mim — admirou-se Lurrone, agachando perto da ave. — Até me salvou.

— *Pudim não tem medo de capitão Burrone... Jade tem medo do capitão Burrone.*

O capitão sentiu novamente o coração afligir-se.

— Você é um papagaio muito esperto, Pudim — ele sussurrou entristecido, mas vozes vindas da casa do leme despertaram seu senso de urgência, e ele imediatamente deu-se conta de que, se quisesse ter a chance de ajudar seus amigos e sua filha, precisava fazer algo o mais rápido possível. Pensou por um segundo, dirigiu-se até uma escrivaninha e começou a vasculhar as pequenas gavetas. De repente, soltou uma exclamação baixa de alegria, mostrando a Pudim uma argola pequena com quatro chaves.

— Escute, Pudim, eu sei que você é esperto — falou o capitão, aproximando-se da ave e retirando uma das chaves da argola. — O homem que me prendeu pode voltar a qualquer momento, e não sei se terei tempo, ou mesmo se conseguirei ir até a popa sem ser visto. Saia por esta janela e veja se consegue encontrar meus amigos. Eles estão presos num quarto dentro da popa.

— *Pudim sabe voar escondido! Pudim entra em qualquer lugar!*

— Isso mesmo, Pudim! Encontre-os, entregue esta chave a eles e diga que devem pular na água ao menor perigo.

— *Parece um plano desesperado, capitão Burrone!*

— Você é um gênio... — Botou a chave no bico de Pudim. — Mas não se preocupe. Se tudo der certo, ninguém precisará se molhar. Agora vá.

Pudim voou pela janela imediatamente.

Lurrone aguçou os ouvidos para tentar captar a situação na casa do leme. Parecia haver uma discussão, entre a voz de Celet e outra, de um homem aparentemente muito ferido.

— Já expliquei mil vezes, Celet! Eu juro! — dizia a voz de Bengal com sofreguidão. — Um papagaio demoníaco nos enganou!

— Isso está ficando cada vez melhor! — gritou Celet, rindo feito uma hiena. — Primeiro tenho o capitão Lurrone na palma da mão! E agora o pirata mais estúpido que já conheci é emboscado por um passarinho! — e outra gargalhada.

A felicidade de Celet fez Lurrone imaginar que o diálogo iria perdurar e distrair os dois por tempo suficiente. Abaixado, ele esgueirou-se porta afora. Dali podia ver a entrada da casa do leme, e um pedaço das costas de Celet. Apressou-se, antes que o homem visse, e logo atravessava o imenso convés na direção da entrada da popa. Ainda a alguns metros dela, viu que estava fechada. Pensou se Pudim havia encontrado seus amigos, e desejando aproveitar o impulso da corrida, nem quis saber se a porta estava trancada ou não: ergueu a perna e, com um grunhido de esforço meteu o pé na fechadura. A porta arrebentou-se feito casca de árvore, e lá dentro ouviu-se um grito e um ruído de queda.

— Rataguet! Você está bem? — disse Múrcius, amparando o navegador, caído no corredor esfregando a testa.

— É o capitão! — gritou Elen, e todos olharam.

— Puxa, capitão! — exclamou Rataguet, erguendo-se. — Nunca que uma cacetada dessas me faria tão feliz como agora! Que bom vê-lo a salvo!

— Desculpe, meu amigo! Vamos, vamos sair logo daqui! — apressou Lurrone.

— A gente tem mesmo que pular na água? — perguntou Elen, um tanto traumatizada depois da última experiência.

Lurrone lembrou-se da ordem que dera a Pudim, e percebeu que ele não estava ali.

— Onde está o pássaro? — perguntou.

— Estava conosco! — disse Múrcius, olhando em volta. — Vai ver se assustou com o senhor, capitão! Quer dizer... — pareceu constranger-se — Com o jeito como chutou a porta, é isso!

— Essa não! — resmungou Rataguet, apontando por cima do ombro de Lurrone.

— Muito esperto! Muito esperto, capitão Lurrone! — dizia Celet em voz alta, caminhando apressado na direção deles. Trazia na mão direita a pistola apontada, e na esquerda seu surrado chapéu. — Sempre querendo bancar o herói!

Lurrone, parecendo resignado, ergueu as mãos e deu alguns passos à frente do grupo.

— Tudo bem, Celet... Você me pegou, mas por favor... deixe meus amigos fora disso. Eles não tem nada a ver essa coisa toda, muito menos a menina.

— Capitão, não deixaremos você! — protestou Rataguet.

— Estamos juntos! — concordou Múrcius.

— Para trás, homens. É uma ordem! — disse Lurrone com firmeza. — Sou o responsável aqui, e vocês vão cuidar da menina, me ouviram?

Celet umedeceu os lábios enrugados e remexeu a pistola entre os dedos. Lurrone continuou:

— Deixe eles irem e eu lhe conto tudo... todos os planos da Guarda. Tudo o que os capitães planejaram na reunião com o primódora. E depois... pode me matar se quiser. Pode incendiar o navio. Mas deixe eles irem.

Celet parecia extremamente tenso. Parecia pensar, e retorcia o chapéu na outra mão. Mas de repente ficou enfurecido:

— Eu não recebo mais ordens de você, capitão! — gritou ele. — Nem de você, nem de nenhum maldito marujo da Guarda com quem naveguei em todos estes anos, e de quem só provei o desprezo e a solidão!

Foi então que um vulto repentino atravessou a entrada da popa, grasnando e voando à toda na direção de Celet. Num susto, o velho disparou a arma e, para terror de todos, penas espalharam-se no ar. Pudim caiu pouco adiante do capitão, com a pobre asa arrebentada.

— Não, Pudim! — gritou Elen, correndo até o pobre bichinho que tremia ao chão.

Lurrone sabia que aquele era o momento decisivo. Sentia em Celet a tensão de um homem dividido. Sabia que aquele ato inesperado provavelmente havia atingido mais a Celet do que a Pudim, e que naquele exato instante, o velho navegador era uma alma pendendo entre dois abismos... o do arrependimento, e o da crueldade.

— Celet! Olhe para mim! — gritou o capitão, ainda em posição de rendição.

— Veja, veja... — Celet repetia, parecendo um louco. — Este é o pássaro maldito? É você? — soltou uma risada insana. — Eu peguei você, não peguei? E agora vou pegar o capitão! Vou pegar todos eles!

— Celet! — chamou Lurrone com imponência, fazendo a pontaria da arma fumegante, que pulava de um para outro, voltar para ele. Sabia que a arma tinha só mais uma carga, e que Celet a usaria a qualquer momento. Precisava que fosse nele... precisava dar a seus amigos um tempo... uma chance. Falou em tom provocador: — É a mim que você quer, não é? Eu enganei você direitinho, não foi? Claro que enganei! Quem não enganaria o tolo e imprestável Celet?

— Cale a boca! — berrou o velho. — Eu sei o que está tentando fazer, capitão! Eu sei muito bem! Mas não sou burro! — Celet deu uma risada aterrorizante. — Você vai ter o que merece, capitão Lurrone! Mas... mas eu sei o que pretende! Morrer agora o deixaria satisfeito, não é? — outra risada. —

Tenho uma surpresa para você, capitão! Gitot disse que vidas precisam ser sacrificadas em nome da evolução, e era isso que estava para acontecer aqui, só que, agora... — Ele lambeu os lábios, e seus olhos tornaram-se extremamente vazios. — Só que agora tudo o que eu quero é fazê-lo sofrer, capitão! E o destino dirá se estou errado!

O velho engatilhou a pistola e, num ato de instintiva frieza, levou o chapéu à cabeça. E então, para o terror e surpresa de todos, Celet girou a pontaria da arma rapidamente para Elen, que carregava Pudim nos braços.

— Não, Celet!! — gritou Lurrone, que já estava prestes a saltar na frente da arma. Entretanto, seu olhar não estava voltado para a pistola, mas sim para o chapéu de Celet, pois assim que sua boca virou para baixo, a esfera alquimaga saltou para fora, e caiu, passando bem diante dos olhos aturdidos de Celet, fatalmente na direção do assoalho.

24

A ÚLTIMA CILADA

Gitot cercava Valfrido, Jade e Sorfidis feito um cão com um trio de ovelhas. Como ainda estavam a certa distância, Sorfidis fez menção correr com eles dali, mas Gitot ameaçou-lhes antes mesmo que tomassem qualquer atitude.

— Calma... muita calma, meninos — disse o alquimago. Sua figura era assustadora depois do bizarro incidente com o painel. Seus olhos pareciam fulgurar uma excitação fora do comum, e seu rosto tremia, por vezes perscrutando várias direções com rapidez. — Ainda não terminei com vocês. Foram bons, sim... Fizeram um ótimo trabalho até aqui.

— Mas...!

— O que foi que eu fiz? — Gitot interrompeu Valfrido de imediato. — O que aconteceu? É isso que sua boca ia dizer, não? Mas o que você realmente está querendo perguntar é o que eu quero com vocês, e se vou deixá-los vivos. Não é mesmo, DiPresto? Pobrezinho... ainda acha que pode encontrar o papai fujão!

Os garotos entreolharam-se confusos, menos Jade, que tinha o semblante espantado e fixo em Gitot.

— Nossas mentes... — balbuciou ela, aparvalhada. — Ele... ele está lendo nossas mentes.

— Ele está o quê? — Valfrido sussurrou, e então compreendeu bem melhor o comportamento estranho de Gitot, e seus trejeitos repentinos com a cabeça... ele realmente parecia estar sendo fulminado por montanhas de vozes e imagens, e parecia querer afastá-las, ou talvez... escolhê-las. Seria possível? Seria então aquele o efeito inesperado e secreto que Zental tanto temia? Só podia ser... afinal, um poder como aquele, ler as mentes das pessoas, talvez

até... dominá-las, se disseminado, certamente cairia em terríveis mãos. Terríveis como as de... *Gitot*. A conclusão fez Valfrido sentir o corpo todo gelar.

— E você, caolho? Vamos ver... — continuou *Gitot*, aproximando-se deles bem devagar, e fazendo um esforço tremendo para se concentrar. — Mas que pena... Está ficando cego! — *Gitot* soltou uma gostosa risada, maravilhado com seu desempenho. — Isso é fantástico! Quer dizer, não sua cegueira, caolho. Ela é triste, muito triste! — Fingiu decepção e fez uma voz lamentosa: — Sinto muito pelo acidente... vejo que ele ainda reservava outras surpresas, não é?

— Cego? — exclamou Valfrido voltando-se para o amigo, e encontrou-o paralisado e sério. — O que ele... o que ele está dizendo, capitão? Do que ele está falando?

— Mas que maravilha — *Gitot* riu, triunfante, a olhar animadamente na direção do outro navio. — A cada momento sou surpreendido pela grandiosidade de minhas criações. E parece que as coisas estão indo bem!

Apenas Jade percebeu o real peso daquele olhar de *Gitot*. Observou a grande massa de neblina e, para seu espanto, uma imensa luminosidade amarelada parecia pulsar ali. O desespero tomou conta de suas entranhas. O outro navio estava em chamas. Tinha certeza.

— Mas... e você, mocinha alquimaga? O que temos...? — *Gitot* fixou sua atenção nela com grande firmeza, mas Jade imediatamente baixou o rosto e fechou os olhos.

— Vamos, menina, eu... preciso... — ele aos poucos foi detendo a fala, ficando cada vez mais agitado. Sacudia a cabeça continuamente. — Chega, chega! Já ouvi! Está bem... Parem com isso! Parem! Assim não posso...

Jade continuava do mesmo jeito. Valfrido assistia com medo e excitação aquele espetáculo insano que *Gitot* desempenhava, brandindo os braços e gritando em todas as direções, para tudo e para nada. O único a ver naquilo algo de bom era *Sorfidis*, que desde muito tempo tinha certeza de que suas vidas não

seriam poupadas. Gitot não deixaria nenhum deles vivo... não podia deixar. E aquele aparente ataque de insanidade poderia ser uma chance.

Infelizmente, no clímax de sua luta solitária, Gitot pareceu recuperar o foco, e voltou-se para os garotos com um sorriso ofegante. Apontando para eles a pistola, começou a caminhar na direção da amurada.

— Eu vou... eu ainda tenho muito que aprender com isso... — ele repetia para si mesmo. — Preciso treinar... dominar... Adeus, garotos! Vocês ficarão bem! — Gitot pôs-se de pé na amurada, bem onde prendia-se a escada de cordas.

E foi então que aconteceu, como se cada segundo fosse vital e longo... Gitot virou de frente para o navio em chamas. Por um breve instante, pareceu que ele ia pular ou descer, o que em Valfrido e Sorfidis causou uma grande sensação de alívio. Mal seus corpos relaxaram, viram que Gitot enfiava a mão por dentro do manto, e em seguida um brilho inacreditável fulgurou em sua mão. Não bastasse tal surpresa, ao menor movimento do braço de Gitot para atirar a esfera para trás, Jade já estava correndo com incrível agilidade para longe de todos, numa direção absolutamente imprevisível do convés. A esfera ganhou o ar...

— Jade, não! — gritou Valfrido.

Imediatamente, prevendo uma tragédia, Sorfidis abandonou qualquer pensamento, e partiu como um furacão na direção de Gitot, que já virava o corpo, surpreendido com o grito. A primeira coisa que Gitot viu foi Sorfidis vindo em sua direção. Apontou a pistola. A esfera estava na metade de sua trajetória, e inacreditavelmente Jade já estava no exato lugar onde ela aparentemente cairia. Gitot disparou um tiro. Jade posicionou as mãos para capturar a esfera. Sorfidis voou na direção de Gitot com toda a força de suas pernas, fechou o punho e desferiu-lhe um soco certeiro no tórax. O corpo do homem, lançado fora do navio com o impressionante impacto, foi imediatamente dominado pelas terríveis labaredas das esferas que ele guardava. Jade agarrou a esfera lançada,

tentando amortecer ao máximo o impacto. Gitot foi mortalmente consumido pelo fogo durante a queda, e foi engolido pelas águas borbulhantes. Valfrido corria até Jade, apavorado desde o início pelo perigo do incêndio fatal. Jade pareceu concentrar-se na esfera em suas mãos. Seu brilho foi arrefecendo, e ela atirou o objeto ao mar.

— Jade! — Valfrido aproximou-se dela, completamente abobalhado. — Você está bem?

— Sim... — a menina balbuciou. Em seu rosto estampava-se um misto comovedor de cansaço e medo.

— Como... — gaguejou Valfrido. — Como sabia onde...?

Jade então, lentamente, levou as mãos até a bandana em sua cabeça e retirou debaixo dela, bem do centro da testa, o dóra que Valfrido havia lhe dado na ilha.

— Nem eu sei bem... — respondeu.

— Não acredito... — o bardo quase perdeu o fôlego, e olhou com espanto para a amiga. — Jade, você aprendeu a... você... — sem saber o que dizer, dominado de repente por uma injeção de ânimos, virou-se para Sorfidis: — Capitão! Veja só o que...!

Sorfidis estava junto à amurada, e quando Valfrido e Jade botaram os olhos nele, foram tomados de pânico. Tinha uma das mãos no peito, e com a outra tentava manter-se de pé apoiado na amurada. Curvou-se aos poucos até despencar ao chão. Os amigos correram até ele e ajoelharam, amparando o corpo ensangüentado do rapaz.

— Capitão! — chamava Valfrido. — Oh, não... Não... Jade, você pode curá-lo, não pode?!

— E-eu... eu não... — a pobre menina gaguejava, de olhos marejados, totalmente impotente diante do estado que ele já apresentava.

— Deixe, Frido... — a voz de Sorfidis saiu como o sopro de uma brisa. Apesar da dor imprimir-lhe alguns traços no rosto jovem e pálido, o que

dominava sua expressão e seu olhar era uma profunda serenidade. — Deixe... não há nada a fazer.

— Não diga isso, capitão! — retrucou Valfrido, sacudindo os ombros do amigo, como se pudesse com isso devolver-lhe as forças. — Você não pode morrer! Não pode, está ouvindo?!

— Posso sim... — ele fez um esforço tremendo para respirar, e em seus lábios pareceu brotar um ligeiro sorriso. — Por vocês... por vocês eu posso... E estou feliz. Para vê-los assim... a salvo, como agora... eu morreria mais vinte vezes.

Valfrido e Jade não conseguiram conter as lágrimas. Aquilo era estranho. Estranho e triste demais para ser real.

— Não... não diga isso! — chorava o bardo. — Você ainda precisa ser capitão, lembra? Vai ser capitão, e tão bom quanto seu pai. Você jurou!

— Pois eu já governei um navio... — ele sorriu novamente, já quase sem cor no rosto. — E eu... eu fiz o que meu pai fez... eu fiz por vocês o que meu pai fez por mim... mas... — de repente, Sorfidis viu-se tomado de uma grande tristeza, e parecia tentar conter um choro que lhe brotava na garganta. — Mas não fui corajoso como ele... eu não fui...

— Você foi sim, capitão — protestou Valfrido. — Foi mais corajoso do que qualquer pessoa que já conheci.

— Não... não, Frido... — Uma lágrima riscou-lhe a face. — Eu não fiz isso por coragem. Não, eu... eu fiz por medo... — Ele soluçou, e tentava respirar para continuar. — Eu não quero ficar cego, Frido... não quero. Eu não conseguiria...

Valfrido abraçou o amigo, sentindo-o já como um grande boneco de panos, quase sem alma. Sorfidis esforçou-se por inspirar, e balbuciou:

— Mas estou feliz... Faça valer, DiPresto. E cuide... cuide de Jade... ela é a melhor... a melhor alquimaga que já conheci.

Jade esboçou um sorriso triste, e beijou a testa do rapaz.

Os três abraçaram-se, unindo sua dor no mesmo pranto, até que sentiram a alma deixar o corpo de Sordidis por completo. Ouviu-se uma trovoadas, e começou a chover forte, como se o firmamento quisesse unir-se a eles, e lavar seus espíritos. Poderiam ter se passado dois minutos ou duas horas, até que uma voz a gritar ao longe encheu-lhes o coração de ânimo.

— Jade!... Jade!... DiPresto!...

Os dois levantaram-se imediatamente para olhar. Não puderam acreditar no que seus viram então. Era um bote a se aproximar em rápidas remadas. E dentro dele, ensopados e ansiosos, vinham Elen, Rataguet, Múrcius, e a visão que mais comoveu o coração de Jade: seu pai, Tuglas Lurrone, à frente, com Pudim carinhosamente aconchegado em seus braços.

— Pai! — gritou Jade, várias vezes, balançando os braços.

— Ei! Estamos aqui! — Valfrido acenou também.

Todos dentro do bote ficaram visivelmente emocionados quando viram os dois. Puseram-se de pé gritando, e quase viraram o pequeno transporte.

— Filha! DiPresto! Vocês estão bem?

— Sim, pai! — respondeu Jade em voz alta, mas a emoção travou a força de suas próximas palavras: — Não há mais perigo...

Estavam assistindo a aproximação do bote com extrema expectativa, quando ouviram um estrondo grave, que fez vibrar toda a estrutura do navio. Valfrido e Jade entreolharam-se sem entender, mas de imediato reconheceram aquele som: era o autorremo. O motor do autorremo havia sido acionado, e pela velocidade com que começaram a se afastar do bote, estava em potência máxima.

— Mas o que é isso?! — exclamou Valfrido. — O que está acontecendo?!

Antes que Jade pudesse falar, houve outro estrondo na popa, e acima deles, na traseira do navio, puderam perceber alguém surgindo através do assoalho. A figura estava virada para o bote que se afastava, e seus braços estavam dominados por grandes labaredas. Num movimento que os garotos

conheciam muito bem, ele friccionou um dos braços sobre o outro, na direção do bote. Um poderoso disparo de fogo atingiu a água quase à base do bote, e uma imensa ondulação ergueu-a num terrível solavanco. Surpresos e desequilibrados, Rataguet e Múrcius perderam os remos, e Lurrone e Elen quase caíram na água.

Jade gritou. Embora ninguém tivesse sido ferido, no desespero de vê-los se afastarem, a garota fez menção de subir na amurada para pular. Mas no momento em que botou o primeiro pé, Valfrido puxou-a de volta com tremenda força, logo antes de um meteoro escaldante quase atingi-la. Caíram ao chão, outro disparo flamejante veio, e eles tiveram de saltar na direção do mastro principal para se abrigarem.

— Seus miseráveis! Criminosos! — gritou Zental DiÁdora, parecendo mais insano do que nunca. — Eu sei o que fizeram! Vocês serão exterminados, violadores da Lei!

Seguros ao menos por alguns instantes, Valfrido e Jade olharam desesperados um para o outro.

— Jade, escute... — o bardo tentava tomar fôlego. — Ele vai acabar com a gente, mas... mas se eu distraí-lo você pode pular! Ainda pode alcançar o bote!

— Não, Frido!

— Por favor, Jade! Seu pai está lá! Se fizermos isso agora, você poderá alcançá-lo sem perigo!

— Não! — Jade agarrou o rosto de Valfrido e encarou-o com os olhos brilhando como nunca. — Eu não vou fazer isso! Não vou deixar você aqui, está me ouvindo?! Ou vamos juntos, ou ficamos juntos!

Valfrido, mergulhado no olhar da amiga, sentiu uma estranha força brotar dentro de seu peito. Outro disparo de fogo atingiu o assoalho, bem perto deles, sibilando contra a camada de água da chuva. O vapor subia e desaparecia. Eles se encolheram, e em seguida Valfrido olhou para frente, encontrando a casa do leme.

— O timão... podemos manobrar o navio!

— Muito bem, é isso! — concordou Jade. — Eu cuido de Zental, e você do timão.

— Jade, é perigoso... é melhor...

Zental vociferou mais impropérios, e outra bola de fogo esquentou a pele dos garotos.

— Eu dou conta dele, Frido! — ela disse, com extrema convicção. — Sou a melhor alquimaga que Sordidis já conheceu, lembra? Confia em mim...

Valfrido observou-a, fez um gesto afirmativo com a cabeça, e os dois puseram-se de pé. Jade passou os dedos em alguns coldres de seu cinto. Não tinha praticamente nada à disposição, mas manteve o semblante confiante para Valfrido.

— Agora! — disse ela, girando para fora do mastro e soprando a mão cerrada como se fosse uma corneta. De imediato uma nuvem perturbadora de faíscas jorrou crispando dali, indo rápida e ruidosa na direção de Zental. Valfrido correu para a casa do leme. O efeito de Jade era inofensivo, mas serviu para chamar a atenção de Zental. Ele friccionou seus braços de fogo contra a menina uma, duas vezes, mas Jade esquivou-se de ambas com destreza e segurança além do comum. Dissipada rapidamente a fumaça, os dois alquimagos viram-se frente a frente.

— Sua traidora! — berrou Zental, encarando-a sem piscar. Sua figura era agora quase inumana. Estava mais curvado, e seus olhos enormes e negros pareciam fendas para um par de abismos naquele rosto extremamente ossudo. — Você também perverteu minha criação, não foi? Sim... estou percebendo... Você também perverteu a Lei! Violou a Natureza!

— Nós não fizemos nada, Zental! — respondeu Jade, tentando não demonstrar o quanto ele a amedrontava. — Não temos culpa do que aconteceu! Foi Gitot que causou tudo isso! Tem que nos deixar em paz!

— Não, não!... Nunca! — falou o velho, indignado com a idéia. — Tenho que fazer a viagem final, mas antes tenho que eliminar vocês! Estão todos sujos pelo crime!

— Você está mais sujo do que qualquer um, Zental! — Jade respondeu com espantoso poder na voz. — Você podia ter destruído sua invenção, mas quis escondê-la consigo! E depois ameaçou o Frido!

— Comigo tudo estaria seguro! O alaúde não podia ficar com ele, muito menos depois que... depois que roubaram o painel-mental! Malditos...

— É mentira! Você queria o poder para si também! Você, no fundo... sempre quis o mesmo que Gitot!

Zental ficou paralisado, ruminando cada uma daquelas palavras.

— Sua violadora de mentes! — ele grunhiu, sílaba por sílaba. — Vou exterminá-la, sua aberração!

Zental pôs novamente os braços para trabalhar. As bolas de fogo voaram. Jade, assustada, esquivou-se da primeira e saltou para o lado evitando a segunda. Precisava de um abrigo, e saltou para o outro lado, driblando o terceiro ataque e colando novamente as costas contra o mastro principal, achando que teria sido bem melhor ficar calada. Mas não tinha tempo para arrepender-se. Zental avançava. Jade checou seu cinto, e ainda que soubesse estar fatalmente desprovida, uma quantidade imensa de cogitações passaram por sua mente enquanto ela sentia os coldres com os dedos.

Tudo aconteceu na absurda velocidade do pensamento... Quando Jade fez o processo automático de buscar seu conhecimento sobre uma substância em seu cinto, sua mente pareceu romper a informação, e tudo se transformou num constante emaranhado de estruturas e possibilidades. O que antes era um grupo de moléculas com determinada função, fragmentou-se numa teia espetacular de conexões independentes. Ela visualizou tudo como se um grande quadro animado estivesse em sua frente. Tudo num mísero flash de pensamento. Sentiu um fluxo de vida percorrer seu corpo, e ouviu Zental

correndo na direção do mastro. Os dedos de Jade percorreram agilmente os coldres, ela rolou para fora do abrigo e botou as palmas das mãos no assoalho. Imediatamente, toda a camada de água à frente congelou-se. Zental escorregou e caiu de costas a poucos metros dali. Ela rapidamente puxou com força as mãos para fora do gelo, projetou nelas uma injeção de calor e atirou as placas cortantes contra o velho. Surpreso, ele não conseguiu proteger-se por completo, e vários fragmentos cortaram-lhe o rosto.

Valfrido nunca tinha corrido tão rápido em sua vida... E ao fazê-lo, sua mente o transportou para aquela desesperadora fuga pela mata, depois da explosão do reservatório na Ilha Cipreste. Ouviu o som das chamas de Zental atrás de si, mas nenhum dos ataques pareceu ameaçar-lhe. Chegou à casa do leme sem quaisquer obstáculos, mas ao entrar, logo notou que algo estava errado... Havia um buraco bem grande no assoalho, quase à base do timão, e ele achou bastante estranho, mesmo sabendo que aquele era um navio pirata e que navios piratas não eram exatamente os melhores exemplos de conservação e asseio. Mas não havia tempo para filosofar... Foi direto ao timão, agarrou duas hastes da grande roda e forçou-a para bombordo. Pôs ali toda a força do corpo, e praticamente pendurou-se, sem contudo conseguiu girar aquilo sequer um milímetro.

— Não, não... Isso está errado — lamentou, respirando rápido e coçando a cabeça. Tinha certeza de que o timão estava com problemas. Olhou o precário e arruinado painel, buscou algum tipo de trava, mas não encontrou nada. Analisou de novo o buraco no assoalho. Suas bordas estavam muito carcomidas, como se a madeira tivesse sido corroída, e não quebrada. Dentro dele Valfrido percebeu que passava, indo com certeza até a popa do navio, a grossa e pesada barra de metal que devia ligar o leme ao mecanismo do timão. Teve uma idéia, e resolveu verificar. Pegou o lampião pendurado na parede e meteu-se dentro do buraco. Cabia perfeitamente ali. Verificou o interior do compartimento com o lampião, e

percebeu que era um comprido túnel, que não só comportava a barra do leme, como também outras peças que certamente ligavam-se ao controle do autorremo. Se não podia mover o timão, precisava desligar o motor.

Foi percorrendo o túnel escuro, engatinhando o mais rápido possível. Atravessou por ali toda a extensão do navio, até sair numa câmara mais espaçosa. Nela estava o motor do autorremo a trabalhar com fúria. Água de chuva escorria e pingava para dentro da câmara, através de um buraco no teto, idêntico ao que havia na casa do leme. Quando olhou por ele, Valfrido percebeu que ainda havia outro no teto do andar acima, e mais outro que dava com certeza para o piso externo da popa. Não teve dúvidas de que Zental surgiu dali quando atacou o bote. Pôs-se diante do motor do autorremo, e passou a procurar uma alavanca ou qualquer coisa que o desligasse, sem sucesso. Não havia calor no motor, já que ele funcionava com a pressão do gás entre a água e a balota. Lembrando disso, ele tentou abrir o tanque de imersão, mas, para seu desespero, o metal da tampa tinha sido derretido e ela estava colada ao restante da peça como se ambas fossem uma. Viu que um tubo descia da lateral do tanque para outra grande peça abaixo dele. Procurou em volta, e dentre diversas ferramentas precárias, muitas aparentemente improvisadas com facas e espadas velhas, encontrou uma barra de metal, parecida com um pé-de-cabra. Tomou-a e começou a golpear o tubo com toda a força. Bateu uma, duas, três, cinco vezes... Pensou em Jade. Parecia ter danificado um pouco o tubo. Pensou outra vez em Jade, porque o tempo estava passando, e era desesperador imaginá-la sozinha lá em cima com Zental. Era ainda mais desesperador não saber o que poderia estar acontecendo a ela. Olhou para o motor ruidoso, o motor que a cada segundo os afastava mais e mais de seus amigos... Pensou em Jade... Precisava confiar nela, e precisava cumprir sua parte. Mas os segundos corriam, e Valfrido tinha de tomar uma decisão...

25

O ÚLTIMO ADEUS

Tentando aproveitar-se do escorregão de Zental, Jade avançou sobre ele com uma nova combinação nos dedos, mas o velho já havia recorrido à sua paleta-mestre, e batendo as mãos contra o chão, fez toda a água e o gelo converterem-se numa inacreditável e incômoda quantidade de vapor. Jade atrapalhou-se, e tentou manter o foco, mas aquilo estava tão denso que ela não enxergava um palmo à frente. Zental tinha desaparecido. Ela precisava fazer algo, e depressa. Em sua mente choviam idéias, palavras e sensações, e ela não conseguia ordená-las, focar o necessário... Girou em todas as direções, sem nada ver, tomada pelo medo da iminência de algo. De repente saltou a esmo numa direção, logo antes de uma bola de fogo atingir o chão onde ela estava. Jade rolou uma vez e, sentada, arrastou-se de costas para fora do vapor, até bater contra a amurada. Uma forma escura foi surgindo à frente, no meio da massa branca que de imediato soprou-se para longe. Zental parou a quatro metros de Jade, seus braços apagaram-se por um momento, e ele levou uma das mãos ao nariz, aspirando com força, enquanto untava os dedos da outra mão em um de seus coldres.

O que ele estaria preparando? Jade, dominada por tantas emoções confusas, não conseguia se concentrar e captar as intenções de Zental. O que era?... Tinha de saber. Zental aprumou o corpo, parecendo renovado por espantosa onda de vigor. Seus braços incendiaram-se novamente, e ele avançou na direção de Jade. Ela precisava pensar rápido. Embora não soubesse o que Zental faria, precisava prevenir-se. Ainda tinha uma combinação preparada nos dedos. Zental se aproximava... Jade rapidamente juntou as palmas das mãos e esfregou-as. De imediato, parte da chuva começou a

acumular-se em suas mãos, formando uma crescente camada aquática em volta delas. Pegou impulso e correu dali para ganhar tempo. Logo a água no assoalho também já se aglutinava em volta dela. Zental perseguiu-a, e com a sobrenatural força que tinha no corpo alcançou-a facilmente, saltando contra suas costas. Os dois foram ao chão. Zental tentou golpeá-la, mas ela esquivou a cabeça e o assoalho rachou. Jade percebeu que conseguia ler os impulsos mais imediatos de Zental. Deu uma cambalhota para trás e pôs-se de pé. Zental avançou e golpeou com toda a força, mas Jade esquivou-se. Outros golpes vieram, numa sucessão agoniosa e ininterrupta. Jade evitava um por um com incrível destreza, mas sentiu que seu cansaço e medo crescentes estavam começando a roubar sua concentração. Era só uma questão de segundos até que fosse mortalmente atingida... Quando Zental brandiu o braço flamejante outra vez, num golpe de dentro para fora, Jade surpreendeu-o na esquiva saltando contra o corpo parcialmente aberto do velho. Ela grudou-se a Zental, enganchando um dos braços em sua nuca, enquanto tapava-lhe a boca e o nariz com a outra mão. Juntando o pouco de esforço que lhe restava, Jade atraiu o máximo de água para si, transferindo todo o corpo líquido para a cabeça e os braços de fogo de seu inimigo. O vapor gritou nos braços de Zental, apagando-os, enquanto ele tentava livrar-se do afogamento que invadia suas narinas. Caíram juntos, e rolaram várias vezes, engalfinhados numa disputa mortal segundo por segundo.

Foi então que Zental, ficando por cima de Jade, conseguiu agarrar-lhe os dois pulsos e prendê-los no assoalho com suas mãos. O velho transferiu a camada aquática de volta para o corpo de Jade, mas ela percebeu algo estranho ocorrendo... Alguma substância estava fluindo das mãos de Zental para toda a água, tanto a que envolvia seu corpo quanto a das proximidades. Jade olhou fixamente no rosto ferido e enrugado de Zental, tentando descobrir o que era aquilo. Mas só o que via era fúria, e só o que ouvia era risadas e gritos. O que estava acontecendo? O que Zental ia fazer? Foi então que a primeira gota de sangue pingou da face do velho, e ao bater no rosto de Jade, ecoou-lhe dentro

da mente como se ela tivesse sido atingida por uma pedrada. Sentiu aquela mínima gota... As idéias vieram, as imagens, as palavras... Zental tinha uma combinação no sangue. Era um antídoto! Ele com certeza pretendia neutralizar algum veneno. Veneno! Aquilo gritou na cabeça da alquimaga, no exato instante em que Zental impulsionava um efeito contra toda a água, criando novamente aquela terrível nuvem de vapor em volta deles. Jade prendeu a respiração, tentando soltar seus braços e desvencilhar-se de Zental. Era impossível... Zental desatou a rir, comemorando seu sucesso:

— Mas que irônico, mocinha... Tentou me afogar, e agora olha só quem não pode respirar. Vamos, aberração! Prove o ar! Acabe com essa agonia! — Ele riu e respirou profundamente várias vezes, numa provocação insana. — Vamos! Prove um pouco! Vai sofrer menos, eu garanto!

Jade tentou novamente livrar-se dele, mas suas forças estavam esgotadas. Precisava respirar, mas não podia sugar o vapor venenoso. Precisava do ar. Os pulmões se contorciam, doíam...

Zental ria, brincava e gritava contra a resistência dela, tentando convencê-la a aceitar a Natura que ela havia ofendido. Uma terrível agonia esmagou peito e a garganta de Jade. Sua mente estava quase agindo por conta própria. Quase protestando contra seu espírito e acionando seu instinto automático de sugar o oxigênio. Ela ia ceder... não havia saída. Estava morta...

De repente, um grande impacto abalou Zental. Um terrível grito de dor saltou pela garganta do velho, e Jade sentiu as forças dele se afrouxarem. Valfrido pressionava uma parte da camisa sobre o nariz e a boca, com a outra mão arrancou a precária espada que encravara nas costas de Zental, atirou-a fora, empurrou com força o velho para longe de Jade e puxou a amiga pelo braço. Ambos lançaram-se para fora da nuvem venenosa, caindo juntos e largando-se, completamente esgotados, no assoalho do convés.

Não disseram nada um para o outro. Apenas se abraçaram e deixaram que a exaustão os pusesse entre a consciência e o desmaio.

E então, a única coisa que restou ali foi o som da chuva e a pulsação do autorremo, que ainda funcionava...

* * *

A noção de tempo se desfez para DiPresto e Jade.

Não perceberam exatamente em que momento o autorremo silenciou ou a chuva deixou de cair. Mas quando sentiram uma leve claridade envolve-los, parecendo dissipar um pouco da opressora escuridão, tiveram então coragem para levantar. Estavam em silêncio, provando em seus íntimos uma estranha sensação de ausência.

Ainda que a maior parte daquilo fosse plena incerteza, eles automaticamente dirigiram-se ao corpo de Zental. Após Jade retirar dele a paleta-mestre, sepultaram o velho ao mar.

Em seguida, era o corpo jovem e tranqüilo de Sorfidis que estava deitado na amurada. Valfrido e Jade postavam-se diante dele a observar, com serenidade melancólica, aquele rosto tão tranqüilo. E então, como fosse uma cerimônia celeste, o sol começou a brotar próximo ao horizonte da proa, atravessando a massa de névoa. Tudo ganhou calor, cores e brilho cristalino a bater contra os resquícios da chuva. Eles perceberam que não era o sol que nascia, mas sim o navio que se movia para fora dos domínios da Ilha Fantasma.

Admiraram o rosto inerte e iluminado de Sorfidis. Valfrido estendeu as mãos vagarosamente, e desatou o tapa-olho do amigo com extremo cuidado. Observou-o na palma da mão.

— Ele sempre pôde ver melhor do que qualquer um de nós — disse, e guardou o tapa-olho no bolso. — Isso nunca fez diferença.

Contemplaram uma última vez o rosto do rapaz, lembrando-se de suas últimas palavras... fazer valer a pena. Precisavam fazer aquilo tudo valer. Colocaram lentamente suas mãos por baixo de Sorfidis. Valfrido trouxe à

lembrança uma cena do amigo na praia da Ilha Cipreste, com o mar batendo-lhe às pernas, o luar ao rosto e a mente completamente absorvida pelo oceano. E assim, misturou àquela imagem sua visão do presente: o corpo de Sordidis Murtod mergulhando para sempre no infinito aquático.

Passaram-se alguns minutos de silêncio, até que Valfrido olhou para Jade, e percebeu a amiga em profunda reflexão.

— Jade... Você está bem?

Ela não respondeu de imediato. Pareceu hesitar um instante, e encarou Valfrido com certa ansiedade nos olhos.

— Aquilo que Zental disse. Você... acha que é verdade?

— O que ele disse?

— Sobre o que fizemos. Ou melhor... sobre o que Gitot fez — ela deu uma pausa, e baixou os olhos. — Será que agora eu sou uma aberração?

— O quê? — Valfrido franziu as sobrancelhas, parecendo indignado. — Você vê algum sentido no que ele disse?

Jade fez que sim com a cabeça, desviando o olhar.

— Isso é uma tremenda bobagem — continuou o bardo. — Zental pode ter sido um homem muito sábio, mas... seja lá o que houve com ele, está claro que perdeu completamente a razão.

— Eu sei. Mas mesmo assim, e se o que ele disse for verdade? E se Gitot violou a Natura, e agora eu...

Valfrido encarou-a intrigado. Ela continuou:

— Você viu o que aconteceu com Gitot. Viu como ele ficou. E eu também senti tudo isso. Ver, e ouvir tantas coisas, tudo de uma vez... — Jade sacudiu de leve a cabeça, tentando ordenar os pensamentos. — Se tudo é tão perfeito... se a Natura quer que o sol aqueça, e que a chuva caia... se ela quer que a terra faça florestas e jardins, e... se nem o mais sábio dos alquimagos conseguiu reproduzir uma mísera flor... então deve haver uma razão para que ninguém possa invadir a mente dos outros. E violar isso pode ser... um crime.

— Bom, eu acho que não faz sentido. — Valfrido coçou a cabeça, pensativo. — Pra mim é apenas uma nova descoberta. Mas uma descoberta para a qual, talvez, não estejamos preparados ainda.

— Espero que tenha razão — suspirou Jade, e, olhando para o amigo, quase esboçou um sorriso. — Você enfim disse algo muito inteligente, Frido.

O garoto deixou escapar um riso bem leve, que era praticamente um sopro de alívio, como alguém que, após uma longa viagem, senta-se pela primeira vez à sombra de uma árvore.

— E então, quer dizer que agora eu não vou precisar *falar* com você para...

— Não é assim, Frido. Acho que estou conseguindo silenciar isso tudo agora. — Ela balançou a cabeça, fez uma pausa e seus olhos brilhantes pareceram perder-se no horizonte. — Mas é muito confuso. Não é como ler páginas de um livro. É mais como...

Valfrido esperou que ela continuasse, mas Jade parecia perdida dentro de si mesma.

— Como...? — ele encorajou.

Jade respirou devagar, e virou-se para o amigo, parecendo emocionada.

— Você vai achar isso uma tremenda bobagem, mas... um dia, quando eu tinha onze anos, estava em casa, na ilha, ajudando minha mãe a fazer biscoitos. Meu pai estava navegando havia muitos dias, e ela sempre ficava um pouco triste e irritada quando as viagens dele eram longas. Minha mãe arrumava um monte de coisas pra fazer quando isso acontecia... principalmente biscoitos. — Jade respirou, tentando segurar a emoção, e continuou: — Naquele dia eu estava ajudando, e o humor dela não estava nada bom. Brigou muito comigo, até que... ela foi acender o forno, e pediu que eu cuidasse da massa. Eu fui até a vasilha e fiquei mexendo tudo com aquela colher enorme, mas eu estava tão irritada com ela que estraguei a massa com algum efeito. Na hora eu não entendi o que aconteceu. Não sabia que era alquimaga, só que no fundo eu sabia que a

culpa era minha, e... derrubei tudo no chão de propósito. Não queria que minha mãe percebesse o que eu tinha feito. Isso acabou piorando as coisas... E ela ficou tão irritada que me deixou de castigo pelo resto do dia.

Valfrido ouvia a tudo com um aperto na garganta, mas ainda não entendia por que Jade estava lhe contando aquilo. Após uma pausa, ela continuou:

— Sempre que ela fazia biscoitos, guardava alguns para meu pai, e dizia que ia dar todo o resto de presente para os vizinhos. E ela conseguiu me enganar das primeiras vezes. — Seu rosto ficou levemente iluminado. — Quando eu acordava pela manhã e abria a porta do quarto, encontrava uma pilha deles embrulhados no chão. Com o tempo, eu já nem esperava mais pelo amanhecer. Mas naquele dia eu tinha estragado tudo, e fiquei muito triste por ter deixado minha mãe tão brava comigo. Só que... naquela madrugada, eu acordei na cama e fiquei olhando para a porta. Não tínhamos feito biscoito algum, e minha mãe estava tão zangada... E mesmo assim, por alguma razão, me levantei e fui olhar. Quando abri a porta, lá estavam eles, embrulhados como sempre. Apesar de tudo, eu sabia que estariam lá, entende? — Jade encarou Valfrido, com lágrimas escorrendo em seus olhos. — Não é como ler as páginas de um livro... É como algo que, de repente, você simplesmente sabe.

DiPresto esboçou um sorriso comovido, e fez que sim com a cabeça. Virou o rosto para a proa, botou o alaúde às costas e pousou a mão no ombro de Jade.

A garota pareceu despertar de um ligeiro devaneio. Pegou do chão a paleta-mestre de Zental e vestiu-a no próprio corpo. Valfrido deu-lhe um olhar de aprovação, e os dois caminharam para a ponta da proa.

— Frido...

Ele virou-se, e notou que Jade olhava para trás, na direção da grande névoa da Ilha Fantasma, que já estava bem distante.

— Será que eles ficarão bem?

— Sim, eles ficarão bem — respondeu DiPresto. — Eles têm um ao outro. É tudo de que precisam.

Jade enxugou os olhos, e reviveu na memória a visão de seu pai segurando Pudim nos braços. Sorriu por dentro, respirou fundo, e botou-se enfim ao lado de DiPresto, de frente para o horizonte incandescente, e de costas para tudo o que haviam passado.

O céu estava puro novamente, e logo anoiteceria. Algumas nuvens cintilavam pacíficas no firmamento, como pinceladas brancas de um exímio artista. O navio continuava se afastando, e os dois sabiam... A poderosa corrente que os trouxera para a ilha, agora os carregava para longe de tudo.

As perguntas não importavam mais para eles.

Estavam ali, e rumavam para o misterioso e ensolarado horizonte do desconhecido...

- FIM DO LIVRO 1 -

NOTAS DO AUTOR

1- Alquimago(a): indivíduo estudioso da química que detém o talento de direcionar seus impulsos mentais no sentido de configurar em atividade real o valor simbólico ou potencial de qualquer substância. Grandes alquimagos(as) podem inclusive misturar substâncias para criar efeitos inexistentes. Geralmente o talento para alquimagia manifesta-se na puberdade.

2- Primódora: Governante de todas as ilhas. Ainda assim, cada ilha de Polímagus tem seu governante, chamado grantimão, politicamente subordinado ao primódora. Geralmente os grantimãos são mestres (que alfabetizam e educam as crianças), capitães famosos ou alquimagos de destaque.

3- Lapóia: espécie de lampião de fabricação alquimaga, cuja chama azul e extremamente luminosa é usada principalmente em navios e faróis de ilhas.

4- Autorremo: mecanismo motor que impulsiona os navios de Polímagus. Funciona da reação causada pelas balotas (grandes pastilhas que são colocadas num tanque que é selado e inundado, fazendo a balota, em contato com a água, liberar gases cuja pressão move o mecanismo).

5- Fogos de Estrelas: idêntico a fogos de artifício.

6- Ciclo do Fogo: uma das quatro estações do ano, correspondente ao verão. As outras são: Ciclo da Terra (Primavera), Ciclo do Vento (Outono), e Ciclo do Mar (Inverno).